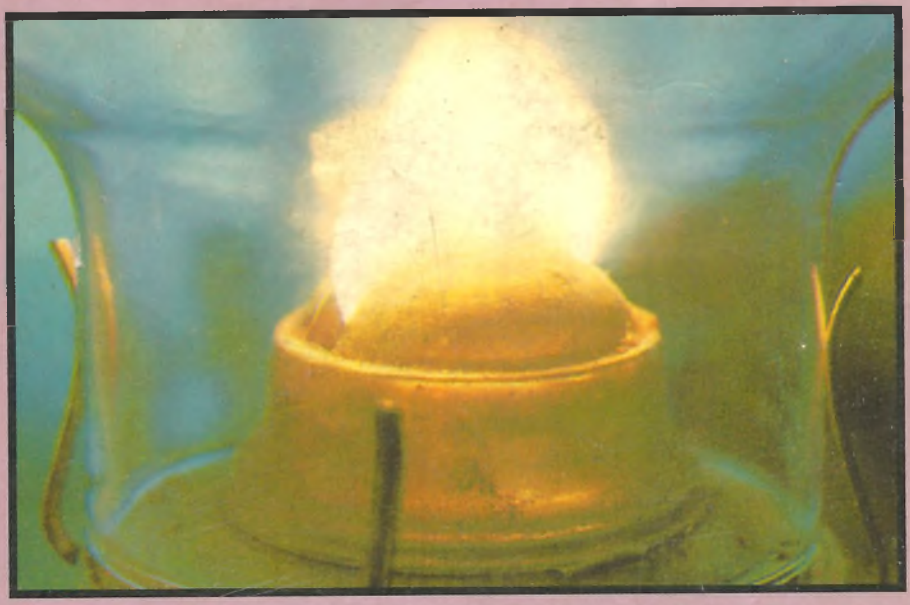
BFH

A BÍBLIA FALA HOJE

A MENSAGEM DE EFÉSIOS

A Nova Sociedade de Deus



JOHN STOTT

ABU

A MENSAGEM DE EFÉSIOS

Milhões de pessoas captaram a visão do Homem Novo e da Sociedade Nova apresentada por Karl Marx. "Paulo apresenta uma visão ainda mais grandiosa", comenta John Stott. Na sua carta aos Efésios o apóstolo vê que "o ponto chave da questão é algo mais profundo do que a injustiça da estrutura econômica, e propõe então uma solução ainda mais radical. Escreve acerca de nada menos do que uma 'nova criação'."

John Stott analisa o tema de Paulo. Todas as coisas serão unidas em Cristo começando com a igreja e será derrubado tudo o que nos separa de Deus, tudo que separa um grupo étnico de outro, o marido da mulher, os pais dos filhos, e os senhores dos escravos. Um livro para todos os que procuram edificar a igreja para ser a nova sociedade que Deus planejou.

John R. W. Stott é conhecido mundialmente como pesquisador e expositor bíblico. Serviu durante anos como pastor da Igreja de *All Souls* em Londres. É diretor do *London Institute for Contemporary Christianity* e autor de muitos livros, entre os quais: *Os Desafios da Liderança Cristã, Ouça o Espírito – Ouça o Mundo, A Mensagem do Sermão do Monte, A Mensagem de Atos,* e *Crer é Também Pensar. A Mensagem de Romanos* entre outros.

A B U
EDITORA
Respostas bíblicas para o mundo hoje
www.abub.org.br/editora

ISBN 85-208-0295-8
9 788520 802953

A Bíblia Fala Hoje

Editores da série: J. A. Motyer (AT)

John R. W. Stott (NT)

A MENSAGEM DE EFÉSIOS

A Nova Sociedade

BFH
A BÍBLIA FALA HOJE

A MENSAGEM DE EFÉSIOS

A Nova Sociedade de Deus

JOHN STOTT

ABU
EDITORA

Traduzido do original em inglês
God's New Society
Inter-Varsity Press, Inglaterra
Copyright © John R. W. Stott, 1979

Direitos reservados pela
ABU Editora S/C
Caixa Postal 2216
01060-970 – São Paulo – SP
E-mail: editora@abub.org.br
home page: www.abub.org.br/editora

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a permissão por escrito da ABU Editora.

Tradução de Gordon Chown
Revisão de Isaltino Gomes Coelho Filho e Milton Azevedo Andrade

O texto utilizado neste livro é o da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quando outra versão é indicada.

1.ª Edição - 1986
6.ª Edição - 2001

A ABU Editora é a publicadora da
Aliança Bíblica Universitária do Brasil – ABUB

A ABUB é um movimento interdenominacional que tem como objetivo básico a evangelização e o discipulado de estudantes universitários e secundaristas, com apoio de igrejas e profissionais cristãos. Sua atuação se dá através dos próprios estudantes, por meio de núcleos de estudo bíblico, acampamentos e cursos de treinamento. A ABUB faz parte da IFES, entidade internacional que congrega movimentos estudantis semelhantes por todo o mundo.

Catalogação na fonte do Departamento Nacional do Livro

S427m
Stott, John R. W. Stott, 1921 -
A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus / John R. W. Stott; [tradução de Gordon Chown] - 6.ª ed. - São Paulo: ABU Editora, 2001.
240p.; 21 cm. - (A Bíblia fala hoje)
Tradução de: God's new society: the message of Ephesians.

ISBN 85 - 7055 - 007 - 3 (broch.)

1. Bíblia. N. T. Efésios - Comentários. 2. Série: A Bíblia fala hoje

CDD: 227.507

Prefácio Geral

A Bíblia Fala Hoje constitui uma série de exposições, tanto do Velho como do Novo Testamento, caracterizadas por um triplo objetivo: exposição acurada do texto bíblico, relacionar o texto com a vida contemporânea, e leitura agradável.

Esses livros não são, pois, "comentários", já que um comentário busca mais elucidar o texto do que aplicá-lo, e tende a ser uma obra mais de referência do que literária. Por outro lado, esta série também não apresenta aquele tipo de "sermões" que, pretendendo ser contemporâneos e de leitura acessível, deixam de abordar a Escritura com suficiente seriedade.

As pessoas que contribuíram nesta série unem-se na convicção de que Deus ainda fala através do que ele já falou, e que nada é mais necessário para a vida, para o crescimento e para a saúde das igrejas ou dos cristãos do que ouvir e atentar ao que o Espírito lhes diz através da sua velha (e contudo sempre atual) Palavra.

J.A. MOTYER
J.R.W.STOTT
Editores da série

Outros livros desta série:

A Mensagem de Rute – David Atkinson
A Mensagem de Eclesiastes – Derek Kidner
A Mensagem de Daniel – Ronald S. Wallace
A Mensagem de Oséias – Derek Kidner
A Mensagem de Amós – (O Dia do Leão) – J. A. Motyer
A Mensagem do Sermão do Monte – John R. W. Stott
A Mensagem de Atos – John R. W. Stott
A Mensagem de Romanos – John R. W. Stott
A Mensagem de 1 Coríntios – David Prior
A Mensagem de Gálatas – John R. W. Stott
A Mensagem de 2 Timóteo – (Tu, Porém) – John R. W. Stott
A Mensagem de Apocalipse – Michael Wilcock

Índice

Prefácio geral
Prefácio do autor
Principais abreviações e bibliografia
Introdução à carta (1:1-2)

I. Vida nova

1. Toda bênção espiritual (1:3-14)
2. Uma oração por conhecimento (1:15-23)
3. Ressurretos com Cristo (2:1-10)

II. Uma nova sociedade

4. Uma única nova humanidade (2:11-22)
5. O privilégio sem igual de Paulo (3:1-13)
6. Confiança no poder de Deus (3:14-21)

III. Novos padrões

7. Unidade e diversidade na igreja (4:1-16)
8. Uma nova roupagem (4:17-5:4)
9. Mais incentivos à justiça (5:5-21)

IV. Novos relacionamentos

10. Maridos e esposas (5:21-33)
11. Pais, filhos, senhores e servos (6:1-9)
12. Principados e potestades (6:10-20)
13. Conclusão (6:21-24)

Prefácio do autor

Nós que nos chamamos cristãos evangélicos afirmamos, com este epíteto, que somos o povo do evangelho e que não abrimos mão do autêntico evangelho cristão. É uma reivindicação ousada, e às vezes certas pessoas se ressentem com isso. A fim de mantê-la, temos necessidade de constantemente voltar às Escrituras, pois é somente nelas que a definição normativa do evangelho pode ser achada. Devemos confessar que muitas das nossas formulações das boas novas são defeituosas, quando medidas por este padrão. Uma das nossas manifestações de miopia como evangélicos tem sido diminuir a importância central da igreja. Nossa tendência é proclamar a salvação individual, sem enfatizar a integração na comunidade dos salvos. Proclamamos que Cristo morreu por nós "a fim de remir-nos de toda iniqüidade" mais do que para "purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu".[1] Pensamos em nós mesmos mais como *cristãos* do que como *homens da igreja*, e nossa mensagem é mais boas novas de uma nova vida do que de uma nova sociedade.

Ninguém pode chegar ao fim de uma cuidadosa leitura da carta de Paulo aos Efésios com um evangelho privatizado, porque Efésios é o evangelho da igreja. Expõe o propósito eterno de Deus em criar, através de Jesus Cristo, uma nova sociedade que se destaca num brilhante relevo contra o pano de fundo sombrio do velho mundo. A nova sociedade de Deus é, pois, caracterizada pela vida em lugar da morte, pela união e pela reconciliação em lugar da divisão e da alienação, pelos padrões sadios da justiça em lugar da corrupção e da iniqüidade, pelo amor e pela paz em lugar do ódio e da contenda, e pelo conflito sem trégua com o mal em lugar de uma convivência pacífica com ele.

Esta visão de uma comunidade humana renovada me comove profundamente. Ao mesmo tempo, as realidades de desamor e de pecado em muitas igrejas contemporâneas são de provocar lágrimas, pois desonram a Cristo, contradizem a natureza da igreja, e privam o testemunho cristão da sua integridade. Mesmo assim, um número cada vez maior de cristãos está procurando a renovação radical da igreja.

É da mais alta importância que a igreja seja de fato a nova socieda-

[1] Tt 2:14.

de de Deus, e que seja vista como tal, para a glória de Deus e a evangelização do mundo. Efésios nos dá um estímulo forte e firme em direção ao cumprimento desta visão.

Por cerca de quase seis anos, tenho estudado o texto de Efésios, absorvendo a sua mensagem, sentindo o seu impacto e assimilando o seu ideal. O que muito me ajudou neste período foi fazer a exposição da carta a vários grupos e receber as suas reações. Comecei com a ativa e longânima congregação da Igreja *All Souls* em Londres, depois fiz conferências em Nepal, na Índia, no Canadá e no México, e em julho de 1975 na inesquecível Convenção Centenária de Keswick. Nenhum auditório é mais alerta e crítico do que aquele que se compõe de estudantes. Achei, por isso, especialmente proveitoso compartilhar com grupos de estudantes na Índia, nos Estados Unidos, na Europa, na Austrália e na América Latina, e ser desafiado pela exposição mais aprofundada, exigida em 1976 pelo Instituto de Estudos de Verão, na Universidade de Maryland, EUA, e pela Escola de Verão do Regent College, Vancouver. Sou extremamente grato pelo estímulo intelectual e espiritual destas experiências.

Também agradeço a vários indivíduos que me prestaram assistência pessoal de várias maneiras na composição deste livro, especialmente a Roy McCloughry, por providenciar algumas referências úteis, a Myra Chave-Jones por ter lido uma parte do manuscrito, a Tom Cooper por tê-lo lido totalmente, e pelos comentários de todos. Também a Frances Whitehead e Vivienne Curry, pelo cansativo trabalho de decifrar meus rabiscos e transformá-los num belo manuscrito datilografado.

JOHN R. W. STOTT

Principais Abreviações e Bibliografia

AG	*A Greek-English Lexicon of The New Testament and Other Early Christian Literature* de William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich (University of Chicago Press and Cambridge University Press, 1957).
Armitage	*St Paul's Epistle to the Ephesians, with Exposition and Notes* de J. Armitage-Robinson (Macmillan, 1903).
Barclay	*The Letters to the Galatians and Ephesians* em *Daily Study Bible* de William Barclay (The Saint Andrew Press, 1954. 2a. edição, 1958).
Barth, *Broken Wall*	*The Broken Wall: A Study of the Epistle to the Ephesians,* de Markus Barth (1959. Collins, 1960).
Barth, *Ephesians,* I, II	*Ephesians, A New Translation with Introduction and Commentary* de Markus Barth, na série *Anchor Bible* (Doubleday, 1974. Vol. I, Eph. 1-3; Vol. II, Eph. 4-6).
BJ	*A Bíblia de Jerusalém* (Edições Paulinas).
BLH	*A Bíblia na Linguagem de Hoje* (Sociedade Bíblica do Brasil).
Bruce	*The Epistle to the Ephesians, A Verse-by-verse Exposition* de F. F. Bruce (Pickering & Inglis, 1961).
BV	*A Bíblia Viva* (Editora Mundo Cristão).
Caird	*Paul's Letters from Prison* por G. B. Caird, em *The New Clarendon Bible* (Oxford, 1976).

Calvino	*Sermons on the Epistle to the Ephesians* de João Calvino (pregados 1558-9, publicados pela primeira vez em inglês em 1577, tradução revisada por Banner of Truth, 1973).
CNN	*Cartas às Igrejas Novas* (Edições Vida Nova).
Dale	*Lectures on the Epistle to the Ephesians, its Doctrine and Ethics* de R. W. Dale (Hodder & Stoughton, 1882; 5ª edição 1890).
ERAB	Edição Revista e Atualizada no Brasil (Sociedade Bíblica do Brasil).
ERC	Edição Revista e Corrigida (Imprensa Bíblica Brasileira).
Findlay	*The Epistle to the Ephesians* de G. G. Findlay, na série *Expositor's Bible* (Hodder & Stoughton, 1892).
Foulkes	*Efésios, Introdução e Comentário* de Francis Foulkes, na Série Cultura Bíblica (Vida Nova e Mundo Cristão).
Gurnall	*The Christian in Complete Armour, or a Treatise of the Saints' War against the Devil* de Willian Gurnall (originalmente publicado em 3 partes, 1655, 1658 e 1661: 3 volumes, 8ª edição, Londres, 1821).
Hendriksen	*Exposition of Ephesians* de William Hendriksen (Baker, 1967).
Hodge	*A Commentary on the Epistle to the Ephesians* de Charles Hodge (1856. Banner of Truth, 1964).
Houlden	*Paul's Letters from Prison* de J. H. Houlden, na série *Pelican New Testament Commentary* (Penguin, 1970).
Hunter	*Galatians to Colossians* de A. M. Hunter, na série *Layman's Bible Commentaries* (1959. SCM, 1960).

Lightfoot	*Notes on Epistles of St Paul, from unpublished commentaries* de J. B. Lightfoot (Macmillan, 1895). As notas sobre Efésios abrangem apenas 1:1-14.
Lloyd-Jones, *God's Way*	*God's Way of Reconciliation, Studies in Eph. 2* de D. Martyn Lloyd-Jones (Evangelical Press, 1972).
Lloyd-Jones, *Life in the Spirit*	*Life in the Spirit in Marriage, Home and Work, An Exposition of Eph. 5:18 to 6:9* de D. Martyn Lloyd-Jones (Banner of Truth, 1974).
Lloyd-Jones, *Warfare*	*The Christian Warfare, An Exposition of Eph. 6:10-13* de Martyn Lloyd-Jones (Banner of Truth, 1976).
LXX	O Antigo Testamento em grego conforme a Septuaginta, século III a.C.
Mackay	*God's Order: The Ephesian Letter and this Present Time* de John A. Mackay (as Preleções Croall de 1948; Nisbet and Macmillian, 1953).
Mitton, NCB	*Ephesians* de C. Leslie Mitton, na série *New Century Bible* (Oliphants, 1976).
Moule *Ephesians*	*The Epistle to the Ephesians* de Handley C. G. Moule, na série *Cambridge Bible for Schools and Colleges* (Cambridge University Press, 1886).
Moule, *Grace*	*Grace and Godliness, Eight Studies in Ephesians* de Handley C. G. Moule (Seeley, 1895).
Moule, *Studies*	*Ephesian Studies* de Handley C. G. Moule (Hodder & Stoughton, 1900).
Moule, *Veni Creator*	*Veni Creator* de Handley C. G. Moule (Hodder & Stoughton, 1890).
Moulton e Milligan	*The Vocabulary of the Greek New Testament* de J. H. Moulton e G. Milligan (Hodder & Stoughton, 1930).

Salmon	*History of the Roman World from 30 BC to AD 138* de Edward T. Salmon (Methuen, 1944).
Simpson	*Commentary on the Epistles to the Ephesians and the Colossians* de E. K. Simpson e F. F. Bruce, na série *New International Commentary on the New Testament* (Marshall, Morgan & Scott e Eerdmans, 1957).
Thayer	*A Greek-English Lexicon of the New Testament* de J. H. Thayer (4ª edição, T. & T. Clark, 1901).
TDNT	*Theological Dictionary of the New Testament* ed. G. Kittel e G. Friedrich, trad. inglesa de G. W. Bromiley (Eerdmans, 1964-1974).
Westermann	*Between Slavery and Freedom* de W. L. Westermann, em *The American Historical Review* (Vol. 50, Nº 2, Janeiro de 1945).
Yoder	*The Politics of Jesus* de John Howard Yoder (Eerdmans, 1972).

Efésios 1:1-2
Introdução à carta

A carta aos Efésios é um resumo, muito bem elaborado, das boas novas do cristianismo e de suas implicações. Ninguém pode lê-la sem ser compelido a adorar a Deus e a ser desafiado a melhorar a sua vida cristã.

Era a carta predileta de João Calvino. Armitage Robinson chamou-a de "a coroa dos escritos de Paulo".[1] William Barclay cita Samuel Taylor Coleridge que a avaliou como "a composição mais divina da raça humana" e acrescenta que, em sua opinião, é "a rainha das epístolas".[2]

Muitos leitores têm sido trazidos à fé e desafiados às boas obras pela sua mensagem. Um deles foi John Mackay, ex-presidente do Seminário Teológico de Princeton. "A este livro devo a minha vida", escreveu. E explicou como, em julho de 1903, tendo catorze anos de idade, experimentou através da leitura de Efésios um "arrebatamento juvenil na Região Montanhosa (da Escócia)" e fez "uma apaixonada manifestação a Jesus Cristo entre as rochas, à luz das estrelas".[3] Segue o seu relato pessoal do que aconteceu: "Vi um mundo diferente... Tudo era novo... Tive uma nova compreensão, novas experiências, novas atitudes perante as pessoas. Amei a Deus. Jesus Cristo veio a ser o centro de tudo... Tinha sido 'vivificado'; eu estava realmente vivo".[4]

John Mackay nunca perdeu o seu fascínio por Efésios. Quando foi convidado a fazer as Preleções Croall na Universidade de Edimburgo, em janeiro de 1948, escolheu Efésios como tema. Deu às suas preleções o título *A Ordem de Deus.* Nelas, referiu-se a Efésios como sendo a "mais madura" e "a mais relevante, para o nosso tempo" de todas as obras de Paulo.[5] Aqui, pois, temos "a essência destilada do cristianismo, o compêndio mais autorizado e mais completo da nossa fé cristã".[6] E mais: "esta carta é pura música... O que lemos aqui é verdade que canta, doutrina musicada".[7] Assim como o apóstolo proclamava a ordem de Deus à era romana após Augusto, que seria marcada por um "processo de desintegração social", assim também Efésios é hoje "o livro mais atual da Bí-

[1] Armitage Robinson, pág. vii. [2] Barcklay, pags 71, 83.
[3] Mackay, pág. 24. [4] *Ibid.*, pág. 21.
[5] *Ibid.*, págs. 9-10. [6] *Ibid.*, pág. 31. [7] *Ibid.*, pág. 33.

blia",[8] visto que promete comunidade num mundo de desunião, a reconciliação ao invés da alienação e a paz ao invés da guerra. O entusiasmo do Dr. Mackay pela carta eleva bastante a nossa expectativa ao começarmos o nosso estudo.

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, aos santos que vivem em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus: [2] *Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.*

Três questões introdutórias nos confrontam ao lermos estes dois versículos iniciais da carta. Dizem respeito ao seu autor, aos seus destinatários e à sua mensagem.

O autor

Conforme as convenções daqueles dias, o autor começa declarando a sua indentidade. Identifica-se como sendo o apóstolo Paulo.

Ora, a autoria paulina de Efésios era universalmente aceita desde o século I até ao início do século XIX. Por que, então, estudiosos alemães, a partir de 1820, começaram a questionar a autenticidade da carta, e por que este ceticismo sobre a autoria paulina de Efésios permanece ainda hoje? Para citar um só exemplo: "Há muitas razões para pensar que não vem nem da sua mão nem sequer do tempo em que viveu."[9]

A maioria dos comentaristas chama atenção ao vocabulário e estilo singulares da carta. Contam o número de palavras em Efésios que não ocorrem nas demais cartas de Paulo, e o número das suas palavras prediletas que não se acham em Efésios. Seu estilo, acrescentam, é muito menos apaixonado do que de costume. Markus Barth, por exemplo, comenta a "dicção pleonástica, redundante, prolixa" do autor, e o seu "estilo barroco, bombástico ou tipo litania".[10] Mas este é um julgamento bastante subjetivo. Além do mais, os argumentos lingüísticos e estilísticos são claramente precários. Por que esperaríamos que uma mente tão criativa quanto a de Paulo permanecesse dentro das fronteiras de um vocabulário limitado e de um estilo inflexível? Temas diferentes requerem palavras diferentes, e circunstâncias alteradas criam um ambiente alterado.

Dois argumentos mais substanciais são propostos, no entanto, para lançar dúvidas sobre a autenticidade da carta, sendo o primeiro histórico e o segundo teológico. O argumento histórico diz respeito a uma discrepância entre o relato em Atos, do longo e íntimo conhecimento que Paulo tinha da igreja de Éfeso, e o relacionamento inteiramente impessoal, em segunda mão, que a carta expressa. Embora a sua primeira visita te-

[8] *Ibid.*, pág. 36. [9] Houlden, pág. 235. [10] Barth, *Broken Wall*, pág. 12.

nha sido breve (At 18:19-21), a sua segunda visita durou três anos (At 19:1 — 20:1,31). Durante este período ele os ensinava sistematicamente, "publicamente e também de casa em casa"; chegaram a conhecê-lo bem, e na sua despedida final aos presbíteros da igreja, estes demonstraram sua afeição através de abraços, pranto e beijos.[11] É surpreendente, portanto, que a carta aos Efésios não contenha saudações pessoais tais como as que terminam as demais cartas de Paulo (nada menos do que vinte e seis pessoas são mencionadas pelo nome em Romanos 16). Ao invés disso, dirige-se aos leitores somente em termos genéricos, desejando paz aos "irmãos" e graça a "todos os que amam sinceramente a nosso Senhor Jesus Cristo" (6:23-24). Alude a si mesmo como prisioneiro (3:1; 4:1; 6:20), mas não faz nenhum comentário acerca deles. Conclama-os a viver na união e na pureza sexual, mas não dá qualquer sinal da existência de facções ou de um transgressor moral, tais como menciona em 1 Coríntios. Refere-se em termos gerais à astúcia dos mestres (4:14), mas não identifica nenhuma heresia específica como em Gálatas ou em Colossenses. Além disso, não dá qualquer indicação de que ele os conhece pessoalmente. Pelo contrário, ele apenas diz que "ouviu" da sua fé e do seu amor, e que eles ouviram do ministério dele (1:15; 3:2-4).

Este caráter impessoal da carta é certamente surpreendente. Mas não há necessidade de deduzir daí que Paulo não seja o seu autor. Outras explicações são possíveis. Paulo pode ter se dirigido a um grupo de igrejas asiáticas e não apenas à igreja de Éfeso, ou, conforme sugere Markus Barth, "não à igreja inteira em Éfeso, mas somente aos membros de origem gentílica, pessoas que não conhecia pessoalmente, e que foram batizados após a sua partida daquela cidade".[12]

O segundo argumento que é levantado contra a autoria paulina de Efésios é teológico. Quanto a isto, os comentaristas apontam uma grande variedade de aspectos diferentes. Enfatiza-se, por exemplo, que em Efésios, em contraste com as cartas de Paulo de autoria incontroversa, o papel de Cristo assume uma dimensão cósmica; que a esfera de interesse está nos "lugares celestiais" (uma expressão inédita que ocorre cinco vezes), em que operam as potestades e os poderes; que o foco do interesse é a igreja; que a *justificação* não é mencionada; que a *reconciliação* fica mais entre os judeus e os gentios do que entre o pecador e Deus; que a salvação é retratada não como um morrer com Cristo mas, sim, somente como um ressuscitar com ele; e que não há referência à segunda vinda de nosso Senhor. No entanto, nenhum destes detalhes é mais de que uma pequena mudança de ênfase. E temos de reconhecer que a teologia da epístola é essencialmente paulina. Até mesmo os que negam a autoria de Paulo reconhecem

[11] Ver At 20:17-38, especialmente vs. 18,20,34 e 36-38. [12] Barth, *Ephesias*, I, págs. 3-4.

que a epístola está "repleta de idéias de autoria indubitavelmente paulina."[13]

Além disso, para alguns leitores, a carta tem algo diferente, algo estranho. Ninguém expressou isso mais vividamente do que Markus Barth no seu estudo anterior (1959) intitulado *The Broken Wall.* Ele chama a parte inicial do estudo de "A epístola enigmática de Paulo", e a apresenta como "um estranho à porta". O que há de "estranho" em Efésios? O Dr. Barth cita por exemplo, a doutrina da predestinação; a ênfase dada à iluminação intelectual; a "superstição" (como ele considera as referências aos anjos e demônios); um "eclesiasticismo" que divorcia a igreja do mundo; e, no ensino da epístola acerca dos relacionamentos do lar, o"moralismo" que ele chama de "patriarcal, autoritário, pequeno burguês" e carente de originalidade, de largura, de ousadia e de alegria. É assim como resume sua impressão inicial de Efésios: "Parece um personagem estranho, um enjeitado, sem pai nem mãe. Usa uma linguagem enfadonha, barroca. Baseia-se no determinismo, sofre do intelectualismo, combina a fé em Cristo com uma demonologia supersticiosa, promove um eclesiasticismo rígido, e termina com um moralismo trivial e superficial."[14]

Quando li esta avaliação pela primeira vez, fiquei na dúvida se o que o Dr. Barth estava descrevendo era realmente Efésios, pois a sua reação à carta divergia muito da minha. Mas, continuando a ler, ficou claro para mim que ele mesmo não estava satisfeito com a sua análise. Em primeiro lugar, reconheceu que talvez fosse culpado de fazer uma caricatura; depois explicou que quis chocar os seus leitores ao ponto de sentirem como se sentem os não-cristãos quando são abordados com uma caricatura do evangelho e, finalmente, restabeleceu o equilíbrio ao retratar "o encanto do conhecimento" que as pessoas experimentam quando ficam conhecendo melhor a carta aos Efésios. A carta nos cativa, observa o Dr. Barth, por três características.

Primeiramente, Efésios é intercessão. Mais do que qualquer outra epístola no Novo Testamento, "tem o caráter e a forma de *oração*". Quando alguém *argumenta* conosco, pode nos persuadir ou não; mas quando *ora* por nós, seu relacionamento conosco transforma-se. "Assim acontece com o estranho à porta. Efésios ganhou o direito de entrar, porque seus leitores são objeto da intercessão do autor."[15]

Em segundo lugar, Efésios é proclamação. Não é apologética, nem polêmica. Pelo contrário, está repleta de afirmações "ousadas" e até mesmo "jubilosas" acerca de Deus, de Cristo e do Espírito Santo. "Efésios torna-se bem-vinda, e é um documento encantador, justamente porque não deixa brilhar outra coisa senão o amor e a eleição de Deus, a morte

[13] Houlden, pág. 242. [14] Barth, *Broken Wall*, pág. 22. [15] *Ibid.*, págs. 23-24.

e a ressurreição de Cristo, e o poder e a obra do Espírito entre os homens."[16]

Em terceiro lugar, Efésios é evangelização. No seu panorama do conteúdo da carta, Markus Barth enfatiza suas "declarações intrépidas" acerca do propósito e da ação salvadora de Deus (capítulos 1 e 2), acerca da "obra permanente de Deus, na sua automanifestação para a igreja e através dela" (capítulos 3 e 4), e acerca "da obra corajosa e alegre de embaixadores, realizada pelos cristãos no mundo" (capítulos 5 e 6). Tudo isso, diz ele, dá a Efésios "relevância especial para todos os que estão ocupados com as tarefas evangelísticas da igreja hoje".[17]

Qual é, então, a situação atual nos círculos de estudiosos sobre a autoria de Efésios? Muitos ficam indecisos. Concordariam com J. H. Houlden que "não há consenso na opinião dos peritos", pois "um argumento responde a outro sem um resultado claro".[18]

Outros, ainda, negam que Paulo foi o autor e propõem complicadas teorias alternativas. Talvez a mais engenhosa delas seja a do estudioso norte-americano, E. J. Goodspeed. Ele especulou que, ao redor de 90 d.C., um discípulo ardente de Paulo, aflito porque as cartas do seu herói estavam então sendo negligenciadas, percorreu as igrejas que Paulo tinha visitado, a fim de colecionar as cartas e, mais tarde, publicá-las. Mas, antes da publicação, viu a necessidade de algum tipo de introdução. Dessa maneira editou "Efésios", como um mosaico de matérias tiradas de todas as cartas de Paulo, especialmente de Colossenses (que decorara), e atribuiu-a a Paulo a fim de recomendá-la a uma geração posterior. E. J. Goodspeed foi além, e arriscou a opinião de que este autor e publicador teria sido Onésimo, o escravo convertido, visto que alguém com o mesmo nome era bispo de Éfeso naquele tempo. Embora esta reconstrução tenha ganhado alguma popularidade nos Estados Unidos, e tenha sido adotada na Inglaterra pelo Dr.Leslie Mitton, é quase inteiramente especulativa.

Outros estudiosos estão voltando para o conceito tradicional. A. M. Hunter diz, com razão, que "o ônus da prova recai sobre aqueles que negam a autoria paulina".[19] Markus Barth emprega a mesma expressão e aplica a máxima "inocente até que seja provado culpado".[20] Quanto a mim, acho que até mesmo estes julgamentos são tímidos demais. Parece que não atribuem valor suficiente à evidência externa, nem à interna. Externamente, há o testemunho impressionante da igreja universal durante dezoito séculos, que não pode ser levianamente posto de lado. Internamente, a carta não somente declara ter sido escrita como um todo pelo

[16] *Ibid.*, pág. 29. [17] *Ibid.*, pág. 30.
[18] Houlden, pág. 236. [19] Hunter, pág. 45. [20] Barth, *Broken Wall*, pág. 41.

Apóstolo Paulo, como também o tema da união entre judeus e gentios, pela graça da obra reconciliadora de Deus por meio de Cristo, está de acordo com aquilo que ficamos sabendo em outros lugares sobre o apóstolo aos gentios.

Não acredito que G. G. Findlay estivesse exagerando quando escreveu que o ceticismo moderno sobre a autoria paulina de Efésios virá no futuro a ser considerado "uma das... curiosidades de uma era hipercrítica".[21] A ausência de qualquer alternativa é corretamente enfatizada por F. F. Bruce: "O homem que pôde escrever Efésios deve ter sido igual ao apóstolo, senão superior a ele, em estatura mental e entendimento espiritual... E a história cristã não tem conhecimento algum de um segundo Paulo deste calibre."[22]

Depois deste breve panorama sobre alguns pontos de vista modernos, é um alívio voltar ao texto: *Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus.* Paulo reinvindica para si o mesmo título que Jesus dera aos doze.[23] Historicamente, tanto no Antigo Testamento quanto no judaísmo rabínico, esta palavra designava alguém especialmente escolhido, chamado e enviado para ensinar com autoridade. Não tinha se oferecido como voluntário para este ministério, nem a igreja o nomeara. Pelo contrário, seu apostolado viera da vontade de Deus e da escolha e comissão de Jesus Cristo. Logo, se assim foi, como eu, e muitos outros, cremos, devemos escutar a mensagem de Efésios com a devida atenção e humildade. Devemos considerar o seu autor não como um indivíduo qualquer que esteja ventilando suas opiniões pessoais, nem como um mestre humano, dotado, porém falível, nem mesmo como o maior herói missionário da igreja. Ele é "apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus" e, portanto, um mestre cuja autoridade é precisamente a autoridade do próprio Jesus Cristo, em cujo nome e por cuja inspiração escreve. Como disse Charles Hodge, em meados do século passado: "A Epístola revela-se como sendo a obra do Espírito Santo, tão claramente quanto as estrelas declaram que o seu Criador é Deus."[24]

Os destinatários

Na segunda parte do versículo 1, Paulo emprega vários termos para descrever os seus leitores.

Em primeiro lugar, são *os santos.* Não está usando esta palavra familiar para referir-se a alguma elite espiritual dentro da congregação, uma minoria de cristãos excepcionalmente piedosos mas, sim, à totalidade do povo de Deus. Eram chamados de "santos" por terem sido separados para

[21] Findlay, pág. 4. [22] Bruce, págs. 11-12. [23] Lc 6:12-13. [24] Hodge, pág. xv.

pertencer a Deus. A expressão era aplicada primeiramente a Israel como a "nação santa", mas veio a ser estendida à totalidade da comunidade cristã, que é o Israel de Deus.[25]

Em segundo lugar, também são *fiéis*. O adjetivo *pistos* pode ter ou um significado ativo ("confiando", "tendo fé") ou um significado passivo ("fidedigno", "sendo fiel"). Embora a ERAB escolha aqui o passivo, o ativo parece melhor, visto que o povo de Deus é "a família da fé",[26] unido por sua confiança comum em Deus mediante Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, J. Armitage Robinson talvez tenha razão em sugerir que "os dois sentidos de *pistis*, 'crença' e 'fidelidade', parecem estar harmonizados".[27] Certamente, é difícil imaginar um crente que não seja fidedigno, ou um cristão digno de confiança que não tenha aprendido a ser assim com a pessoa em quem colocou a sua confiança.

Em terceiro lugar, os leitores de Paulo estão *em Cristo Jesus*. Esta expressão-chave da carta ocorre, portanto, logo no primeiro versículo. Estar "em Cristo" é estar em união vital e pessoal com Cristo, e portanto com o povo de Cristo, como os ramos com a videira e os membros com o corpo. É impossível fazer parte do Corpo sem estar relacionado com o Cabeça e também com os membros. Muita coisa que a Epístola desenvolve mais tarde já está aqui como o botão de uma flor. O Novo Testamento, e especialmente Paulo, afirma que ser um cristão é, em essência, estar "em Cristo", unido com ele e com o seu povo.

Em quarto lugar, alguns manuscritos acrescentam que os leitores de Paulo estão *em Éfeso*. Originalmente uma colônia grega, Éfeso tornou-se a capital da província romana da Ásia e um porto comercial ativo (há muito tempo assoreado). Era, também, a sede do culto à deusa Diana (ou Ártemis), cujo templo, depois de ter sido destruído em meados do século IV a.C., foi pouco a pouco reedificado até tornar-se uma das sete maravilhas do mundo. Aliás, o sucesso da missão de Paulo em Éfeso tinha ameaçado de tal maneira a venda de modelos em prata do templo de Diana que os ourives provocaram um alvoroço público de protesto.[28]

A descrição que Paulo dá dos seus leitores, portanto, é compreensível. São *santos* porque pertencem a Deus; são *fiéis* porque confiaram em Cristo; e têm dois lares, porque residem igualmente *em Cristo* e *em Éfeso*. De fato, todos os cristãos são santos e são fiéis, e vivem tanto em Cristo quanto no mundo secular, ou seja, *nos lugares celestiais* e na terra. Muitos dos nossos problemas espirituais surgem do nosso esquecimento de que somos cidadãos de dois reinos. Nossa tendência é ou seguir a Cristo e retirar-nos do mundo, ou ficar preocupados com o mundo e esquecer de que também estamos em Cristo.

[25] Gl 6:16. [26] Gl 6:10. [27] Armitage Robinson, pág. 141. [28] Ver At 19:23 ss.

As palavras "em Éfeso" não se acham, no entanto, no papiro paulino mais antigo (Chester Beatty 46), que data do século II. Orígenes, no século III, não as conhecia, e estão ausentes dos grandes códices do século IV, o Vaticano e o Sinaítico. A questão tornou-se ainda mais complexa pelo fato de que Márciom, em meados do século II, referiu-se à Epístola aos Efésios como tendo sido endereçada "aos laodicenses". Visto que o próprio Paulo mandou que os colossenses cuidassem para que a carta endereçada a eles fosse "lida na igreja dos laodicenses" e que eles mesmos lessem a de Laodicéia.[29] Alguns têm pensado que esta "carta de Laodicéia" tenha sido de fato a nossa "Efésios", e que Paulo ordenou que as igrejas trocassem as duas cartas que receberam dele. Certamente Tíquico foi o portador das duas cartas.[30]

Como, pois, podemos reconstruir a situação que levou a estas variantes, sendo que algumas cópias têm "em Éfeso", outras não têm designação alguma, e uma refere-se a Laodicéia? Perto do começo deste século, Adolf Harnack sugeriu que a carta teria sido originalmente endereçada à igreja em Laodicéia, mas que, por causa da frieza daquela igreja, e sua conseqüente humilhação,[31] o nome de Laodicéia foi apagado e o de Éfeso colocado no lugar.

Uma explicação alternativa foi proposta por Beza, no fim do século XVI, e popularizada pelo Arcebispo Ussher durante o século XVII: que Efésios foi originalmente um tipo de encíclica ou carta circular apostólica endereçada a várias igrejas da Ásia. Um espaço em branco foi deixado no primeiro versículo para cada igreja preencher o seu próprio nome, e o nome de Éfeso ficou ligado à carta porque era a principal cidade da Ásia.

De modo semelhante, Charles Hodge pensava que talvez a carta fosse "escrita aos efésios e endereçada a eles, mas que visava especialmente os cristãos gentios como classe, mais do que os efésios como igreja, e foi deliberadamente formulada de tal maneira que se tornasse apropriada a todos os cristãos deste tipo nas igrejas da vizinhança, aos quais, sem dúvida, o apóstolo desejava que fosse comunicada".[32]

Tal grupo de leitores, de âmbito mais geral, explicaria não somente as variantes no primeiro versículo, como também a ausência na carta de alusões particulares e de saudações pessoais.

Mesmo assim, a teoria da carta circular é inteiramente especulativa. Nenhum manuscrito tem um destino alternativo. E a Epístola aos Colossenses, que Paulo diz pertencer a outra igreja também (Cl 4:16), nem por isso deixa de incluir saudações pessoais. Assim, o mistério permanece sem solução.

[29] Cl 4:16. [30] Ef 6:21-22; Cl 4:7-8. [31] Ap 3:14-22. [32] Hodge, pág. xiii.

3. A mensagem

O ponto central da carta é o que Deus fez por meio da obra histórica de Jesus Cristo, e continua fazendo através do seu Espírito hoje, a fim de edificar a sua nova sociedade no meio da velha. Conta como Jesus Cristo verteu o seu sangue numa morte sacrificial pelo pecado, depois ressuscitou dentre os mortos pelo poder de Deus, sendo exaltado acima de qualquer concorrente ao lugar supremo tanto no universo quanto na igreja. Mais do que isso, nós que estamos "em Cristo", organicamente unidos com ele pela fé, compartilhamos pessoalmente destes grandes eventos. Fomos ressuscitados da morte espiritual, exaltados ao céu e identificados ali com ele. Fomos reconciliados com Deus e uns com os outros. Como resultado, mediante Cristo e em Cristo, somos nada menos do que a nova sociedade de Deus, a nova humanidade que ele está criando e que inclui judeus e gentios em pé de igualdade. Somos a família de Deus Pai, o corpo de Jesus Cristo, seu Filho, e o templo do Espírito Santo.

Logo, devemos mostrar, de modo claro e visível, mediante a nossa vida, a realidade desta obra que Deus tem feito. Primeiro, pela unidade e diversidade da nossa vida em comum; em segundo lugar, pela pureza e pelo amor em nosso comportamente cotidiano; em terceiro lugar, pela mútua submissão e por um relacionamento amoroso no lar; e, finalmente, por nossa estabilidade na luta contra as potestades e os poderes do mal. Então, na plenitude do tempo, o propósito de Deus, ou seja, a consumação da nova sociedade se dará sob a afirmação plena da soberania total de Jesus Cristo.

Com este tema em mente, podemos analisar a carta como segue:

1. A nova vida que Deus nos deu em Cristo (1:3 — 2:10).
2. A nova sociedade que Deus criou mediante Cristo (2:11 — 3:21).
3. Os novos padrões que Deus espera da nova sociedade, especialmente a união e a pureza (4:1 — 5:21).
4. Os novos relacionamentos para os quais Deus nos trouxe: a harmonia no lar e a luta contra o diabo (5:21 — 6:24).

A carta inteira, portanto, é uma combinação magnífica da doutrina cristã e do dever cristão, da fé cristã e da vida cristã, daquilo que Deus fez através de Cristo e do que nós devemos ser e fazer em decorrência. O seu tema central é "a nova sociedade de Deus": o que é, como veio a existir por meio de Cristo, como suas origens e natureza foram reveladas a Paulo, seu crescimento através da proclamação, a importância de vivermos uma vida digna desta nova sociedade, e como será consumada futuramente quando Cristo apresentar a sua noiva, a igreja, a si mesmo em

esplendor, "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante... santa e sem defeito" (5:27).

A atualidade desta mensagem é óbvia. Karl Marx também escreveu acerca do "novo homem" e da "nova sociedade". E milhões de pessoas captaram a visão dele e estão se dedicando à sua realização. Marx, porém, via o problema humano e a solução em termos quase que exclusivamente econômicos. A "nova sociedade" seria a sociedade sem classes que se seguiria após a revolução, e o "novo homem" emergiria como resultado da sua libertação econômica.

Paulo apresenta uma visão ainda mais grandiosa, porque vê que o ponto chave da questão é ainda mais profundo do que a injustiça da estrutura econômica, e então propõe uma solução ainda mais radical. Escreve acerca de nada menos do que uma "nova criação". Três vezes emprega palavras ligadas com a criação. Em Jesus Cristo, Deus está recriando homens e mulheres "para boas obras", formando uma nova humanidade única no lugar da divisão desastrosa entre judeus e gentios, e nos recriando na sua própria imagem "em justiça e retidão procedentes da verdade".[33] Assim, de acordo com o ensino de Paulo, o novo homem e a nova sociedade são produtos da ação criadora de Deus. A reestruturação econômica tem grande importância, mas não pode produzir estas coisas. Elas estão além da capacidade, do poder e da engenhosidade humana. Dependem da ação divina do Criador.

Esta mensagem da igreja, como sendo a nova criação e a nova comunidade de Deus, é de especial importância para aqueles que se chamam, ou são chamados, de cristãos "evangélicos". Por nosso temperamento e por nossa tradição, tendemos a ser individualistas inflexíveis, e por vezes pouco nos importamos com a igreja. Aliás, muitos pensam que ser "evangélico" é dar pouco valor à igreja.

Mas o verdadeiro evangélico, que a partir da Bíblia constrói a sua teologia, forçosamente terá aquele conceito elevado de igreja que a própria Bíblia ensina. Hoje, mais do que nunca, precisamos captar a visão bíblica da igreja. No ocidente, a igreja está em declínio e precisa urgentemente de uma renovação. Mas qual é a forma de renovação que desejamos? No mundo comunista, a igreja é sempre despojada de privilégios, freqüentemente perseguida, e às vezes forçada a ser uma igreja subterrânea. Essa situação suscita a pergunta básica: qual é a razão de ser da igreja, sem a qual ela deixaria de ser igreja? Em várias regiões do terceiro mundo a igreja está crescendo rapidamente e em alguns lugares sua taxa de crescimento é até mais rápida do que a do crescimento populacional. Mas que tipo de igreja está surgindo e crescendo? Precisamos ser corajosos em nosso

[33] 2:10,15; 4:24.

questionamento em relação à igreja nestas diversas situações: no mundo livre, no mundo comunista e no terceiro mundo. E encontraremos respostas para estas perguntas em Efésios, porque aqui temos as recomendações do próprio Cristo para a sua igreja, a igreja pela qual certa vez *se entregou* (5:25), a igreja *a qual é o seu corpo*, e até mesmo a sua *plenitude* (1:23).

Boa parte da mensagem de Efésios é antecipada na saudação inicial do apóstolo: *Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo* (v.2). É verdade que esta era a saudação costumeira com que iniciava todas as suas cartas, uma forma cristianizada das saudações hebraicas e gregas da época. Mesmo assim, podemos dizer com segurança que nada do que saiu da pena de Paulo era, em qualquer tempo, meramente convencional. Pelo contrário, estes dois substantivos são especialmente apropriados no começo de Efésios: "graça" indica a iniciativa salvadora e gratuita de Deus, e "paz" indica o nível de vida em que passamos a viver desde que ele reconciliou os pecadores consigo mesmo e uns com os outros na sua nova comunidade.

"Graça" e "paz", portanto, são palavras-chaves de Efésios. Em 6:15 as boas novas são chamadas de *o evangelho da paz*. Em 2:14 está escrito que o próprio Jesus Cristo *é a nossa paz*, porque *fez a paz* pela sua cruz (v. 15) e depois *veio e evangelizou paz* aos judeus e aos gentios (v. 17). Logo, seu povo deve *esforçar-se diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz* (4:3). A "graça", do outro lado, indica como e por que Deus tomou a iniciativa da reconciliação. A "graça", pois, é sua misericórdia livre e não merecida. É "pela graça" que somos salvos, aliás pela "suprema riqueza da sua graça" (2:5,7,8), e é pela mesma graça que recebemos dons para o serviço (4:7; cf. 3:2,7). Por isso, se desejamos um resumo sucinto das boas novas que a carta anuncia, não poderíamos achar nada melhor do que esta: "paz pela graça".

Finalmente, antes de deixar a introdução à carta, não devemos deixar desapercebido o elo vital entre o autor, os leitores e a mensagem. É o próprio Senhor Jesus Cristo. Paulo, o autor, é apóstolo *de Cristo Jesus*, os próprios leitores estão *em Cristo Jesus*, e a bênção vem para todos eles tanto da parte de Deus Pai quanto *do Senhor Jesus Cristo*, que estão colocados juntos como sendo o único manancial do qual fluem a graça e a paz. Assim, o Senhor Jesus Cristo domina a mente de Paulo e enche a sua visão. Parece que ele se sente compelido a incluir Jesus Cristo em cada frase que escreve, pelo menos no começo desta carta. Pois é através de Jesus Cristo, e em Jesus Cristo, que a nova sociedade de Deus veio a existir.

I. Vida Nova
Efésios 1:3-2:10

1:3-14
1. Toda bênção espiritual

A seção inicial de Efésios (1:3—2:10), que descreve a nova vida que Deus nos deu em Cristo, divide-se naturalmente em duas partes, sendo a primeira de louvor e a segunda de oração. No trecho dedicado ao louvor, Paulo bendiz a Deus por nos ter ele abençoado com toda bênção espiritual (1:3-14). No trecho dedicado à oração, Paulo pede que Deus abra nossos olhos para compreendermos a plenitude desta bênção (1:15—2:10). Neste capítulo nos ocuparemos com a expressão de louvor da parte do apóstolo.

Bendito o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestias em Cristo, [4]*assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor* [5]*nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade,* [6]*para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado,* [7]*no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça,* [8]*que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda sabedoria e prudência,* [9]*desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo,* [10]*de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra;* [11]*nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade,* [12]*a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo;* [13]*em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa;* [14]*o qual é o penhor da vossa herança até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória.*

No grego original, estes doze versículos formam uma única sentença gramatical complexa. Enquanto Paulo vai ditando, as palavras fluem da sua boca numa torrente contínua. Não faz pausa para tomar fôlego, nem pontua as frases com pontos finais. Os comentaristas têm procurado metáforas bem vívidas para transmitir o impacto desta explosão inicial de adoração. "Entramos nesta epístola por um portal magnífico", escreve Findlay.[1] É "uma corrente de ouro" com muitos aros,[2] ou " um caleidoscópio de luzes ofuscantes e cores mutáveis".[3] William Hendriksen assemelha-a a "uma bola de neve rolando colina abaixo, ganhando volume ao descer",[4] e E. K. Simpson, talvez de um modo menos feliz, assemelha-a a "um cavalo de corrida com grande fôlego... correndo com toda a velocidade".[5] Mais romântico é o símile musical de John Mackay: "Esta adoração rapsódica é comparável à abertura de uma ópera, que contém as sucessivas melodias que se seguirão."[6] E Armitage Robinson sugere que é "como o vôo preliminar de uma águia, subindo e girando em largos círculos, como se, por um momento, estivesse incerta sobre qual a direção a escolher, pela sua liberdade ilimitada".[7]

Um portal, uma corrente de ouro, um caleidoscópio, uma bola de neve, um cavalo de corrida, uma abertura de ópera e o vôo de uma águia: todas estas metáforas, de diferentes maneiras, descrevem a impressão de cor, de movimento e de grandeza que o trecho traz à mente do leitor.

Todo o parágrafo é um hino de louvor, uma doxologia ou, realmente, um elogio, pois é esta a palavra que Paulo emprega. Começa louvando a Deus por nos ter abençoado com toda bênção concebível. Mais especificamente faz, segundo parece, uma referência deliberada à Trindade. A origem da bênção é *o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*, que também é *nosso Pai* (v. 2); a esfera da bênção é Deus Filho, pois é *em Cristo*, em virtude da nossa união com ele, que Deus nos abençoou; e a natureza da bênção é espiritual, *toda sorte de bênção espiritual*, frase esta que muito bem pode significar "toda sorte de bênção do Espírito Santo" que, como agente divino, aplica a obra de Cristo no nosso coração. Conforme a expressão de Charles Hodge: "Estas bênçãos são *espirituais* não apenas por pertencerem à alma mas, sim, por derivarem do Espírito Santo, cuja presença e influência são a grande bênção outorgada por Cristo".[8]

É esta referência trinitariana que, em parte, levou alguns estudiosos a comentar aquilo que chamam de o toque "litúrgico" do parágrafo. É uma "grande bênção", escreve Marcus Barth, "uma exclamação de louvor e oração, semelhante àquelas que são pronunciadas nas sinagogas e

[1] Findlay, pág. 21. [2] Dale, pág. 40.
[3] Armitage Robinson, pág. 19. [4] Hendriksen, pág. 72. [5] Simpson, pág. 24.
[6] Mackay, pág. 75. [7] Armitage Robinson, pág. 19. [8] Hodge, pág. 28.

nos lares judaicos", e "pode... ter vindo a Paulo da corrente viva da tradição cristã oral, provavelmente litúrgica".[9] Alguns comentaristas foram mais longe, e detectaram no parágrafo uma estrutura trinitariana como aquela do Credo dos Apóstolos e do de Nicéia: o Pai elegendo (vs. 4-6), o Filho redimindo (vs. 7-12) e o Espírito selando (vs. 13-14), sendo que cada estrofe termina com o estribilho *em louvor da sua glória* (vs. 6,12,14). Embora este plano seja por demais arrumadinho para ser provável, mesmo assim permanece óbvio o conteúdo trinitariano do parágrafo.

Primeiramente, Deus Pai é a fonte ou origem de toda bênção de que desfrutamos. Sua iniciativa é exposta de modo claro, pois ele mesmo é o sujeito de quase todos os verbos principais nestes versículos. É ele quem *nos tem abençoado* (v. 3), quem *nos escolheu* (v. 4) e *nos predestinou... para a adoção de filhos* (v. 5), quem *nos concedeu gratuitamente* sua graça (v. 6, literalmente "nos agraciou com sua graça"), até mesmo *derramou abundantemente* sua graça sobre nós (v. 8), que também "desvendou-nos" sua vontade e seu propósito que *propusera em Cristo, de fazer convergir nele... todas as coisas* (vs. 9-10). Além disso, *faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade* (v. 11). Voltando-nos dos verbos para os substantivos, Paulo se refere, em sucessão rápida, ao amor e à graça de Deus, à sua vontade, ao seu propósito e ao seu plano. O parágrafo inteiro está repleto de Deus Pai, que nos deu o seu amor e derramou sua graça sobre nós, e que está desenvolvendo o seu plano eterno.

Em segundo lugar, a esfera dentro da qual a bênção divina é outorgada e recebida é o Senhor Jesus Cristo. Nos quatorze primeiros versículos da carta aos Efésios, Jesus Cristo é mencionado ou pelo nome ou pelo título ("Cristo", "Jesus Cristo," "Cristo Jesus", "o Senhor Jesus Cristo", "o Amado") ou por pronomes ou possessivos ("ele", "dele") nada menos que quinze vezes. E a frase "em Cristo" ou "nele" ocorre onze vezes. Já no primeiro versículo o apóstolo descreveu os cristãos como *santos* e *fiéis* que estão *em Cristo Jesus*. Agora, no restante do parágrafo, desenvolve as implicações desta expressão profunda que denota um novo princípio de solidariedade humana. Anteriormente, estávamos *em Adão*, pertencendo à antiga humanidade caída; agora estamos *em Cristo*, pertencendo à nova humanidade redimida. É *em Cristo* que Deus nos abençoou no tempo e nos escolheu na eternidade (vs. 3-4). É *no Amado* que nos concedeu a sua graça, de modo que *nele* temos a redenção ou o perdão (vs. 6-7). É *nele* que os primeiros crentes judeus vieram a ser o povo de Deus (vs. 11-12); é *nele* que os crentes foram selados como pertencentes a Deus (vs. 13-14). Foi também *em Cristo* que Deus desvendou o seu plano para unir todas as coisas *nele*, ou tendo-o como cabeça (vs. 9-10). Anterior-

[9] Barth, *Ephesians*, 1. págs. 97-98.

mente, nós, os gentios, estávamos sem Cristo e, portanto, sem esperança e sem Deus (2:12), mas agora *em Cristo* fomos cobertos de bênçãos.

Em terceiro lugar, há o Espírito Santo. Embora neste parágrafo seja mencionado pelo nome somente nos versículos 13 e 14, sua atividade é mencionada desde o começo até o fim, e toda a sua obra é descrita em capítulos posteriores. O que Paulo ressalta aqui é que a bênção que Deus nos dá em Cristo é *espiritual*. É provável que aqui haja um contraste intencional com os dias do Antigo Testamento, quando as bênçãos prometidas por Deus eram, em grande medida, materiais. Talvez o exemplo mais marcante se ache em Deuteronômio 28:1-14, onde as bênçãos prometidas a um Israel obediente eram muitos filhos, uma boa colheita, uma abundância de gado e de ovelhas, e a liderança entre as nações. É verdade que Jesus também prometeu aos seus seguidores algumas bênçãos materiais. Proibiu-os, por isso, de serem ansiosos por causa da comida, da bebida e das vestes, e assegurou-lhes de que o Pai celestial supriria as necessidades se colocassem em primeiro lugar os interesses do seu reino e da sua justiça. Mesmo assim, as bênçãos distintivas da nova aliança são espirituais, não materiais. São, por exemplo, a lei de Deus escrita em nosso coração pelo Espírito Santo, um conhecimento pessoal de Deus, e o perdão dos nossos pecados.[10]

A fim de colocar este fato além de qualquer dúvida, Paulo acrescenta ao seu adjetivo *espiritual* a cláusula *nas regiões celestiais*, ou melhor, já que nenhuma localização geográfica é subentendida, "nos celestiais" (*en tois epouraniois*). Esta é a primeira ocasião em que Paulo usa esta expressão notável, que ocorre cinco vezes em Efésios, mas que não se encontra em nenhum outro lugar nas suas cartas. O que significa? A palavra *céu* é empregada nas Escrituras com significados diferentes. Os autores antigos distinguiam o "céu da natureza" (o céu azul), do "céu da graça" (a vida eterna já recebida e desfrutada pelo povo de Deus na terra) e do "céu da glória" (o estado final dos redimidos). Mas o termo "celestiais" deve ser entendido de modo diferente de todos estes. Não é nem o céu azul, nem a graça, nem a glória, nem qualquer habitação literal mas, sim, o mundo invisível da realidade espiritual. Os cinco usos da expressão em Efésios indicam que *celestiais* são a esfera em que os *principados e potestades* continuam a operar (3:10; 6:12); a esfera em que Cristo reina supremo e seu povo reina com ele (1:20; 2:6), e onde, portanto, Deus nos abençoa com toda bênção espiritual em Cristo (1:3).

Vê-se, pois, que o ensino do versículo 3 é extremamente importante. Os cristãos são trinitarianos. Cremos em um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Afirmamos com gratidão e alegria que Deus nos abençoou (*eulogēsas*, tempo aoristo) em Cristo com toda bênção espiritual. Ou seja:

[10] P. ex. Jr 31:31-34.

toda bênção do Espírito Santo nos é dada pelo Pai, se estamos no Filho. Nenhuma bênção nos é negada. Naturalmente, ainda temos de crescer para a maturidade em Cristo, sermos transformados na sua imagem e explorarmos as riquezas da nossa herança nele. Naturalmente, Deus pode outorgar-nos muitas outras experiências mais profundas e mais ricas de si mesmo ao longo do caminho. Mesmo assim, se estamos em Cristo, toda bênção espiritual já é nossa. Ou, conforme o apóstolo expressou em Colossenses, nós recebemos "a vida completa, em união com ele".[11]

Tendo declarado o princípio geral, Paulo passa para os pormenores. Quais são estas bênçãos com que Deus nos abençoou em Cristo? No restante do parágrafo ele as desdobra. Têm relação com o passado (*antes da fundação do mundo*, v. 4), com o presente (o que *temos* em Cristo agora, v. 7) e com o futuro (*a plenitude dos tempos*, v. 10). A bênção passada é a *eleição*, a bênçao presente é a *adoção* para sermos filhos de Deus, e a futura, a *unificação*, quando todas as coisas estarão unidas sob Cristo.

1. A bênção passada da eleição (vs. 4-6)

Paulo volta mentalmente para o passado, *antes da fundação do mundo* (v. 4), antes da criação, antes de o tempo ter começado, para uma eternidade anterior, em que somente o próprio Deus existia na perfeição do seu ser.

Naquela eternidade antes da criação, Deus fez alguma coisa. Formou um propósito na sua mente. Este propósito dizia respeito tanto a *Cristo* (seu Filho unigênito) como a *nós* (ele se propôs a nos tornar filhos adotivos, e também filhas, pois, naturalmente, a palavra abrange os dois sexos). Note-se bem a declaração: *nos escolheu nele*. A posição dos pronomes é enfática: Deus colocou a nós e a Cristo juntos na sua mente. Resolveu tornar-nos (mesmo quando ainda não existíamos) seus próprios filhos através da obra redentora de Cristo (que ainda não fora realizada). Foi uma decisão específica, porque o verbo *escolheu* (*exelexato*) é outro aoristo. Surgiu também do seu favor inteiramente imerecido, visto que nos escolheu *para sermos santos e irrepreensíveis perante ele*, o que mostra que nós, quando ele, na sua mente, nos escolheu, éramos ímpios e culpados, e que merecíamos, não a adoção mas, sim, o julgamento. Além disso (Paulo repete a mesma verdade com palavras diferentes), *em amor*[12] *nos pre-*

[11] BLH, Cl 2:10; cf. também 1 Co 3:21-23.[12] ERC coloca a expressão "em caridade" imediatamente depois de "santos e irrepreensíveis diante dele", porque entende que se refere ao amor que Deus quer ver em nós. Deste modo, a santidade é definida em termos de amor. Esta pode muito bem ser a tradução correta, visto que as palavras "em amor" ocorrem em mais cinco contextos de Efésios e, em cada caso, descrevem os cristãos (3:17; 4:2, 15, 16; 5:2). ERAB, no entanto, liga as palavras ao verbo "nos predestinou" porque entende que se referem ao amor de Deus, não ao nosso (assim também BLH). Eu pessoalmente favoreço esta interpretação, porque parece que o contexto enfatiza o amor como a fonte, e não como o resultado, da nossa eleição.

destinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado (vs. 5-6).

Ora, todos acham difícil a doutrina da eleição. "Não fui eu quem escolheu a Deus?" alguém pergunta, indignado; e a isso devemos responder: "Sim, realmente escolheu, e livremente, mas somente porque na eternidade Deus escolheu você primeiramente." "Não fui eu que me decidi por Cristo?" pergunta outra pessoa; e a isto devemos responder: "Sim, realmente o fez, e livremente, mas somente porque Deus primeiramente tinha decidido em seu favor."

A Escritura não esclarece em lugar algum o mistério da eleição, e devemos ter cuidado com aqueles que procuram sistematizá-lo de modo demasiadamente preciso ou rígido. É pouco provável que descubramos uma solução simples para um problema que tem frustrado, durante séculos, as melhores mentes da cristandade. Mas aqui no texto, pelo menos, há três verdades importantes para serem aceitas e lembradas:

a. A doutrina da eleição é uma revelação divina e não uma especulação humana

Não foi inventada por Agostinho da Hipônia, nem por Calvino de Genebra. Pelo contrário, é sem dúvida uma doutrina bíblica, e nenhum cristão bíblico pode ignorá-la. Conforme o Antigo Testamento, Deus escolheu Israel dentre todas as nações do mundo para ser seu povo especial.[13] Conforme o Novo Testamento, ele está formando uma comunidade internacional para que seja seus *santos* (v. 1), seu povo santo e especial.[14] Não devemos, portanto, rejeitar a idéia da eleição como se fosse uma estranha fantasia dos homens. Pelo contrário, devemos aceitá-la humildemente (embora não a entendamos completamente) como uma verdade que o próprio Deus revelou. Parece natural que, a esta altura, procuremos ajuda da parte de Calvino. Ele pregou sobre Efésios, de começo a fim, no púlpito da igreja de São Pedro, em Genebra, em quarenta e oito sermões, a partir de 1.º de maio de 1558. Aqui temos um dos seus comentários: "Embora não possamos conceber, quer por argumentos quer pela razão, como Deus nos elegeu antes da criação do mundo, mesmo assim o sabemos, porque ele no-lo declarou; e a nossa própria experiência testifica a nós mesmos, de modo suficiente, quando estamos iluminados na fé."[15]

b. A doutrina da eleição é um incentivo à santidade, e não uma desculpa para o pecado

[13] P. ex. "sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos" (Êx 19:4-6; cf. Dt 7:6ss.; Is 42:1 e 43:1).
[14] Cf. 1 Pe 2:9-10. [15] Calvino, pág. 69.

É verdade que a doutrina nos dá uma forte certeza da segurança eterna, visto que aquele que nos escolheu e nos chamou certamente nos guardará até o fim. Mas nossa segurança não pode ser usada para desculpar o pecado, e muito menos para encorajá-lo. Parece que algumas pessoas imaginam um cristão falando para si mesmo em termos tais como estes: "Sou membro do povo escolhido de Deus, salvo e seguro. Não há, portanto, necessidade alguma de me preocupar com a santidade. Posso me comportar como quero." No entanto, presunção tão pavorosa não acha apoio na verdadeira doutrina da eleição. Pelo contrário, o inverso é a verdade. Paulo escreve aqui que Deus nos escolheu em Cristo para que sejamos *santos e irrepreensíveis perante ele* (v. 4). *Irrepreensível* (*amômos*) é a palavra vetero-testamentária para um sacrifício imaculado. *Santos e irrepreensíveis* volta a ocorrer em 5:27 e em Colossenses 1:22, onde indica o nosso estado final de perfeição. Mas o processo de santificação começa aqui e agora. Assim, longe de estimular o pecado, a doutrina da eleição o proíbe e ao contrário, impõe-nos a necessidade de uma vida santa, porque a santidade é o propósito da nossa eleição. Em última análise, a única evidência da eleição é uma vida santa. F. F. Bruce comenta com sabedoria: "O amor de Deus que nos predestina é recomendado mais por aqueles que levam vidas santas e semelhantes à de Cristo, do que por aqueles cujas tentativas de desembaraçar o mistério terminam em disputas sobre questões irrelevantes de lógica."[16]

c. A doutrina da eleição é um estímulo à humildade, não um motivo para o orgulho

Há quem pense que julgar-se membro do povo escolhido de Deus é o pensamento mais arrogante que alguém pode alimentar. E seria mesmo se imaginássemos que Deus nos tivesse escolhido por causa de algum mérito nosso! Não há, porém, lugar algum para o mérito na doutrina bíblica da eleição. Muito pelo contrário, Deus explicou especificamente ao povo de Israel que ele não o escolhera por ser mais importante que outras nações, nem por ser maior ou por ultrapassá-las de alguma forma, porque isso não era verdade. Por que, então? Simplesmente porque ele o amava.[17] A razão por que escolheu o povo estava nele mesmo (seu amor) e não naquele povo (o mérito). A mesma verdade é muito enfatizada em Efésios. A ênfase da totalidade do primeiro parágrafo recai sobre a graça de Deus, o amor de Deus, a vontade de Deus, o propósito de Deus e a escolha de Deus. Ele, pois, nos escolheu em Cristo (declara Paulo) *antes da fundação do mundo*, que era antes de existirmos, e muito mais, antes de podermos alegar termos qualquer mérito. Por isso "a eleição de Deus é livre,

[16] Bruce, pág. 28. [17] Dt 7:7-8.

e abate e aniquila todo o merecimento, todas as obras e todas as virtudes dos homens."[18]

Logo, a verdade da eleição divina, por mais numerosos que sejam seus problemas não resolvidos, deve nos levar à justiça, não ao pecado; e a uma sincera gratidão em espírito de adoração, não ao orgulho. Em conseqüência, devemos ser, de um lado, *santos e irrepreensíveis perante ele* (v. 4) e, de outro, *para louvor da glória de sua graça* (v. 6).

2. A bênção presente da adoção (vs. 5-8)

Deus *em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos*. Esta expressão parece ser a chave para a compreensão das conseqüências presentes da nossa eleição. A eleição tem como objetivo a adoção. Realmente, quando as pessoas nos fazem a pergunta especulativa de por que Deus continuou com a criação quando sabia que seria seguida pela Queda, uma resposta que podemos dar é que ele nos destinou para uma dignidade mais alta do que a própria criação poderia nos outorgar. Pretendia "adotar-nos", fazer-nos filhos e filhas da sua família. E na lei romana (que faz parte do contexto dos escritos de Paulo) os filhos adotivos desfrutavam dos mesmos direitosdos filhos legítimos. O Novo Testamento tem muito a dizer acerca dessa posição de "filiação", dos seus ricos privilégios e das responsabilidades inerentes. Estas duas verdades são mencionadas nestes versículos.

Consideraremos inicialmente o nosso privilégio. Somente aqueles que foram adotados na família de Deus podem dizer: *no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós* (vs. 7-8). Os filhos de Deus, pois, desfrutam do livre acesso ao Pai celestial, e sua confiança diante dele é devida ao conhecimento de que foram redimidos e perdoados. *Redenção* (*apolutrōsis*) significava "livramento mediante o pagamento de um preço", e era aplicada especialmente no resgate de escravos. Aqui, é o equivalente a *remissão*, pois o livramento em questão refere-se a escapar do justo julgamento de Deus pronunciado contra os nossos pecados, e cujo preço foi o derramamento do sangue de Cristo quando de sua morte por nossos pecados na cruz. Desta maneira, a redenção, a remissão e a adoção caminham juntas;[19]a redenção ou a remissão é um privilégio presente que *temos* e desfrutamos agora. Torna possível um relacionamento filial com Deus. Vem do derramamento abundante da sua graça sobre nós.

Mas a filiação também subentende responsabilidade. O Pai celestial não estraga os seus filhos. Pelo contrário, "nos disciplina para o nosso bem, a fim de sermos participantes da sua santidade".[20] Destarte, as duas

[18] Calvino, pág. 33. [19] Cf. Gl 4:5. [20] Hb 12:10.

declarações de Paulo são paralelas, que "nos predestinou... para a adoção de filhos" (v. 5) e "nos escolheu... para sermos santos". O apóstolo voltará para este tema vital mais tarde: *Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados* (5:1). É inconcebível desfrutarmos de um relacionamento com Deus como seus filhos sem aceitarmos a obrigação de imitar o nosso Pai e termos as características da sua família.

Assim, pois, a adoção como filhos e filhas de Deus traz consigo um "mais" e um "menos", um ganho imenso e uma perda necessária. Ganhamos o acesso a ele como nosso Pai mediante a redenção ou a remissão. Mas perdemos nossas máculas, a partir da obra santificadora do Espírito Santo, até finalmente sermos perfeitos no céu. A palavra que parece unir o privilégio e a responsabilidade da nossa adoção é a expressão *perante ele* (v. 4), que significa "à vista dele" ou "na presença dele". Viver a nossa vida conscientes de estarmos na presença de nosso Pai é tanto um privilégio enorme como um desafio constante para agradá-lo.

3. A futura bênção da unificação (vs. 9-10)

Deus fez mais do que nos escolher em Cristo numa eternidade passada e nos dar a filiação agora como uma possessão presente, com todas as alegrias e todos os deveres que a acompanham. Além disso, *em toda a sabedoria e prudência, desvendou-nos o mistério da sua vontade* para o futuro. Diz respeito ao *seu beneplácito (seu propósito) que propusera em Cristo para a plenitude dos tempos* (vs. 9-10). A História não é sem significado nem sem propósito. Está avançando para um alvo glorioso. O que, pois, é este *mistério* que Deus *desvendou*, este segredo revelado, esta *vontade*, ou propósito, ou plano divino? No capítulo 3, o *mistério* é a inclusão dos gentios na nova sociedade de Deus em condições iguais às dos judeus. Mas esta unidade étnica presente é um símbolo ou antevisão de uma unidade futura que será ainda maior e mais maravilhosa.

O plano de Deus para a *plenitude dos tempos*, quando o tempo voltar a fundir-se na eternidade, é *fazer convergir nele* (em Cristo), *todas as coisas, tanto as do céu como as da terra* (v. 10). O verbo grego "fazer convergir" (*anakephalaioō*) "é rico em alusões e em significado".[21] Era raro no grego secular. Conforme Moulton e Milligan, embora a palavra fosse desconhecida em documentos não-literários por ser demasiadamente elevada para eles, mesmo assim "pelo fato de *kephalaion* ("soma", "total") ser um termo comum isso faria com que o significado ficasse óbvio até mesmo para leitores comuns". Deste modo o verbo *anakephalaio* significava "trazer algo para um kephalaion", "resumir", ou no sentido de "resumir em reflexão ou na fala" ("condensar num resumo" - Thayer) ou no

[21] DTNT I, pág. 681.

sentido de "reunir as coisas". A outra ocorrência deste verbo no Novo Testamento é em Romanos 13:9, onde todos os mandamentos da segunda tábua da lei "resumem-se na sentença: 'Amarás ao teu próximo como a ti mesmo'."

O contexto de Efésios 1 certamente parece adaptar-se melhor ao sentido de "reunir" do que ao de "resumir". Um pouco mais adiante, no versículo 22, Paulo vai afirmar que Deus "pôs todas as coisas debaixo de seus pés e, para ser o cabeça (*kephalē*) sobre todas as coisas, o deu à igreja". Aqui, pois, parece que Paulo está dizendo que "esta convergência para Cristo acontecerá com a submissão do mundo a ele como o Cabeça".[22] Cristo já é cabeça do seu corpo, a igreja, mas um dia *todas as coisas* reconhecerão a sua autoridade como cabeça. No tempo presente ainda há discórdia no universo, mas na plenitude do tempo esta cessará, e aquela unidade pela qual ansiamos virá com o domínio de Jesus Cristo.

Esta perspectiva leva a uma pergunta importante: quem e o que será incluído nesta unidade final e neste domínio? Certo número de teólogos, tanto antigos como modernos, têm se prendido à expressão "todas as coisas" como base para a edificação de sonhos universalistas. Ou seja: especulam que todos serão salvos no fim, que os que morrem impenitentes serão um dia trazidos para o arrependimento, e que até mesmo os demônios serão finalmente redimidos, visto que, literalmente, "todas as coisas, tanto as do céu como as da terra" serão reunidas em uma unidade sob o domínio salvífico de Cristo. Um dos mais eloqüentes defensores contemporâneos do universalismo é Markus Barth. É verdade que, em um ou dois trechos, parece negá-lo, dizendo que não devemos nos esquecer do ensino de Cristo sobre o pecado imperdoável.[23] Mesmo assim, a impressão geral é clara. "A igreja... é o corpo de Cristo, que vive e que cresce. A igreja inclui, por esta definição, virtualmente todos os que ainda são descrentes... Jesus Cristo não é apenas 'cabeça da igreja'. Ele é igualmente... cabeça também de todo homem, quer este creia em Cristo, quer não."[24] Trata-se simplesmente do fato de que nem todas as pessoas conhecem e reconhecem a Cristo, conforme a igreja o faz. "Logo, podemos chamar a igreja de os primeiros frutos, o começo, o exemplo, o sinal ou a manifestação daquele domínio e louvor que serão conhecidos universalmente e desfrutados conscientemente por todos os homens. A igreja é apenas uma instituição preliminar, transitória e serviçal. Por enquanto, ela é a única comunidade na terra que serve conscientemente a Jesus Cristo."[25] Um pouco mais à frente, quando comenta a parede da separação que Jesus Cristo derrubou, declara: "Não há parede entre a igreja e o mundo!" Mes-

[22] DTNT I, pág. 682.
[23] Barth, *Broken Wall, pág. 255.* [24] *Ibid., pág. 110.* [25] *Ibid., pág. 139.*

mo assim, muitos cristãos reúnem-se por detrás das paredes de templos e de tradições eclesiásticas. "Uma igreja que quer se conservar segura contra o mundo... somente pode aprender de Efésios que o mundo tem razão em tratá-la, ou evitá-la, com o dó ou o desprezo apropriados para o hipócrita." Markus Barth rejeita semelhantemente "igreja tipo parede". "Concluindo", escreve, "não há, segundo o evangelho da paz, *nenhuma* parede entre o perto e o longe, entre a igreja e o mundo!"[26]

Ao ler o seu ataque apaixonado contra as "igrejas tipo parede", suspeitamos que ele esteja reagindo contra as atitudes complacentes, retraídas e sem amor, de alguns cristãos de hoje, e isto com razão. Se quer dizer apenas que a igreja não deve erguer barricadas contra o mundo mas, pelo contrário, deve sair com serviço e testemunho compassivos, concordamos com ele de todo o coração. Mas ele vai bem além disso para uma declaração de "solidariedade" entre a igreja e o mundo e recusa-se a reconhecer qualquer distinção entre eles senão que a igreja chegou a reconhecer Jesus Cristo de modo consciente, e o mundo não.

Esta recusa em aceitar uma distinção radical entre a igreja e o mundo, entre a nova sociedade e a velha, realmente não pode ser definida com base em Efésios. A parede da separação que Jesus aboliu não é a barreira que separa o mundo *da* igreja; é a barreira que segrega grupos e indivíduos uns dos outros *dentro* da igreja. Além disso, o quadro que Efésios pinta dos "gentios" não é apenas que estão ignorantes da salvação. Sua condição está descrita em 4:17ss. À *vaidade dos seus próprios pensamentos* Paulo acrescenta a *dureza dos seus corações*. Estão alienados da vida com Deus, vivem nas trevas e são ávidos pela impureza. Duas vezes o apóstolo os chama de *filhos da desobediência* (referindo-se ao seu estado presente e outra vez ao seu destino futuro) e nos dois casos refere-se também à ira terrível, porém justa, de Deus: são *filhos da ira* agora, e a *ira de Deus* virá sobre eles no último dia (2:3; 5:6).

Assim, voltando a Efésios 1:10, não podemos forçar *todas as coisas* a entrar legitimamente num argumento em prol da salvação universal, a não ser que estejamos dispostos a acusar Paulo de confusão teológica e de autocontradição. Quais são, então, *todas as coisas, tanto as do céu como as da terra* que um dia serão unidas debaixo de Cristo como cabeça? Certamente incluem os cristãos vivos e os cristãos mortos, a igreja na terra e a igreja no céu. Ou seja: os que estão *em Cristo* agora (v. 1), e que *em Cristo* receberam bênção (v. 3), eleição (v. 4), adoção (v. 5), graça (v. 6), e redenção ou remissão (v. 7), e um dia serão perfeitamente unidos *nele* (v. 10). Sem dúvida, os anjos serão incluídos também (cf. 3:10,15). Mas *todas as coisas* (*ta panta*) normalmente significa o universo que Cristo

[22] DTNT I, pág. 682.

criou e que sustenta.[27] Mais uma vez parece que Paulo está se referindo à renovação cósmica, à regeneração do universo, à libertação da criação que geme, e sobre a qual já tinha escrito aos Romanos.[28] O plano de Deus é *todas as coisas* que foram criadas por Cristo e para Cristo, e que subsistem em Cristo,[29] finalmente serem unidas debaixo de Cristo ao se submeterem à sua soberania, já que o Novo Testamento o declara "herdeiro de todas as coisas".[30]

Assim a BLH traduz o v. 10: "Este plano é unir...debaixo da autoridade de Cristo, tudo o que há no céu e na terra", e J. B. Lightfoot escreve acerca da "harmonia inteira do universo, que já não conterá elementos estranhos e discordantes, mas no qual todas as partes acharão seu centro e vínculo de união em Cristo".[31]

Na plenitude do tempo, as duas criações de Deus, todo o seu universo e a sua igreja por completo, serão unificadas sob o Cristo cósmico que é o cabeça supremo das duas.

A esta altura, talvez seja sábio fazer uma pausa e considerar quanto todos nós precisamos desenvolver a perspectiva geral de Paulo. É bom lembrar que ele era um prisioneiro em Roma. Não, de fato, numa cela ou numa masmorra mas, mesmo assim, sob prisão domiciliar e algemado a um soldado romano. Apesar disso, embora seu pulso estivesse algemado e seu corpo confinado, seu coração e sua mente habitavam a eternidade. Olhou para trás *antes da fundação do mundo* (v. 4) e para a frente, para *a plenitude dos tempos* (v. 10), e apoderou-se do que *temos* agora (v. 7) e do que devemos *ser* agora (v. 4), à luz daquelas duas eternidades. Quanto a nós, quão bitolada é a nossa visão comparada com a dele, quão pequena é a nossa mente, quão estreitos são os nossos horizontes! De modo tão fácil e natural, deslizamos para uma preocupação qualquer, com nossos assuntinhos mesquinhos. Devemos, porém, ver o tempo à luz da eternidade, e nossos atuais privilégios e obrigações à luz da nossa eleição no passado e da nossa perfeição no futuro. Então, se compartilhássemos da perspectiva do apóstolo, também compartilharíamos do seu louvor. A doutrina, pois, leva à adoração bem como ao dever. A vida se transformaria em adoração e bendiríamos a Deus constantemente por nos ter abençoado tão ricamente em Cristo.

4. O alcance destas bênçãos (vs. 11-14)

Depois de descrever as bênçãos espirituais que Deus dá ao seu povo em Cristo, Paulo acrescenta mais um parágrafo para enfatizar que as bênçãos pertencem igualmente aos crentes judeus e gentios. A estrutura do pará-

[27] Hb 1.2-3. [28] Rm 8:18ss.; cf. Mt 19:28; 2 Pe 3:10-13.
[29] Cl 1:16-17. [30] Hb 1:2. [31] Lightfoot, pág. 322.

grafo torna claro este fato: *nele... nós* (judeus) *os que de antemão esperamos em Cristo... fomos predestinados... a fim de sermos para louvor da sua glória. Nele também vós* (gentios) ... *tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança...* O apóstolo muda do pronome *nós* (ele mesmo, com os demais crentes judeus) para *também vós* (seus leitores gentios) e para *nossa* herança (na qual os dois grupos participam igualmente). Está dando uma amostra prévia do seu tema da reconciliação entre judeus e gentios, que desenvolverá na segunda parte do capítulo 2. Porém, com a repetição de *nele* e *em quem* (vs. 11, 13), enfatiza que é Cristo quem faz a reconciliação e que é mediante a união com Cristo que o povo de Deus é um só. Daí o apóstolo compartilha conosco três grandes verdades sobre o povo de Deus.

a. O povo de Deus é propriedade de Deus

O apóstolo emprega duas expressões gregas cujo uso no Antigo Testamento sugere fortemente este significado de "propriedade". A primeira é o verbo *klēroō*, que pode significar dar ou receber um *klēros*, uma herança. A pergunta é: a qual herança Paulo se refere? Pode ser nossa, um dom que recebemos. Uma tradução possível seria: "Em Cristo... recebemos nossa participação na herança." Alternativamente, pode ser que Deus nos tomou para sermos dele mesmo; assim a ERAB entende a expressão. Assim também Armitage Robinson: "Fomos escolhidos como a porção de Deus."[32] Lingüisticamente, esta tradução é mais natural. O que é mais importante, o pano de fundo vetero-testamentário parece quase exigi-la. Israel era o *klēros*, a sua "herança". Constantemente, esta verdade era repetida. Por exemplo: "Porque a porção do SENHOR é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança", e "Feliz a nação cujo Deus é o SENHOR, e o povo que ele escolheu para sua herança".[33] O uso que Paulo faz do verbo *klēroō* neste parágrafo parece indicar a sua convicção de que todos aqueles que estão em Cristo, sejam gentios ou judeus, agora são o *klēros* de Deus, embora somente Israel o fosse nos tempos do Antigo Testamento.

Este ensino é confirmado pelo segundo termo que ele emprega, também rico em associações com o Antigo Testamento, e que aparece no fim do parágrafo (v. 14). A tradução literal é "até ao resgate da possessão comprada" (*eis apolutrōsin tēs peripoiēseōs*). A pergunta que devemos fazer acerca desta *possessão* é a mesma que fizemos anteriormente quanto a *herança*: ela é nossa ou de Deus? ERAB e ERC supõem ser nossa: "O qual é o penhor da nossa herança..." Mas J. H. Houlden vai ao ponto de chamá-

[32] Armitage Robinson, págs. 34, 146. [33] Cf. a versão da LXX de Dt 32:9; Sl 33:12. Cf. Dt 4:20; 9:29; 1 Rs 8:51; Sl 106:40; Jr 10:16; Zc 2:12; etc.

la de "tradução frouxa e tendenciosa".[34] Parece mais provável que a possessão (como a herança) seja de Deus, e que mais uma vez se refira ao seu povo. Assim a BJ diz: "para a redenção do povo que ele adquiriu". O argumento principal para interpretá-la assim é, mais uma vez, o fundo histórico vetero-testamentário. Pois o substantivo *peripoiēsis* ("possessão"), ou o seu adjetivo cognato, ocorre freqüentemente na LXX como uma descrição de Israel. Por exemplo: "Sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos", e "O Senhor teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio".[35] Certamente esta fraseologia é retomada no Novo Testamento com relação à igreja que Cristo adquiriu para si mesmo.[36]

Colocando juntas estas duas expressões gregas, com seu claro fundo histórico no Antigo Testamento, é difícil resistir à conclusão de que Paulo esteja aludindo à igreja como sendo a *herança* e *possessão*. Estas palavras antigamente eram aplicadas exclusivamente à nação de Israel, mas agora são aplicadas de modo novo a um povo internacional cujo denominador comum é todos os seus membros estarem "em Cristo". Já que o mesmo vocabulário é empregado para os dois povos, temos a indicação da continuidade espiritual entre ambos.

Este ensino, embora não seja tão óbvio em nosso texto, não deixa de ser básico para o que Paulo está escrevendo neste parágrafo. O povo de Deus são os *santos* de Deus (v. 1), é a herança de Deus (v. 11), é a possessão de Deus (v. 14). Somente depois disto ser entendido, é que estamos prontos para fazer mais duas perguntas. Primeira: *Como* nos tornamos o povo de Deus? E a segunda: *Por que* ele nos tornou seu povo? Paulo responde à primeira referindo-se à vontade de Deus, e à segunda, referindo-se à sua glória. E declara cada uma destas verdades três vezes.

b. Somos o povo de Deus pela vontade de Deus

Como ficamos sendo o povo de Deus e a possessão de Deus? Não pode haver dúvida quanto à resposta de Paulo. Foi pela vontade de Deus. Ele nos predestinou para sermos seus filhos *segundo o beneplácito de sua vontade* (v. 5); desvendou a nós *o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito* (v. 9); e ficamos sendo a herança de Deus *segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade* (vs. 11-12). A passagem está repleta de referências à vontade (*thelēma*), ao beneplácito (*eudokia*), e ao propósito (*prothesis*) de Deus, bem como ao plano ou programa em que estes foram expressos. Paulo dificilmente pode-

[34] Houlden, pág. 271. [35] Ver a versão da LXX de Êx 19:5; Dt 7:6. Cf. Dt 14:2; 26:18; Is 43:21; Ml 3:17; etc.
[36] Ver At 20:28; Tt 2:14 e 1 Pe 2:9.

ria ser mais enfático ao dizer que, quando nos tornamos membros da nova comunidade de Deus, isso não se deveu ao acaso nem à nossa escolha mas, sim, à vontade e ao beneplácito soberanos do próprio Deus. Este foi o fator decisivo, conforme o é em cada conversão.

Isto não significa, no entanto, que estávamos inativos. Longe disso. Neste contexto, em que a nossa própria salvação é atribuída inteiramente à vontade de Deus, a nossa responsabilidade também é mostrada. Isto porque (v. 13) primeiramente *ouvimos a palavra da verdade*; depois *temos crido nele* (Cristo), e assim fomos *selados com o Santo Espírito da promessa*. Que ninguém diga, portanto, que a doutrina da eleição pela vontade e misericórdia soberanas de Deus, por misteriosa que seja, torna desnecessário a evangelização e a fé. Pelo contrário! É somente por causa da vontade graciosa de Deus para salvar que a evangelização tem qualquer esperança de sucesso e a fé se torna possível. A pregação do evangelho é o meio que Deus estabeleceu para livrar da cegueira e da escravidão aqueles que escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, e para os libertar para crerem em Jesus, e assim fazer com que se concretize sua vontade.[37]

E a certeza de que Deus está assim ativo na vida do seu povo é dada pelo Espírito Santo, que nos versículos 13 e 14 recebe três designações: uma *promessa*, um *selo* e uma *garantia*. Primeiramente ele é *o Espírito da promessa* porque Deus prometeu, pelos profetas do Antigo Testamento e também por Jesus, que o enviaria (o que fez no dia de Pentecostes) e Deus promete dá-lo hoje a todo aquele que se arrepende e crê (o que ele realmente faz).[38]

Em segundo lugar, o Espírito Santo não é somente a *promessa* de Deus, como também o *selo* de Deus. Um selo é uma marca de possessão e de autenticidade. O gado, e até mesmo os escravos, eram marcados com um selo pelos seus donos, a fim de indicar a quem pertenciam. Mas tais selos eram externos, ao passo que o de Deus está no coração. Deus coloca o seu Espírito dentro do seu povo a fim de marcá-lo como sua propriedade.[39]

[37] Para uma exposição mais completa deste tema importante, ver *O Evangelismo e a Soberania de Deus, de J. I. Packer (Edições Vida Nova, 1966).*

[38] Ver, P. ex., Ez 36:27; Jl 2:28; Jo 14-16; Lc 24:49; At 1:4-5; 2:33, 38-39; Gl 3:14, 16.

[39] para o conceito de "selar" ver Ez 9:4ss., e Ap 7:4ss.; 9:4. Para o Espírito Santo como a marca distintiva do cristão, ver 2 Co 1:21-22; Ef 4:30. A partir do século II, alguns autores têm identificado o selo do Espírito com o batismo, parcialmente porque o batismo e o dom do Espírito estão ligados no Novo Testamento, e parcialmente por analogia com a circuncisão que Paulo chama de selo (Rm 4:11). Mas o batismo é um sinal ou selo externo e visível, ao passo que o selo interno e invisível que Deus dá para marcar o seu povo como sua própria possessão é a presença do Espírito no coração. Ver Rm 8:16.

Em terceiro lugar, o Espírito Santo é a *garantia* ou *penhor* de Deus, com que ele se compromete a levar o seu povo com segurança à herança final. *Penhor* aqui é *arrabōn*, originalmente uma palavra hebraica que parece ter entrado no uso grego através dos comerciantes fenícios. É empregada no grego moderno para uma aliança (anel). Nas transações comerciais antigas, porém, significava "*primeira prestação, depósito, entrada, penhor*, que paga parte do preço de compra de antemão, e assim obtém um direito legal sobre o respectivo artigo, ou torna válido um contrato" (AG). Neste caso o penhor não é algo separado daquilo que garante, mas é realmente a primeira parte deste. Uma aliança promete o casamento mas não é em si mesma uma parte do casamento. Um sinal pago na compra de uma casa ou numa compra a prestação, no entanto, é mais do que uma garantia do pagamento; em si mesmo é a primeira parcela do preço de compra. Assim acontece com o Espírito Santo. Ao dá-lo a nós, Deus não está apenas nos prometendo a nossa herança final, mas realmente está dando uma antevisão dela, o que, no entanto, "é apenas uma *pequena fração* da futura dotação".[40]

c. O povo de Deus existe para a glória de Deus

Da pergunta "*como* nos tornamos povo de Deus?", agora nos voltamos para a pergunta "*por que* Deus nos tornou seu povo?" e, então, o assunto muda de sua vontade para a sua glória. Já vimos anteriormente como Paulo aludiu três vezes ao *beneplácito de sua vontade* ou palavras semelhantes. Agora devemos ver que também por três vezes ele se refere à glória de Deus. Escreve que Deus nos destinou para sermos seus filhos, *para louvor da glória de sua graça* (5-6); que ele nos fez sua herança e nos destinou para vivermos *para louvor da sua glória* (v. 12); e que um dia finalmente remirá o seu povo, que é sua possessão, *em louvor da sua glória* (v. 14).

Esta bela frase precisa ser analisada. A glória de Deus é a revelação de Deus, e a glória da sua graça é a sua auto-revelação como um Deus gracioso. Viver para louvor da glória da sua graça é não somente adorá-lo com nossas palavras e ações, pelo Deus gracioso que ele é, como também levar outros a vê-lo e a louvá-lo. Esta era a vontade de Deus para Israel nos dias do Antigo Testamento,[41] e também é o seu propósito para o seu povo hoje. Pessoalmente, sempre serei grato a um dos meus ex-colegas na igreja All Souls que, quando deixou a nossa equipe para aceitar outro trabalho, deu-me um corta-papel para a minha escrivaninha, depois de mandar gravar nele as palavras "Para louvor da sua glória". Está na minha frente quando escrevo, e é uma lembrança e um desafio permanentes.

[40] Lightfoot, pág. 324. Cf. 2 Co 1:22; 5:5; Rm 8:23. [41] P. ex. Is 43:21; Jr 13:11.

Aqui, pois, temos o "como" e o "por que" do povo de Deus, que também é sua *herança* e sua *possessão*. *Como* ficamos sendo o seu povo? Resposta: "Segundo o beneplácito de sua vontade." *Por que* ele nos tornou seu povo? Resposta: "Para o louvor da glória da sua graça". Assim, tudo quanto temos e somos em Cristo vem de Deus e volta para Deus. Começa na sua vontade e termina na sua glória. É aqui que tudo começa e termina.

Semelhante conversa cristã, no entanto, entra em choque violento com o antropocentrismo e o egocentrismo do mundo. O homem caído, aprisionado no seu próprio ego minúsculo, tem uma confiança quase ilimitada no poder da sua própria vontade, e um apetite quase insaciável pelo louvor da sua glória pessoal. Mas o povo de Deus, pelo menos, já começou a ser virado pelo avesso. A nova sociedade tem novos valores e novos ideais. O povo de Deus é a possessão de Deus que vive pela vontade de Deus e para a glória de Deus.

1:15-23
2. Uma oração de gratidão pelo conhecimento

Por isso também eu, tendo ouvido a fé que há entre vós no Senhor Jesus, e o amor para com todos os santos, [16]*não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações,* [17]*para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele,* [18]*iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos,* [19]*e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia do seu poder;* [20]*o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais,* [21]*acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro.*

[22]*E pôs todas as coisas debaixo dos seus pés e, para ser o cabeça de todas as coisas, o deu à igreja,* [23]*a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas.*

Embora Paulo esteja naturalmente pensando nos seus leitores da Ásia, aos quais está escrevendo, mesmo assim, no decorrer do primeiro capítulo da sua carta, dirige-se mais a Deus do que a eles. Começa com uma grande bênção (1:3-14) e continua com uma grande intercessão (1:15-23). Efésios 1 está, na realidade, dividido nestas duas seções. Primeiro, bendiz a Deus por nos ter abençoado em Cristo; depois, ora pedindo que Deus abra nossos olhos para entendermos plenamente esta bênção.

Para se ter uma vida cristã saudável, ainda hoje, é de vital importância seguir o exemplo de Paulo e manter unidos o louvor e a oração. Muitos, no entanto, não conseguem este equilíbrio. Alguns cristãos apenas oram em favor de novas bênçãos espirituais, aparentemente ignorando o fato de que Deus já os abençoou em Cristo com toda bênção espiritual. Outros dão tanta ênfase à indubitável verdade que em Cristo tudo já é deles, que se tornam negligentes e não demonstram vontade de conhecer ou experimentar com maior profundidade seus privilégios cristãos. Ambos se polarizam, desviando-se do ensino das Escrituras, perdendo assim o equilíbrio espiritual.

O que Paulo faz em Efésios 1 e nos encoraja a fazer o mesmo, é continuar louvando a Deus, porque em Cristo todas as bênçãos espirituais são nossas, e também continuar orando para que conheçamos a plenitude daquilo que ele nos deu. Se conservarmos juntos o louvor e a oração, as ações de graças e a petição, isto nos ajudará a manter o nosso equilíbrio espiritual.

Continuando nossa comparação das duas seções de Efésios 1, outro aspecto nos chama a atenção: ambas são essencialmente trinitarianas. Estão dirigidas a Deus Pai: as ações de graças ao *Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo* (v. 3) e a intercessão ao *Deus de nosso Senhor Jesus Cristo* (v. 17), que também é chamado de "o Pai da glória" ou "o glorioso Pai" (BV). Além disso, as duas se referem especificamente à obra de Deus em e através de Cristo, porque, de um lado, *nos tem abençoado... em Cristo* (v. 3) e, por outro, *exerceu em Cristo* um eficaz ato de poder quando o ressuscitou e o entronizou (v. 20). E, em terceiro lugar, as duas seções do capítulo aludem, ainda que indiretamente, à obra do Espírito Santo, visto que as bênçãos que outorga em Cristo são *espirituais* (v. 3), e somente mediante um *espírito* (ou Espírito) *de sabedoria e de revelação* podemos chegar a conhecê-las (v. 17). Não acho que discernir esta estrutura trinitariana seja forçar o texto. A fé cristã e a vida cristã são fundamentalmente trinitarianas. Uma é a resposta à outra. O Pai nos trouxe bênçãos através do Filho e por meio do Espírito, por isso podemos nos aproximar dele em oração, também através do Filho e por meio do Espírito (cf. 2:18).

O que levou Paulo a orar a favor de seus leitores foi o que ouviu a respeito deles. No parágrafo anterior escreveu em termos gerais que nós, isto é, ele e os demais cristãos judeus, eram *os que de antemão esperamos em Cristo* (v. 12) e que seus leitores, cristãos gentios, tinham *ouvido a palavra da verdade... e crido* em Cristo (v. 13). Agora torna-se mais pessoal: *...eu, tendo ouvido a fé que há entre vós no Senhor Jesus, e o amor para com todos os santos.* Embora pareça estranho, os melhores manuscritos omitem "o amor". Sem estas palavras, "o Senhor Jesus" e "todos os santos" são colocados no mesmo plano como objeto da fé dos efésios. Tão estranha é esta noção da fé em cristãos tanto quanto em Cristo, e tão diferente daquilo que Paulo escreveu em outros lugares, que temos uma escolha a fazer: ou seguimos Markus Barth que traduz "fé" por "fidelidade" ou "lealdade", que é "algo semelhante ao amor"[1] e que pode ser dirigida tanto a Cristo, quanto aos cristãos; ou concluimos, mesmo contra a forte evidência dos manuscritos, que as palavras "o amor" foram realmente escritas por Paulo, mas provavelmente omitidas por um copista antigo. Neste último caso, temos para a dupla: fé em Cristo e amor para com

[1] Barth, *Ephesians*, I, pág. 146.

seu povo, um paralelo exato em Colossenses 1:4. Todo cristão crê quanto ama. A fé e o amor são graças cristãs básicas, como também é a esperança, o terceiro membro da tríade, mencionada no v. 12 e que volta a ocorrer no v. 18. É impossível estar em Cristo e não se achar atraído tanto a ele na fé como ao seu povo em amor (a *todos* eles também, neste caso os judeus e os gentios sem distinção).

Tendo ouvido falar da fé e do amor cristãos que eles expressavam, Paulo diz que não cessa de dar graças a Deus por eles (reconhecendo-o como o autor de ambas as qualidades), e depois intercede por eles. Porque a despeito da sua incessante gratidão a Deus por eles, ainda não está satisfeito. Qual é, então, o seu pedido? Não é que recebam uma "segunda bênção" mas, sim, que reconheçam toda a extensão da bênção que já receberam. Assim sendo, a essência da sua oração por eles é *para saberdes* (v. 18). Embora suas outras orações registradas tenham um alcance maior do que esta, todas incluem uma petição semelhante, ou pelo "poder para compreender" (3:8), ou pelo "conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual"[2],ou pelo "pleno conhecimento e toda a percepção".[3] Devemos estar atentos a esta ênfase. Crescer no conhecimento é indispensável para crescer na santidade. Na realidade, o conhecimento e a santidade estão ainda mais intimamente vinculados do que como meio e fim. O *conhecimento*, em prol do qual Paulo ora, é melhor expresso pelo conceito hebraico, pois acrescenta o conhecimento da experiência ao conhecimento do entendimento, e também enfatiza *o pleno conhecimento dele* (v. 17), conhecimento pessoal do próprio Deus, como o contexto dentro do qual é para *sabermos qual é...* (v. 18), ou seja: para que cheguemos a conhecer verdades sobre ele. Não existe nenhum conhecimento maior do que o conhecimento do próprio Deus. Conforme a expressão de Adolphe Monod: "A filosofia que toma o homem por seu centro diz *conhece-te a ti mesmo*; somente a palavra inspirada que procede de Deus tem conseguido dizer *conhece a Deus*".[4]

Tal conhecimento é impossível sem a revelação. Paulo, portanto, ora que Deus lhes *conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele* (v. 17). Embora o texto citado escreva *espírito* com a inicial minúscula, é provável que a referência seja ao Espírito Santo, visto que as Escrituras falam dele como sendo "o Espírito da verdade", o agente da revelação, e o mestre do povo de Deus. Não se trata de pedirmos a Deus que "dê" o próprio Espírito àqueles que já o receberam e que foram *selados* com ele (v. 13) mas, sim, que podemos e devemos orar a favor do seu ministério de iluminação. É por causa da sua confiança neste ministério do Espírito que Paulo pôde continuar sua oração: *iluminados os*

[2] Cl 1:9. [3] Fp 1:9. [4] Citado por Findlay, pág. 68.

olhos do vosso coração, para saberdes... Na linguagem bíblica, o coração é o completo eu, que consiste da mente bem como da emoção. Portanto, *os olhos do coração* são simplesmente nossos "olhos interiores", que precisam ser abertos ou *iluminados* antes de podermos compreender a verdade de Deus.

O apóstolo agora reúne três grandes verdades que deseja que seus leitores (através da iluminação do Espírito Santo) saibam na mente e na experiência. Elas referem-se ao chamamento, à herança e ao poder de Deus. Mais especificamente, ora para que conheçam a *esperança* do chamamento de Deus, a *glória* (até mesmo *a riqueza da glória*) da sua herança, e a *grandeza* (até mesmo *a suprema grandeza*) do seu poder.

1. A esperança do chamamento de Deus

O chamamento de Deus nos faz relembrar o início da nossa vida cristã. "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou."[5] É verdade que invocamos a Deus para nos salvar,[6] mas nossa chamada foi uma resposta à dele.

A pergunta agora é: para quê Deus nos chamou? Seu chamamento não era algo sem sentido ou sem propósito. Deus tinha um objetivo quando nos chamou. Chamou-nos a alguma coisa e para alguma coisa. Este é o significado de *a esperança do seu chamamento* (v. 18), que em 4:4 é referida como sendo a "esperança da *vossa* vocação". É a expectativa que desfrutamos como resultado do fato de que Deus nos chamou.

O próprio Novo Testamento nos conta o que é isto. É uma expectativa rica e variada. Deus, pois, nos chamou "para sermos de Jesus Cristo" e "à comunhão de... Jesus Cristo".[7] Chamou-nos "para sermos santos" ou "nos chamou com santa vocação", visto que aquele que nos chamou é santo e nos diz: "Sede santos, porque eu sou santo."[8] Uma das características do povo "santo" ou especial de Deus é a libertação do jugo da lei. Não devemos, portanto, recair na escravidão, pois "fomos chamados à liberdade".[9] Outra característica é a comunhão harmoniosa através das barreiras das raças e das classes, porque "fomos chamados em um só corpo" para desfrutarmos da "paz de Cristo", e devemos viver uma vida que é "digna da vocação a que fomos chamados... suportando-nos uns aos outros em amor".[10] Ao mesmo tempo em que podemos desfrutar de paz dentro da comunidade cristã, forçosamente experimentamos oposição do mundo descrente. Não devemos reagir com agressão, no entanto: "Porquanto para isto mesmo (este sofrimento injusto e esta perseverança pa-

[5] Rm 8:30. [6] Rm 10:12—13. [7] Rm 1:6; 1 Co 1:9.
[8] Rm 1:7; 1 Co 1:2; 2 Tm 1:9; 1 Pe 1:15; cf. 1 Ts 4:7.
[9] Gl 5:1, 13. [10] Cl 3:15: Ef 4:1—2:.

ciente) fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos."[11] Além disso, sabemos que a glória se encontra após o sofrimento. Deus, pois, também nos chamou "para o seu reino e glória" ou "à sua eterna glória em Cristo". É o que Paulo chama de "a soberana vocação em Cristo Jesus", razão pela qual avança na corrida cristã em direção ao alvo.[12]

Tudo isso estava na mente de Deus quando nos chamou. Chamou-nos para Cristo e para a santidade, para a liberdade e para a paz, para o sofrimento e para a glória. Simplificando, trata-se de uma chamada para uma vida totalmente nova em que conhecemos, amamos, obedecemos e servimos a Cristo, desfrutamos da comunhão com ele e uns com os outros, e olhamos além do nosso presente sofrimento para a glória que um dia será revelada. Esta é *a esperança do seu chamamento*. Paulo ora que nossos olhos sejam abertos para conhecê-la.

2. A glória da herança de Deus

A segunda oração do apóstolo é para que saibamos *qual a riqueza da glória da sua herança nos santos* (v. 18b). A expressão grega, como também em português, pode significar ou a herança de Deus ou a nossa, ou seja: ou a herança que ele recebe ou a herança que ele outorga. Alguns comentaristas a entendem no primeiro sentido e dizem que se refere à herança que Deus possui entre o seu povo. Certamente os autores do Antigo Testamento ensinavam de modo consistente que o povo de Deus era sua "herança" ou "possessão", e no capítulo anterior achamos uma referência a esta verdade nos vs. 12 e 14. Mas a passagem correlata em Colossenses 1:12 sugere fortemente a outra interpretação, a saber: que a "herança de Deus" refere-se àquilo que ele nos dará, pelo que devemos dar graças ao Pai "que nos fez idôneos à parte que nos cabe da herança dos santos na luz".

Neste caso, se o *chamamento* de Deus aponta de volta para o começo da nossa vida cristã, a *herança* de Deus aponta para a frente, para o seu fim, para aquela herança final da qual o Espírito Santo é a garantia (v. 14) e que Pedro descreve como sendo "incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros".[13] Os filhos de Deus são, pois, os herdeiros de Deus e, de fato, "co-herdeiros com Cristo",[14] e um dia, pela sua graça, a herança será nossa. Está além da nossa capacidade de imaginar como será. Portanto seremos sábios se não formos por demais dogmáticos a respeito. Mesmo assim, certos aspectos foram revelados no Novo Testamento, e não erraremos se nos firmarmos neles. Somos informados que hemos de *ver* a Deus e a seu Cristo, e que o adoraremos;

[11] 1 Pe 2:21. [12] 1 Ts 2:12; 1 Pe 5:10; Fp 3:14. [13] 1 Pe 1:4. [14] Rm 8:17.

que esta visão *bendita* será uma visão transformadora, pois "quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele", não somente no corpo como também no caráter; e que desfrutaremos de perfeita comunhão uns com os outros. A herança de Deus (a herança que ele nos dá) não será uma pequena festa particular para cada indivíduo mas, sim, em meio a muitos, *nos santos* ao nos juntarmos àquela "grande multidão que ninguém pode enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro".[15]

Paulo não considera que seja presunçoso pensarmos acerca da nossa herança celestial ou até mesmo antegozá-la com alegria e gratidão. Pelo contrário, ele ora para *saberdes*, a sua *glória*, de fato, *a riqueza da glória da sua herança*

3. A grandeza do poder de Deus

Se o *chamamento* de Deus olha para trás, para o começo, e se a *herança* de Deus olha para a frente, para o fim, então, decerto, o *poder* de Deus abrange o período interino, pois somente o seu poder pode cumprir a expectativa que pertence ao seu chamamento e nos trazer com segurança às riquezas da glória da herança final que nos dará no céu. Paulo está convencido de que o poder de Deus é suficiente, e acumula palavras para nos convencer. Escreve não somente do *poder* de Deus, como também da *eficácia da força do seu poder* (v. 19), e ora para que saibamos a *grandeza* dele, realmente a grandeza *suprema* dele, *para com os que cremos.*

Como chegaremos a conhecer a suprema grandeza do poder de Deus? Porque ele deu uma demonstração pública na ressurreição e exaltação de Cristo (vs.20-23). Paulo realmente refere-se a três eventos sucessivos: primeiro, *ressuscitando-o dentre os mortos* (v. 20a); em segundo lugar, *fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais*, muito acima de qualquer concorrente (vs.20b , 21), *E pôs todas as coisas debaixo dos seus pés* (v. 22a); e, em terceiro lugar, *para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo...* (v. 22b , 23). Estes três eventos são interligados. É em função da ressurreição de Cristo dentre os mortos e sua entronização sobre os poderes do mal que ele se tornou o cabeça da igreja. A ressurreição e a ascensão eram demonstrações decisivas do poder divino. Pois se há dois poderes que o homem não pode controlar, mas que, pelo contrário, sobre ele exercem domínio, são a morte e o mal. O homem é mortal. Não pode evitar a morte. O homem está caído. Não pode vencer o mal. Deus em Cristo, porém, derrotou a morte e o mal e, portanto, pode nos salvar de ambos.

[15] Para o ensino neotestamentário acerca da nossa herança celestial, aludido aqui, ver Ap 22:3—4:; 1 Jo 3:2; Fp 3:21; Ap 7:9; cf. At 20:32.

a. A ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos

A morte é uma inimiga amarga e implacável. Chegará a todos nós, um dia. Há poucos anos, fui chamado a um hospital em Londres, para visitar uma irmã que ali chegara em estado de emergência. Pensei que a acharia próxima da morte, mas, pelo contrário, ela estava na cama e sorrindo. "Quando me trouxeram para cá", disse ela, "os médicos e as enfermeiras se reuniram ao meu redor como se eu fosse morrer. Mas resolvi que não ia morrer!" Era uma observação corajosa, mas não inteiramente exata. Na realidade, aquela senhora morreu numa ocasião posterior. Podemos, por vezes, adiar a morte; porém não podemos escapar dela. E, depois da morte, nada pode impedir o processo de decadência e de decomposição. Até mesmo as técnicas mais sofisticadas de embalsamento usadas pelos agentes funerários mais capazes não podem conservar o corpo para sempre. Não: somos pó, e para o pó inevitavelmente voltaremos.[16] Nenhum poder humano pode evitar isso, e muito menos trazer um morto de volta à vida.

Deus, porém, tem feito o que o homem não pode fazer. Ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos. Primeiro, paralisou o processo natural da decadência e não permitiu que seu Santo visse a corrupção.[17] Depois, não somente inverteu o processo, restaurando a vida ao Jesus morto, mas também o transcendeu. Levantou Jesus para uma vida totalmente nova (imortal, gloriosa e livre), que ninguém experimentara antes, e que ninguém experimentou depois, pelo menos por enquanto.

Esta era a primeira parte da demonstração pública do poder de Deus. Ressuscitou Jesus dentre os mortos para uma nova dimensão de experiência humana. O túmulo vazio e os aparecimentos após a ressurreição eram as evidências. Seria impossível, portanto, fazer o ensino de Paulo nesta passagem encaixar-se com as tentativas de reconstruções feitas pelos que a querem desmistificar. Rudolph Bultmann sempre será lembrado pela sua tese de que "Cristo ressuscitou para dentro do *Kerigma*". Ou seja: não ressuscitou em qualquer sentido objetivo histórico ou físico, mas somente na recuperação da fé dos seus discípulos e na proclamação (*kerygma*) triunfante deles. O que, porém, Paulo propõe aqui como uma demonstração do poder divino é o que Deus *realizou em Cristo*, não nos seus seguidores.

b. A entronização de Jesus Cristo sobre todo o mal

Tendo ressuscitado Jesus dentre os mortos e fora do domínio da morte, Deus fê-lo *sentar à sua direita nos lugares celestiais* (v. 20). Ou seja: promoveu-o para o lugar de honra suprema e de autoridade executiva. Ao

[16] Gn 3:19. [17] At 2:27.

fazer assim, cumpriu a promessa messiânica do salmo 110:1: "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés." Reminiscências deste versículo podem ser achadas não somente nas referências à *direita* de Deus, e a Cristo levado a *sentar* ali, como também na declaração posterior que Deus colocou todas as coisas "debaixo dos seus pés", tornando-as, portanto, seu "escabelo". No salmo 110 são seus inimigos que ficam "debaixo dos seus pés". Parece seguro supor, portanto, que os "principados e potestades" acima dos quais foi exaltado (*todo principado, e potestade, e poder, e domínio*) aqui não sejam anjos mas, sim, demônios, aqueles "dominadores deste mundo tenebroso" ou as "forças espirituais do mal" contra os quais Paulo mais tarde nos conclama a lutar,[18] pois, sem dúvida, ainda não reconheceram, de modo definitivo, a vitória de Cristo.[19] A expressão mais geral que se segue, *todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro* (v. 21b), pode ser acrescentada a fim de também incluir os anjos, bem como qualquer outro ser inteligente que se possa conceber, sobre os quais Jesus reina com supremacia absoluta.

Que todas as coisas agora estão debaixo dos pés de Jesus é provavelmente também uma alusão a outra faceta do ensino bíblico. Adão, feito à semelhança de Deus, recebeu o domínio sobre a terra e suas criaturas, e não o perdeu totalmente quando caiu na desobediência. Pelo contrário, o salmista, meditando sobre o registro da criação do homem em Gênesis 1, dirige-se a Deus com as seguintes palavras: "Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão, e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu e os peixes do mar..."[20] Mesmo assim, o domínio do homem tem sido limitado pela queda, e é corrompido sempre que ele explora ou polui o ambiente, pois originalmente foi nomeado para ser o mordomo responsável por ele. Desta maneira, o pleno domínio que Deus pretendeu que o homem desfrutasse, presentemente é exercido apenas pelo homem Cristo Jesus: "Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele (isto é, ao homem) sujeitas, vemos todavia... Jesus... coroado de glória e de honra..."[21] Jesus já destronou a morte e um diâ este "último inimigo" será definitivamente destruído.[22]

c. Jesus Cristo como cabeça da igreja

Paulo ainda não acabou de explicar a exaltação soberana de Jesus. Escreveu sobre a ressurreição de Jesus *dentre os mortos* (v. 20) e sobre a entro-

[18] 6:12; ver a discussão sobre a identidade destes "poderes".
[19] 1 Co 15:25; Hb 10:13. [20] Gn 1:27—2:28; Sl 8:6—8:.
[21] Hb 2:5—9:. [22] Hb 2:14, 15; 1 Co 15:25—2:27.

nização *acima de todo principado* (v. 21); agora, porém, passa a relatar o significado deste triunfo duplo *para a igreja* (v. 22). Esboça esta verdade adicional com duas magníficas expressões, sendo que ambas têm causado muitos problemas aos comentaristas. A primeira é que Deus fez Jesus "o cabeça sobre todas as coisas para a igreja, a qual é o seu corpo" (vs. 22-23a), e a segunda é a frase *a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas* (23b). Por mais difíceis que estas cláusulas sejam, são tão importantes que devemos dispender um pouco de tempo para entendê-las.

A primeira fala de Jesus como *cabeça*, e lhe atribui uma soberania que se estende sobre *todas as coisas*. "Todas as coisas" são mencionadas duas vezes no versículo 22, e, no contexto, abrange não somente o universo material como também, e especial, todos os seres inteligentes, bons e maus, angelicais e demoníacos, que o povoam. Cristo domina sobre este universo e sobre estes seres. Visto que *todas as coisas* foram postas debaixo de seus pés por Deus, ele é então, *o cabeça de todas as coisas*. O "cabeça" e os "pés", o "sobre" e o "debaixo", são obviamente complementares.

Mas Paulo vai além disso. Sua lição não é apenas que Deus fez de Jesus cabeça sobre todas as coisas mas, sim, que o deu *(edōke) como cabeça-sobre-todas-as-coisas, à igreja, a qual é o seu corpo*. Aquele, pois, a quem Deus deu à igreja para ser seu cabeça, já era cabeça do universo. Logo, tanto o universo quanto a igreja têm em Jesus Cristo o mesmo cabeça.

Outra expressão enigmática, para cuja tentativa de elucidação já se gastaram rios de tinta de imprensa é a última: *a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas*. Todos os leitores de Efésios devem ter consciência das três explicações alternativas principais destas palavras. No que diz respeito à gramática e à linguagem, todas as três são possíveis, e todas as três têm seus defensores de distinção. A minha opção pela terceira, é por razões de contexto e de analogia das Escrituras, mais do que de gramática e de vocabulário. O leitor, porém, deve chegar à sua própria decisão.

A primeira explicação entende a frase como sendo uma descrição, não da igreja (o corpo) mas, sim, de Cristo (o cabeça), isto é... a igreja, a qual é o corpo daquele que é *a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas*. Neste caso, Paulo está dizendo, não que a igreja é a plenitude de Cristo, mas que Cristo é a plenitude de Deus, o qual enche a Cristo assim como realmente enche todas as coisas. À primeira vista, esta é uma interpretação atraente. Harmoniza-se no contexto da supremacia de Cristo. Também tem paralelos nas Escrituras, pois diz-se noutro lugar que Deus "enche os céus e a terra"[22a] e em Colossenses diz-se que a plenitu-

[22a] Jr 23:24; cf. 1 Ts 8:27; Sl 139:7.

de da Divindade habita em Cristo.[23] Também esta interpretação possui partidários eruditos, que incluem, entre outros, Teodorete, e, nos tempos modernos, C. F. D. Moule de Cambridge[24] e G. B. Caird de Oxford.[25] Mesmo assim, as dificuldades são consideráveis. Entre outras coisas, a sintaxe é desajeitada, por requerer que Deus seja tanto o sujeito e o objeto da mesma frase ("Deus... deu como cabeça da igreja Cristo, que é a plenitude de Deus"). Outra coisa: os paralelos não são exatos. Colossenses diz, na verdade, que a plenitude de Deus habita "em Cristo", mas não chega ao ponto de identificar Cristo com a plenitude de Deus. Hodge até mesmo diz que está última identificação não tem base bíblica: "Diz-se que a plenitude da Divindade está em Cristo; mas nunca se diz que Cristo é a plenitude de Deus."[26] E há outro paralelo inexato. Tanto em Efésios quanto em Colossenses é Cristo, e não Deus, que "enche todas as coisas".[27]

Se, pois, rejeitamos com hesitação esta primeira explicação, passamos para mais duas, sendo que as duas entendem ser "a plenitude" uma descrição da igreja ao invés de Cristo. Estes versículos contêm o primeiro emprego da palavra "igreja" em Efésios. É inicialmente identificada como sendo o "corpo" de Cristo, e depois como sua "plenitude", *a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas*. A dificuldade aqui é que o substantivo "plenitude" (*pleērōma*) pode ter um significado ativo ou passivo. Ativamente, significa "aquilo que enche" ou "o conteúdo" de alguma coisa; passivamente significa "aquilo que é enchido", não o conteúdo, mas, sim, o recipiente. Os dois sentidos têm sido aplicados ao texto que estamos considerando.

Primeiro tomemos o sentido ativo: "aquilo que enche ou completa". Os estudiosos estão de acordo que este era o uso mais comum de *plērōma*. No Grego clássico era usado para o conteúdo de uma tigela ou de uma bacia, ou da carga do navio ou da sua tripulação. Este significado ativo é freqüente no Novo Testamento. Por exemplo, os fragmentos de pães e peixes que encheram os cestos são *pleērōmata*.[28] *Pleērōma* é a palavra usada para um "remendo" de pano novo e não encolhido quando é costurado numa veste velha, que enche o buraco ou o rasgo.[29] Mais uma vez, na citação do Salmo 24:1, "ao Senhor pertence a terra", a expressão grega que traduz "e tudo o que nela se contém" é "e a sua plenitude" isto é, o seu conteúdo.[30] E já vimos que a plenitude de Deus habita em Cristo, o que significa que tudo quanto o Pai é também o Filho é.[31]

[23] 1:19; 2:9.
[24] *Colossians and Philemon* (Cambridge University Press, 1957), pág. 168. [25] Caird, pág. 48.
[26] Hodge, pág. 88. [27] Ef 4:10; Cl 1:16—1:7. [28] Mc 6:43; cf. 8:20.
[29] Mc 2:21; Mt 9:16. [30] 1 Co 10:26. [31] Cl 1:19; 2:9.

Se é este o sentido de *pleērōma* em Efésios 1:23, então diz-se que a igreja *enche* ou *completa* a Cristo, e Cristo é representado como estando incompleto sem ela. Não se pode negar que este sentido é compatível com a metáfora de cabeça-corpo que Paulo acaba de empregar. Assim, a igreja é "o complemento de Cristo, que é o cabeça" (AG), "assim como o corpo é o complemento necessário da cabeça a fim de formar um homem completo".[32] Por surpreendente que seja este pensamento, comentaristas notáveis do passado e do presente o abraçaram. Calvino adotou o seguinte ponto de vista: "Como esta palavra *plenitude* Paulo quer dizer que o nosso Senhor Jesus Cristo e até mesmo o próprio Deus Pai consideram-se imperfeitos, a não ser que nós estejamos ligados a ele... como se um pai dissesse: Minha casa me parece vazia quando o meu filho não está. Um homem casado, dirá: Pareço ser apenas metade de um homem quando a minha esposa não está comigo. Da mesma maneira, Deus diz que não se considera pleno e perfeito, a não ser que nos reunamos com ele e façamos com que todos nós sejamos um com ele mesmo.[33] De modo semelhante, William Hendriksen escreve acerca de Cristo: "Como noivo, é incompleto sem a noiva; como videira, não se pode pensar nele sem os ramos; como pastor, não é visto sem suas ovelhas; e assim também, como cabeça tem plena expressão no seu corpo, a igreja."[34] Na mesma tradição da igreja reformada, Charles Hodge inclina-se a esta interpretação, e baseia sua decisão na evidência lingüística: "Em qualquer outro caso em que ocorre no Novo Testamento o termo *pleērōma*, ele é usado ativamente: *aquilo que enche*. O uso comum da palavra no Novo Testamento indica que a palavra deve ser entendida aqui num sentido ativo."[35]

Além disso, o particípio que se segue pode ser traduzido de maneira a apoiar esta explicação. É verdade que *pleēroumenou* pode estar na voz média, e assim ter um sentido ativo. Assim é entendido pela ERAB, "aquele que enche". Assim é que as versões antigas (P. ex. Latina, Siríaca e Egípcia) entenderam, bem como os grandes comentaristas Orígenes e Crisóstomo. Então o substantivo ativo e o verbo passivo se encaixam com perfeição, e a igreja é "aquilo que enche a Cristo que está sendo enchido por ela". Dos comentaristas mais modernos, Armitagem Robinson é que tem tido mais sucesso em popularizar esta interpretação. Afirmando que esta é "talvez a expressão mais notável na epístola",[36] passa a explicá-la: "Num sentido misterioso a igreja é aquilo sem o qual Cristo não está completo, mas com o qual está, ou estará, completo. Ou seja, o apóstolo considera que Cristo, em certo sentido, espera a completação, e é destinado no propósito de Deus a achar a completação na igreja."[37] Assim sendo,

[32] Bruce, pág. 45. [33] Calvino, págs. 122-3. [34] Hendriksen, pág. 104. [35] Hodge, págs. 89-90.
[36] Armitage Robinson, pág. 42. [37] *Ibid.*, págs. 42, 43, cf. *ibid.*, pág. 259.

parafraseia: "A Cabeça acha completação no Corpo: a Igreja é a completação de Cristo: pois o Cristo está sendo *completado em todas as coisas*, está avançando para uma completação absoluta e que a tudo abrange."[38]

Agora chegamos à terceira alternativa, que entende *pleērōma* no sentido passivo, não como "aquilo que enche" mas, sim, como "aquilo que é enchido"; não o conteúdo mas, sim, o recipiente que fica cheio. Segundo AG, é "muito mais provável que seja este o significado aqui". Logo, *se for assim, a igreja é a plenitude de Cristo porque ele a enche. E aque*le que a enche é descrito ou como enchendo *todas as coisas*, ou seja, a criação inteira, que é exatamente o que se diz que ele faz em 4:9, 10, ou como sendo ele mesmo enchido, isto é, por Deus, como em Colossenses 1:19 e 2:9. Juntando as duas partes da cláusula, significará, então, ou que Cristo, que enche a igreja, enche o universo também; ou que Cristo que enche a igreja, está sendo ele mesmo enchido por Deus. A primeira interpretação é a mais natural, porque Deus não é mencionado pelo nome. Mas, de qualquer maneira, a igreja é a "plenitude" de Cristo no sentido de que ela o completa.

Depois de considerável reflexão sobre a passagem inteira e sobre as exposições de muitos comentaristas, cheguei a pensar que esta última alternativa tem a maior probabilidade de ser a interpretação mais correta, por três razões. Primeiro, pela analogia das Escrituras. O mais seguro de todos os princípios da interpretação bíblica é permitir que as Escrituras expliquem as Escrituras. Certamente , em nenhuma outra parte das Escrituras diz-se explicitamente que a igreja *enche* ou *completa* a Cristo,[39] ao passo que constantemente se diz que Cristo habita e enche a sua igreja. A igreja, portanto, é o templo de Deus (2:21-22). Assim como sua glória enchia o templo de Jerusalém, assim também hoje Jesus Cristo, que é a glória de Deus, enche a igreja mediante o seu Espírito.

Em segundo lugar, o contexto confirma esta interpretação. Na parte posterior de Efésios 1, Paulo refere-se à ressurreição e à entronização de Jesus como a demonstração histórica mais destacada do poder de Deus. Sua ênfase do começo ao fim recai sobre o senhorio e a soberania de Jesus sobre todas as coisas. Para ele, dizer que a igreja de alguma maneira "completa" este Cristo supremo seria muito incoerente. Uma solução mais apropriada decerto seria ressaltar que este Cristo supremo enche a sua igreja, como também enche o universo.

O terceiro argumento diz respeito à associação, no versículo 23, de seu *corpo* com sua *plenitude*, como descrições sucessivas da igreja. Es-

[38] *Ibid.*, pág. 45. [39] É verdade que em Cl 1:24 Paulo declara que seus sofrimentos "completam" os de Cristo, mas a referência diz respeito especificamente ao sofrimento e, realmente, aos seus próprios sofrimentos, e não aos da igreja.

tando estes dois quadros em aposição, é natural esperar que os dois ilustrem pelo menos uma verdade semelhante, a saber: o governo de Cristo sobre a sua igreja. A igreja é o seu *corpo* (ele a dirige); a igreja é sua *plenitude* (ele a enche). Além disso, os dois quadros ensinam o duplo domínio de Cristo sobre o universo e sobre a igreja. Se por um lado Deus deu Cristo à igreja como cabeça-sobre-todas-as-coisas (v. 22), por outro a igreja é enchida por Cristo que também enche todas as coisas (v. 23). É isto que leva Markus Barth a ir além e propor até mesmo uma fusão das metáforas. Indicando que as figuras do *corpo* e da *plenitude* vêm juntas em Efésios 4:13-16 e em Colossenses 1:18-19, bem como aqui, e que médicos escritores, como Hipócrates e Galeno, que viveram aproximadamente no tempo de Paulo, pensavam na cabeça ou no cérebro como sendo aquilo que controla e coordena as funções do corpo, assim o Dr. Barth resume o entendimento de Paulo de que "a cabeça enche o corpo com poderes de movimento e de percepção, e assim inspira o corpo inteiro com a vida e direção".[40]

Conclusão

Já é hora de deixarmos as detalhadas questões com que tivemos de nos envolver para considerarmos o alcance da oração de Paulo a favor dos leitores. Para mim, um dos aspectos mais impressionantes é a ênfase dada por ele na importância para a maturidade cristã do *conhecimento* (*para saberdes*), juntamente com o seu ensino sobre como o conhecimento é atingido e como se relaciona com a fé. Esta instrução apostólica une aquilo que nós, nos dias de hoje, com muita freqüência separamos, com conseqüências desastrosas.

a. Iluminação e pensamento

O grande impacto da oração de Paulo está em que seus leitores tenham um conhecimento total do chamamento, da herança e do poder de Deus, especialmente deste último. Mas como esperava que sua oração fosse respondida? Como os cristãos crescem no entendimento? Alguns responderão que o conhecimento depende da iluminação do Espírito Santo. E têm razão, pelo menos em parte. Paulo, pois, ora para que o "Espírito de sabedoria e de revelação" aumente-lhes o conhecimento de Deus e ilumine-lhes os olhos do coração. Não temos a liberdade de inferir, a partir disso, que a nossa responsabilidade é somente orar e esperar a iluminação, e não raciocinar de modo algum. Outros cometem o erro oposto: empregam a

[40] Barth, *Ephesians*, I, pág. 208. Ver sua longa discussão sobre "Head, Body and Fullness", págs. 183-210.

mente e pensam, mas deixam pouco lugar para a iluminação do Espírito Santo.

O apóstolo Paulo coloca as duas coisas juntas. Primeiro ora que os olhos dos seus leitores sejam abertos para o conhecimento do poder de Deus. Depois, ensina que Deus já forneceu evidência histórica do seu poder quando ressuscitou e exaltou a Jesus. Portanto, Deus revelou o seu poder objetivamente em Jesus Cristo, e agora ilumina as nossas mentes pelo seu Espírito para entendermos esta revelação. Todas as nossas cogitações são improdutivas sem o Espírito da verdade; mesmo assim, a iluminação da parte dele não visa poupar-nos do trabalho de usar a nossa mente. É precisamente quando meditamos sobre o que Deus tem feito em Cristo que o Espírito abrirá os nossos olhos para compreendermos suas implicações.

b. Conhecimento e fé

Supõem alguns que a fé e a razão são incompatíveis. Não é assim. As duas nunca estão em oposição nas Escrituras, como se tivéssemos que escolher uma dentre as duas. A fé vai além da razão, mas baseia-se nela. O conhecimento é a escada através da qual a fé sobe mais alto, é o trampolim de onde pula mais longe.

Então, Paulo ora: "para saberdes... qual a suprema grandeza do seu poder para com os que *cremos*... o qual exerceu ele em Cristo..." É vital ver como Paulo junta os verbos "conhecer" e "crer". O mesmíssimo poder da ressurreição que Deus demonstrou em Cristo agora está disponível a nós. Primeiro, devemos conhecer a sua suprema grandeza, como é demonstrada na ressurreição e na entronização de Cristo e, depois, devemos tomar posse dela experimentalmente através da fé. Certamente já somos crentes. Nossa fé foi mencionada nos versículos 1, 13 e 15. Mas agora o particípio presente *pisteuontas* (v. 19) enfatiza a necessidade de um desenvolvimento contínuo da fé para compreendermos o poder de Deus. Assim sendo, o conhecimento e a fé têm necessidade um do outro. A fé não pode crescer sem uma base firme de conhecimento e o conhecimento é estéril se não produz a fé.

Quanto sabemos acerca do poder de Deus, que ressuscitou Jesus dentre os mortos e que lhe deu a vitória sobre o mal? É verdade que o mesmíssimo poder de Deus nos ressuscitou juntamente com Jesus da morte espiritual, e nos entronizou com Jesus nos lugares celestiais, conforme Paulo passará a mostrar em 2:1-10. Mas quanto disto é teoria e quanto é experiência? Não é difícil pensar na nossa fraqueza humana: nossa língua ou nosso gênio, nossa malícia, nossa cobiça, nossa concupiscência, nossos ciúmes ou nosso orgulho. Estas coisas certamente estão além da nossa capacidade de controle. E precisamos ser humildes para reconhecer este fato. "As palavras que o apóstolo emprega aqui são como muitos trovões

e raios, para abater e subjugar todo o orgulho do homem."[41] Mas as nossas fraquezas estão além do poder de Deus? Paulo logo nos assegurará que Deus é capaz de fazer infinitamente mais do que pedimos ou pensamos "conforme o seu poder que opera em nós" (3:20), e passará a nos exortar a sermos "fortalecidos no Senhor e na força do seu poder" (6:10). Este é o poder de Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos, e nos ressuscitou com ele. Colocou todas as coisas debaixo dos seus pés e pode colocar todo o mal debaixo dos nossos.

[41] Calvino, pág. 109.

2:1-10
3. Ressurretos com Cristo

Muitas vezes me indago se as pessoas de bem e de reflexão já se sentiram mais perplexas sobre a situação do homem do que nos dias atuais. Naturalmente, cada geração forçosamente tem visão ofuscada dos seus próprios problemas, porque está demasiadamente envolvida para fazer uma análise adequada. Mesmo assim, os meios de comunicação nos capacitam a entender a extensão mundial da iniqüidade contemporânea, e é esta que faz com que o cenário moderno pareça tão escuro. É em parte a escalada dos problemas econômicos (o crescimento populacional, a má utilização dos recursos naturais, a inflação, o desemprego, a fome); em parte o alastramento dos conflitos sociais (o racismo, o nacionalismo extremado, a luta de classes, a desintegração da vida familiar); e em parte a ausência de orientação moral (o que leva à violência, à desonestidade e à promiscuidade sexual). O homem parece ser incapaz de dirigir os seus próprios negócios ou de criar uma sociedade justa, livre, humanitária e tranqüila. O próprio homem está fora dos eixos.

Dentro da realidade sombria do mundo atual, Efésios 2:1-10 destaca-se com marcante relevância. Paulo primeiramente sonda as profundezas do pessimismo acerca do homem, e depois sobe às alturas do otimismo acerca de Deus. É esta combinação do pessimismo com o otimismo, do desespero com a fé, que se constitui no realismo revigorante da Bíblia. Porque o que Paulo faz nesta passagem é pintar um contraste vívido entre o que o homem é por natureza e o que pode vir a ser mediante a graça.

Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, [2]*nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência;* [3]*entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais.* [4]*Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou,* [5]*e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, —pela graça sois salvos,* [6]*e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus;* [7]*para mos-*

trar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. [8]*Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus;* [9]*não de obras, para que ninguém se glorie.* [10]*Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.*

É importante colocar este parágrafo no seu contexto. Consideramos anteriormente a oração de Paulo (1:15-23) no sentido de que os olhos interiores dos seus leitores fossem iluminados pelo Espírito Santo a fim de conhecerem as conseqüências do chamamento de Deus, a riqueza da herança que os aguarda no céu e, acima de tudo, a suprema grandeza do poder de Deus que já está disponível para eles. Deus deu uma demonstração histórica suprema deste poder ao ressuscitar Cristo dentre os mortos e ao exaltá-lo sobre todos os poderes do mal. Mas deu uma demonstração adicional dele ao nos ressuscitar e exaltar juntamente com Cristo, livrando-nos, assim, da escravidão à morte e ao mal. Este parágrafo, portanto, realmente faz parte da oração de Paulo para que eles (e nós também!) soubessem quão poderoso Deus realmente é. Suas primeiras palavras enfatizam este fato: "estando vós mortos..." Na frase em grego não há nenhum verbo que retrate a ação de Deus até o verículo 5 ("nos deu vida juntamente com Cristo"); nossas versões o trazem para o versículo 1 simplesmente para aliviar o desajeitado suspense de esperar tanto tempo por ele. De qualquer maneira, a seqüência do pensamento está clara: "Jesus Cristo estava morto, mas Deus o ressuscitou e o exaltou. E vós também estáveis mortos, mas Deus vos ressuscitou e exaltou com Cristo."

1. O homem por natureza, ou a condição humana (vs.1-3)

Antes de olharmos detalhadamente esta descrição desalentadora da raça humana distanciada de Deus, precisamos saber com clareza que é uma descrição de todas as pessoas. Paulo não está retratando uma tribo particularmente decadente ou um segmento degradado da sociedade, e nem mesmo o paganismo extremamente corrupto dos seus próprios dias. Não, este é o diagnóstico do homem caído na sociedade caída em todos os lugares. É verdade que Paulo começa com um *vós* enfático, indicando em primeiro lugar seus leitores gentios da Ásia Menor, mas passa rapidamente a escrever (v. 3a) que *todos nós andamos outrora* da mesma maneira (assim acrescenta a si mesmo e aos demais judeus), e conclui com uma referência aos *demais* seres humanos (v. 3b). Temos aqui, então, o conceito do apóstolo quanto a todos os homens sem Deus. É um quadro da condição humana universal. É uma condensação, em três versículos, dos três primeiros capítulos de Romanos, em que ele desenvolve uma tese sobre

o pecado e a culpa, inicialmente dos pagãos, depois, dos judeus, e então da totalidade da raça humana. Aqui seleciona três verdades terríveis sobre seres humanos não-regenerados, que nos inclui também, até Deus ter misericórdia de nós.

a. Estávamos mortos

Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora (vs. 1-2a). A morte à qual Paulo se refere não é uma figura de linguagem, como na parábola do filho pródigo: "Este meu filho estava morto". É uma declaração real da condição espiritual de todas as pessoas fora de Cristo. E sua origem é achada nos seus *delitos e pecados*. Estas duas palavras parecem ter sido cuidadosamente escolhidas para relatar de modo compreensivo o mal humano. Um *delito* (*paraptōma*) *é um passo falso, que envolve ou a travessia de uma fronteira conhecida ou um desvio do caminho certo. Um pecado* (*hamartia*), no entanto, significa mais um erro do alvo, deixando de chegar à altura de um padrão. Juntas, as duas palavras abrangem os aspectos positivo e negativo, ou ativo e passivo, do mau procedimento humano, ou seja, nossos pecados de comissão e de omissão. Diante de Deus somos tanto rebeldes quanto fracassados. Como resultado, estamos "mortos" ou "alheios à vida de Deus" (4:18). A vida verdadeira, pois, a *vida eterna*, é a comunhão com o Deus vivo, e a morte espiritual é a separação dele que o pecado inevitavelmente traz: "Mas as vossas iniqüidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça."[1]

Esta declaração bíblica sobre a condição de estarem mortas as pessoas não-cristãs levanta problemas para muitos, porque não parece de acordo com os fatos da realidade cotidiana. Muitas pessoas que não fazem qualquer profissão de fé cristã, e que até mesmo repudiam Jesus Cristo declaradamente, parecem estar bem vivas. Uma delas tem o corpo vigoroso de um atleta, outra, a mente lúcida de um intelectual, uma terceira, a personalidade brilhante de uma atriz de cinema. Devemos dizer que tais pessoas, se Cristo não as salvou, estão mortas? Sim, de fato, devemos dizer exatamente isto, e o dizemos com segurança. Na esfera que é de suprema importância (que não é o corpo, nem a mente, nem a personalidade mas, sim, a alma), elas não têm vida. E podemos perceber o fato. Estão cegas à glória de Jesus Cristo, e surdas à voz do Espírito Santo. Não têm amor por Deus, nenhuma consciência sensível da sua realidade pessoal, nenhum impulso do seu espírito em direção a ele com exclamação, "Aba, Pai", nenhum anseio pela comunhão com o povo de Deus. Estão

[1] Is 59:2.

tão indiferentes a ele quanto um cadáver. Logo, não devemos hesitar em afirmar que uma vida sem Deus (por mais sadia física e mentalmente que seja) é uma morte em vida, e que as pessoas que assim vivem estão mortas enquanto ainda vivem.[2] Afirmar este paradoxo é tornar-se consciente da tragédia básica da existência humana após a queda. É que pessoas que foram criadas por Deus e para Deus agora vivem sem Deus. De fato, esta foi a nossa condição até que o Bom Pastor nos encontrou.

b. Estávamos escravizados

Paulo não se limita a dizer simplesmente *andastes outrora nos vossos delitos e pecados*. A expressão é um hebraísmo, e indica o nosso comportamento ou estilo de vida anterior. Mas "andar" sugere (pelo menos às mentes ocidentais) um passeio agradável, com liberdade e tempo para desfrutar das belezas do nosso meio ambiente. Muito diferente, no entanto, era o nosso *andar em delitos e pecados*. Ali não havia nenhuma verdadeira liberdade mas, sim, uma escravidão pavorosa a forças que nos controlavam por completo. Quais eram elas? Se por trás da morte jaz o pecado, o que jaz por trás do pecado a ponto de nos manter em tal cativeiro? A resposta de Paulo, quando colocada na terminologia eclesiástica posterior, é o mundo, a carne e o diabo. Ele refere-se a estas três influências como sendo as que controlavam e dirigiam a nossa existência anterior pré-cristã.

Primeiramente, descreve-nos seguindo *o curso deste mundo*. A frase grega é "segundo o século deste mundo". Junta os dois conceitos de "este século" do mal e das trevas (em contraste com "a era do porvir" que Jesus introduziu) e de "este mundo", a sociedade organizada sem referência a Deus ou — conforme poderíamos dizer — o "secularismo" (em contraste com o reino de Deus, que é sua nova sociedade sob o seu domínio). Assim, as duas palavras, "século" e "mundo" expressam todo um sistema de valores sociais que está alienado de Deus. Permeia, e até mesmo domina, a sociedade não-cristã, e subjuga as pessoas ao cativeiro. Sempre que os seres humanos são desumanizados — pela opressão política ou pela tirania burocrática, por um ponto de vista secular (repudiando a Deus), ou amoral (repudiando absolutos), ou materialista (glorificando o mercado consumidor), pela pobreza, pela fome ou pelo desemprego, pela discriminação racial, ou por qualquer forma de injustiça — aí podemos detectar os valores sub-humanos do "presente século" e "deste mundo". A influência deles é persuasiva ao extremo. As pessoas tendem a não ter uma mente própria, mas entregam-se à cultura popular da televisão e das revistas sedutoras. É uma escravidão cultural. Nós todos éramos iguais até que Jesus nos libertasse. "Éreis arrastados ao longo da cor-

[2] Cf. 1 Tm 5:6.

rente das idéias deste mundo" (CIN).

Nosso segundo cativeiro foi ao diabo, que aqui é chamado de *o príncipe da potestade do ar* ou "o governante do reino do ar" (AG). A palavra *ar* pode ser traduzida por *atmosfera nebulosa*, que indica as trevas que o diabo prefere à luz. Mas esta frase significa simplesmente que ele tem o domínio sobre aqueles *principados e potestades* já mencionados, que operam no mundo invisível. Está fora de moda hoje em dia na igreja (mesmo estando o satanismo vicejando fora dela) crer num diabo pessoal ou em inteligências demoníacas pessoais, sob o comando dele. Não há, porém, nenhuma razão óbvia para que seja a moda eclesiástica o que dirija a teologia, já que o ensino claro de Jesus e dos seus apóstolos (sem mencionar a igreja dos séculos subseqüentes) endossava a existência malévola deles.

Uma frase adicional é *do espírito que agora atua nos filhos da desobediência*. Visto que a palavra *espírito* está no genitivo, não está em aposição a *príncipe* (acusativo). Devemos entender, pelo contrário, que "o príncipe da potestade do ar" também é "o príncipe do espírito que atua nas pessoas desobedientes". "Espírito" então passa a ser uma força ou disposição impessoal que está ativamente operando nas pessoas não-cristãs. Como as Escrituras identificam o diabo não apenas como a fonte das tentações ao pecado, mas também como um *leão* e um *assassino*, podemos com segurança fazer remontar a ele, em última análise, todo o mal, todo o engano e toda a violência. Quando se diz que ele e a disposição de ânimo que ele inspira agora atuam em seres humanos, o verbo (*energeō*) é o mesmo que se emprega para o poder de Deus (1:20), que ressuscitou Jesus dentre os mortos. Somente aquela energia ou ação divina poderia nos ter salvo do diabo.

A terceira influência que nos mantém na escravidão são *as inclinações da nossa carne* (v. 3a), onde *carne* não significa os tecidos vivos que cobrem o nosso esqueleto ósseo mas, sim, a nossa natureza humana caída e egocêntrica. As *inclinações* são definidas, ainda mais, como sendo *a vontade da carne e dos pensamentos*. Este acréscimo é especialmente importante porque demonstra o erro de equiparar as *inclinações da nossa carne* com o que popularmente chamamos de "os pecados da carne". Dois esclarecimentos são necessários. Primeiro, nada há de errado com os desejos naturais do corpo, seja para a comida, para o sono ou para o sexo pois Deus, criou o corpo humano desta maneira. É somente quando o apetite pela comida se transforma em glutonaria, o anseio pelo sono em preguiça, e o sexo é pervertido pela concupiscência, que os desejos naturais se transformam em desejos pecaminosos. Em segundo lugar, *as inclinações da carne* incluem os desejos errados da *mente* e não somente do *corpo*, ou seja: pecados tais como a soberba intelectual, a falsa ambi-

ção, a rejeição da verdade conhecida, e pensamentos maliciosos e vingativos. De fato, conforme a exposição de Paulo em Filipenses 3:3-6, a *carne* abrange todas as formas de autoconfiança, até mesmo o orgulho dos antepassados, dos pais, da raça, da religião e da justiça. Sempre que o "eu" levanta a sua terrível cabeça contra Deus ou contra o homem, eis aí a *carne*. Conforme F. F. Bruce corretamente comenta, "pode manifestar-se em formas respeitáveis bem como nas atividades infames do paganismo do século I".[3] E, por mais respeitável que seja a aparência externa (ou o disfarce em público) que ele adota, o nosso egocentrismo inveterado é uma escravidão horrível.

Assim, pois, antes de Jesus Cristo nos libertar, estávamos sujeitos a influências opressoras tanto internas como externas. Por fora estava o *mundo* a (cultura secular prevalecente); por dentro estava a *carne* (nossa natureza caída, profundamente ligada ao egocentrismo); e além desses dois, operando ativamente através destas influências, havia aquele espírito maligno, o diabo, o príncipe do reino das trevas, que nos mantinha em cativeiro. Não é que agora possamos convenientemente transferir toda a culpa da nossa escravidão para o mundo, para a carne e para o diabo, sem aceitarmos pessoalmente nenhuma responsabilidade. Pelo contrário, é significativo que, nestes versículos, "vós" e "nós" não são identificados com estas forças mas, sim, distinguidos delas, embora escravizados por elas. Nós mesmos, no entanto, somos chamados de *filhos da desobediência* (v. 2b), ou seja, "os súditos rebeldes de Deus". Tínhamos nos tornado rebeldes, de modo consciente e voluntário, contra a autoridade amorosa de Deus, e assim caímos sob o domínio de Satanás.

c. Estávamos condenados

Paulo ainda não terminou de descrever o nosso estado pré-cristão. Ele tem mais uma verdade desagradável para nos contar acerca de nós mesmos. Não somente estávamos mortos e escravizados, diz ele, mas também estávamos condenados: *éramos por natureza filhos da ira, como também os demais* (v. 3b). Não creio que haja outra expressão em Efésios que tenha provocado mais reação hostil do que esta. Alguns comentaristas fazem poucas tentativas, ou mesmo nenhuma, para entendê-la, e muito menos para defendê-la. Desconsideram-na, até, como sendo insustentável hoje. As causas dessa reação são três. Dizem respeito às palavras "ira", "filhos" e "por natureza". Agora devemos considerar com cuidado o que Paulo quer dizer com elas, e procurar esclarecer os mal-entendidos.

Primeiro, a ira de Deus. A ira de Deus não é como a do homem. Não é mau humor, como se ele pudesse perder as estribeiras a qualquer mo-

[3] Bruce, pág. 49.

mento. Não é despeito, nem malícia, nem animosidade, nem vingança. Nunca é intempestiva, visto ser ela a reação divina a apenas uma situação, a saber: o mal. Logo, é inteiramente previsível e nunca está à disposição de ânimo, à veneta, ou ao capricho. Além disso, não é a operação impessoal de retribuição na sociedade, "um processo inevitável de causa e efeito num universo moral", seja através da desintegração social, através da administração da justiça nos tribunais, ou de alguma outra forma, conforme C. H. Dodd argumentou no seu famoso comentário da série "Moffatt" sobre a carta aos Romanos.[4] O fato de que "ira" (*orgeē*) ou "a ira" (*heē orgeē*) ocorre sem o acréscimo das palavras "de Deus", não torna a sua ira impessoal, assim como a sua graça não se torna impessoal quando as palavras "de Deus" estão omitidas, como ocorre nos versículos 5 e 8 deste capítulo ("pela graça sois salvos"). Não, a ira que julga e a graça que salva são igualmente pessoais. São a ira e a graça de Deus.

Então, o que é a sua ira se não é uma reação impulsiva nem um processo impessoal? É a hostilidade pessoal, reta, e constante de Deus contra o mal, sua recusa firme de ceder o mínimo que seja para o mal, e sua resolução de, pelo contrário, condená-lo. Além disso, a sua ira não é incompatível com o seu amor. O contraste entre os versículos 3 e 4 é notável: *éramos por natureza filhos da ira... Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou...* Assim Paulo passa da ira de Deus para a misericórdia e o amor de Deus, sem sentir qualquer embaraço ou dificuldade. Paulo é capaz de firmá-las juntas na sua mente porque acreditava estarem juntas na personalidade de Deus. Devemos, penso eu, estar mais gratos a Deus pela sua ira, e adorá-lo por isso: porque sua justiça é perfeita, sempre reage contra o mal da mesma maneira imutável, previsível e intransigente. Sem sua constância moral, não poderíamos desfrutar de paz alguma.

O segundo problema que as pessoas acham está na frase *filhos da ira*. Estas palavras fazem pensar num quadro de crianças pequenas, até mesmo de recém-nascidos, sob a ira de Deus. Compreensivelmente, as pessoas não gostam desta projeção mental. Mas pode-se dizer com segurança que aqui não há alusão a crianças pequenas. A expressão é outro hebraísmo, como "filhos da desobediência" no versículo 2, e refere-se a pessoas de todas as idades. A BLH ajuda-nos ao traduzir esta expressão assim: "nós também estávamos destinados a sofrer o castigo de Deus".

O terceiro problema é o complemento adverbial *por natureza*. Em que sentido *por natureza* éramos objeto da ira e do julgamento de Deus? Para começar, podemos todos concordar que Paulo faz um contraste intencional entre aquilo que éramos *por natureza* (*phusei*, v. 3) e aquilo que

[4] (Hodder & Stoughton, 1932), pág. 23.

viemos a ser *pela graça* (*chariti*, v. 5). É um contraste entre o passado e o presente, entre o que éramos quando fomos deixados a nós mesmos, e o que viemos a ser porque Deus interveio em nosso favor; e, assim, entre o julgamento e a salvação: "Por natureza estávamos sob a ira de Deus, pela graça fomos salvos." Até aqui, tudo é claro e sem controvérsias.

Mas *phusei*, *por natureza*, parece descrever mais do que nossa condição *natural*, quando somos deixados por conta própria. Também parece indicar a origem da nossa condição "como membros de uma raça caída",[5] e assim levanta dificuldades sobre a nossa herança genética e, portanto, sobre a nossa responsabilidade moral. Será que a frase de Paulo é uma forma abreviada de algo mais longo como, por exemplo, que temos por nascença uma tendência ao pecado, de modo que realmente pecamos, e que o nosso pecado nos coloca debaixo do julgamento de Deus? Ou está dizendo que a nossa própria existência, como seres humanos, está sujeita, desde o nascimento, ao julgamento de Deus? Não há quem tenha feito um repúdio mais forte a este último pensamento do que R. W. Dale que, sem dúvida, fala em nome de muitos: "Esta frase às vezes é citada como se visasse afirmar a doutrina terrível de que pelo nosso mero nascimento incorremos na ira divina e que, à parte de qualquer iniqüidade voluntária, estamos sob a maldição divina. Esta teoria pavorosa não recebe qualquer apoio nem do Antigo nem do Novo Testamento.[6] Mesmo assim, R. W. Dale sabia que a própria doutrina que tão vigorosamente repudiava é ensinada pelas grandes confissões reformadas tais como nos Trinta e Nove Artigos (da Igreja Episcopal) e na Confissão de Fé de Westminster (da Igreja Presbiteriana). Assim é o Artigo 9º dos episcopais: "O pecado original não foi o de seguir a Adão (ou seja, imitá-lo)... mas, sim, é a falta ou a corrupção da natureza de todo homem que é naturalmente gerado da descendência de Adão; por isso, o homem afastou-se muito da justiça original, e por sua própria natureza está inclinado para o mal, de modo que a carne tem desejos sempre contrários ao espírito; e, portanto, toda pessoa nascida neste mundo merece a ira e a condenação da parte de Deus..." Noutras palavras, nossa própria natureza humana herdada merece, em si mesma, a ira e o julgamento de Deus. Parece que é isso que Paulo está ensinando aqui; como podemos entendê-lo?

Provavelmente, o melhor comentário seja o dele mesmo, conforme se acha em Romanos. Assim como estes versículos são uma versão condensada de Romanos 1-3, assim também a expresão *por natureza filhos da ira* é um resumo de Romanos 5:12-14. Ali seu argumento de que "a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram" não é que todos herdaram uma natureza pecaminosa que os levou a pecar e, portan-

[5] F. F. Bruce numa nota de rodapé, Simpson, pág. 46. [6] Dale, pág. 162.

to, a morrer mas, sim, que "todos pecaram" em Adão e com ele. O Antigo Testamento tem um forte sentido de solidariedade da raça humana. Fala da geração seguinte como estando já "nos lombos" da presente geração, verdade esta que, segundo se pode dizer, a genética moderna sublinha. Paulo está dizendo, pois, que não podemos fazer de Adão o nosso bode expiatório e culpá-lo por nosso pecado, por nossa culpa e por nossa condenação. Nós também estamos em Adão, pois pode ser dito com veracidade que nele e com ele incorremos na culpa e morremos. Não é neste sentido que podemos ser descritos como sendo *por natureza* pecadores e sujeitos ao justo julgamento de Deus? A grande maioria dos teólogos protestantes sempre tem desejado (ao menos têm tentado) acrescentar que acreditam que a graça de Deus e a expiação feita por Cristo cobrem os anos da infância antes da idade da responsabilidade, e aqueles que estão dentro da tradição reformada têm dado atenção à evidência de que os filhos com pais cristãos nasceram dentro da aliança.[7] Mas mesmo estas qualificações não alteram os fatos do nosso pecado e da nossa culpa herdada, ou do julgamento que merecemos.

A morte, a escravidão e a condenação: estes são os três conceitos que Paulo junta para retratar nossa condição humana perdida. É por demais pessimista? Bem, devemos concordar (como ele teria feito) que esta não é a verdade total acerca da raça humana. Nada diz aqui acerca da "imagem de Deus", em que os seres humanos foram originalmente criados e que — agora lastimavelmente danificada — ainda retêm, embora certamente creia nela e fale da nossa redenção em termos de uma nova criação na imagem de Deus (v. 10 e 4:24). Nada diz, tampouco, dos diferentes graus da depravação humana, embora também os tivesse aceito. A doutrina bíblica da depravação total não significa então que todos os seres humanos estão igualmente depravados, nem que ninguém é capaz de praticar qualquer bem, mas, sim, que nenhuma parte de qualquer pessoa humana (a mente, as emoções, a consciência, a vontade, etc.) permaneceu sem ser maculada pela queda. Mesmo assim, a despeito desta qualificação, que afirma a continuada dignidade do homem por causa da imagem divina que não foi totalmente perdida, o diagnóstico de Paulo permanece válido. Fora de Cristo o homem está morto por causa dos delitos e pecados, escravizado pelo mundo, pela carne e pelo diabo, e condenado sob a ira de Deus.

É por não reconhecerem a gravidade da condição humana que tantas pessoas buscam soluções com remédios superficiais. A educação universal é altamente desejável. Assim também são as leis justas administradas com retidão. Ambas agradam a Deus que é o Criador e o justo Juiz de

[7] Cf. 1 Co 7:14.

toda a humanidade. Mas nem a educação nem a legislação podem salvar os seres humanos da morte, do cativeiro ou da condenação espirituais. Uma doença séria exige um remédio sério. É evidente que isto não quer dizer que nos desinteressaremos de uma educação melhor ou de uma sociedade mais justa. Mas acrescentaremos a estas coisas uma nova dimensão que os não-cristãos não podem compreender e, por isso, não valorizam: a evangelização. Deus, pois, confiou-nos uma mensagem de boas novas que oferece vida aos mortos, libertação aos cativos e perdão aos condenados.

2. O homem pela graça, ou a compaixão divina (4-10)

O versículo começa com uma conjunção adversativa. *Mas Deus...* E estas duas palavras contrapõem à condição desesperadora da humanidade caída a iniciativa graciosa e a ação soberana de Deus. Éramos o objeto da sua ira, *mas Deus... por causa do grande amor com que nos amou* teve *misericórdia* de nós. Nós estávamos mortos, e os mortos não se ressuscitam, *mas Deus* nos vivificou com Cristo. Éramos escravos, numa situação de desonra e incapacidade, *mas Deus* nos ressuscitou juntamente com Cristo e nos colocou à sua própria mão direita, numa posição de honra e poder. Deus então agiu para inverter a nossa condição no pecado. É essencial manter unidas as duas partes deste contraste, ou seja: o que somos por natureza e o que somos pela graça, a condição humana e a compaixão divina, a ira de Deus e o amor de Deus. Os cristãos, por vezes, são criticados por ficarem morbidamente preocupados com o seu pecado e com a sua culpa. A crítica não é justa quando estamos enfrentando fatos acerca de nós mesmos (pois nunca deixa de ser saudável encarar francamente a realidade), mas somente quando deixamos de avançar para a glória que há na misericórdia e na graça de Deus.

Agora precisamos indagar exatamente o que Deus fez, e também por que o fez.

a. O que Deus fez

Numa só palavra, Deus *salvou*-nos. Tanto no versículo 5 como no 8 a mesma declaração é feita. *Pela graça sois salvos*. Alguns comentaristas têm até mesmo sugerido que os versículos 4-10 são um tipo de hino que celebra as glórias da salvação e da *sola gratia*, que é duas vezes interrompido pela aclamação litúrgica "Pela graça sois salvos". *Salvos* é um particípio perfeito (*sesōmenoi*). Enfatiza as conseqüências permanentes da ação salvadora de Deus no passado, como se Paulo dissesse: "Sois pessoas que fostes salvas e que permaneceis salvas para sempre." Muitas pessoas hoje, no entanto, estão dizendo que acham sem sentido a linguagem tradicional sobre a salvação. É por isto que precisamos sondar aquilo que Paulo escreveu.

Na realidade, ele usa três verbos, que retomam o que Deus fez com Cristo e, depois (pelo acréscimo do prefixo *syn*, "juntamente com"), nos ligam a Cristo nestes eventos. Primeiro, *Deus nos deu vida juntamente com Cristo* (v. 5), depois, *juntamente com ele nos ressuscitou* (v. 6a) e, em terceiro lugar, *nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus* (v. 6b). Estes verbos ("deu vida", "ressuscitou" e "fez assentar") referem-se aos três eventos históricos sucessivos na carreira salvífica de Jesus, que normalmente são chamados de a ressurreição, a ascensão e a exaltação. Declaramos a nossa crença neles quando recitamos o Credo: "Ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu, e está sentado à mão direita de Deus Pai". O que nos deixa atônitos, no entanto, é que agora Paulo não está escrevendo a respeito de Cristo, mas, sim, a respeito de nós. Está afirmando, não que Deus vivificou, ressuscitou e exaltou a Cristo, mas, sim, que nos vivificou, nos ressuscitou e nos exaltou com Cristo.

Este conceito da união entre o povo de Deus e Cristo é fundamental para o cristianismo do Novo Testamento. O que então constitui o aspecto distintivo dos membros da nova sociedade de Deus? Não apenas que admirem e até mesmo adorem a Jesus, ou que aceitem as doutrinas da igreja, ou até mesmo que vivam dentro de certos padrões morais. Não! O que os torna distintivo é a sua nova solidariedade como um povo que está *em Cristo*! Em virtude da sua união com Cristo, realmente compartilharam da sua ressurreição, ascensão e exaltação. Nos *lugares celestiais*, o mundo invisível da realidade espiritual, em que os principados e as postestades operam (3:10; 6:12)e em que Cristo reina supremo (1:20), é que Deus abençoou o seu povo em Cristo (1:3), e é onde ele os fez assentar com Cristo (2:6). Se, pois, estamos assentados com Cristo nos lugares celestiais, não pode haver dúvida sobre o que estamos sentados: em tronos! Além disso, esta conversa da nossa identificação com Cristo na sua ressurreição e exaltação não é um item de misticismo cristão sem sentido. É o testemunho a uma experiência viva, de que Cristo nos deu, por um lado, uma vida nova (com uma consciência sensível da realidade de Deus e um amor por ele e pelo seu povo) e, por outro, uma vida de vitória (com o mal cada vez mais debaixo dos nossos pés). Estávamos mortos, mas fomos tornados espiritualmente vivos e alertas. Estávamos no cativeiro, mas fomos entronizados.

b. Por que Deus o fez

Paulo vai além de uma descrição da ação salvadora de Deus; faz-nos compreender a sua motivação. Na realidade, a ênfase principal deste parágrafo é que o que levou Deus a agir em nosso favor não foi algo em nós (algum suposto mérito) mas, sim, algo nele mesmo (seu próprio favor que não merecíamos). Paulo reúne quatro palavras para expressar as origens da

iniciativa salvadora de Deus. Escreve da "misericórdia" de Deus (*Deus, sendo rico em misericórdia*, v. 4a), do "amor" de Deus (*por causa do grande amor com que nos amou*, v. 4b), da "graça" de Deus (*pela graça sois salvos*, vs. 5 e 8) e da "bondade" de Deus (*em bondade para conosco, em Cristo Jesus*, v. 7). Estávamos mortos e, portanto, incapazes de salvar-nos a nós mesmos: somente a *misericórdia* podia alcançar os incapazes, pois misericórdia é amor para com os totalmente privados de recursos. Estávamos debaixo da ira de Deus: somente o *amor* poderia triunfar sobre a ira. Nada merecíamos nas mãos de Deus a não ser o julgamento, por causa dos nossos delitos e pecados: somente a *graça* poderia salvar-nos do que merecíamos, pois a graça é o favor imerecido. Por que, pois, Deus agiu? Movido pela sua pura misericórdia, pelo seu amor, pela sua graça e por sua bondade! Mais ainda: ele salvou-nos *para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça* (v. 7). Ao ressuscitar e exaltar a Cristo demonstrou "a suprema grandeza do seu poder" (1:19-20); mas aos nos ressuscitar e exaltar demonstrou também "a suprema riqueza da sua graça", e continuará a fazer assim por toda a eternidade. Nós, portanto, como testemunhas vivas da sua bondade, exibiremos às pessoas de fora, sem chamar a atenção para nós mesmos, aquele a quem devemos a nossa salvação.

Perto do fim do meu período de estudante de teologia em Ridley Hall, Cambridge, o Rev. Paulo Gibson aposentou-se como Presidente, e descerraram um quadro com o seu retrato. Ao expressar sua gratidão, fez um elogio bem merecido ao artista. Disse que, no futuro, acreditava que as pessoas que olhassem o quadro não perguntariam: "Quem é esse homem?" mas, sim: "Quem pintou esse retrato?" Ora, em nosso caso, Deus demonstrou mais do que habilidade. Um paciente depois de uma cirurgia delicada é uma testemunha viva da habilidade do seu cirurgião; e um homem condenado, depois de ser perdoado, da misericórdia do seu soberano. Assim somos nós: amostras da competência de Deus e troféus da sua graça.

Os versículos 8-10 desenvolvem o tema da graça de Deus, e explicam por que nas eras vindouras Deus demonstrará a sua graça e bondade para conosco em Cristo Jesus. É por causa da nossa salvação. Deus nos mostrará a sua graça porque foi por ela que nos salvou. *Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus*. Aqui temos três palavras fundamentais das boas novas cristãs — a salvação, a graça e a fé. A salvação é mais do que o perdão. É a libertação da morte, da escravidão e da ira descritas nos versículos 1-3. Inclui a totalidade da nossa nova vida em Cristo, juntamente com quem fomos vivificados, exaltados e feitos assentar no âmbito celestial. A *graça* é a misericórdia de Deus, livre e imerecida, para conosco, e *fé* é a confiança humilde com que nós a recebemos.

Para reforçar esta declaração positiva de que fomos salvos somente pela graça de Deus por meio da confiança em Cristo, Paulo acrescenta duas negações que se equilibram: a primeira é *e isto não vem de vós, é dom de Deus* (v. 8b), a segunda é *não de obras, para que ninguém se glorie.* Alguns comentaristas têm tomado a palavra "isto" na primeira negativa como sendo uma referência à fé (i. é, "sois salvos mediante a fé, e até mesmo esta fé pela qual fostes salvos é dom de Deus"). Teologicamente, esta é a verdade. Nunca devemos pensar na salvação como sendo um tipo de transação entre Deus e nós, onde ele contribui com a graça e nós contribuimos com a fé. Estávamos mortos, e teríamos que ser vivificados para podermos crer. Não, os apóstolos claramente ensinam noutro lugar que a fé salvadora também é dom gracioso de Deus.[8] Mesmo assim, Paulo não está afirmando este fato aqui, porque "isto" *(touto)* é neutro, ao passo que "fé" é um substantivo feminino. Devemos, portanto, entender que "isto" refere-se à totalidade da frase anterior: "pela graça de Deus sois pessoas que foram salvas mediante a fé, e a totalidade deste evento e desta experiência é... o dom gratuito de Deus para vós". Não se trata da vossa realização (*isto não vem de vós*) nem como recompensa por quaisquer dos vossos atos de religião ou de caridade (*não de obras*). Não havendo, então, lugar para o mérito humano, também não há lugar para a arrogância humana. A salvação é dom de Deus, *para que ninguém se glorie.* Os cristãos não se sentem bem com o orgulho, pois entendem a sua incongruência. Não podemos empertigar-nos no céu como pavões. O céu estará cheio das façanhas de Cristo e dos louvores de Deus. Realmente haverá uma demonstração no céu. Não uma demonstração de nós mesmos, mas, sim, uma demonstração da incomparável riqueza da graça, da misericórdia e da bondade de Deus por meio de Jesus Cristo.

Poderíamos imaginar que Paulo já ensinou sua lição e está pronto para passar para outro tópico. Mas não, está decidido a não deixar o tema até que o tenha exposto além de qualquer possível mal-entendido. Assim, acrescenta mais uma afirmação positiva, decisiva e gloriosa (v. 10): *Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.* A primeira palavra na frase, na posição de ênfase, é *autou*, "dele". Paulo já declarara que a salvação não é nossa realização. Agora, não apenas declara o oposto, ou seja, que é realização de Deus, mas vai além. Deixa para trás qualquer idéia de salvação como algo isolado, fora e à parte de nós mesmos. Está preocupado conosco, com seres humanos vivos que estávamos mortos. O que somos agora? Somos *feitura* de Deus (*poiēma*, "sua obra de arte, sua obra-prima)[9] *criados (ktisthentes) em Cristo Jesus.* As duas palavras

[8] P. ex. At 18:27; Fp 1:29. [9] Bruce, pág. 52.

gregas falam de criação. Até esta altura, Paulo já descreveu a salvação em termos de uma ressurreição dentre os mortos, uma libertação da escravidão e um salvamento da condenação. E cada uma destas descrições declara que a obra é de Deus, porque os mortos não podem ressuscitar a si mesmos, nem as pessoas presas e condenadas podem libertar a si mesmas. Mas agora explana a questão sem deixar a mínima sombra de dúvida. A salvação é a criação, a nova criação. E a linguagem da criação é um contrasenso a não ser que haja um Criador; a autocriação é uma contradição patente de termos. "Vedes, pois", escreve Calvino, "que esta palavra 'criar' é suficiente para calar a boca e remover o cacarejar de todos que se vangloriam de possuir qualquer mérito. Pois quando assim falam, presumem que foram seus próprios criadores."[10]

Não é que permanecemos passivos e inertes. Alguns críticos têm pensado assim e supõem que a doutrina de Paulo da salvação pela graça somente nos encoraja a viver no pecado. Estão inteiramente enganados. As boas obras são indispensáveis para a salvação — não como sua base ou meio, mas, sim, como sua consequência e evidência. Não somos salvos *por causa de obras* (vs. 8-9), mas, sim, somos criados em Cristo Jesus *para boas obras* (v. 10), boas obras estas que *Deus de antemão preparou*, segundo o seu desígnio, numa eternidade passada e para as quais nos criou, a fim de que continuadamente *andássemos nelas.*

Assim termina o parágrafo como começou, com o nosso *andar* humano, uma expressão idiomática hebraica para a nossa maneira de viver. Antigamente andávamos em *delitos e pecados* nos quais o diabo nos prendera; agora andamos nas *boas obras*, conforme Deus eternamente planejou que fizéssemos. O contraste é completo. É um contraste entre dois estilos de vida (o mau e o bom) e, por trás deles, dois senhores (o diabo e Deus). O que poderia ter ocasionado semelhante mudança? Somente uma nova criação pela graça e pelo poder de Deus. As expressões-chaves do parágrafo são, decerto, *Mas Deus* (v. 4) e *pela graça* (vs. 5, 8).

Paulo não nutria ilusões a respeito da degradação da raça humana. Recusou-se a passar uma demão de cal na situação, pois isso poderia levar a propostas de soluções superficiais de sua parte. Pelo contrário, começou este parágrafo com um retrato fiel do homem na sua sujeição a três poderes terríveis: o *pecado*, a *morte* e a *ira*. Porém, recusou-se a cair em desespero porque acreditava em Deus. É verdade que a única esperança para os mortos acha-se numa ressurreição. Mas, afinal, o Deus vivo é o Deus da ressurreição. Mais ainda, ele é o Deus da criação. As duas metáforas indicam a necessidade indispensável da graça divina. A ressurreição, pois, é dentre os mortos, e a criação é do nada. Este é o verdadeiro significado da *salvação.*

[10] Calvino, pág. 162.

II. Uma Nova Sociedade
Efésios 2:11 — 3:21

2:11-22
4. Uma nova humanidade

"Alienação" é uma palavra popular na cultura contemporânea. Muitas pessoas, especialmente jovens no assim chamado "mundo desenvolvido", estão desiludidas com "o sistema"; são adversárias da "tecnocracia", hostis ao sistema e se apresentam como sendo "alienadas". Algumas dessas pessoas trabalham em favor de reformas, outras conspiram para fazer revoluções, e outras se isolam. Não se ajustam de maneira alguma ao *status quo* prevalecente.

Foi Karl Marx quem popularizou a palavra, sendo que ele mesmo a tirou do teólogo alemão, Ludwig Feuerbach. Marx entendia a triste situação do proletariado em termos de alienação econômica. Cada trabalhador coloca na sua habilidade técnica uma parte de si mesmo. Quando seu empregador então vende o produto, ele é culpado, pelo menos em parte, de alienar o trabalhador de si mesmo. Esta, segundo Marx, é a base da luta de classes.

Hoje em dia, a palavra é usada mais generalizadamente com respeito à alienação do trabalhador, não apenas de sua realização com a devida recompensa, mas também do exercício do poder, especialmente na tomada de decisões. Noutras palavras, o termo ficou sendo mais político do que econômico. A "alienação" é um pouco de desgosto com o que existe, e também um senso de incapacidade para mudá-lo. Este é um sentimento generalizado nos países democráticos do ocidente, e os cristãos seriam insensatos se não o levassem em conta.

Muito tempo antes de Feuerbach e Marx, no entanto, a Bíblia falava da alienação humana. Descreve duas outras alienações, mais profundas do que a alienação política e a econômica. Uma delas é a alienação de Deus, nosso Criador, e a outra alienação é a de nós mesmos em relação a nosso próximo. Nada é mais desumano do que este colapso no relacionamento fundamental entre os homens. É então que nos tornamos

estranhos num mundo em que deveríamos sentir-nos à vontade, e ficamos sendo estrangeiros ao invés de cidadãos.

A carta aos Efésios refere-se a essas duas formas de alienação. Realmente, Paulo emprega a palavra com relação às duas condições. O verbo grego é *apallotrioō* e significa "desafeiçoar", "excluir", ou "alienar". No Novo Testamento ocorre somente nestes dois versículos de Efésios, juntamente com o paralelo a um deles em Colossenses:

4:18 "alheios à vida de Deus" (cf. Cl 1:20-21)
2:12 "separados da comunidade de Israel".

Ora, esta dupla alienação, ou melhor, sua substituição pela reconciliação, é o tema de Efésios 2. Na primeira metade do capítulo (vs. 1-10) os seres humanos são retratados como estando alienados de Deus. O verbo não chega a ser usado ali como o é em 4:18, mas é isto sem dúvida o que significa quando os homens são retratados como estando "mortos nos... delitos e pecados" e "por natureza filhos da ira" (vs. 1, 3). No capítulo anterior, já consideramos o significado destas frases.

Na segunda metade de Efésios 2 (vs. 11-22), que é o nosso texto no presente capítulo, os seres humanos são retratados como estando alienados uns dos outros. Em especial, os gentios são descritos como estando "separados da comunidade de Israel" (v. 12). É quase impossível para nós, perto do fim do século XX, imaginarmo-nos de volta àqueles dias em que a humanidade era profundamente dividida entre judeus e gentios. A Bíblia começa com uma declaração clara da unidade da raça humana. Depois da queda, no entanto, e depois do dilúvio, segue a história das origens da divisão e separação humana. Pode parecer que o próprio Deus contribuiu para esse processo quando escolheu Israel dentre as nações para ser o seu povo *santo* ou "separado". Devemos, no entanto, lembrar que, ao chamar Abraão, Deus prometeu, através da posteridade de Abraão, abençoar todas as famílias da terra e que, ao escolher Israel, pretendia que esta nação se tornasse luz para as nações.[1] A tragédia é que Israel se esqueceu da sua vocação, interpretou mal o seu privilégio, achando-se o favorito de Deus, e acabou desprezando, e até mesmo detestando os pagãos, tratando-os como "cachorros". William Barclay nos ajuda a sentir a alienação entre as duas comunidades, e a hostilidade profundamente arraigada entre elas, especialmente do lado judaico. Ele escreve:

"O judeu tinha desprezo imenso pelo gentio. Os gentios, diziam os judeus, foram criados por Deus para serem combustível para o fogo do

[1] Cf. Gn 12:1-3; Is 42:1-6; 49:6.

inferno. Deus, diziam eles, ama somente a Israel dentre todas as nações que fez... Não era nem sequer lícito prestar ajuda a uma mãe gentia na sua necessidade mais urgente, porque isto seria apenas trazer outro gentio para o mundo. Até a vinda de Cristo, os gentios eram um objeto de desprezo para os judeus. A barreira entre eles era total. Se um rapaz judeu se casasse com uma moça gentia, ou uma moça judia se casasse com um rapaz gentio, era realizado o enterro simbólico da moça ou do rapaz judeu. Semelhante contato com um gentio era equivalente à morte."[2]

Desta dupla alienação gentia — de Deus e de Israel, povo de Deus — a assim chamada "parede de separação" (v. 14) era o símbolo permanente. Era um aspecto notável do magnífico templo edificado em Jerusalém por Herodes, o Grande. O prédio do templo propriamente dito era construído sobre uma plataforma elevada. Ao redor dele havia o pátio dos sacerdotes. A leste havia o pátio de Israel e, mais além, o pátio das mulheres. Estes três pátios para os sacerdotes, para os leigos e para as mulheres de Israel, respectivamente — estavam todos no mesmo nível do templo. Deste nível descia-se por cinco degraus a uma plataforma murada, no outro lado do muro, havia uma descida de mais de quatorze graus para uma parede do outro lado da qual estava o pátio externo, ou o pátio dos gentios. Este era um pátio espaçoso localizado ao redor do templo e dos seus pátios internos. De qualquer parte dele os gentios podiam olhar para cima e ver o templo, mas não tinham licença de aproximar-se dele. Eram impedidos pela parede que o cercava, uma barreira de pedra de um metro e meio de altura, na qual estavam afixadas, em intervalos regulares, notificações de advertência em grego e em latim. A advertência não era "os transgressores serão punidos pela lei" mas, sim, "os que ultrapassarem a barreira serão mortos".

O famoso historiador judaico Josefo descreve esta barreira nas suas duas obras. Em *Antigüidades* escreve que o templo era "cercado por uma parede de pedra para formar uma divisão, com uma inscrição que proibia qualquer estrangeiro entrar sob pena de morte".[3] Em *Guerras dos Judeus*, é um pouco mais explícito. Havia, escreve ele, "uma divisão feita de pedra, inteiramente ao redor, cuja altura era de três côvados. Sua construção era muito elegante; sobre ela havia pilares a distâncias iguais, declarando a lei da pureza, alguns com letras gregas, outros com letras romanas, alertando que "nenhum estrangeiro entrasse naquele santuário".[4]

Durante os últimos cem anos, duas das notificações gregas foram descobertas, uma em 1871 e outra em 1935. A primeira, à mostra no museu de Istambul, é uma tábua de calcário branco, com a largura de quase um metro. Seu texto é precisamente o seguinte: "Nenhum estrangeiro pode-

[2] Barclay, pág. 125. [3] *Antigüidades, XV.* 11. 5 [4] *Guerras dos Judeus, V.* 5. 2.

rá passar além da barreira e do recinto ao redor do templo. Quem for achado assim fazendo terá que culpar a si mesmo pela sua morte que se seguirá." Paulo conhecia bem o fato por experiência própria. Cerca de três anos antes ele mesmo quase foi linchado por uma turba judaica furiosa que pensou ter ele levado um gentio consigo para dentro do templo, e é interessante que este era um efésio, com nome de Trófimo.[5]

Esta, pois, é a situação histórica, social e cultural de Efésios 2. Embora todos os seres humanos estivessem alienados de Deus por causa do pecado, os gentios também estavam alienados do povo de Deus. E pior até mesmo do que esta dupla alienação (da qual a parede do templo era um símbolo) era a "inimizade" ou "hostilidade" (*echthra*) ativa em que ela irrompia continuamente — a inimizade entre o homem e Deus, e a inimizade entre os gentios e os judeus.

O grande tema de Efésios 2 é que Jesus Cristo destruiu as duas inimizades. Ambas estão mencionadas na segunda metade do capítulo, embora na ordem inversa:

v. 14 "Ele... de ambos fez um; e, tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade (*echthra*)."
v.16 "E reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade (*echthra*)."

Lado a lado com a destruição dessas duas inimizades, Jesus conseguiu criar, de fato, uma nova sociedade, uma nova humanidade, em que a alienação cedeu lugar à reconciliação, e a hostilidade à paz. E esta nova união humana em Cristo é o penhor e uma antevisão daquela união final sob a soberania de Cristo, que Paulo já predissera em 1:10.

Depois desta introdução, que diz respeito ao seu pano de fundo e tema, estamos prontos para estudar o texto propriamente dito:

Portanto, lembrai-vos de que outrora vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne, por mãos humanas, [12]*naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo.* [13]*Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo.* [14]*Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade,* [15]*aboliu na sua carne a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse em si mesmo um novo homem, fazendo a paz,* [16]*e reconciliasse ambos em um*

[5] At 21:27-31.

só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade. [17]*E, vindo, evangelizou paz a vós outros que estáveis longe, e paz também aos que estavam perto;* [18]*porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito.* [19]*Assim já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus:* [20]*edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular;* [21]*no qual todo edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor,* [22]*no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.*

É útil, antes de entrarmos numa exposição mais detalhada, entender a estrutura da passagem como um todo. Paulo segue a biografia espiritual dos seus leitores gentios em três etapas. Este é o sentido da sua mensagem a eles: "(1) Em certo tempo estáveis alienados de Deus e do seu povo, Israel. (2) Mediante a morte na cruz, Cristo Jesus reconciliou judeus e gentios entre si, e eles com Deus, criando "um só Homem Novo" (v. 15, BJ). (3) Já não estão alienados mas, sim, são membros integrais com Israel do "povo" e da "famí lia" de Deus (BLH). As três etapas são marcadas pelas expressões "outrora" (v. 11), "Mas agora" (v. 13) e "assim já" (v. 19). E a seqüência corre assim: Portanto, lembrai-vos de que outrora vós... estáveis longe... Mas agora em Cristo Jesus... fostes aproximados... Porque ele é a nossa paz... Assim já não sois estrangeiros... mas concidadãos dos santos... Darei os seguintes títulos às etapas do plano de Deus que se desdobram:

1. O retrato de uma humanidade alienada, ou o que éramos outrora (vs. 11-12);
2. O retrato do Cristo que faz a paz, ou o que Jesus Cristo fez (vs. 13-18);
3. O retrato da nova sociedade de Deus, ou o que agora viemos a ser (vs. 19-22).

1. O retrato de uma humanidade alienada, ou o que éramos outrora (vs. 11-12)

Nos versículos 1-3, Paulo retratou a totalidade da raça humana (judeus e gentios igualmente) no pecado e na morte. Aqui, nos versículos 11 e 12, refere-se particularmente ao mundo gentio ou pagão antes de Cristo, àqueles aos quais os judeus (*a circuncisão*) chamavam, com desprezo, de *incircuncisão*. A circuncisão naturalmente foi dada por Deus a Abraão como o sinal exterior dos membros do seu povo da aliança. Mas tanto o rito físico quanto a palavra tinham chegado a assumir uma importância exa-

gerada. Os gentios e os judeus se chamavam comumente com nomes ofensivos. Paulo enfatiza este fato aqui. Os gentios eram *chamados* de "a incircuncisão" por aqueles que *se intitulam* "circuncisos, na carne, por mãos humanas". É como se Paulo declarasse a insignificância de nomes e etiquetas, em comparação com a realidade por trás deles, e dando a entender que, por trás "daquilo que é chamado a circuncisão que é feita na carne por mãos humanas" há outro tipo, uma circuncisão do coração, espiritual e não física, que era necessária tanto aos judeus como aos gentios, e disponível a todos eles.[6]

No versículo 12, ele deixa a questão das ofensas trocadas entre judeus e gentios, e passa para a realidade séria da alienação gentia. Em Romanos, relacionou os privilégios judaicos (9:3-5); aqui, apresenta as incapacitações gentias. Primeiro, estavam *sem Cristo*. A expressão é tanto mais trágica porque no capítulo 1 ele desdobrara as grandes bênçãos espirituais de estar *em Cristo*, e na primeira parte do capítulo 2 explicou como Deus nos deu vida, nos ressuscitou e nos fez assentar *com Cristo*. Mas *naquele tempo*, isto é, durante todo o período antes de Cristo, os gentios não estavam *em Cristo* nem *com Cristo* mas, sim, *separados de Cristo*, nem sequer tinham a expectativa de um Messias vindouro.

A segunda e a terceira incapacitação dos gentios eram muito semelhantes entre si. Eram tanto *separados da comunidade de Israel* quanto *estranhos às alianças da promessa* (a referência é provavelmente à promessa fundamental feita por Deus a Abraão). Israel era uma *comunidade* ou nação debaixo de Deus, uma teocracia, e um *povo da aliança* ao qual o Senhor se obrigara por um juramento solene. Assim, Deus vinculara-se a esse povo, e reinava sobre ele. Os gentios, no entanto, eram excluídos dessa aliança e desse reino.

A quarta e quinta incapacitação dos gentios são declaradas de modo rígido: *não tendo esperança, e sem Deus no mundo*. Estavam sem esperança, porque, embora Deus planejasse incluí-los um dia, e assim prometera, eles não o sabiam e, portanto, não tinham esperança para sustentá-los. E estavam *sem Deus* (*atheoi*) porque, embora Deus se revelara a toda a humanidade na natureza e, portanto, não a deixava sem um testemunho, mesmo assim os gentios suprimiam a verdade que conheciam e voltavam-se à idolatria.[7] Não era exagero, portanto, descrever o mundo antigo não-judaico como sendo *sem esperança* e *sem Deus*. A era de ouro dos gregos já se passara; não tinham nenhum futuro promissor para esperar. Além disso, os deuses da Grécia e de Roma deixaram totalmente de satisfazer a fome dos corações humanos. As pessoas eram *atheoi*, não no sentido de que descriam (pelo contrário, tinham deuses em excesso),

[6] Cf. Rm 2:28-29; Fp 3:3; Cl 2:11-13. [7] Ver At 14:15ss.; 17:22ss.; Rm 1:18ss.

mas, sim, no sentido de que não tinham qualquer conhecimento verdadeiro de Deus *tal qual ele dera a Israel*,[8] e (por causa da rejeição do conhecimento que tinham) nenhuma comunhão pessoal com ele.

Esta era, então, a terrível situação do antigo mundo gentio antes de Cristo. Era separado do Messias, da teocracia e da aliança, da esperança e do próprio Deus. No resumo de William Henriksen os gentios estavam "sem Cristo, sem estado, sem amigos, sem esperança e sem Deus".[9] Numa frase única de Paulo, estavam *longe* (13), alienados de Deus e do povo de Deus.

Nós mesmos, em nossos dias, antes de sermos cristãos, é necessário acrescentar, estávamos exatamente nessa mesma situação desalentadora. Estávamos alienados de Deus e do seu povo. Pior, havia em nosso coração a *inimizade* à qual Paulo se refere mais tarde, de modo que nos rebelávamos contra a autoridade de Deus e conhecíamos pouco ou nada acerca da verdadeira comunidade humana. A situação não é a mesma no mundo atual sem Cristo? Os homens ainda edificam muros de separação e divisão como o terrível muro de Berlim, e levantam cortinas invisíveis de ferro ou de bambu, ou constroem barreiras de raça, de cor, de casta, de tribo ou de classe. A tendência para a discriminação é uma característica constante de toda comunidade sem Cristo. Nós mesmos tivemos experiência dela. Agora, o apóstolo diz: *Portanto, lembrai-vos (v. 11).* Há algumas coisas que as Escrituras nos mandam esquecer (tais como as injúrias de outras pessoas contra nós). Há, porém, uma coisa em particular que somos ordenados a nos lembrar e não esquecer nunca. É o que éramos antes do amor de Deus se estender para baixo e nos alcançar. Pois somente se nos lembrarmos da nossa antiga alienação (por mais desagradável que ela seja para nós), poderemos nos lembrar, da grandeza da graça que nos perdoou e que está nos transformando.

2. O retrato do Cristo que faz a paz, ou o que Jesus Cristo fez (vs. 13-18)

O paralelo entre duas seções de Efésios 2 é óbvio. Primeiro vem, em ambos os casos, uma descrição da vida sem Cristo: *mortos* (vs. 1-3) e *alienados* (vs. 11-12). Segue-se, também em ambos os casos, os grandes adversativos: *Mas Deus* (v. 4) e *Mas agora* (v. 13). A distinção principal é que na segunda seção Paulo ressalta a experiência gentia. Duas vezes emprega o pronome enfático *vós* (*hymeis*): "Lembrai-vos de que outrora *vós*... estáveis separados... Mas agora em Cristo Jesus, *vós*... fostes aproximados."

Esta, pois, em essência, é a diferença que Cristo fez: *vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo.* Semelhante linguagem em termos de distância ("longe" e "próximo") não era incomum

[8] Sl 147:20. [9] Hendriksen, pág. 129.

no Antigo Testamento. Sabia-se que Deus e Israel estavam perto um do outro, visto que Deus prometera que seria o Deus de Israel e que o tornaria seu povo. Assim, Moisés pôde dizer: "Que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o Senhor nosso Deus?"[10] Tal exclusividade é repetida no Salmo 148:14, onde os israelitas são chamados de "os filhos de Israel, povo que lhe é chegado."Por contraste, as nações gentias estavam *longe*, eram povos que tinham de ser conclamados *de longe*." Deus porém, prometeu que um dia falaria "Paz, paz para os que estão longe e para os que estão perto", promessa esta que foi cumprida em Jesus Cristo e que é citada aqui por Paulo com referência ao Senhor.[12] E esta "proximidade com Deus" que todos os cristãos desfrutam através de Cristo é um privilégio que com muita freqüência tomamos como certo. Nosso Deus não mantém distância nem se esconde atrás da sua dignidade, como algum potentado oriental, nem insiste em qualquer ritual ou protocolo complicado. Pelo contrário, mediante Jesus Cristo e pelo Espírito Santo temos imediato *acesso* a ele como nosso Pai (v. 18). Precisamos exortar uns aos outros para fazer uso deste privilégio.[13] O versículo 13 é mais do que uma declaração de que nós que estávamos *longe* agora fomos *aproximados*; contém, além disso, duas referências importantes a Cristo. Declara que a nossa proximidade de Deus é *em Cristo Jesus* e *pelo sangue de Cristo*. É essencial, se desejamos ser fiéis ao ensino do apóstolo, manter estas duas expressões num mesmo nível, e não enfatizar uma à custa da outra. Pois *o sangue de Cristo* (como em 1:7) significa sua morte sacrificial na cruz por nossos pecados, através da qual nos reconciliou com Deus e uns aos outros, ao passo que *em Cristo Jesus* significa a união pessoal com Cristo hoje, mediante a qual a reconciliação conseguida por ele é recebida e desfrutada. Assim, as duas expressões dão testemunho às duas etapas pelas quais os que estavam *longe* são *aproximados*. A primeira delas é o evento histórico da cruz, e a segunda, a conversão cristã, ou a experiência contemporânea da união com Cristo. O que Jesus Cristo realizou por meio da cruz será explicado por Paulo nos próximos versículos. Entrementes, será uma atitude sábia para nós observarmos bem a exposição completa da obra reconciliadora de Cristo. Não é uma reconciliação universal que Cristo realizou ou que Paulo proclamava: pelo contrário, é uma proximidade de Deus e de uns aos outros experimentada com gratidão por aqueles que estão perto de Cristo, até mesmo *em* Cristo numa união vital e pessoal. Isso que dizer, conforme a expressão de John Mackay ao comentar estes versículos, que o princípio divino de integração para unir os seres humanos nem é intelectual (pela filosofia), como no catolicismo romano, nem político (pela conquista), como no islamismo ou no marxismo,

[10] Dt 4:7. [11] Is 49:1. [12] Is 57:19; Ef 2:17. [13] Hb 10:22; Tg 4:8.

mas, sim, espiritual (pela redenção por Cristo, que envolve a união entre os judeus e os gentios, entre o homem e Deus e, finalmente, entre o céu e a terra). A ação integradora de Deus aparece em três níveis: o primeiro, da mente; o segundo, da força; e o terceiro, do reino de Deus.

O apóstolo passa a desenvolver a descrição da obra de Cristo, em termos do que ele fez e de como ele o fez. O que ele fez está claro: *Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derrubado a parede da separação que estava no meio...* (v. 14). *Ele* (*autos*) é fortemente enfático. É ele, Cristo Jesus, que derramou o seu sangue na cruz e que se oferece ao seu povo hoje para ser unido com ele; é ele quem, pelo que fez no passado e que agora oferece, *é a nossa paz*, ou seja, é o pacificador entre nós e Deus. O *ambos* de quem *fez um* parece claramente significar os judeus e os gentios, mas a reconciliação era mais ampla do que aquela porque, conforme vimos anteriormente, *a parede da separação que estava no meio*, que ele derrubou, simbolizava a alienação gentia de Deus e não somente de Israel.

Esta proclamação que Paulo faz da derrubada da parede por Jesus Cristo é extremamente notável. Falando de modo literal e histórico, a parede não foi derrubada até as legiões romanas entrarem em Jerusalém, em 70 d.C. Portanto ainda estava em pé, ainda cercava o templo, enquanto Paulo escrevia esta carta. Mas embora permanecesse materialmente, espiritualmente já fora destruída em 30 d.C., aproximadamente, quando Jesus morreu na cruz. Conforme a expressão de Armitage Robinson: "Ainda estava em pé: mas já estava antiquada, obsoleta, de data vencida, no que dizia respeito ao significado espiritual. O sinal ainda estava lá: mas o que significava, isso fora derrubado."[14]

Voltamo-nos agora à questão de como Cristo o fez. O que fez quando morreu na cruz, para afastar a inimizade entre os judeus e os gentios, entre o homem e Deus? A resposta é dada nos versículos 15 e 16. Estão carregados de teologia, e precisam ser esclarecidos.

Talvez a melhor maneira de esclarecer a seqüência de pensamento do apóstolo seja isolar os três sucessivos verbos principais que ele emprega: *aboliu... para que dos dois criasse... e reconciliasse...* Somos informados que aboliu a lei de mandamentos a fim de criar uma, e uma só, nova humanidade, e reconciliar com Deus as duas partes dela.

a. A abolição da lei dos mandamentos (v. 15a)

A primeira afirmação que Paulo faz é que Cristo derrubou a parede, a hostilidade, *quando aboliu na sua carne a lei dos mandamentos na forma de ordenanças*. À primeira vista, esta é uma declaração surpreendente, para

[14] Armitage Robinson, pág. 60.

não dizer assustadora. Como o apóstolo pôde declarar que Cristo aboliu a lei, quando Cristo mesmo, no sermão da montanha, especificamente declarou o oposto, que não veio para aboli-la mas, sim, para cumpri-la?[15] Veremos que a discrepância é apenas verbal; em substância, eles estavam se referindo à lei em dois sentidos diferentes.

No sermão da montanha, o contexto demonstra que Jesus estava se referindo a lei *moral*. Estava ensinando a diferença entre a justiça farisaica e a justiça cristã, e insistindo que a justiça cristã envolve uma obediência profunda e radical à lei. A referência primária de Paulo aqui, no entanto, parece ser à lei *cerimonial* e àquilo que a BLH chama de "seus mandamentos e regulamentos", ou seja, à circuncisão (a principal distinção física entre judeus e gentios, v. 11), aos sacrifícios materiais, aos regulamentos dietéticos, e às regras acerca de "pureza" e "impureza" que regiam os relacionamentos sociais. A passagem correlata em Colossenses alude à circuncisão, e também a "comida e bebida" e regulamentos acerca de "dia de festa, ou lua nova, ou sábados" (2:11, 16-21); portanto parece provável que estes fossem os mandamentos, na forma de ordenanças, que Paulo tinha em mente aqui. Levantaram uma barreira séria entre os judeus e os gentios, mas Jesus deixou de lado esta parte cerimonial. E o fez *na sua carne* (decerto uma referência à sua morte física), porque na cruz cumpriu todas as prefigurações do sistema cerimonial do Antigo Testamento.

Parece provável, no entanto, que Paulo esteja fazendo uma outra referência, embora secundária, agora à lei moral, não à cerimonial. Jesus certamente não aboliu a lei moral como um padrão de comportamento (ainda está em vigor e é obrigatória para os seus seguidores); mas realmente a aboliu como caminho da salvação. Sempre que a lei é vista a esta luz, apresenta uma divisão. Não conseguimos, pois, obedecê-la, por mais que tentemos. Separa-nos, portanto, de Deus, e uns dos outros. O próprio Jesus, porém, obedecia perfeitamente à lei na sua vida, e na sua morte carregou sobre si as conseqüências da nossa desobediência. Tomou sobre si "a maldição da lei" (o julgamento que paira sobre aqueles que a desobedecem) a fim de nos livrar dela.[16] Ou, conforme o paralelo em Colossenses, Deus pode perdoar todas as nossas transgressões porque "tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz" (2:13-14). A aceitação com Deus agora é através do Cristo crucificado, exclusivamente, seja para judeus, seja para gentios. A lei era uma barreira entre nós, mas a fé nos une, visto que todos nós devemos chegar a Deus da mesma maneira, através de Cristo. Esta fôra uma das ênfases principais de Paulo em Gálatas, a saber: que todos nós fomos colocados

[15] Mt 5:17. [16] Gl 3:10, 13.

no mesmo nível ao pé da cruz de Cristo.

Resumindo, Jesus aboliu tanto os regulamentos da lei cerimonial como a condenação da lei moral. Ambas eram divisórias. Ambas foram deixadas de lado pela cruz.

b. A criação de uma nova humanidade (v. 15b).

É impossível deixar de perceber a maneira como Paulo avança do negativo para o positivo, da abolição de alguma coisa velha (a tendência separadora da lei) para a criação de alguma coisa nova (uma única humanidade, sem divisões). Nos dois sentidos já considerados, a lei fizera uma profunda divisão na humanidade. Os judeus e os gentios estavam alienados uns dos outros e havia inimizade entre eles. Uma vez que a lei separadora foi deixada de lado, nada havia para manter as duas divisões da humanidade separadas. Pelo contrário, Cristo as trouxe juntas mediante um ato soberano de criação. Literalmente: "criou os dois em um só homem novo, fazendo assim a paz." "O novo homem aqui", escreve F. F. Bruce, "como o homem plenamente desenvolvido de Efésios 4:13, é a comunidade cristã vista em conjunto."[17] O que Paulo está mencionando, na realidade, não é um "novo homem" mas, sim, uma "nova raça humana", unida por Jesus Cristo *na sua própria Pessoa*. Pois, embora a nova humanidade fosse criada potencialmente quando Jesus aboliu na cruz a lei divisória, na realidade ela passa a existir e a se desenvolver somente pela união pessoal com ele mesmo.

Esta nova unidade em e através de Cristo faz mais do que terminar com o abismo entre judeus e gentios. Noutras passagens Paulo diz que também abole distinções sexuais e sociais. "...onde não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo e em todos."[18] Não é que os fatos da segregação humana sejam removidos. Os homens permanecem sendo homens e as mulheres permanecem mulheres, os judeus permanecem judeus, e os gentios, gentios. A desigualdade diante de Deus, porém, é abolida. Há uma nova unidade em Cristo.

c. A reconciliação de judeus e gentios com Deus (v. 16)

Depois da abolição da lei divisória e da criação da humanidade não dividida veio a reconciliação dos dois blocos da antiga humanidade com Deus, *destruindo por ela a inimizade*. Aqui a *inimizade* é claramente entre Deus e os homens, assim como no versículo 14 era principalmente entre os judeus e os gentios. E assim como ali a hostilidade era mútua, penso que devemos ver também uma certa hostilidade natural dos homens

[17] Bruce, pág. 55. [18] Cl 3:11; Gl 3:28.

para com Deus. Não se trata de ter sido somente uma rebeldia a nossa atitude para com ele; trata-se também de sua *ira* ter estado sobre nós por causa do nosso pecado (v. 3). E somente *por intermédio da cruz* é que as duas inimizades terminaram, porque quando Cristo carregou o nosso pecado e o nosso julgamento na cruz, Deus deixou sua ira, e nós, vendo o seu grande amor, cessamos a nossa rebeldia. Cristo *matou* (literalmente) a inimizade. "Cristo na sua morte foi morto", comenta Armitage Robinson, "mas o morto também matou".[19] E, cessando a nossa rebeldia e também a ira de Deus por ela ocasionada, o resultado é a reconciliação.

Esta, pois, foi a realização da cruz de Cristo. Primeiro, aboliu a lei (seus regulamentos cerimoniais e sua condenação moral) como instrumento de divisão entre os homens e Deus, e entre judeus e gentios. Em segundo lugar, criou uma, e uma só, nova humanidade das duas profundas divisões anteriores, fazendo a paz entre elas. Em terceiro lugar, reconciliou com Deus esta nova humanidade unida, tendo matado por intermédio da cruz toda a inimizade entre nós. O Cristo crucificado trouxe à existência, desta maneira, nada menos do que uma nova raça humana, unida consigo mesma e unida com o seu Criador.

Não se quer dizer com isto que a totalidade da raça humana esteja agora unida e reconciliada. Sabemos pela observação e pela experiência que não é assim. E tampouco Paulo está alegando tal coisa. Há mais uma etapa na obra de Cristo que ele passa a mencionar. É que Cristo *vindo, evangelizou paz* (v. 17). Já fomos informados que *ele é a nossa paz* (v. 14) e que criou uma nova humanidade, *fazendo a paz* (v. 15). Mas agora ele *evangelizou paz*, publicando as boas novas da paz que fizera na cruz.[20] Primeiro, realizou-a; depois, anunciou-a. E visto que a realização estava na cruz, e como logicamente a proclamação deve vir após a realização, esta pregação não pode referir-se ao seu ministério público. Deve referir-se, pelo contrário, aos seus aparecimentos após a ressurreição, em que a primeira de todas as palavras que falou aos apóstolos foi: "Paz seja convosco!",[21] e à sua proclamação do evangelho da paz para o mundo através dos apóstolos e através de gerações subseqüentes de cristãos.[22] Hoje Jesus Cristo ainda está pregando a paz no mundo, através dos lábios dos seus seguidores. É verdadeiramente um fato maravilhoso que, sempre que proclamamos a paz, é Cristo quem a proclama através de nós.

Além disso, estas boas novas foram dirigidas desde o início aos que estavam *longe* bem como *perto*, ou seja, aos gentios e judeus igualmente: *paz a vós outros que estáveis longe, e paz também aos que estavam perto.* E muitos membros de cada comunidade a receberam, e assim acharam-

[19] Armitage Robinson, pág. 65.
[20] Cf. Is 52:7. [21] Jo 20:19-21. [22] Cf. At 10:36; Ef 6:15.

se unidos com Deus e uns com os outros. *Porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito* (v. 18). Embora a reconciliação seja um evento; o *acesso* é o relacionamento contínuo ao qual ela leva. "Justificados, pois, madiante a fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso.."[23] *Prosagōgeē* (*acesso*) faz pensar numa corte oriental, onde é outorgada aos súditos uma audiência com o rei ou com o imperador, e então são apresentados a ele. O sabor da palavra permanece, mas a ênfase é alterada, porque nosso acesso não é a um rei mas, sim, a um Pai, diante de quem temos *ousadia e acesso* (3:12). E ao desfrutar deste livre acesso a Deus, descobrimos que não temos qualquer dificuldade prática com o mistério da eterna Trindade. Nosso acesso, pois, é *ao Pai, por ele* (o Filho que fez a paz e a pregou), e *em* ou por *um Espírito*, o Espírito que regenera, sela e habita em seu povo, que testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus, que nos socorre em nossa fraqueza e que nos ensina a orar, e que nos une enquanto oramos. Somos, pois, *ambos*, judeus e gentios, membros da nova sociedade de Deus, e agora abordamos nosso Pai conjuntamente. Assim, a realização mais alta e plena do Cristo pacificador é este acesso trino do povo de Deus, enquanto por ele e em um Espírito chegamos com confiança ao nosso Pai.

3. O retrato da nova sociedade de Deus, ou o que agora viemos a ser (vs. 19-22).

Assim, Paulo começa o seu resumo. Explicou passo a passo o que Cristo tem feito para *aproximar*, de Deus e do seu povo, aqueles que anteriormente no mundo gentio estavam *longe*. Cristo aboliu a lei dos mandamentos, criou uma única nova humanidade no lugar das duas, reconciliou ambas com Deus, e pregou a paz para aqueles que estavam perto e longe. *Assim*, qual é o resultado da realização de Cristo e da sua proclamação da paz? É este: "vós" (os gentios) *já não sois* aquilo que éreis, *estrangeiros e peregrinos*, "estrangeiros nem estranhos" (BLH), visitantes sem direitos legais. Pelo contrário, vossa condição mudou dramaticamente. Agora "sois de casa" de uma maneira como nunca fostes antes. Éreis refugiados; agora tendes um lar.

A fim de indicar a riqueza da sua nova posição, e de seus novos privilégios em Cristo, Paulo apela para três modelos familiares da igreja , que se desenvolvem em muitas outras passagens das Escrituras. Retrata a nova comunidade de judeus e gentios como sendo o reino de Deus, a família de Deus e o templo de Deus.

[23] Rm 5:1-2.

a. O reino de Deus (v. 19a)

Conforme o versículo 12, os gentios eram forasteiros sem cidadania nem voto, "separados da comunidade (*politeia*) de Israel". Agora, porém, segundo Paulo lhes diz, sois *concidadãos* (*sunpolitai*) *dos santos*, que parece significar aqui o povo judaico, os *santos* ou a *nação santa*. Poucos anos antes a palavra *politeia* tinha sido usada acerca da cidadania romana na conversa entre Paulo e o tribuno em Jerusalém.[24] Agora trata-se de outra cidadania. Embora não desenvolva a metáfora, parece que está aludindo à cidadania do reino de Deus. O reino de Deus não é uma jurisdição territorial nem sequer uma estrutura espiritual. O reino de Deus é o próprio Deus regendo o seu povo, e outorgando-lhe os privilégios e as responsabilidades que o seu domínio subentende. Gentios e judeus pertencem em igualdade a esta nova comunidade inter-racial, governada por Deus, que substituíra a teocracia nacional do Antigo Testamento. Enquanto Paulo escreve, o Império Romano encontra-se no auge do seu esplendor. Não havia surgido, por enquanto, qualquer sinal do seu futuro declínio, muito menos da sua queda. Mesmo assim, Paulo vê este outro reino, nem judaico nem romano, mas, sim, internacional e inter-racial, como sendo algo mais esplêndido e duradouro do que qualquer império terrestre.[25] E exulta por ser um cidadão desse reino muito mais do que por sua cidadania romana. Seus cidadãos são livres e seguros. As palavras *já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos* enfatizam o contraste entre a falta de raízes de uma vida fora de Cristo e a estabilidade de fazer parte da nova sociedade de Deus. "Já não vivemos com passaporte, mas, sim... realmente temos as nossas certidões de nascimento.."[26]

b. A família de Deus (v. 19b)

A metáfora altera-se e torna-se mais íntima: *sois da família de Deus*. Em Cristo, judeus e gentios são mais do que concidadãos sob o governo divino; vivem juntos como filhos em uma família. Paulo acabava de escrever no versículo anterior acerca do novo e privilegiado acesso *ao Pai*, do qual judeus e gentios desfrutam por meio de Cristo (v. 18) e, anteriormente na carta, desenvolvera o tema das bênçãos da *adoção* na família de Deus (1:5). Dentro em breve, terá mais para dizer sobre a paternidade arquetí-

[24] At 22:25-29.

[25] De modo semelhante, em 1 Co 10:32 Paulo refere-se à "igreja de Deus" como sendo uma terceira comunidade, distinta dos "judeus" bem como dos "gregos". Sem dúvida, foi com base em textos como estes que Clemente da Alexandria distinguia os cristãos dos judeus e dos gregos, como sendo aqueles que adoram a Deus "na terceira forma" e "a raça única de pessoas salvas" (*Miscelâneas, VI. 5*), ao passo que a *Carta a Diógenes*, do século II, chama os cristãos de "uma nova raça" (cap. 1).

[26] Lloyd-Jones, *God's Way*, pág. 302.

pica de Deus (3:14-15) e sobre "um só Deus e Pai de todos" (4:6). Aqui, porém, sua ênfase parece recair mais sobre a fraternidade humana do que sobre a paternidade de Deus. Os filhos do Pai, ultrapassando as barreiras raciais, são introduzidos nesta vida fraterna. *Irmãos* (no sentido de "irmãos e irmãs") é a palavra mais comum para os cristãos no Novo Testamento. Expressa um estreito relacionamento de afeição, de cuidado e de apoio. *Philadelphia*, "amor fraternal", sempre deve ser uma característica especial da nova sociedade de Deus.

c. O templo de Deus (vs. 20-22)

Paulo agora chega ao seu terceiro quadro. Essencialmente, a igreja é uma comunidade de pessoas. Mesmo assim, assemelha-se em vários aspectos a um edifício, e particularmente a um templo. O templo em Jerusalém — primeiro o de Salomão, depois o de Zorobabel, depois o de Herodes — tinha sido, por quase mil anos, o ponto central da identidade de Israel como povo de Deus. Agora havia um novo povo. Haveria então um novo templo, conforme a alusão indireta de Jesus? O novo povo não era uma nova nação, mas uma nova humanidade, inter-racial e de alcance mundial. Um centro geograficamente localizado, portanto, não seria apropriado para ele. O que, pois, poderia ser seu templo, seu elemento de união? Nestes versículos 20-22, Paulo explana a sua visão do novo templo com maiores detalhes do que noutro trecho; vale a pena estudá-la com cuidado. À medida que desenvolve sua figura de linguagem, ele refere-se ao fundamento e à pedra angular do edifício, à estrutura como um todo, e suas pedras individuais, sua coesão e seu crescimento, sua função presente e (pelo menos implicitamente) seu destino futuro.

Primeiro, o fundamento. Nada é mais importante para qualquer edifício do que um alicerce sólido e estável. E a parábola bem conhecida com que Jesus terminou o sermão da montanha, sobre os dois homens que edificaram casas, ensina a necessidade da rocha. Em que rocha, pois, a igreja é edificada? Paulo responde: *edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular* (v. 20).

Visto que tanto os apóstolos quanto os profetas eram grupos com um papel pedagógico, parece claro que o que constitui o fundamento da igreja não é a pessoa deles nem o seu ofício, mas, sim, a sua instrução. Além disso, devemos pensar neles como sendo educadores inspirados, órgãos da revelação divina, portadores desta autoridade. Aqui, a palavra *apóstolos* não é um termo genérico para os missionários ou os implantadores de igrejas, ou bispos ou outros líderes da igreja. Pelo contrário, denota aquele grupo pequeno e especial que Jesus escolheu, chamou e autorizou a ensinar em seu nome, e que foram testemunhas oculares da sua ressurreição, e que consistia nos Doze, mais Paulo e Tiago, e talvez um ou dois ou-

tros. Acreditavam que a igreja aceitaria com fé e conservaria o que ensinavam, e esperavam que a igreja obedecesse ao que ordenavam. A palavra *profetas* também indica mestres inspirados aos quais vinha a palavra de Deus e que a transmitiam fielmente a outros. *Apóstolos e profetas* talvez reúna o Antigo Testamento (profetas) e o Novo Testamento (apóstolos), como sendo a base do ensino da igreja. Mas a ordem invertida das palavras (não "profetas e apóstolos" mas, sim, "apóstolos e profetas") sugere que provavelmente haja referência a profetas do Novo Testamento. Se for assim, sua comparação com os apóstolos como o fundamento da igreja é significativa. A referência deve ser, mais uma vez, a um pequeno grupo de mestres inspirados, associados com os apóstolos, que juntamente davam testemunho de Cristo e cujo ensino era derivado da revelação (3:5) e era fundamental.

Em termos práticos, isto quer dizer que a igreja está edificada sobre as Escrituras do Novo Testamento. São os documentos fundamentais da igreja. E, assim como não se pode mexer com um alicerce depois de ter sido colocado e a estrutura superior estiver edificada sobre ele, assim também o fundamento neotestamentário da igreja é inviolável. Este não pode ser alterado por quaisquer acréscimos, decréscimos, ou modificações oferecidas por aqueles que em qualquer época aleguem ser apóstolos ou profetas. A igreja fica em pé ou cai, conforme sua dependência leal às verdades fundamentais que Deus revelou aos seus apóstolos e profetas, e que agora são preservadas nas Escrituras do Novo Testamento.

A pedra angular também é de importância crucial para um edifício. Ela mesma faz parte do fundamento e lhe é essencial; ajuda a manter o edifício firme, e também o coloca alinhado e o mantém assim. O templo em Jerusalém tinha pedras angulares enormes. Armitage Robinson menciona certo monolito antigo escavado junto ao muro sul do templo, e que tinha cerca de 12 metros de comprimento.[27] *A pedra angular* do novo templo é *ele mesmo, Jesus Cristo.* Noutros lugares ele também é a pedra fundamental.[28] Aqui, porém, Paulo tem em mente especialmente a função de Jesus Cristo de conservar junto, como uma unidade, o templo em crescimento. Ele, pois, é *a pedra angular; no qual todo edifício, bem ajustado, cresce...* A unidade e o crescimento da igreja vêm em conjunto, e Jesus Cristo é o segredo de ambos. Visto que o conceito de *em Cristo* é de uma união orgânica, as metáforas mais naturais para ilustrá-lo são metáforas orgânicas, tais como os ramos *na* videira, e os membros *no* corpo. Aqui o conceito é transferido para a obra da construção. Assim como um edifício depende, para a sua coesão e para o seu desenvolvimento, de ser se-

[27] Armitage Robinson, pág. 69.
[28] Cf. Is 28:16; Sl 118:22; 1 Co 3:11; 1 Pe 2:4-8.

guramente vinculado a uma pedra angular, assim também Cristo, a pedra angular, é indispensável para a união e o crescimento da igreja. A não ser que esteja constante e seguramente relacionada com Cristo, a união da igreja desintegrar-se-á, e seu crescimento cessará ou será desordenado.

Paulo passa da estrutura do templo para as pedras individuais. Nos dois casos, a união com Cristo é indispensável: *Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo edifício, bem ajustado... no qual também vós juntamente estais sendo edificados...* O apóstolo Pedro também desenvolve um quadro da igreja como um edifício, descrevendo os membros individuais da igreja como "pedras que vivem" as quais "chegando-vos para ele (Jesus)... sois edificados casa espiritual".[29] Aqui, no quadro de Paulo, as pedras adicionais que estão sendo colocadas na estrutura são *também vós*, sendo que isso se refere ao seus leitores gentios. Conforme já vimos, o templo de Jerusalém era um edifício exclusivamente judaico, no qual todos os gentios eram proibidos de entrar. Agora, porém, não apenas lhes é permitido a entrada como eles mesmos são partes integrantes do templo de Deus. E visto que uma das funções da pedra angular era ligar duas paredes, é possível que Paulo esteja empregando esta linguagem figurada para proclamar Cristo como a chave de ligação entre judeus e gentios.

Qual é o propósito do novo templo? Em princípio, é o mesmo que o do velho, ou seja: ser a habitação de Deus (v. 22). Naturalmente, os israelitas possuíam a compreensão espiritual de que Deus não habitava em templos feitos por homens, e que o universo inteiro não podia conter o seu Ser infinito.[30] Mesmo assim, Deus prometera que manifestaria a sua glória (shekinah) no santuário interior do templo, a fim de simbolizar a verdade de que ele habitava entre o seu povo. O novo templo, porém, não é uma construção material, nem um santuário nacional, nem tem um terreno localizado. É um edifício espiritual (a família de Deus e uma comunidade inter-racial (que abrange tanto gentios como judeus), e tem alcance mundial (onde quer que se achem membros do povo de Deus). É aí que Deus habita. Ele não está vinculado a edifícios sagrados mas, sim, a pessoas santas, à sua própria nova sociedade. Com este povo ele fez uma aliança solene. Deus vive nesse povo, individualmente e na comunidade.[31] O que, pois, substitui a glória da *shekinah* no templo, como símbolo da presença de Deus e meio da sua manifestação? Aqui Paulo responde a essa pergunta: a igreja é tanto *santuário dedicado ao Senhor* (o que significa, como sempre no Novo Testamento quando não há outra definição, "o Senhor Jesus") e *habitação de Deus no Espírito*. Mais uma vez, a Santíssi-

[29] 1Pe 2:4-5. [30] Cf. 1 Rs 8:27; At 7:48, 49; 17:24.

[31] Contrastar 1 Co 6:19; 3:16 e Ef 2:21-22, onde o templo de Deus é identificado sucessivamente como sendo o corpo do cristão individual, a igreja local e a igreja universal.

ma Trindade chama a nossa atenção. Deus, pois, habita no seu povo como seu templo *no Senhor* e *no Espírito*, ou seja, através do seu Filho e mediante o seu Espírito.

Quando Paulo ditava esta sua carta, existia em Éfeso o magnífico templo de mármore de Artemis ("grande é Diana dos efésios"), uma das sete maravilhas do mundo antigo, e em cujo santuário interior havia uma estátua da deusa. Ao mesmo tempo, havia em Jerusalém o templo judaico edificado por Herodes, o Grande, cercado por uma barreira contra os gentios, e agora também contra Deus, cuja glória tinha abrigado no seu santuário interior durante séculos, mas, agora, revelada no Messias, procurava extinguir. Dois templos, um pagão e outro judaico, projetados por seus devotos como residência divina, estavam vazios do Deus vivo. Pois agora há um novo templo, uma *habitação de Deus no Espírito*. É a sua nova sociedade, o seu povo redimido espalhado por todas as partes do mundo habitado. Os membros do povo são o seu lar na terra. Eles também serão o seu lar no céu. O edifício, pois, ainda não está completo. *Cresce para santuário dedicado ao Senhor*. Somente depois da criação do novo céu e da nova terra é que a voz do trono declarará com ênfase definitiva: "Eis o tabernáculo de Deus com os homens".[32]

Conclusão

É maravilhoso olhar para trás e seguir a seqüência do ensino do apóstolo. Ele pinta uma grande tela com pinceladas firmes. Antes, conforme relembra aos seus leitores gentios, estáveis alienados de Deus e do seu povo. Cristo, porém, morreu para reconciliar-vos com ambos. É por isto que já não sois os estrangeiros que éreis, mas, sim, o reino sobre o qual Deus reina, a família que ele ama e o templo em que ele habita. De modo mais simples ainda: estáveis alienados, fostes reconciliados, e Cristo vos trouxe para casa.

Seria difícil enxergar a grandeza desta visão. A nova sociedade que Deus fez existir é nada menos do que uma nova criação, uma nova raça humana, cuja característica já não é a alienação mas, sim, a reconciliação, já não é a divisão e a hostilidade mas, sim, a união e a paz. Deus reina sobre esta nova sociedade, ama-a e vive nela.

Esta é a visão. Quando, porém, nos voltamos do ideal retratado nas Escrituras para as realidades concretas experimentadas hoje na igreja, a história é muito diferente e muito trágica. Porque, até mesmo nela, há freqüentemente alienação, desunião e discórdia. E os cristãos levantam no-

[32] Ap 21:1-5.

vas barreiras no lugar das antigas que Cristo demoliu: ora uma barreira de cor, ora o racismo, o nacionalismo ou o regionalismo, ora as animosidades pessoais engendradas pelo orgulho, pelo preconceito, pelos ciúmes e pelo espírito que não perdoa, ora um sistema discriminatório de castas ou de classes, ora um clericalismo que separa os clérigos dos leigos como se fossem espécies diferentes de seres humanos, e ora um denominacionalismo que transforma as igrejas em seitas e contradiz a união e a universalidade da igreja de Cristo.

Estas coisas são duplamente ofensivas. Em primeiro lugar, são uma ofensa contra Jesus Cristo. Como ousamos edificar paredes de separação dentro da sua comunidade quando ele as destruiu? Naturalmente, há as barreiras de língua e de cultura no mundo exterior, assim como os novos convertidos se sentem mais à vontade entre seus semelhantes, que falam e se vestem e comem e bebem e se comportam da mesma maneira, conforme sempre têm feito. Mas deliberadamente perpetuar estas barreiras, sem dar qualquer passo ativo para vencê-las, de modo a demonstrar a unidade transcultural da nova sociedade de Deus, é colocar-se contra a obra reconciliadora de Cristo e até mesmo procurar desfazê-la.

O que é ofensivo a Cristo também é ofensivo, embora de modo diferente, ao mundo. Impede o mundo de crer em Cristo. Deus pretende que o seu povo seja um modelo visual do evangelho, a fim de demonstrar diante dos olhos das pessoas as boas novas da reconciliação. Mas qual é o valor de campanhas evangelísticas se não produzem igrejas fiéis ao evangelho? É simplesmente impossível, com qualquer migalha de integridade cristã, continuar a proclamar que Jesus, pela sua cruz, aboliu as velhas divisões e criou uma nova humanidade de amor, enquanto, ao mesmo tempo, estivermos contradizendo a nossa mensagem com tolerância a barreiras raciais ou sociais, ou quaisquer outras, dentro da comunhão da nossa igreja. Não estou dizendo que uma igreja deve ser perfeita antes de poder pregar o evangelho, mas estou dizendo que não pode pregar o evangelho enquanto se mantém deliberadamente imperfeita.

Devemos deixar pesar sobre a nossa consciência as falhas da igreja, sentir que grande ofensa contra Cristo e contra o mundo estas falhas constituem; devemos chorar sobre o vazio de credibilidade entre o falar da igreja e o andar da igreja, arrependendo-nos da nossa disposição para desculpar e até mesmo para perdoar os nossos próprios fracassos, e assim fazer algo para remediar o caso. Pergunto a mim mesmo se há alguma coisa mais urgente hoje, para a honra de Cristo e para a propagação do evangelho, do que isto: a igreja ser aquilo que já é segundo o propósito de Deus e a realização de Cristo, e ser vista como tal: uma nova humanidade, um modelo de comunidade humana, uma família de irmãos e irmãs recon-

ciliados que amam ao seu Pai e se amam uns aos outros, a habitação evidente de Deus pelo seu Espírito. Somente então o mundo crerá em Cristo como Pacificador. Somente então é que Deus receberá a glória devida ao seu nome.

3:1-13
5. O privilégio sem igual de Paulo

Por esta causa eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios, [2]*se é que tendes ouvido a respeito da dispensação da graça de Deus a mim confiada para vós outros;* [3]*pois segundo uma revelação me foi dado conhecer o mistério conforme escrevi há pouco, resumidamente,* [4]*pelo qual, quando lerdes, podeis compreender o meu discernimento no mistério de Cristo,* [5]*o qual em outras gerações não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito,* [6]*a saber, que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho.*

[7]*Do qual fui constituído ministro conforme o dom da graça de Deus, a mim concedida, segundo a força operante do seu poder.* [8]*A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo,* [9]*e manifestar qual seja a dispensação do ministério, desde os séculos oculto em Deus, que criou todas as coisas,* [10]*para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais,* [11]*segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus nosso Senhor,* [12]*pelo qual temos ousadia e acesso com confiança, mediante a fé nele.* [13]*Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, pois nisso está a vossa glória.*

Neste ponto, Paulo se apresenta e explica o seu papel pessoal e único no propósito de Deus para com os gentios. Não é sem razão que veio a ser conhecido como "o apóstolo aos gentios".

Na segunda parte, de Efésios 2, conforme vimos no capítulo anterior, ele pintou um contraste vívido entre a dupla alienação que os gentios padeciam diante de Cristo (alienação de Deus e alienação de Israel) e sua dupla reconciliação através de Cristo. Sim, porque com sua morte Cristo demoliu as barreiras entre os judeus e os gentios, e entre Deus e o homem, criando agora em relação a si mesmo, uma nova sociedade multicultural, que é não apenas a família amada por Deus, mas também o templo em que vive. Os leitores gentios de Paulo devem ter recebido com profundo júbilo esta exposição do evangelho da paz.

Mas, abruptamente, ele desvia o ponto de atenção, antes centralizado neles, para fixá-lo em si mesmo. *Eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios* (v. 1). Humanamente falando, não era o prisioneiro de Cristo, mas, sim, de Nero. Apelara ao Imperador e, portanto, tinha sido levado preso para ser julgado diante dele.[1]

Paulo, porém, nunca pensava nem falava em termos puramente humanos. Acreditava na soberania de Deus sobre os assuntos dos homens. Assim, chamava-se (literalmente) *o prisioneiro de Cristo Jesus* (v. 1)[2] ou *o prisioneiro no Senhor*,[3] por estar tão convicto de que a sua vida inteira, inclusive a sua prisão tão estafante, estava sob o senhorio de Jesus. Também é possível que pensasse em si mesmo como sendo *o prisioneiro de Cristo* do mesmo modo como se via "o escravo de Cristo" e, neste caso, sua autodescrição expressava uma "combinação de cativeiros externo e interno".[4]

Paulo passa, depois, a uma segunda frase descritiva, indicando a natureza e o propósito da sua prisão. Era prisioneiro de Jesus Cristo, *por amor de vós, gentios*. Esta era uma realidade. O que o levara à prisão em Jerusalém, à prisão ali e em Cesaréia, aos sucessivos julgamentos e ao apelo subseqüente a César, e que acabou levando-o a Roma, foi a oposição fanática dos judeus à sua missão aos gentios. Lucas, seu amigo, médico e companheiro de viagens, estava com ele na ocasião, e registrou fielmente os pormenores na narrativa de Atos. Explica que o que levava os judeus a incitarem as multidões contra Paulo era a sua reputação por "ensinar todos a ser contra o povo, contra a lei e contra este lugar" (o templo). Como poderia ter adquirido semelhante reputação? Sem dúvida, por ensinar exatamente o que acabara de ensinar em Efésios 2, ou seja, que, ao abolir os elementos divisórios da lei, Jesus estava criando um novo povo e edificando um novo templo. Por isso foi preso. E quando o comandante permitiu-lhe fazer sua defesa pública diante do povo judaico, este o ouviu em silêncio até o momento em que chegou à parte da história onde Jesus lhe disse: "Vai, porque eu te enviarei para longe aos gentios." Com isso, os judeus gritaram: "Tirem tal homem da terra!"[5]

Assim, o motivo da oposição judaica a Paulo estava em ter este abraçado com ousadia, sem meios termos, a causa gentia. Não somente pregava a sua visão da nova humanidade, sem divisões, e escrevia sobre ela; naquele exato momento estava sofrendo pelas mesmíssimas verdades que expunha.

Parece provável que o apóstolo pretendesse passar a orar pelos seus leitores gentios. Começou dizendo: *Por esta causa eu, Paulo...* Mas inter-

[1] At 25:11-12. [2] Também Fm 1, 9; e cf. 2 Tm 1:8.
[3] 4:1. [4] Barth *Ephesians, I*, pág. 361. [5] At 21:17 ss.; 22:21ss.

rompeu a si mesmo, e não começou a orar até o versículo 14. Entretanto, desenvolveu sua autodescrição a fim de enfatizar os privilégios ímpares que Deus lhe outorgara na concretização do seu propósito para com os gentios.

Duas vezes nestes versículos ele emprega a mesma expressão; de fato, uma combinção idêntica de palavras gregas, que são traduzidas por *a graça de Deus a mim confiada* (vs 2 e 7). Está se referindo a dois privilégios que Deus, num favor não merecido, lhe concedera.

O primeiro foi uma revelação, como resultado da qual viera a saber alguma coisa. Vejamos os versículos 2-3 *se é que tendes ouvido a respeito... da graça de Deus a mim confiada para vós outros; pois segundo uma revelação me foi dado conhecer o mistério.*

O segundo foi uma certa comissão, como resultado da qual tinha uma responsabilidade para fazer conhecido algo a outras pessoas: *Deste evangelho fui constituído ministro conforme o dom da graça de Deus, a mim concedida, segundo a força operante do seu poder (vs. 7-8).*

Está claro que estes dois dons da graça divina, a revelação e a comissão, o *mistério* revelado a ele e o *ministério* confiado a ele, estavam estreitamente relacionados entre si. Pois, uma vez recebida a revelação divina, sabia que tinha a obrigação de tornar conhecido aquilo que lhe fora revelado.

1. A revelação divina a Paulo, ou o mistério que lhe foi dado a conhecer (vs. 1-6)

Três vezes neste curto parágrafo Paulo emprega a palavra "mistério": *segundo uma revelação me foi dado conhecer o mistério* (v. 3) *...podeis compreender o meu discernimento no mistério de Cristo* (v. 4) *...e manifestar qual seja a dispensação do mistério* (v. 9). É uma palavra- chave para a nossa compreensão do pensamento de Paulo. Devemos reconhecer que as palavras em português e em grego não significam a mesma coisa. Em português um "mistério" é algo obscuro, oculto, secreto, enigmático. O que é "misterioso" é inexplicável, até mesmo imcompreensível. A palavra grega *mystērion* é diferente, no entanto. Embora continue sendo um "segredo", já não está cuidadosamente guardado mas, sim, revelado. Originalmente, a palavra grega se referia a uma verdade em que alguém tinha sido iniciado. Veio mesmo a ser usada para os ensinamentos secretos das religiões pagãs de mistério, ensinamentos estes que eram limitados aos iniciados. No cristianismo, no entanto, não há "mistérios" esotéricos reservados para uma elite espiritual. Pelo contrário, os "mistérios" cristãos são verdades que, embora estejam além da compreensão humana, foram reveladas por Deus e, portanto, agora pertencem abertamente a toda a igreja. Mais simplesmente, *mystērion* é uma verdade que esteve

oculta ao conhecimento ou entendimento humanos, mas que atualmente está desvendada pela revelação de Deus.

Se é este o significado geral de "mistério" no Novo Testamento, qual é o segredo aberto ou verdade revelada, especificamente, *o qual em outras gerações não foi dado a conhecer aos filhos dos homens,* mas que *agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito* (v. 5) e que de modo sem igual, Paulo acrescenta, *me foi dado conhecer?* (v. 3). Ele chama este mistério no versículo 4, como também em Colossenses 4:3, de *o mistério de Cristo.* Assim, parece claro que é uma verdade especialmente revelada, "da qual Cristo é tanto a fonte quanto a substância".[6] Paulo declara a natureza exata do mistério com ênfase e clareza no versículo 6. *A saber, que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho.* Assim, o mistério diz respeito a Cristo e ao seu único povo, judeu e gentio. A fim de defini-lo com mais exatidão, Paulo reúne (e, em um caso, cria) três expressões compostas e paralelas. Cada uma tem o mesmo prefixo *syn*, "juntamente com", e indica aquilo que os crentes gentios agora têm e são, em conjunto com os crentes judeus. Que expressões são estas? Os gentios são "co-herdeiros" (*synklēronoma*), "membros do mesmo corpo" (*syssōma*) e "co-participantes" (*summetocha*) da promessa. Estas três palavras gregas incomuns, no entanto, precisam ser analisadas com atenção. O que Paulo está declarando é que os cristãos, tanto gentios como judeus, são agora herdeiros juntos da mesma bênção, membros comuns do mesmo corpo, e participantes da mesma promessa. E este privilégio compartilhado é tanto *em Cristo Jesus* (porque é desfrutado igualmente por todos os crentes, tanto judeus como gentios, posto que estejam em união com Cristo) e *por meio do evangelho* (pois a proclamação do evangelho inclui esta unidade e assim a torna disponível para todos os que crêem).

Resumindo, podemos dizer que *o mistério de Cristo* é a união completa entre judeus e gentios, através da união de ambos com Cristo. É esta dupla união, com Cristo e entre eles, que era a substância do *mistério.* Deus o revelara especialmente a Paulo, conforme este escrevera resumidamente (v. 3) no capítulo anterior. Mas também fora revelado *aos seus* (de Deus) *santos apóstolos e profetas, no Espírito* (v. 5) e, através destes, "aos seus santos" (Cl 1:26).[7] Agora era, portanto, a possessão comum da igreja universal.

Era uma nova revelação. Porque *em outras gerações não foi dado a*

[6] Hendriksen, pág. 153.

[7] Um exemplo foi a revelação especial ao apóstolo Pedro do propósito de Deus de incluir os gentios, conforme está registrada em At 10 e 11.

conhecer aos filhos dos homens (v. 5) mas, sim, estava desde os séculos oculto (v. 9). Estas declarações têm sido um enigma para os leitores da Bíblia, porque o Antigo Testamento já revelara que Deus tinha um propósito para os gentios. Prometera que todas as famílias da terra seriam abençoadas através da posteridade de Abraão; que o Messias receberia as nações como sua herança; que Israel seria dado como uma luz para as nações; e que um dia as nações fariam uma peregrinação a Jerusalém e até mesmo "fluiriam para ela" como um rio poderoso.[8] Jesus também falou da inclusão dos gentios, e comissionou seus seguidores a torná-los seus discípulos. Mas o que nem o Antigo Testamento nem Jesus revelaram foi a natureza radical do plano de Deus, ou seja, que a teocracia (a nação judaica sob o governo de Deus) terminaria e seria substituída por uma nova comunidade inter-racial, a igreja, e que esta igreja seria *o corpo de Cristo*, organicamente unido a ele.

Judeus e gentios seriam incorporados em Cristo e na sua igreja em igualdade, sem qualquer distinção. Esta união completa entre judeus, gentios e Cristo era radicalmente nova, e Deus a revelou a Paulo, vencendo o arraigado preconceito judeu.[9]

2. A comissão divina a Paulo ou o ministério que lhe foi confiado (vs. 7-13)

No fim do versículo 6, Paulo virtualmente equiparou *o mistério* com *o evangelho.* Pelo menos escreve que é *por meio do evangelho* que os cristãos judeus e gentios são unidos a Cristo. Isto acontece somente porque o evangelho anuncia o mistério, de modo que as pessoas o ouçam, creiam nele e venham a ter experiência dele.

Ora, esta equiparação de *mistério* com *evangelho* é significativa, pois o mistério era essencialmente a verdade revelada *a* Paulo, ao passo que o evangelho era essencialmente a verdade proclamada *por* Paulo. O próprio Paulo fez a conexão, porque estava convicto de que as boas novas tinham sido reveladas a ele somente a fim de serem comunicadas. Assim diz de modo claro: *Deste evangelho fui constituído ministro conforme o dom da graça de Deus, a mim concedida* (v. 7). Desta maneira, se o primeiro dom da graça de Deus a ele foi o próprio *mistério* que lhe fora revelado (vs. 2-3), o segundo era o ministério que lhe fora confiado, e pelo qual ele o compartilharia a outras pessoas. Recebera-o pela graça de Deus, e o exerceria *segundo a força operante do seu poder.*

Paulo considera que esta comissão ou ministério é um privilégio enorme. Porque aquilo que chama de *esta graça*, que poderíamos chamar de "este dom priviligiado de Deus", lhe fora dado, a despeito do fato de ser

[8] Gn 12:1-3; Sl 2:8; Is 42:6; 49:6; 2:2-4.
[9] Cf. sua declaração que tem revelação direta de Deus em Gl 1:12.

o menor de todos os santos (v. 8), ou "o membro mais vil do povo santo".[10] É uma expressão muito marcante. Toma o superlativo (*elachistos*, "ínfimo" ou "mínimo") e faz o que é impossível na lingüística mas que é possível na teologia; tranforma-o em comparativo (*elachisteros*, "mais mínimo" ou "menor do que o mínimo"). Talvez estivesse deliberadamente jogando com o significado do seu nome. Seu sobrenome romano, "Paulus", significa "pequeno", e a tradição diz que era um homem pequeno. "Eu *sou* pequeno", talvez esteja dizendo, "pequeno pelo nome, pequeno na estatura, e moral e espiritualmente menor do que o mínimo de todos os cristãos". Ao afirmar isto, não está sendo hipócrita nem se afundando em autodepreciação. Está sendo sincero. Está profundamente consciente tanto da sua própria indignidade, pois "noutro tempo fôra blasfemo, perseguidor e insolente" contra Jesus Cristo,[11] como também da misericórdia de Cristo que transbordava para com ele. Uma boa indicação de que a sua modéstia não era fingida nem mórbida é que não o impedia de aceitar a responsabilidade de ser apóstolo. Pelo contrário, nesta mesma passagem ele emprega duas vezes o *egō* "eu" apostólico autoconsciente (3:1; 4:1). Paulo sabia combinar a humildade pessoal com a autoridade apostólica. Na verdade, ao "minimizar a si mesmo, engrandecia o seu ofício".[12]

O ministério privilegiado de divulgar o evangelho, confiado a ele pela graça de Deus, é o que ele passa a desenvolver em três etapas:

a. Pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo (v. 8)

Visto que o mistério que lhe fora revelado dizia respeito ao plano de Deus de incorporar os gentios em Cristo, era lógico que o ministério que lhe fora confiado se dirigisse primeiro e principalmente a eles. Foi comissionado para *pregar aos gentios*. "Pregar" aqui é *euangelizō*, "anunciar boas novas", porque estava bem consciente de que o seu evangelho era uma mensagem de boas novas grandiosas para os gentios. Consistia nas *insondáveis riquezas de Cristo*, as riquezas que Cristo possui em si mesmo e que outorga àqueles que vêm a ele. Podemos julgar quais são estas riquezas pela exposição de Paulo em Efésios 1 e 2. São riquezas livremente disponíveis por causa da cruz. Incluem a ressurreição da morte no pecado, a entronização vitoriosa com Cristo nos lugares celestiais, a reconciliação com Deus, a incorporação com os crentes judeus na nova sociedade de Deus, o fim da hostilidade e o começo da paz, o acesso ao Pai mediante Cristo e pelo Espírito, o ingresso no reino e na família de Deus, sendo parte integrante da sua moradia entre os homens; tudo isso representando apenas um vislumbre de riquezas futuras, a saber, das riquezas da glória da he-

[10] Armitage Robinson, pág. 169. [11] I Tm 1:13. [12] Simpson, pág. 70.

rança que Deus dará a todo o seu povo no último dia.

Não é de se admirar que Paulo chame de *insondáveis* as riquezas de Cristo. A palavra *anexniastos* significa, literalmente, "cuja pista não pode ser achada". Na versão grega de Jó 5:9 e 9:10 era aplicada às maravilhas da criação e da providência de Deus, que estão além do nosso entendimento, e o próprio Paulo já a usara em Romanos 11:33 para os mistérios profundos do plano divino da salvação. As riquezas de Cristo são semelhantes. Como a terra, são vastas demais para serem exploradas; como o mar, profundas demais para serem sondadas. Os tradutores e comentaristas esforçam-se para achar um equivalente dinâmico. As riquezas de Cristo, dizem eles, são "inescrutáveis", "inexploráveis", "incompreensíveis", "inexauríveis", "ilimitáveis", "imperscrutáveis" e "incalculáveis". Talvez "insondáveis", da ERAB seja a tradução mais simples, pois o que está certo sobre as riquezas que Cristo tem e dá é que nunca chegaremos ao fim delas.

Indiretamente, nestes últimos versículos, o apóstolo indica dois dos incentivos mais fortes à evangelização. Começa enfatizando que a revelação e a comissão que lhe foram dadas permanecem indissoluvelmente juntas, pois o que lhe foi revelado deve sem falta tornar-se conhecido de outros. A verdade revelada lhe foi comissionada. Foi-lhe dada para ser repartida, não para ser monopolizada. Se os homens não conseguem guardar para si suas descobertas científicas, devemos guardar para nós as revelações divinas? Paulo passou, então, a enfatizar o conteúdo valioso da própria mensagem. Estavam convicto, como também precisamos estar, de que Cristo nunca empobrece aqueles que colocam nele a sua confiança mas, sim, sempre os enriquece incomensuravelmente. Aqui, pois, estava a dupla obrigação que Paulo sentia: a primeira era compartilhar a verdade de Deus; e a segunda, compartilhar as riquezas de Cristo. O que é necessário hoje, portanto, para a recuperação do zelo evangelístico na igreja é a mesma convicção apostólica a respeito do evangelho. Uma vez que tenhamos a certeza de que o evangelho é tanto a verdade da parte de Deus quanto riquezas para a humanidade, ninguém conseguirá silenciar-nos.

b. Manifestando o mistério a todos os homens (v. 9)

A segunda parte ou etapa do ministério privilegiado de Paulo é expressa nestes termos: *manifestar qual seja a dispensação* (plano) *do mistério, desde os séculos oculto em Deus, que criou todas as coisas.* O versículo 9 não é uma repetição do versículo 8. Há três diferenças relevantes.

Em primeiro lugar, a pregação do evangelho agora é definida, não como *euangelizō* ("anunciar boas novas") mas, sim, como *phōtizō* ("iluminar"). Paulo já empregara esse verbo em 1:18. Agora o pensamento muda do conteúdo da mensagem (boas novas) para a condição daqueles aos

quais é proclamada (nas trevas da ignorância). O próprio Jesus tinha caracterizado a comissão de Paulo nestes termos, pois lhe disse que o estava enviando aos gentios "para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz, e da potestade de Satanás para Deus".[13] Paulo nunca se esqueceu disso. Sua própria conversão na estrada de Damasco resultara do brilho não apenas externo mas também interno, de intensa luz no céu. Conforme sua maneira de expressá-lo mais tarde: "Porque Deus que disse: De trevas resplandecerá luz —, ele mesmo resplandeceu em nossos corações".[14] Realmente, *phōtismos* é a palavra que ali emprega para descrever a *iluminação* envolvida na sua conversão. Nós mesmos devemos sempre nos lembrar, na evangelização, de que o príncipe das trevas mantém os homens e as mulheres nas trevas, e que somente pela iluminação divina é que os olhos serão abertos para ver. Nossa responsabilidade é ser fiéis em divulgar o evangelho, visto ser este o meio que Deus ordenou para trazer a luz aqueles que estão nas trevas.

Uma segunda diferença entre os versículos 8 e 9 acha-se na descrição que Paulo dá da sua mensagem. No versículo 8 chama-a de *as insondáveis riquezas de Cristo*; no versículo 9 chama-a de *a dispensação* (plano) *do mistério*. Estas não são apenas expressões diferentes para a mesma coisa; mais uma vez, indicam uma mudança de ênfase. Poderíamos dizer que as *insondáveis riquezas* de Cristo representam o mais amplo dos dois conceitos. Abrangem o remédio de Cristo para as duas alienações gentias (de Deus e de Israel) e, portanto, a totalidade da sua salvação. O *mistério* concentra-se em apenas uma das duas reconciliações. É verdade que o mistério é o *mistério de Cristo*; centraliza-se em Cristo. Mas o que declara acerca de Cristo é que através dele e nele judeus e gentios estão incorporados em igualdade numa única comunidade. Permitam-me ressaltar a diferença com mais nitidez da seguinte maneira: segundo o versículo 8, a mensagem de Paulo era Cristo; no versículo 9, era a igreja.

A terceira diferença entre os versículos 8 e 9 é que Paulo dirige o seu ministério no versículo anterior *aos gentios* e, neste último, *a todos* (a distinção é clara somente na ERC e na BLH). Era necessário escrever assim, porque o mistério envolvia tanto judeus como gentios. Era uma mensagem de mútua reconciliação e de participação conjunta na nova sociedade de Deus, que também era a nova humanidade que ele estava criando. Talvez seja esta a razão por que no versículo 9 Paulo descreve Deus como sendo aquele *que criou todas as coisas*. Aquele que criou o universo agora começou uma nova criação, e um dia a completará. Na verdade, o *mistério* inclui a grande promessa de que finalmente Deus unirá todas as coisas em Cristo e debaixo de Cristo.[15] Dessa forma, no versículo 9 Paulo jun-

[13] At 26:17-18. [14] 2 Co 4:6. [15] 1:9-10.

ta a criação e a redenção. O Deus que criou todas as coisas no princípio criará todas as coisas de novo no fim.

c. Tornando conhecida a sabedoria de Deus para os poderes cósmicos (v. 10)

A perspectiva do apóstolo alarga-se mais ainda. Diz-nos que, embora o evangelho seja endereçado primária e diretamente aos seres humanos, traz indiretamente uma mensagem também aos anjos, aos *principados e potestades nos lugares celestiais*. O que ele quer dizer?

O primeiro resultado a ser esperado da pregação *das insondáveis riquezas de Cristo* e *do mistério* seria o nascimento e o crescimento da igreja. Os gentios e os judeus aceitariam o evangelho, seriam convertidos, e se achariam juntos como membros da família de Deus e do corpo de Cristo. De fato, isto já havia acontecido, quando Paulo estava escrevendo. Ele não estava tecendo teorias. O *mistério* não era uma abstração. Estava assumindo uma forma concreta diante dos olhos das pessoas. E neste novo fenômeno, nesta nova humanidade multi-racial, a sabedoria de Deus estava sendo demonstrada. Certamente o fato de a igreja ter vindo a existir como uma comunidade de pessoas salvas e reconciliadas é, de uma só vez, uma demonstração do poder, da graça e da sabedoria de Deus: primeiro, da poderosa força de Deus para ressuscitar,[16] depois, da sua graça e bondade incomensuráveis,[17] e agora, em terceiro lugar, da sua *multiforme sabedoria*. A palavra "multiforme" (*polupoikilos*) literalmente significa "multicolorido", e era usada para descrever flores, coroas, tecidos bordados e tapetes trançados. A palavra mais simples *poikilos* foi usada na LXX para a "túnica adornada" (BJ), um tipo de manta ricamente ornamentada que Jacó deu para o seu filho mais jovem, José (Gn 37:3, 23, 32). A igreja, como uma comunidade multi-racial e multicultural é como uma bela tapeçaria. Seus membros vêm de uma vasta gama de situações singulares. Nenhuma outra comunidade humana se assemelha a ela. Sua diversidade e sua harmonia são sem igual. É a nova sociedade de Deus. E a comunhão multicolorida da igreja é uma reflexão da sabedoria multicolorida (ou "multi-esplendorosa", usando a palavra de Francis Thompson) de Deus.

Assim, pois, enquanto o evangelho se espalha em todas as partes do mundo, esta nova comunidade cristã de cores variadas desenvolve-se. É como a encenação de um grande drama. A história é o teatro, o mundo é o palco, e os membros da igreja em todos os países são os atores. O próprio Deus escreveu a peça e a dirige e a produz. Ato após ato, cena após cena, a história continua a desdobrar-se. Mas quem está no auditório? São

[16] 1:19 — 2:6. [17] 2:7.

as inteligências cósmicas, *os principados e potestades nos lugares celestiais*. Devemos pensar neles como sendo os espectadores do drama da salvação. Por isso, "a história da igreja cristã fica sendo uma escola superior para os anjos".[18]

Nosso conhecimento desses seres espirituais é limitado, e devemos tomar cuidado para não irmos além daquilo que as Escrituras ensinam, não caindo na especulação ociosa. Fica claro, no entanto, que eles não são oniscientes. O apóstolo Pedro nos conta que não entendiam plenamente o ensino dos profetas do Antigo Testamento nem dos profetas do Novo Testamento no que diz respeito às boas novas da salvação em Cristo, pois estas são "coisas que anjos anelam perscrutar".[19] De modo semelhante, podemos inferir do versículo 10 que Deus não tinha revelado diretamente a eles o seu plano mestre para a igreja, mas, sim, pretendia que eles viessem a conhecê-lo precisamente *pela igreja*, à medida em que esta começava a existir e a crescer. É através da velha criação (o universo) que Deus revela a sua glória aos seres humanos; é através da nova criação (a igreja) que revela a sua sabedoria aos anjos. Parece legítimo dizer que, embora nós não possamos vê-los, eles podem nos ver. Olham fascinados ao verem gentios e judeus sendo incorporados na nova sociedade como iguais. Ademais, aprendem da composição da igreja não somente *a multiforme sabedoria de Deus* (v. 10) como também o seu *eterno propósito* (v. 11). Este propósito, ele o *estabeleceu em Cristo Jesus nosso Senhor*, no palco da História, mediante a sua morte e ressurreição, o dom do seu Espírito, a pregação do evangelho, e a emergência da igreja. Porque é *em Cristo Jesus nosso Senhor mediante a fé nele* que todos nós, sejamos judeus ou gentios, *temos ousadia e acesso com confiança* (v. 12). Este acesso universal de todo o povo cristão a Deus através de Cristo é aquilo que os reformadores do século XVI chamavam de "o sacerdócio universal de todos os crentes"; é um privilégio fundamental de todos os que estão em Cristo, ou seja, da *igreja*, a comunidade universal de judeus e gentios, acerca da qual Paulo acabara de escrever.

Não acho que posso deixar estes versículos, especialmente o versículo 10, sem pelo menos mencionar uma interpretação bem diferente que está ganhando popularidade. Consiste em entender os *principados e potestades* como sendo, não inteligências cósmicas (i. é, anjos e demônios) mas, sim, estruturas político-econômicas da sociedade humana. Reservarei uma exposição detalhada e crítica deste conceito quando estivermos com os *principados e potestades* em 6:12, mas não posso deixar passar sem darlhes alguma atenção aqui. Sua importância pode ser medida pela declaração de G. B. Caird sobre o versículo 10: "Dificilmente seria um exage-

[18] Mackay, pág. 84. [19] 1 Pe 1:10-12.

ro dizer que qualquer interpretação de Efésios fica firme ou cai pelo seu tratamento deste versículo." Ele acredita que o propósito de Deus é usar a igreja não somente para *informar* "as potestades" mas, sim, até mesmo *redimi-las*, visto que "até mesmo tais estruturas de poder e autoridade como o estado secular são capazes de serem trazidas para a harmonia com o amor de Deus".[20] Markus Barth desenvolve este conceito de grande alcance da influência "cósmica" da igreja:

"As forças políticas e sociais, culturais e religiosas, bem como todas as demais instituições, tradições, maiorias e minorias, estão expostas ao testemunho dela." Ditaduras e democracias, organismos que promovem o racismo e os direitos civis, etc., etc., "todos estes, e outros poderes, recebem uma oportunidade sem igual da parte de Deus: recebem o privilégio de ver no meio deles o começo de novos céus e nova terra".[21] Está se referindo ao papel da igreja conforme é indicado no versículo 10. Naturalmente, sinto-me hesitante em discordar de estudiosos deste calibre mas, tendo apreciado a questão com cuidado, sinto-me obrigado a me pronunciar sobre a questão: não creio que Paulo estivesse se referindo a estruturas sociais na terra ao escrever sobre os principados e potestades nos lugares celestiais, nem que, seja qual for a identidade deles, quisesse que a manifestação da multiforme sabedoria de Deus a eles fosse entendida como uma atividade redentora (ao invés de uma atividade informativa). Mas não falarei mais sobre o tópico aqui.

Fazendo um retrospecto da exposição feita por Paulo acerca do privilégio especial que lhe fora dado pela graça de Deus, para ser apóstolo aos gentios, é oportuno notar os diversos meios e fases da comunicação de Deus. Primeiro, tornou conhecido ao próprio Paulo o mistério do seu plano (e aos demais apóstolos e profetas, v. 5) pela revelação. Depois, comissionou Paulo (e outros) a pregar o evangelho a todas as pessoas em todas as partes do mundo. E em terceiro lugar tornou conhecida a sua multiforme sabedoria e o seu eterno propósito aos principados e potestades através da igreja em crescimento. Este é o círculo da comunicação divina, pois as boas novas foram passadas de Deus para Paulo, de Paulo e outros para toda a humanidade, e da igreja na terra de volta para o céu, para os principados cósmicos. Em cada etapa, o meio de comunicação altera-se. Foi por revelação direta que Deus desvendou o seu plano a Paulo. É pela proclamação verbal do evangelho que a mensagem se espalha hoje, e por um modelo visual (a comunidade cristã multicultural) que finalmente chega aos espectadores angelicais que não podemos ver. Nada é mais honroso para o evangelho, nada indica melhor sua importância suprema, do que este programa para sua comunicação universal.

[20] Caird, págs. 66 - 67. [21] Barth, *Ephesians, I*, pág. 365.

Conclusão

A principal lição desta primeira metade de Efésios 3 é a centralidade bíblica da igreja. Algumas pessoas constroem um cristianismo que consiste inteiramente em um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, e que, virtualmente, nada tem a ver com a igreja. Outros fazem com má vontade uma concessão à filiação à igreja, mas acrescentam que já rejeitaram a organização eclesiástica como sendo irrecuperável. Ora, é compreensível, até mesmo inevitável, que critiquemos muitas das estruturas e tradições herdadas pela igreja. Toda igreja, em todo lugar e a todo tempo, precisa de reforma e de renovação. Devemos, no entanto, ter cautela para não desprezarmos a igreja de Deus, e para que não sejamos cegos diante da sua ação na História. Podemos dizer com segurança que Deus não abandonou a sua igreja, por mais insatisfeito com ela que ele talvez esteja. Ainda a está edificando e refinando. E se Deus não abandonou, como é que nós podemos abandoná-la? Ela ocupa um lugar central no seu plano. O que, pois, esta passagem nos ensina acerca da centralidade bíblica da igreja?

a. A igreja ocupa lugar central na História

O versículo 11, conforme vimos, alude ao *eterno propósito* de Deus. É também chamado de seu palno ou *o plano de mistério* (v. 9). Somos informados de que este é o plano ou propósito de Deus, que foi concebido na eternidade, conservado *oculto desde os séculos* (v. 9), *o qual em outras gerações não foi dado a conhecer aos filhos dos homens* (v. 5). Ele agora o *estabeleceu em Cristo Jesus nosso Senhor*, primeiramente através da sua obra histórica na salvação e através da sua proclamação subseqüente no mundo. Qual é este propósito eterno que está sendo desenvolvido na História, este plano divino que pertence tanto à História quanto à eternidade? Diz respeito à igreja, à criação de uma nova humanidade reconciliada em união com Jesus Cristo. Este é o *mistério*, oculto durante séculos, mas agora revelado.

É este o nosso conceito da História? Todos nós estudamos História na escola, e talvez a tenhamos achado (como eu achei) que era abominavelmente enfadonha. Talvez tivéssemos de decorar listas de datas dos presidentes que governaram o país. Qual, porém, é a razão de ser da História? Será que Henry Ford tinha razão quando disse: "A história é bobagem", durante o seu processo por calúnia contra o jornal *Chicago Tribune*? Será a História apenas uma sucessão aleatória de eventos, cada efeito com a sua causa, e cada causa com o seu efeito, sem revelar, no conjunto, qualquer padrão objetivo, antes parecendo ser mais como uma seqüência sem sentido de fatos? Marx tinha razão no seu modo dialético

de entender o processo histórico? Ou há outra chave para a História?

Os cristãos afirmam, em contraste com todos os demais pontos de vista, que a História é a "história dele", a história de Deus. Deus está operando, baseado num plano concebido na eternidade, mediante um desenvolvimento e uma revelação históricos, levando-a a um clímax e, depois, além dela, para outra eternidade do futuro. A Bíblia tem este modo linear de entender o tempo. E nos conta que o centro do plano eterno e histórico de Deus é Jesus Cristo, juntamente com o seu povo redimido e reconciliado. Para entendermos este fato, talvez seja útil contrastar a perspectiva dos historiadores seculares com a da Bíblia.

A História secular concentra a sua atenção nos reis, nas rainhas, e nos presidentes, nos políticos e nos generais, enfim, nas celebridades. A Bíblia concentra-se, pelo contrário, num grupo que chama de *os santos*, freqüentemente gente pobre, insignificante, gente sem importância que, porém, ao mesmo tempo, é o povo de Deus — e por esta razão são "como desconhecidos (do mundo), e entretanto bem conhecidos (de Deus)".[22]

A História secular concentra-se nas guerras, nas batalhas e nos tratados de paz, seguidos ainda por mais guerras, batalhas e tratados de paz. A Bíblia concentra-se, pelo contrário, na guerra entre o bem e o mal, na vitória decisiva ganha por Jesus Cristo sobre os poderes das trevas, no tratado de paz ratificado pelo seu sangue, e na proclamação soberana de uma anistia para todos os rebeldes que se arrependem e crêem.

Além disso, a História secular concentra-se no mapa do mundo que vai sendo alterado à medida em que uma nação derrota outra e anexa o seu território, e na ascensão e queda dos impérios. A Bíblia concentra-se, pelo contrário, numa comunidade multinacional chamada *igreja*, que não tem fronteiras territoriais, que reivindica nada menos do que o mundo inteiro para Cristo, e cujo império chegará ao fim.

Sem dúvida, pintei de modo severo demais o contraste entre os conceitos secular e bíblico da História. A Bíblia não deixa desapercebidos os grandes impérios da Babilônia, do Egito, da Grécia, e de Roma; e uma história secular verdadeira não pode desconsiderar a existência da igreja. É, porém, uma questão de perspectiva, de prioridades. O Deus vivo é o Deus de todas as nações do mundo mas, dentro da comunidade humana universal existe uma "comunidade da aliança", a nova sociedade de Deus, o começo da sua nova criação. É a este povo somente que ele se ligou com a eterna promessa: "Eu lhes serei por Deus, e eles serão meu povo."

b. A igreja é central para o evangelho

O evangelho que alguns de nós proclamamos é por demais individualista. "Cristo morreu por mim", dizemos, e passamos a cantar sobre o céu:

"Será para mim, glória sem fim." As duas afirmações são verdadeiras. Quanto à primeira, o próprio apóstolo Paulo pôde escrever: "O Filho de Deus... me amou e a si mesmo se entregou por mim."[23] Quanto ao assim chamado "cântico da glória", o evangelho realmente promete *glória* para os crentes no céu. Mas isso está longe de ser a plenitude do evangelho. Fica evidente em Efésios 3 que o evangelho integral diz respeito tanto a Cristo quanto ao *mistério* de Cristo. As boas novas das insondáveis riquezas pregadas por Paulo é que Cristo morreu e ressuscitou não somente para salvar pecadores tais como eu (embora não tenha deixado de fazer isso), mas também para criar uma nova humanidade; não somente para nos redimir do pecado mas também para nos adotar na família de Deus; não somente para nos reconciliar com Deus, mas também para nos reconciliar uns com os outros. Portanto, a igreja é uma parte integrante do evangelho. O evangelho é boas novas de uma sociedade bem como de uma nova vida.

c. A igreja é central na vida cristã

É digno de nota que Paulo termina esta seção como a iniciou (v. 1), a saber, com uma referência aos seus próprios sofrimentos na causa gentia. Dirige-lhes a seguinte exortação: *Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, pois nisto está a vossa glória* (v. 13). Ora, *sofrimento* e *glória* constantemente estão ligados entre si no Novo Testamento. Jesus disse que entraria na sua glória através do sofrimento, e que seus seguidores teriam de palmilhar o mesmo caminho. Aqui, porém, Paulo escreve alguma coisa diferente: os sofrimentos *dele* trarão glória a *eles* (aos seus leitores gentios). Está sofrendo na prisão em prol deles, como o campeão deles, defendendo firmemente a inclusão deles na nova sociedade de Deus. Ele está tão convicto da origem divina da sua visão que está disposto a pagar qualquer preço para vê-la tornar-se realidade. É esta a medida da solicitude de Paulo para com a igreja.

Pode, naturalmente, ser argumentado que Paulo era uma exceção. Afinal, era o apóstolo aos gentios. Tinha recebido uma revelação especial e uma comissão especial. Talvez fosse ele e ele só que tivesse de sofrer em favor da igreja dos gentios. Mas não, o princípio é aplicável a todos os cristãos. Se a igreja é central no propósito de Deus, conforme se percebe tanto na História como no evangelho, certamente também deve ser central para as nossas vidas. Como podemos tratar levianamente aquilo que Deus leva tão a sério? Como ousamos empurrar para a periferia aquilo que Deus colocou no centro? Não, procuraremos tornar-nos membros responsáveis da igreja, ativos em alguma manifestação local da igreja universal. Não

[23] Gl 2:20.

poderemos aquiescer com padrões inferiores, muito aquém dos ideais do Novo Testamento para a nova sociedade de Deus, seja em se tratando de cultos de adoração mecânicos e sem sentido, seja numa comunhão tornada fria como gelo e até mesmo estragada por rivalidades que fazem da Ceia do Senhor uma farsa, ou num isolamento tal que transforma a igreja num gueto invisível ao mundo externo sofredor. Se, pelo contrário (como Paulo), conservamos diante de nós a visão da nova sociedade de Deus como sendo sua família, sua habitação e seu instrumento no mundo, então constantemente procuraremos tornar mais autêntica a adoração na nossa igreja, mais solícita a comunhão e mais compassiva a sua extensão para com os de fora. Noutras palavras (como Paulo, também), devemos estar prontos a orar, a trabalhar e, se necessário, a sofrer, a fim de transformar esta visão numa realidade.

3:14-21
6.Confiança no poder de Deus

Por esta causa me ponho de joelhos diante do Pai, [15]*de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra,* [16]*para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior;* [17]*e assim habite Cristo nos vossos corações, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor,* [18]*a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e a altura, e a profundidade,* [19]*e conhecer o amor de Cristo que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.* [20]*Ora, aquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós,* [21]*a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém.*

Uma das melhores maneiras de descobrir as principais ansiedades e ambições do crente é analisar o conteúdo de suas orações e a intensidade com que as faz. Todos nós oramos acerca do que nos preocupa e, evidentemente, não nos importamos com assuntos que não incluímos em nossas orações. A oração expressa um desejo. Por exemplo, quando Paulo orou pela salvação dos seus compatriotas israelitas, escreveu sobre a "boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles".[1] Conforme bem expressa certo hino: "A oração é o desejo sincero da alma, falado ou não expressado."

Certamente, é assim a segunda oração de Paulo em Efésios, onde abre a sua alma diante de Deus. Estava explicando tanto a obra de Cristo em fazer a paz, que resultou na criação de uma nova sociedade, quanto seu envolvimento pessoal nela, por causa da revelação e da comissão especiais que recebera. Agora, volta-se da exposição para a intercessão. Ora para que o plano maravilhoso de Deus, que estava explicando, seja ainda mais plenamente cumprido na experiência dos seus leitores. A oração e a pregação sempre caminham juntas. Assim como Jesus regou com oração as boas sementes do ensino que semeara no Cenáculo,[2] assim também Pau-

[1] Rm 10:1. [2] Jo 13-17.

lo completa o seu ensino com uma oração sincera e, registrando-a, capacita-nos a escutá-lo ainda hoje. Conforme expressa o Rev. Handley Moule: "Quem não leu e releu os versículos finais do terceiro capítulo aos Efésios sem sentir-se como tendo licença de olhar, por cortinas abertas, ao Santo dos Santos da vida cristã?"[3]

1. A introdução à sua oração (vs. 14-16a)

O apóstolo começa dizendo *Por esta causa...*, retomando o fio do pensamento que deixara no versículo 1. Que causa "tem em mente? O que é que o leva a orar? Decerto é tanto a obra reconciliadora de Cristo quanto a sua própria compreensão dela mediante revelação especial. Estas são as convicções que sustentam a sua oração. Sendo este o caso, daí emerge um princípio importante. A base da oração de Paulo era o seu conhecimento do propósito de Deus. Ele tinha a motivação necessária para orar em função do que Deus fizera em Cristo e lhe revelara. O prelúdio indispensável a toda petição é a revelação da vontade de Deus. Não temos autoridade alguma para orarmos por qualquer coisa que Deus não revelou ser sua vontade. É por isso que a leitura da Bíblia e a oração devem caminhar sempre juntas. É nas Escrituras que Deus revelou a sua vontade, e é na oração que pedimos que ele a realize.[4]

Paulo continua: *...me ponho de joelhos.* A posição normal para oração entre os judeus era coloca-se em pé. Na parábola de Jesus acerca do fariseu e do publicano, os dois homens oraram em pé (Lc 18:11, 13). Ajoelhar-se, portanto, era incomum. Indicava um grau excepcional de sinceridade, como quando Esdras, contrito, confessou os pecados de Israel, quando Jesus caiu de rosto no chão no Jardim de Getsêmani, e quando Estevão enfrentou o martírio.[5] As Escrituras não definem regra alguma a respeito da posição que devemos adotar quando oramos. É possível orar ajoelhado, em pé, sentado, andando, e até mesmo deitado, embora talvez nos disponhamos a concordar com William Hendriksen que "uma posição desleixada do corpo, quando se ora, é uma abominação diante do Senhor".[6]

Me ponho de joelhos diante do Pai. O apóstolo já chamara Deus de *nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo* e, portanto, porque estamos em Cristo, chama-o de *nosso Pai*, de quem fluem todas as bênçãos.[7] Já declarou, também, que os judeus e os gentios são juntamente membros da família do Pai, que desfrutam de igual acesso a ele pela oração.[8] Aqui continua a afirmar que deste Pai, diante de quem se ajoelha em reverente humil-

[3] Moule, *Veni Creator*, pág. 228. [4] Ver, P. ex., Jo 15:7 e 1 Jo 5:14.
[5] Ed 9:5 ss.; Mt 26:39; Lc 22:41; At 7:59, 60.
[6] Hendriksen, pág. 166. [7] 1:2-3. [8] 2:18-19.

dade, e de quem *toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra*. Esta, pelo menos, é a tradução da ERAB e *pasa patria* pode ser apropriamente traduzida por *toda família*. Há, porém, alguma coisa pouco apropriada nesta referência a uma variedade de famílias, visto que o tema dominante destes capítulos é que, através de Cristo, aquele "um só Deus e Pai de todos" (4:6) tem uma só família ou casa, à qual pertencem igualmente os crentes judeus e gentios. Parece melhor, portanto, traduzir *pasa patria* por "toda a família" (ERC) no sentido de "toda a família dos crentes". Então, o acréscimo de *tanto no céu como sobre a terra* indica que a igreja militante sobre a terra e a igreja triunfante no céu, embora sejam separadas pela morte, mesmo assim são apenas duas partes da única grande família de Deus.

Ao mesmo tempo, há um deliberado jogo de palavras na frase grega, visto que "pai" é *patēr* e "família" é *patria*. Em conseqüência, alguns tradutores procuraram conservar a assonância verbal com a frase "o Pai de quem toma o nome toda paternidade..." Os comentaristas indicam que a palavra *patria* não significa normalmente "paternidade" mas, sim, "família". Mesmo assim, é uma família que provém do mesmo pai, e fica assim subentendido o conceito da paternidade, e "a idéia abstrata de *paternidade* parece predominante aqui".[9] É possível, portanto, que Paulo esteja dizendo não somente que a família cristã recebe o seu nome do Pai, mas, sim, que a própria noção de paternidade é derivada da paternidade de Deus. Neste caso, o verdadeiro relacionamento entre a paternidade humana e a paternidade divina nem é de analogia ("Deus é um pai como os pais humanos"), nem é de projeção (a teoria de Freud de que inventamos Deus porque precisávamos da figura de um pai celestial), mas, sim, é de derivação (sendo que a paternidade de Deus é a realidade arquetípica, "a fonte de toda a paternidade da qual se possa conceber").[10]

A este Pai, Paulo ora que ele dê aos leitores alguns dons *segundo a riqueza da sua glória*. Tanto *riqueza* quanto *glória* são palavras características desta carta, e aqui, como em 1:18, estão em combinação. Paulo não tem dúvida alguma, nem de que Deus tem recursos inesgotáveis à sua disposição, nem de que com eles pode atender a sua oração.

2. O conteúdo da sua oração (vs. 16b - 19)

Gosto de pensar na petição do apóstolo como sendo uma escadaria pela qual ele sobe cada vez mais aspirando pelos seus leitores. Sua escadaria de oração tem quatro degraus, cujas palavras-chaves são "força", "amor", "compreensão" e "plenitude". Mais exatamente, ora inicialmente para que sejam *fortalecidos* pela inclusão de Cristo neles mediante o Espírito; a se-

[9] F. F. Bruce em Simpson, pág. 78. [10] Armitage Robinson, pág. 84.

guir, que sejam arraigados e alicerçados em *amor*; em terceiro lugar, que *conheçam* o amor de Cristo em todas as suas dimensões, embora esteja além do conhecimento; e, finalmente, que sejam *tomados* de toda a plenitude de Deus.

a. Fortalecidos com poder

A oração começa: *para que... vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e assim habite Cristo nos vossos corações, pela fé* (vs. 16-17a). Estas duas petições claramente caminham juntas. As duas se referem ao ponto mais íntimo do cristão, seu *homem interior* de um lado, e seu *coração* do outro. Depois, embora uma das petições especifique o poder do *Espírito* e outra a habitação de *Cristo* na pessoa, as duas decerto se referem à mesma experiência. Assim é que Paulo nunca faz distinção entre a segunda e a terceira pessoa da Trindade. Ter Cristo e o Espírito habitando em nós é a mesma coisa. De fato, é precisamente mediante o Espírito que Cristo habita em nosso coração,[11] e o que ele nos dá quando habita em nós é poder. Além disso, a experiência de *Cristo em vós* fazia parte do *mistério* e, portanto, do privilégio dos gentios crentes.[12]

Alguns ficam perplexos com esta primeira petição, quando se lembram que Paulo está orando em favor de cristãos. "Decerto", dizem, "Cristo habite mediante o seu Espírito em todo crente. Como, pois, Paulo pode pedir aqui que Cristo habite nos seus corações? Cristo já não estava dentro deles?" A estas perguntas respondemos, de início, que realmente cada cristão é habitado pelo Espírito Santo e é templo do Espírito Santo.[13] Mesmo assim, conforme Charles Hodge comenta com razão: "A habitação de Cristo na pessoa é questão de intensidade".[14] Assim também é o fortalecimento no interior mediante o Espírito Santo. O que Paulo pede em favor de seus leitores é que sejam "fortalecidos, apoiados, revigorados",[15] para que possam "receber aquela iluminação interior do Espírito" (CIN), e se apropriem sempre com maior firmeza, *pela fé*, deste poder divino, desta habitação divina na pessoa.

O que confirma que este é o significado que Paulo tinha em mente é a escolha da palavra para a idéia de *habitação* de Cristo no coração. Há dois verbos semelhantes em Grego, *paroikeō* e *Katoikeō*. O primeiro é o mais fraco. Significa "habitar (um lugar) como estrangeiro" (AG), viver, realmente, como um *paroikos*, a mesma palavra que Paulo usou em 2:19 para um peregrino que está morando longe de sua casa. *Katoikeō*, por outro lado, significa estabelecer-se em algum lugar. Refere-se a uma habi-

[11] Ver Jo 14:16-18 e Rm 8:9-11. [12] Cl 1:27.
[13] Rm 8:9, 10; 1 Co 6:19. [14] Hodge, pág. 186. [15] F. F. Bruce em Simpson, pág. 78.

tação permanente em contraste com uma temporária, e é usado tanto para a plenitude da Divindade habitando em Cristo[16] quanto para a plenitude de Cristo habitando no coração do crente (aqui no v. 17). O Rev. Handley Moule conclui: "A palavra que foi escolhida (*Katoikein*)... é uma palavra que expressamente denota a residência em contraste com o alojamento, a habitação do dono da casa no seu próprio lar em contraste com o viajante que sai do caminho para pernoitar em algum lugar, e que no dia seguinte já terá ido embora." Além disso, é "sempre no coração do crente que o Mestre e Senhor reside e, onde ele habita, tem de reinar; e ele entra não somente para animar e consolar, mas, acima de tudo, para reinar".[17] Por isso, Paulo ora ao Pai que Cristo, pelo seu Espírito, se estabeleça nos corações deles e, a partir do trono ali colocado, os controle, os fortaleça. Pela quarta vez na carta ficamos impressionados com a estrutura trinitariana natural do pensamento do apóstolo.[18]

b. Arraigados e alicerçados em amor

Se tivéssemos a oportunidade de perguntar a Paulo por que orava para que Cristo controlasse e fortalecesse seus leitores, creio que ele responderia que desejava que eles se fortalecessem para amar. É que na humanidade nova e reconciliada que Cristo está criando, o amor é a virtude mais importante. A nova humanidade é a família de Deus, cujos membros são irmãos e irmãs que amam o seu Pai e que se amam uns aos outros. Ou, pelo menos, deveriam se amar. Precisam da força do poder do Espírito e da habitação de Cristo para capacitá-los a amar uns aos outros, principalmente atravessando o profundo abismo racial e cultural que anteriormente os separava.

Para expressar quão fundamentalmente Paulo anseia que o amor deles seja, junta duas metáforas (uma botânica, outra arquitetônica), ambas enfatizando a profundidade em contraste com a superficialidade. Estes cristãos devem ser *arraigados e alicerçados*, ou ter "raízes e alicerces profundos" (BLH). Assim, Paulo os compara a uma árvore bem arraigada e, depois, a uma casa bem edificada. Nos dois casos, a causa invisível da estabilidade é a mesma: o amor. O amor há de ser o solo em que a vida deles deverá ser plantada; o amor há de ser o fundamento em que a vida deles será edificada. Poderíamos dizer que o amor deles deve ser na prática de natureza tanto *radical* como *fundamental*, pois estas palavras em português se referem a nossas raízes e aos nossos fundamentos.

[16] Cl 2:9.
[17] Moule, *Veni Creator*, págs. 235 e 240.
[18] Cf. 1:3, 17 e 2:18.

c. Conhecer o amor de Cristo

Observamos que o apóstolo agora passa do nosso amor (em que devemos ser arraigados e alicerçados) para o amor de Cristo (e ele ora no sentido de que conheçamos esse amor). Ademais, Paulo reconhece que precisamos de força e poder, força para amar e poder para compreender o amor de Cristo. Certamente, estas duas coisas não podem ser separadas, e é amando que em parte ficamos sabendo o significado do amor de Cristo.

Paulo ora que possamos *compreender* o amor de Cristo em suas plenas dimensões — *qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade* desse amor. Comentaristas modernos nos advertem que não sejamos demasiadamente literais em nossa interpretação, visto que o apóstolo talvez se tenha entregue a um pouco de retórica ou à hipérbole poética. A mim, porém, parece legítimo dizer que o amor de Cristo é suficientemente *largo* para abranger a totalidade da humanidade (especialmente os judeus e os gentios, o tema destes capítulos), suficientemente *comprido* para durar por toda a eternidade, suficientemente *profundo* para alcançar o pecador mais degradado, e suficientemente *alto* para levá-lo ao céu. Ou, conforme a expressão de Leslie Mitton, achando um paralelo com Romanos 8:37-39: "Onde quer que se vá, para a frente ou para trás, subindo até às alturas ou descendo às profundezas, nada nos separará do amor de Cristo."[19] Comentaristas antigos foram ainda mais longe. Viram estas dimensões ilustradas na cruz. A estaca vertical avançava para dentro da terra e apontava para o céu, e o travessão sustinha os braços de Jesus, esticados como que para convidar o mundo inteiro e dar-lhe as boas-vindas. Armitage Robinson chama isto de "fantasia bonita".[20] Talvez ele tenha razão: é fantasioso; mesmo assim, o que afirma sobre o amor de Cristo é verdade.

Paulo acrescenta: teremos o poder de compreender estas dimensões do amor de Cristo somente *com todos os santos*. O cristão isolado certamente pode conhecer algo do amor de Jesus. Sua compreensão desse amor, no entanto, forçosamente estará limitada por sua experiência limitada. Precisa-se da totalidade do povo de Deus para entender a totalidade do amor de Deus, *todos os santos* juntos, judeus e gentios, homens e mulheres, jovens e velhos, pretos e brancos, com toda sua diversidade e experiências.

Mesmo assim, embora com a nossa mente, possamos *compreender* as dimensões do amor de Deus até certo ponto, não o podemos *conhecer* em nossa experiência. É por demais largo, comprido, profundo e alto até mesmo para todos os santos entenderem. *Excede todo entendimento.* Paulo já usara esta idéia de "supremo", "que excede", no que diz respeito ao poder[21] e à graça[22] de Deus. Agora a emprega com respeito ao amor de

[19] Mitton, pág. 134. [20] Armitage Robinson, pág. 176. [21] 1:19. [22] 2:7.

Deus. O amor de Cristo é tão inescrutável quanto suas riquezas são insondáveis (v. 8). Sem dúvida passaremos a eternidade explorando as riquezas inesgotáveis da graça e do amor de Cristo.

d. Enchidos de toda a plenitude de Deus

Plenitude é uma palavra característica de Efésios, assim como de Colossenses. Em Colossenses, Paulo nos diz que a plenitude de Deus habita em Cristo, mas que, em Cristo, nós também chegamos à plenitude.[23] Ao mesmo tempo, deixa claro em Efésios que ainda temos espaço para crescer mais. Como indivíduos, devemos continuar a nos encher do Espírito,[24] e a igreja, embora já seja a plenitude de Cristo,[25] ainda deve *crescer nele* até atingir a plenitude de Cristo.[26] O "crescimento na plenitude", portanto, é o tema da quarta e última petição que Paulo faz por seus leitores da Ásia Menor. Ele ora que sejam *tomados de toda a plenitude de Deus*. Não é bem certo como este genitivo deve ser entendido. Se é objetivo, a plenitude de Deus é a abundância de graça que ele outorga. Se é subjetivo, é a plenitude que enche o próprio Deus; noutras palavras, a sua perfeição. Por estonteante que seja o pensamento, a última alternativa parece ser mais provável, porque a preposição grega é *eis*, que indica que devemos ser cheios não *com* a plenitude de Deus mas sim *até* ela, a plenitude ou perfeição de Deus sendo o padrão ou o nível até o qual oramos para sermos enchidos. A aspiração é a mesma, em princípio, daquela que é subentendida nos mandamentos para sermos santos como Deus é santo, e perfeitos como é perfeito nosso Pai celeste.[27]

Semelhante oração decerto deve antever o nosso estado final de perfeição quando, juntamente, entrarmos na plenitude do propósito de Deus para nós, e ficarmos cheios até o limite, cheios até aquela plenitude de Deus que os seres humanos são capazes de receber sem deixarem de permanecer humanos. Outra maneira de expressar esta perspectiva é que seremos como Cristo, que é o proprósito e a promessa de Deus,[28] pois o próprio Cristo é a plenitude de Deus. Ainda outra maneira de expressar esta verdade é dizer que atingiremos a plenitude do amor, do qual Paulo acabara de falar na sua oração. Então será cumprida a oração do próprio Jesus: "... a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles esteja".[29]

Ao dizermos que esta última petição de Paulo indica a perfeição celestial, não temos liberdade alguma para evitar o desafio que ela traz para o momento presente. Deus, pois, espera que estejamos crescendo em

[23] Cl. 1:19; 2:9-10. [24] 5:18.
[25] 1:23. [26] 4:13-16.
[27] 1 Pe 1:15-16; Mt 5:48. [28] Rm 8:29; 1 Jo 3:2. [29] Jo 17:26.

direção àquela plenitude final, enquanto estamos sendo transformados pelo Espírito Santo segundo a imagem de Cristo, de um grau de glória para outro.[30]

Agora, ao olharmos para trás e para baixo, vendo a escadaria que subimos com Paulo, não podemos deixar de ficar impressionados com a sua audácia. Ele ora que os seus leitores recebam a força do Espírito e a presença dominante de Cristo, o aprofundamento das suas vidas no amor, o conhecimento do amor de Cristo em todas as suas dimensões, e a plenitude do próprio Deus. São petições ousadas. Quem sobe por esta escada fica um pouco ofegante, até mesmo um pouco tonto. Mas Paulo não deixa em suspense.

3. A conclusão da sua oração (vs. 20-21)

Notamos agora que as quatro petições do apóstolo estão encaixadas entre duas referências a Deus. Nos versículos 14-16, Deus é o Pai da família inteira, e possui infinitas riquezas em glória; nos versículos 20 e 21, Deus é aquele que opera poderosamente dentro de nós. Um Deus assim pode responder às orações.

A capacidade para responder às orações é declarada pelo apóstolo de modo dinâmico numa expressão composta, com sete etapas. (1) Ele é poderoso para *fazer* ou para operar (*poiēsai*), pois ele não está ocioso, nem inativo, nem morto. (2) Ele é poderoso para fazer o que *pedimos*, pois escuta a oração e a responde. (3) Ele é poderoso para fazer o que pedimos ou *pensamos*, pois lê os nossos pensamentos; às vezes imaginamos coisas que não ousamos pedir e então deixamos de pedi-las. (4) Ele é poderoso para fazer *tudo* quanto pedimos ou pensamos, porque sabe de tudo e tudo pode realizar. (5) Ele é poderoso para fazer *mais do que* (*hyper*, "além") tudo quanto pedimos, ou pensamos, pois suas expectativas são mais altas do que as nossas. (6) Ele é poderoso para fazer muito mais, ou *mais abundantemente* (*perissōs*), do que tudo quanto pedimos ou pensamos, porque a sua graça não é dada por medidas racionadas. (7) Ele é poderoso para fazer muitíssimo mais, *infinitamente mais*, do que tudo quanto pedimos ou pensamos, pois é um Deus de superabundância. Este advérbio *hyperekperissou* é um dos "super-superlativos"[31] cunhados por Paulo. Equivalentes que têm sido propostos são "muito mais abundantemente" (ERC) ou "vastamente mais do que mais",[32] mas talvez o sentido seja melhor transmitido mesmo por *infinitamente mais* (ERAB). Simplesmente que não há limites àquilo que Deus pode fazer.

A capacidade infinita de Deus de operar além das nossas orações, dos nossos pensamentos e dos nossos sonhos é *conforme o seu poder que opera*

[30] 2 Co 3:18. [31] Bruce, pág. 70. [32] Simpson, pág. 84.

em nós, em nós individualmente (sendo que Cristo habita em nossos corações pela fé) e em nós como povo (o lugar da habitação de Deus mediante o seu Espírito). É o poder da ressurreição, o poder que ressuscitou Cristo dentre os mortos, que o entronizou nos lugares celestiais, e que depois nos ressuscitou e nos entronizou ali com ele. É este o poder que opera no cristão e na igreja.

A oração de Paulo está ligada com o cumprimento da sua visão da nova sociedade de Deus, a do amor. Pede que seus membros sejam fortalecidos para amar e para conhecer o amor de Cristo, embora este exceda todo entendimento. Mas, então, volta-se do amor de Deus que ultrapassa o conhecimento para o poder de Deus que ultrapassa a imaginação, do amor ilimitado para o poder ilimitado. Está, pois, convencido assim como nós devemos ficar convencidos, de que somente o poder divino pode gerar o amor divino na sociedade divina.

Acrescentar mais alguma coisa não seria apropriado, a não ser a doxologia. *A ele seja a glória*, exclama Paulo, a este Deus com poder para ressuscitar, ao Único que pode fazer com que o sonho se torne realidade. O poder vem da parte dele; a glória deve ser dada a ele. A ele seja a glória, *na igreja e em Cristo Jesus*, no corpo e na cabeça , na comunidade da paz e no Pacificador, *por todas as gerações* (na História), *para todo o sempre* (na eternidade), *Amém*.

III. Novos padrões
Efésios 4:1-5:21

4:1-16
7. Unidade e diversidade na igreja

Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno
a vocação a que fostes chamados, [2]com toda humildade e mansidão, com
longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, [3]esforçando-vos
diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz:
[4]Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados
numa só esperança da vossa vocação; [5]há um só Senhor, uma só fé, um
só batismo; [6]um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por
meio de todos e está em todos. [7]E a graça foi concedida a cada um de nós
segundo a proporção do dom de Cristo. [8]Por isso diz:

"Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro, e concedeu
dons aos homens."

[9]Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido até às re-
giões inferiores da terra? [10]Aquele que desceu é também o mesmo que su-
biu acima de todos os céus, para encher todas as coisas. [11]E ele mesmo
concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evange-
listas, e outros para pastores e mestres, [12]com vistas ao aperfeiçoamento
dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do cor-
po de Cristo, [13]até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno co-
nhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da esta-
tura da plenitude de Cristo, [14]para que não mais sejamos como meninos,
agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de dou-
trina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao er-
ro. [15]Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que
é o cabeça, Cristo, [16]de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado,
pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efe-
tua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.

Nesses três capítulos Paulo desenvolveu para seus leitores o desenrolar do propósito eterno de Deus na História. Através de Jesus Cristo, que morreu pelos pecadores e que foi ressuscitado dentre os mortos, Deus está criando alguma coisa inteiramente nova, não apenas uma vida nova para os indivíduos mas, sim, uma nova sociedade. Paulo vê uma humanidade alienada sendo reconciliada, uma humanidade fragmentada sendo unida, até mesmo uma nova humanidade sendo criada. É uma visão magnífica.

Agora, o apóstolo avança da nova sociedade para os novos padrões nos quais ela deve andar. Volta-se da exposição para a exortação, daquilo que Deus tem feito (no indicativo) para aquilo que nós devemos ser e fazer (no imperativo), da doutrina para o dever, "da *credenda*... para a *agenda*",[1] da teologia intelectualizada para as suas implicações terrestres, práticas e concretas, no viver de todos os dias.

Paulo começa dizendo: *Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor...* Ele os ensinou e orou por eles (1:15-23 e 3:14-19). Agora, dirige-lhes um apelo solene. A instrução, a intercessão e a exortação constituem um trio formidável de armas no arsenal de qualquer mestre cristão. Além disso, Paulo não era nenhum mestre comum. Ele emprega o pronome pessoal enfático, o *egō* da autoridade apostólica consciente, como em 3:1. E, mais uma vez, descreve-se como sendo *o prisioneiro no Senhor*, usando uma construção gramatical levemente diferente, mas com o mesmo duplo sentido: é tanto um prisioneiro de Cristo como um prisioneiro por amor a Cristo, não somente vinculado a ele pelas correntes do amor como também detido por causa da sua lealdade ao evangelho. Assim, a autoridade de um dos apóstolos, e a convicção apaixonada de um homem sob prisão domiciliar por causa da sua visão de uma igreja unida, conjuntamente sustentam a sua exortação. *Rogo-vos*, escreve, *que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados.*

A dignidade da vida cristã só pode ser determinada pela natureza da chamada divina. Como é esta "dignidade"? A nova sociedade que Deus está chamando à existência tem duas características principais. Primeiro é um só povo, composto igualmente de judeus e gentios, a única família de Deus. Em segundo lugar, é um povo *santo*, distinto do mundo secular, separado (como Israel nos dias do Antigo Testamento) para pertencer a Deus. Portanto, visto que os que são de Deus são chamados para ser um só povo, devem manifestar a sua união, e porque são chamados para ser um povo santo, devem manifestar a sua pureza. A união e a pureza são dois aspectos fundamentais de uma vida digna do chamamento divino da igreja. O apóstolo trata da união da igreja nos vesículos 1-16, e da pure-

[1] Simpson, pág. 87.

za da igreja de 4:17 até 5:21.

Durante estas últimas décadas muita coisa tem sido dita e escrita acerca da união da igreja. A preocupação moderna com ela remonta ao influente "Apelo a Todas as Pessoas Cristãs", publicado pela Conferência de Lambeth de Bispos Anglicanos, em 1920, presidida por Randall Davidson, Arcebispo de Cantuária. Depois disso, o movimento em prol da reunião ganhou impulso, sendo que duas notáveis marcas neste sentido foram a inauguração da Igreja da Índia do Sul, em 1947, e o Concílio Mundial de Igrejas, em 1948. Desde então, mais algumas igrejas unidas chegaram a existir, ao passo que outros planos para a união naufragaram. Presentemente, pode-se dizer que o movimento está em declínio.

É muito importante, então, olhar com novos olhos Efésios 4:1-16, visto que esta é uma das duas passagens neotestamentárias clássicas sobre a questão da união cristã (a outra é João 17). Deve ser um forte estímulo para fazer-nos ocupar com a união cristã, e também um corretivo sadio para um certo número de noções erradas sobre ela.

Paulo elabora quatro verdades quanto ao tipo de unidade que Deus pretende para a sua nova sociedade. Podem ser declaradas nas quatro proposições seguintes:

1. Depende da *caridade* do nosso caráter e a nossa conduta (v. 2)
2. Surge da *unidade* do nosso Deus (vs. 3-6)
3. É enriquecida pela *diversidade* dos nossos dons (vs. 7-12)
4. Exige a *maturidade* do nosso crescimento (vs. 13-16)

Será observado que a caridade, a unidade, a diversidade e a maturidade parecem ser os conceitos-chaves desta seção.

1. A unidade cristã depende da caridade da nossa conduta (v. 2)

Paulo imediatamente retrata a vida digna do nosso chamamento como sendo caracterizada por cinco qualidades: a humildade, a mansidão, a longaminidade, a tolerância mútua e o amor. Já orou a Deus para sermos *arraigados e alicerçados em amor* (3:17); agora apela a nós no sentido de vivermos uma vida de amor. É aqui que ele começa, e também é aqui que nós devemos começar. Há pessoas em demasia que começam com as estruturas (e estruturas de algum tipo são indispensáveis), mas o apóstolo começa com qualidades morais. Certamente, na busca da unidade cristã, se é que temos de escolher, devemos dizer que o que é moral é mais importante do que aquilo que é estrutural.

A *humildade* era muito desprezada no mundo antigo. Os gregos nunca empregavam a palavra "humildade" (*tapeinotēs*) num contexto de aprovação, muito menos de admiração. Pelo contrário, expressavam com ela

uma atitude abjeta, servil, subserviente, "a submissão bajulante de um escravo".[2] Foi só na vinda de Jesus Cristo que se reconheceu uma humildade verdadeira. Ele, pois, humilhou-se a si mesmo. E somente ele, dentre os mestres religiosos e éticos, colocou diante de nós, para nosso modelo, uma criancinha.

Além disso, a palavra que Paulo emprega aqui é *tapeinophrosynē*, que significa "humildade da mente", o reconhecimento da dignidade e do valor de outras pessoas, a mentalidade humilde que havia em Cristo, que o levou a esvaziar-se a si mesmo e tornar-se um servo.[3]

Ora, a humildade é essencial à unidade. O orgulho fica espreitando por detrás de toda discórdia, ao passo que o maior segredo individual da concórdia é a humildade. É fácil comprovar isto pela experiência. As pessoas de quem gostamos imediata e instintivamente, e com quem temos facilidade de conviver, são aquelas que nos tratam com o respeito que julgamos merecer, ao passo que as pessoas com as quais instintivamente antipatizamos são as que nos tratam como lixo. Noutras palavras, a vaidade pessoal é um fator-chave em todos os nossos relacionamentos. Se, porém, ao invés de fazer tudo para obter o respeito dos outros (que é orgulho), nós lhes dermos nosso respeito ao reconhecermos seu valor intrínseco dado por Deus (o que é atitude de humildade), estaremos promovendo a harmonia na sociedade de Deus.

A *mansidão* (*praötēs*) era calorosamente aplaudida por Aristóteles. Porque odiava os extremos e amava o "compromisso ideal", via na *praötēs* a qualidade da moderação, "o meio-termo entre ser irado demais e nunca ficar irado de modo algum".[4] A palavra também era usada para animais domesticados. Assim, *mansidão* não é sinônimo de *fraqueza*; pelo contrário, é a suavidade dos fortes, cuja força está sob controle. É a qualidade de uma personalidade forte que é, mesmo assim, senhora de si mesma e serva de outras pessoas. A meiguice é "a ausência da disposição para asseverar direitos pessoais, seja na presença de Deus, seja na dos homens".[5] É especialmente apropriado em pastores que também devem usar a sua autoridade somente num espírito de mansidão.[6]

Humildade e *mansidão* formam um par natural. É que "o homem manso pensa bem pouco nas suas reivindicações pessoais, assim como o homem humilde pensa bem pouco nos seus méritos pessoais".[7] Essas duas virtudes foram achadas juntas em perfeito equilíbrio no caráter do Senhor Jesus que se descreveu como sendo "manso e humilde de coração".[8]

[2] F. F. Bruce em Simpson, pág. 88, nota.
[3] Fp 2:3-8, sendo que o mesmo substantivo é empregado no versículo 3.
[4] Barclay, pág. 162. [5] Findlay, pág. 265. [6] 1 Co 4:21; 2 Tm 2:25.
[7] Dale, pág. 215. [8] Mt 11:29 (*praös... Kai tapeinos*); Cf. 2 Co 10:1.

A terceira e quarta qualidades também formam um par natural, pois a *longanimidade* (*makrothymia*) é agüentar com paciência pessoas provocantes, tal como em Cristo Deus nos considerou,[9] ao passo que *suportanto uns aos outros* fala daquela mútua tolerância sem a qual nenhum grupo de seres humanos pode conviver em paz. O *amor* é a qualidade final, que abrange os quatro anteriores, e é a coroa e a soma de todas as virtudes. Visto que amar é procurar de modo construtivo o bem-estar dos outros e o bem da comunidade, suas propriedades são celebradas em Colossenses 3:14.

Aqui, pois, temos cinco pedras fundamentais da unidade cristã. Quando estas estão ausentes, nenhuma estrutura externa de unidade permanece. Uma vez lançada esta sólida base, há, então, bastante esperança de que uma unidade visível possa ser edificada. Podemos ter certeza de que nenhuma unidade agrada a Deus se não é fruto da caridade.

2. A unidade cristã surge da unidade do nosso Deus (vs. 3-6)

Até mesmo o leitor casual dos versículos 3-6 (que alguns consideram como parte de um hino cristão ou de um credo para catecúmenos), impressiona-se com o número de vezes que Paulo usa a palavra "um"; ela ocorre, realmente, sete vezes. Uma leitura mais minunciosa revela que três destas sete unidades fazem alusão às três pessoas da Trindade (*um Espírito*, v. 4; *um só Senhor*, v. 5, i. é, o Senhor Jesus; e *um só Deus e Pai de todos*, v. 6), ao passo que as outras quatro dizem respeito à nossa experiência cristã com relação às três pessoas da Trindade. Esta verdade pode ser expressa com três afirmações simples.

Primeiro, há somente *um corpo* porque há somente *um Espírito* (v. 4). Este único corpo é a igreja, o corpo de Cristo (1:23), que é composto por crentes judeus e gentios; e a sua unidade ou coesão é devida ao único Espírito Santo que habita nele e que o anima. Conforme Paulo escreve noutro lugar: "Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito."[10] Logo, a nossa possessão comum de um só Espírito Santo é que nos integra num só corpo.

Em segundo lugar, há *uma só esperança* que pertence à nossa vocação cristã (v. 4), *uma só fé, um só batismo* (v. 5) porque há *um só Senhor*. O Senhor Jesus Cristo, pois, é o único objeto da fé, da esperança e do batismo de todos os cristãos. É em Jesus Cristo que temos crido, é em Jesus Cristo que fomos batizados,[11] e é Jesus Cristo que esperamos voltar, com viva esperança.

[9] P. ex. Rm 2:4; 1 Tm 1:16.
[10] 1 Co 12:13. [11] P. ex. 1 Co 1:13; Gl 3:27.

Em terceiro lugar, há uma só família cristã, que abrange a *todos* (v. 6), porque *há um só Deus e Pai... o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.* Alguns manuscritos dizem "em todos *vós*", o que esclarece que os "todos" dos quais Deus é Pai são "todos os cristãos", e não "todas as pessoas" sem discriminação, nem "todas as coisas" (o universo). Armitage Robinson chama este acréscimo da palavra "vós" de "uma glosa tímida".[12] Talvez seja; e certamente a maioria esmagadora da evidência dos manuscritos a omite. Mesmo assim, é uma glosa correta. Porque os "todos" *sobre, por meio de* e *em* quem Deus é Pai, são sua família ou casa, seus filhos redimidos.[13]

Agora estamos em condições de repetir as três afirmações, desta vez na ordem correta, em que as pessoas da Trindade normalmente são mencionadas. Primeiro, o único Pai cria a única família. Em segundo lugar, o único Senhor Jesus cria a única fé, a única esperança e o único batismo. Em terceiro lugar, o único Espírito cria o único corpo.

Podemos, na realidade, ir além. Devemos afirmar que só *pode* haver uma única família cristã, uma só fé, uma só esperança e um só batismo cristãos, e um só corpo cristão, porque há um só Pai, Filho e Espírito Santo. Multiplicar a igreja é tão absurdo como multiplicar Deus. Há um só Deus? Então, ele tem uma só igreja. A unidade de Deus é inviolável? Então, assim também é a unidade da igreja. A unidade da igreja é tão indestrutível quanto a unidade do próprio Deus. Dividir a igreja é tão absurdo como dividir Deus.

Ao declarar o assunto assim de forma tão aberta e dogmática (conforme fez o próprio apóstolo Paulo), não me é difícil imaginar o que o leitor está pensando. Estará me dizendo algo como: "Está muito bem declarar que não podemos dividir a igreja; mas a verdade é que tivemos enorme sucesso fazendo exatamente isso que você diz que não podemos fazer!" Como, pois, o fenômeno evidente da quebra da unidade da igreja pode ser reconciliado com a insistência bíblica da indestrutibilidade da sua unidade?

A esta altura, deve ser feita uma distinção necessária. Não é apenas entre a igreja "visível" e a "invisível". Aquela distinção é verídica, mas o conceito de igreja invisível (cujos membros são conhecidos somente por Deus) tem sido usado de forma abusiva por alguns como desculpa para escolher a não-participação responsável na igreja visível. Portanto, a distinção deve ser um pouco refinada. É entre a unidade da igreja como realidade invisível, presente à mente de Deus (que diz a si mesmo: "Tenho uma só igreja"), e a desunião como aparência visível que contradiz a realidade (que nos leva a dizer a nós mesmos: "Há centenas de igrejas sepa-

[12] Armitage Robinson, pág. 93. [13] Cf. 1:2, 17; 2:18-19; 3:14-15.

radas, em competição entre si"). Somos um, pois é Deus quem assim diz, e nas convenções e nos congressos interdenominacionais sentimos a nossa união subjacente em Cristo. Mesmo assim, externa e visivilmente pertencemos a igrejas diferentes e a tradições diferentes, algumas das quais nem sequer estão em comunhão umas com as outras, ao passo que outras se desgarraram para longe do cristianismo bíblico.

O próprio apóstolo reconhece esta combinação paradoxal de união e desunião. Nesta mesma passagem, em que a união indestrutível da igreja é tão enfaticamente declarada, a possibilidade da desunião é também reconhecida. Consideremos o versículo 3, que por ora havíamos deixado à parte, e que nos exorta assim: *esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz.* Esta é uma exortação muito estranha. Em princípio Paulo descreve a união da igreja como sendo "a unidade do Espírito" (o que significa uma unidade que o Espírito Santo cria), e depois argumenta que esta unidade é tão indestrutível quanto o próprio Deus. No mesmo contexto, porém, nos diz também que devemos mantê-la! O que ele estaria querendo dizer? Que sentido faz conclamarnos a manter uma coisa indestrutível, dizendo que cabe a *nós* mantê-la sendo essa "a unidade do Espírito", que ele mesmo criou, sendo, portanto, de se esperar que Deus é que deve ser pessoalmente responsável por sua preservação?

Parece haver uma só resposta possível a estas perguntas, a saber: *preservar* a unidade da igreja deve significar preservá-la visivelmente. Aqui temos uma exortação apostólica no sentido de preservarmos em verdadeiros relacionamentos concretos de amor (*no vínculo da paz*, ou seja, pela paz que nos reúne uns com os outros) aquela unidade que Deus criou e que nem os homens nem os demônios podem destruir. Devemos demonstrar ao mundo que a unidade que dizemos existir de modo indestrutível não é a piada um pouco triste que parece ser, mas, sim, uma realidade verdadeira e gloriosa.

Talvez a analogia de uma família humana nos ajude a compreender mais claramente a nossa responsabilidade. Imaginaremos um casal, Sr. e Sra. João da Silva, com seus três filhos, Tomé, Ricardo e Ari. São uma só família; não há dúvida alguma quanto a isso. O casamento e a paternidade os uniram. No decurso do tempo, porém, a família Silva se desintegra. O pai e a mãe brigam entre si, sustentam uma trégua inquieta por alguns anos, tornam-se cada vez mais distantes, e finalmente se divorciam. Os três moços também brigam, primeiro com seus pais, e depois, uns com os outros, e se separam. Tomé vai morar em Pernambuco, Ricardo no Rio Grande do Sul e Ari, em Rondônia. Não se encontram, nem se escrevem, nem se telefonam. Perdem todo o contato entre si. Além disso, estão tão resolutos no sentido de se repudiarem uns aos outros, que chegam a mu-

dar seus nomes em cartório. Seria difícil imaginar uma família que experimentou uma desintegração mais desastrosa do que esta? Todos os relacionamentos mútuos foram cortados.

Agora, imaginando que fôssemos primos da família Silva, como reagiríamos? Daríamos de ombro, sorrindo com complacência, e murmuraríamos: "Ah, bem, não importa, ainda continuam sendo uma só família, você sabe?" Teríamos toda a razão. Aos olhos de Deus, calculo que ainda são uma só família, indestrutivelmente. O Sr. e a Sra. João da Silva ainda são marido e mulher, e ainda são pais dos seus três filhos, que continuam sendo irmãos. Nada mesmo, pois, pode alterar a unidade da família que as circunstâncias do casamento e do nascimento impuseram sobre ela. Aquiesceríamos, no entanto, com uma situação desta? Procuraríamos desculpar ou subestimar a tragédia da sua desunião, apelando para a indestrutibilidade dos seus laços familiares? Não, tal coisa não satisfaria nem a nossa mente, nem o nosso coração, nem a nossa consciência. O que faríamos, pois? Decerto, deveríamos procurar ser pacificadores. Instaríamos com eles no sentido de "preservar a unidade da família no vínculo da paz", ou seja, demonstrar a unidade da sua família por meio do arrependimento e da reconciliação de uns com os outros.

Exatamente da mesma maneira, o fato da unidade indestrutível da igreja não é desculpa alguma para concordar com a tragédia da sua desunião atual. Pelo contrário, o apóstolo nos fala: *esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito.* O verbo grego para "esforçar-se" (*spoudazontes*) é enfático. Significa que não devemos poupar esforço algum, e por isso cabe bem a palavra adicional "diligentemente". Por contraste, a tradução da ERC, "procurando guardar", ou da BJ "procurando conservar", é fraca. Antes, sendo um particípio do presente, é uma chamada para a atividade contínua e diligente. Markus Barth expressa o sentido de modo vívido: "Dificilmente se pode traduzir com exatidão a urgência contida no verbo grego subjacente. Não somente pressa e paixão, como também um esforço total do homem integral está em mira, envolvendo a sua vontade, o seu sentimento, a sua razão, a sua força física, e a sua atitude total. O modo imperativo do particípio que se acha no texto grego exclui a passividade, o quietismo, uma atitude de 'vamos ver como fica', ou uma diligência temperada por uma velocidade bem deliberada. A iniciativa é sua! Faça-o agora! Seja sincero! *Você* deve fazê-lo! Estou sendo sério! Estas são as implicações do versículo 3:"[14]

Onde, me pergunto, esta diligência em prol da unidade pode ser achada entre os cristãos evangélicos, atualmente? Trata-se de um mandamento apostólico que, em grande medida, somos culpados de não considerar!

[14] Barth, pág. 428.

Observemos primeiro a igreja local, pois presume-se que é a ela que Paulo se refere em primeiro lugar. Algumas comunidades cristãs são maculadas por rivalidades entre indivíduos ou grupos, agravadas durante muitos anos. Como podemos desculpar tais coisas? Devemos ser *diligentes* em prol do amor, da unidade e da paz, e mais ativos em procurá-los.

Efésios, porém, conforme já vimos, pode ter sido uma carta circular dirigida a várias igrejas. Talvez até mesmo na própria cidade de Éfeso muitos cristãos se reuniam em vários diferentes lares-igrejas. Sabemos, por exemplo, que Áqüila e Priscila tinham uma igreja no seu lar quando moravam em Roma (Rm 16:3-5), e provalmente também quando se mudaram para Éfeso (At 18:26). Então Paulo pode ter tido em mente a unidade *entre* as igrejas bem como *dentro* delas. Sendo assim, a sua preocupação se aplicaria aos relacionamentos inter-eclesiásticos de hoje. Este não é o lugar para entrar em detalhes sobre os termos técnicos que são empregados para os vários tipos de relacionamentos existentes entre as igrejas, tais quais a "comunhão aberta", a "intercomunhão", a "plena comunhão" e a "união orgânica". Há lugar para diferenças de convicção entre nós quanto à exata forma ou formas segundo as quais Deus deseja que a unidade cristã seja expressa. Todos nós, porém, devemos desejar alguma expressão visível da unidade cristã, tendo sempre em vista não sacrificar verdades cristãs fundamentais a fim de alcançá-la. A unidade cristã tem a sua origem em possuirmos um só Pai, um só Salvador, e um só Espírito que habita em nós. Não podemos, portanto, de modo algum, acalentar uma unidade agradável a Deus se negarmos a doutrina da Trindade ou se não tivermos chegado a conhecer Deus Pai através da obra reconciladora do seu Filho Jesus Cristo e pelo poder do Espírito Santo. A *unidade* cristã autêntica na verdade, na vida e no amor é muito mais importante do que planos para "fusões" de um tipo estrutural, embora idealmente as últimas devam ser uma expressão visível da primeira.

3. A unidade cristã é enriquecida pela diversidade dos nossos dons (vs.7-12)

O contraste entre os versículos 6 e 7 é notável. O versículo 6 mostra Deus como Pai de nós *todos*, que está sobre *todos*, age por meio de *todos* e está em *todos*. O versículo 7, porém, começa: *E a graça foi concedida a cada um de nós...* Desta maneira, Paulo passa de "todos nós" para "cada um de nós" e, assim, da unidade para a diversidade da igreja.

Ele está, na realidade, qualificando o que acaba de escrever sobre a unidade da igreja. Embora haja um só corpo, uma só fé e uma só família, esta unidade não deve ser interpretada erroneamente como sendo uma uniformidade sem vida e sem cor. Não devemos imaginar que cada cristão seja uma réplica exata de todos os demais, como se tivéssemos sido

produzidos em massa nalguma fábrica celestial. Pelo contrário, a unidade da igreja, longe de ser enfadonha e monótona, é emocionante na sua diversidade. Não é somente devido a nossas diferentes culturas, temperamentos e personalidades (as quais, embora sejam reais, não são aqui consideradas por Paulo mas, sim, por causa dos diferentes dons que Cristo distribui para o enriquecimento de nossa vida em comum.

O versículo 7 refere-se à *graça* de Cristo em conceder vários dons. Embora Paulo não empregue aqui o termo *charismata* para "dons" (como o faz em Rm 12:6 e em 1 Co 12:4), obviamente é a eles que se refere. "Graça", pois, é *charis*, e "dons" são *charismata*. Além disso, é muito importante entender a diferença entre os termos. A "graça salvadora", a graça que salva os pecadores, é dada para todos quantos crêem;[15] mas a que poderia ser chamada de "a graça para o serviço", a graça que equipa o povo de Deus para servir, é dada em diferentes níveis *segundo a proporção do dom de Cristo* (v. 7). A unidade da igreja deve-se à *charis*, sendo que a graça de Deus nos reconciliou consigo mesmo; mas a diversidade da igreja deve-se aos *charismata*, aos dons de Deus distribuídos aos membros da igreja.

É, naturalmente, desta palavra *charismata* que deriva o adjetivo "carismático". O assim chamado "movimento carismático", embora provoque controvérsias por algumas de suas ênfases peculiares, tem sido usado, sem dúvida alguma, por Deus para trazer a renovação espiritual a muitas igrejas e a muitos cristãos, pessoalmente. Mesmo assim, devemos registrar um protesto bíblico contra a designação "movimento carismático", quer seus próprios adeptos a tenham escolhido, quer a tenham recebido por parte de outras pessoas. "Carismático" não é um termo que possa ser corretamente aplicado a um determinado grupo ou movimento dentro da igreja, visto que, de acordo com o Novo Testamento, toda a igreja é uma comunidade carismática. É o corpo de Cristo, e cada um de seus membros tem um dom (*charisma*) para exercer ou uma função para cumprir.

O que, então, este parágrafo nos ensina sobre os *charismata* ou dons espirituais? Ensina-nos sobre o seu doador, o seu caráter e o seu propósito.

a. O doador dos dons espirituais é o Cristo que ascendeu aos céus (vs. 7-10)

Conforme o versículo 7, cada dom é um dom de Cristo, e esta verdade é reforçada no versículo seguinte por uma citação do Salmo 68:18: *Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro, e concedeu dons aos homens*.

O salmo 68 é um apelo a Deus para vir em socorro do seu povo, pa-

[15] Ver 2:5, 8: "Pela graça sois salvos."

ra defendê-lo novamente como no passado. Tal como Deus avançou em triunfo à frente do seu povo depois do êxodo (v. 7), fazendo o Monte Sinai tremer (v. 8) e os reis serem espalhados (vs. 11-14). Depois, desejando o Monte Sião como sua habitação (v. 16), subiu até ele levando cativos no seu séqüito. Trata-se de linguagem figurada muito vívida. Parece que a transferência da arca a Sião é assemelhada à marcha triunfante de Iavé para a sua capital.

Paulo aplica este quadro à ascensão de Cristo, não arbitrariamente porque detectou uma vaga analogia entre as duas, mas, sim, de modo justificável, pois via na exaltação de Jesus mais um cumprimento desta descrição do triunfo de Deus. Cristo subiu como vencedor para a mão direita de Deus, sendo que seu séqüito de cativos consistia nos principados e nas potestades que derrotara, destronizara e desarmara.[16]

Na aplicação do Salmo 68:18 a Cristo, no entanto, há um problema textual. O salmo diz que Deus subiu ao monte e "recebeu homens por dádivas", ao passo que a citação feita por Paulo é que Cristo "concedeu dons aos homens". Alguns comentaristas não hesitam em dizer que Paulo alterou a linguagem para servir ao seu propósito. Por exemplo, J. H. Houlden escreve: "Não há necessidade alguma de supor que a alteração não tenha sido um ato deliberado."[17] Outros pensam ter sido "uma citação inexata, não intencional".[18] Considerando o respeito que, segundo se sabe, Paulo tinha para com as Escrituras, estas duas explicações parecem *a priori*, improváveis.

O ponto de partida para uma explicação é ver que a aparente contradição nesses dois textos é apenas formal mas não substancial. As palavras não podem ser interpretadas por si mesmas, mas no seu contexto. Devemos lembrar-nos de que depois de uma conquista, no mundo antigo, havia invariavelmente tanto um recebimento de tributo quanto uma distribuição de dádivas. O que os conquistadores tomavam dos cativos, doavam para o seu próprio povo. Os despojos eram divididos, a presa era compartilhada.[19] Parece possível que o próprio texto hebraico subentenda isso, visto que o verbo pode ser traduzido "trouxe" ao invés de "recebido", e não é sem relevância que duas versões ou traduções antigas, a Aramaica e a Siríaca, traduzem-no como "deu". Logo, parece claro que esta já era uma interpretação tradicional.

Mais um fato interessante deve ser ressaltado. O costume litúrgico nas sinagogas associava o Salmo 68 com o Pentecoste, a festa judaica que comemorava a outorga da lei. O emprego que Paulo fez dele com referência ao pentecoste cristão, portanto, forma uma analogia notável. Assim

[16] 1:20-22; cf. Cl 2:15. [17] Houlden, pág. 310. [18] P. ex. Mitton, pág. 146.
[19] Para exemplos do Antigo Testamento ver Gn 14; Jz 5:30; 1 Sm 30:26-31; Sl 68:12 e Is 53:12.

como Moisés recebeu a lei e a deu a Israel, assim também Cristo recebeu o Espírito e o deu ao seu povo a fim de escrever a lei de Deus nos seus corações e, através dos pastores que nomeou (v. 11), ensinar-lhe a verdade. Todo este argumento é no sentido de "receber" e "dar" pertencerem indissoluvelmente um ao outro, conforme é ilustrado muito bem em Atos 2:33, onde Pedro disse no dia de Pentecoste: "Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, (Jesus) derramou isto que vedes e ouvis". Cristo somente poderia dar o dom que recebera.

Depois da citação do Salmo 68:18, Paulo acrescenta entre parênteses que o fato de Cristo ter subido ao céu subentende *que também havia descido até às regiões inferiores da terra* (v. 9). Por causa do contexto imediato, que diz respeito aos dons que Cristo deu à igreja após a ascensão, G. B. Caird faz outra sugestão: que sua "descida" fosse sua "volta no Pentecoste para dar o Espírito à igreja".[20] Mas, por mais engenhosa que seja esta idéia, a interpretação natural das palavras sugere que sua descida antecedeu sua subida ao invés de segui-la. Cristãos primitivos entendiam que se tratava de uma referência à descida de Cristo até o hades.[21] Associavam a expressão com 1 Pedro 3:19 ("foi e pregou aos espíritos em prisão"), que interpretavam no sentido de ele despojar ou "ferir" o inferno. Mas, seja qual for o significado do texto em 1 Pedro, não há nenhuma referência óbvia ao hades ou inferno em Efésios 4:9. Calvino (seguido por comentaristas da Reforma tais como Charles Hodge) argumentou a partir da expressão "subiu ao céu" em João 3:13 que "às regiões inferiores da terra" é um genitivo de aposição ou definição, que simplesmente significa "a terra", e que a descida de Cristo refere-se à sua encarnação. J. B. Phillips em CIN entende a expressão da mesma forma, dizendo que Cristo desceu "da altura do Céu ao abismo deste mundo". Talvez, no entanto, a referência seja ainda mais geral, ou seja, que Cristo desceu para as profundezas da humilhação quando veio à terra. Ou, possivelmente, a alusão seja à cruz, e "à experiência das profundezas ulteriores, as próprias agonias do inferno"[22] que Cristo suportou ali.

Semelhante interpretação se encaixaria muito bem com Filipenses 2:5-11, onde "e morte de cruz" descreve sua mais profunda humilhação, que foi seguida por sua suprema exaltação, "acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir" conforme Efésios 1:21, e aqui, *acima de todos os céus, para encher todas as coisas* (v. 10), ou "que agora subiu acima dos Céus, para que todo o universo, de alto a baixo, pudesse conhecer a sua presença" (CIN). O que Paulo tem em mente, portanto, não é tanto a descida e a subida em termos

[20] Caird, págs. 73-74. [21] At. 2:25 ss. e Rm 10:7. [22] Hendriksen, pág. 193.

espaciais mas, sim, a humilhação e a exaltação, sendo que esta última trouxe a Cristo a autoridade e o poder universais. Como resultado, Cristo outorga à sua igreja, tanto o próprio Espírito para habitar nela quanto os dons do Espírito para edificá-la ou levá-la à maturidade.

À luz dessa ênfase dada a Cristo, ascendido, exaltado, enchendo o universo, regendo a igreja, outorgando dons, seria um erro evidente pensar nos *charismata* como sendo exclusivamente "dons do Espírito" e associá-los muito estreitamente com o Espírito Santo ou com experiências do Espírito Santo. Aqui, pois, são os dons de Cristo, ao passo que em Romanos 12 são os dons de Deus Pai. Sempre é enganoso separar as três Pessoas da Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Estão envolvidas, juntas, em todos os aspectos do bem-estar da igreja.

b. O caráter dos dons espirituais é extremamente variado

Paulo diz especificamente em 1 Coríntios 12:4: "Ora, os dons são diversos." É importante lembrar este fato, pois muitas pessoas hoje têm um conceito muito restrito dos *charismatas*. Por exemplo, algumas pessoas falam e escrevem sobre os "nove dons do Espírito", presumivelmente para formar um paralelo nítido, porém artificial, com os nove aspectos do fruto do Espírito.[23] Outros parecem estar preocupados, até mesmo obcecados, com apenas três dos dons mais espetaculares (línguas, profecia e cura). Na realidade, porém, as cinco listas dadas no Novo Testamento mencionam, no seu conjunto, pelo menos vinte dons distintos entre si, alguns dos quais são muito simples, sem aspectos sensacionalistas (tais como "exercer misericórdia", Rm 12:8). Além disso, cada lista diverge consideravelmente das demais, e dá sua seleção de dons de forma aparentemente aleatória. Este fato sugere não apenas que nenhuma lista individual é completa em si mesma, como também que até mesmo todas as cinco juntas não representam o universo de todos os dons. Sem dúvida, há muitos outros que não estão listados.

Em nosso texto, Paulo seleciona apenas cinco para serem mencionados. Cristo (*autos, ele mesmo,* é enfático, v. 11) *concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres*. A palavra "apóstolo" tem três significados principais no Novo Testamento. Uma só vez parece que é aplicada a todo cristão individual, quando Jesus disse: "O servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado (*apostolos*) maior do que aquele que o enviou."[24] Assim, todo cristão é tanto um servo quanto um apóstolo. O verbo *apostello* significa *enviar*, e todos os cristãos são enviados ao mundo como embaixadores e testemunhas de Cristo, para participarem da missão apostólica de

[23] Gl 5:22-23. [24] Jo 13:16.

toda a igreja.[25] Porém este não pode ser o significado neste trecho, pois neste sentido todos os cristãos seriam apóstolos, ao passo que Paulo escreve que Cristo concedeu apenas "uns" para serem apóstolos.

Em segundo lugar, havia "apóstolos das igrejas",[26] mensageiros enviados por uma igreja como missionários ou com alguma outra incumbência. E, em terceiro lugar, havia os "apóstolos de Cristo", um grupo muito pequeno e distintivo, que consistia nos doze (inclusive Matias, que substituiu Judas), Paulo, Tiago, irmão do Senhor, e possivelmente um ou dois mais. Foram pessoalmente escolhidos e autorizados por Jesus, e tinham de ser testemunhas oculares do Senhor ressurreto.[27] Deve ser neste sentido que Paulo está usando a palavra *apóstolos* aqui, pois coloca-os em primeiro lugar na sua lista, assim como faz também em 1 Coríntios 12:28 ("primeiramente apóstolos"), e é assim que até agora tem usado a palavra na sua carta, referindo-se a si mesmo (1:1) e aos seus colegas apóstolos como sendo o fundamento da igreja e os meios da revelação (2:20; 3:26).

Não devemos hesitar, portanto, em dizer que *neste sentido* não há apóstolos hoje. Em 1975 John Noble escreveu e publicou um livreto com o título: *First Apostles, Last Apostles*. Nele, sua preocupação é "despertar meus irmãos cristãos a procurarem apóstolos para moldar a vida da igreja em nossos dias", sendo que eles "unirão e desencadearão um exército sob a liderança de Deus que cumprirá seus propósitos nestes tempos do fim". Seu modo de entender a História é que quando os apóstolos originais morreram, "deixaram um vazio de autoridade, que foi preenchido pelos homens errados", isto é, pelos bispos. Critica tanto o catolicismo quanto o protestantismo, aquele por "investir autoridade absoluta em um só homem" e este por "dar a cada indivíduo o direito de dominar na igreja". Certamente podemos concordar com ele que no curso da longa e acidentada história da igreja tem havido muitos abusos de autoridade, mas ele perde na sua exposição as verdades vitalmente importantes: (1) de que os apóstolos originais, como testemunhas oculares do Cristo histórico ressurreto, obviamente não podem ter sucessor algum, e (2) de que a autoridade deles é conservada hoje no Novo Testamento, que é, essencialmente, a "sucessão apostólica". Mas, uma vez que nos firmemos no ponto de que não há hoje apóstolos de Cristo com uma autoridade comparável com a dos apóstolos Paulo, Pedro e João, é certamente possível argumentar que há pessoas com ministérios apostólicos de um tipo diferente, inclusive a jurisdição episcopal, a obra missionária pioneira, a implantação de igrejas, a liderança itinerante etc.

[25] Jo 17:18; 20:21.

[26] 2 Co 8:23; cf. Fp 2:25. [27] At 1:21, 22; 10:40-41; 1 Co 9:1; 15:8-9.

O que se diz dos *profetas*? Mais uma vez, é necessário fazer uma distinção. No sentido primário em que a Bíblia usa a palavra, o profeta era uma pessoa que *esteve no conselho do Senhor*, que *ouvia* e até mesmo *via a sua palavra*, e que, como conseqüência, *fala o que vem da boca do Senhor* e fala *a sua palavra com verdade*.[28] Noutras palavras, o profeta era o porta-voz de Deus, um meio de comunicação da sua revelação direta. *Neste sentido* devemos insistir outra vez que não há profetas hoje. Ninguém pode reivindicar uma inspiração comparável àquela dos profetas , nem usar a fórmula introdutória deles: "Assim diz o Senhor". Se isto fosse possível, teríamos de acrescentar as palavras de tal pessoa às Escrituras, e toda a igreja teria que escutar e obedecer. Mas não é este o sentido em que Paulo parece estar empregando a palavra. Ele coloca os profetas em segundo lugar após os apóstolos (como em 1 Co 12:28; "em segundo lugar profetas"), e associa *apóstolos e profetas* como sendo o fundamento da igreja e os que recebem nova revelação da parte de Deus (2:20; 3:6). Como o fundamento sobre o qual a igreja está sendo alicerçada, os profetas não têm sucessores, assim como os apóstolos não os têm, pois o fundamento foi lançado e acabado há muitos séculos, e hoje não podemos mexer com ele.

Mas, assim como fez no caso dos apóstolos e no caso dos profetas, Paulo inicialmente estabeleceu a unicidade dos primeiros mestres da igreja, e temos então que perguntar se há agora um dom subsidiário de algum tipo. Parece certo responder que "sim", mas, ao confessá-lo, não sabemos com certeza o que é! Alguns entendem que se trata de um dom especial de exposição bíblica, um grau incomum de entendimento da Palavra de Deus, de modo que, mediante o ministério do Espírito Santo, os *profetas* modernos ouvem e recebem a Palavra de Deus, não como uma nova revelação, mas, sim, como uma compreensão renovada da antiga revelação. Outros vêem o dom como sendo uma sensibilidade para entender o mundo contemporâneo, uma capacidade para ler os sinais dos tempos, juntamente com uma denúncia indignada dos pecados sociais contemporâneos e uma aplicação perceptiva das Escrituras a eles. Aqueles que sustentam este ponto de vista chamam a atenção aos oráculos sócio-políticos dos profetas do Antigo Testamento. Um terceiro ponto de vista concentra-se no efeito que o ministério dos profetas do Novo Testamento teve sobre seus ouvintes, trazendo aos descrentes uma convicção dos seus pecados, e aos crentes, *edificação, exortação e consolação*.[29] Nestes três pontos de vista, o dom *profético* é detectado no manuseio da Palavra de Deus, pois não se pode considerar os profetas de Deus à parte da Palavra de Deus. Este dom é compreendido como o dom de percepção do texto bíblico ou da situa-

[28] Cf. Jr 23:16-32. [29] 1 Co 14:3; cf. At 15:32.

ção contemporânea, ou de ambos, ou seja, uma poderosa combinação de uma precisa exposição com uma aplicação pertinente.

Há outro ponto de vista, no entanto, popularizado por cristãos "pentecostais" e "carismáticos", a saber: que Deus está mais uma vez levantando profetas e profetizas hoje, que falam a palavra de Deus em nome de Deus e com inspiração direta dele. Preciso confessar minha séria hesitação quanto a essa reivindicação. Aqueles que a fazem raras vezes reconhecem, segundo parece, a unicidade dos apóstolos e profetas originais e a falta de necessidade de sucessores, uma vez que as Escrituras do Novo Testamento se tornaram disponíveis à igreja. Além disso, tem havido muitas alegações semelhantes na história da igreja que não encorajam nossa confiança no fenômeno moderno. Nas igrejas em que a possibilidade de tal dom no entanto, é aceita, é importante insistir que os assim chamados "pronunciamentos proféticos" nunca poderiam ter um valor mais do que local e limitado (para indivíduos ou para uma congregação em particular, não à totalidade da igreja) e que devem sempre ser cuidosamente testados pelas Escrituras e pelo caráter conhecido de quem fala. E também que a exposição regular, sistemática e bem elaborada da Bíblia é muito mais importante para a edificação do povo de Deus.

Depois dos apóstolos e profetas, Paulo menciona os *evangelistas*. Este substantivo ocorre apenas três vezes no Novo Testamento (aqui; em Atos 21:8 a respeito de Filipe, e em 2 Timóteo 4:5 a respeito do próprio Timóteo), embora, é evidente, o verbo "evangelizar" seja freqüentemente empregado para descrever a divulgação do evangelho. Visto que todos os cristãos estão obrigados a testificar de Cristo e de suas boas novas, o dom de "evangelista" (conferido apenas a alguns) deve ser algo diferente. Talvez se refira ao dom da pregação evangelística, ou de fazer o evangelho especialmente claro e relevante aos descrentes, ou de ajudar as pessoas medrosas a dar o passo da entrega a Cristo, ou do testemunho pessoal eficiente. Provavelmente o dom de evangelista tome todas estas formas diferentes, e outras mais. Deve ter algum relacionamento com ministério evangelístico, seja na evangelização em massa, na evangelização pessoal, na evangelização pela literatura, na evangelização por filmes, na evangelização pelo rádio e pela televisão, na evangelização pela música, ou pelo emprego de algum outro meio de comunicação. Há hoje grande necessidade de evangelistas que tenham esse dom, e que sejam pioneiros em novas maneiras de exercê-lo e desenvolvê-lo, penetrando nos vastos segmentos da sociedade ainda não atingidos e os conquistando para Cristo.

Uma vez que é feita uma citação em conjunto na expressão *outros para pastores e mestres*, é possível que estes sejam dois nomes para o mesmo ministério. Calvino não pensava assim, porque sugeriu que a administração da disciplina, os sacramentos, a advertência e a exortação per-

tenciam especialmente aos pastores. É claro,porém, que os *pastores* que são chamados para *cuidar* do rebanho de Deus, o fazem especialmente por meio de *alimentá-lo*, isto é pelo ensino.[30] Talvez se deva dizer que, embora todo pastor deva ser um mestre, tendo o dom de ministrar a Palavra de Deus ao povo (seja a uma congregação, seja a grupos ou a indivíduos), mesmo assim, nem todo mestre cristão é também um pastor (visto que é possível que esteja ensinando somente numa escola ou numa faculdade ao invés de numa igreja local).

Olhando para trás, observamos que os cinco dons têm algum relacionamento com o ministério do ensino. Embora não haja nem apóstolos nem profetas, no sentido original, nos dias de hoje, há evangelistas para pregar o evangelho, pastores para cuidar do rebanho e mestres para expor a palavra. Na verdade, há urgente necessidade deles. Nada é mais necessário para a edificação da igreja de Deus em cada geração do que um amplo suprimento de mestres que tenham dons da parte de Deus. Mesmo assim, fico pensando que esta necessidade nunca foi maior do que em nossos próprios dias. Em algumas áreas do terceiro mundo, grandes movimentos populares estão se realizando. Grandes números, em alguns casos aldeias e tribos inteiras, estão aceitando a Cristo, e o ritmo do crescimento da igreja está ultrapassando a taxa do crescimento populacional. No entanto, este fato emocionante traz consigo tanto problemas quanto perigos. Os convertidos recém-batizados são nenês espirituais. Como tais, estão inclinados ao pecado e ao erro, e quase indefesos contra os falsos ensinos. Acima de tudo, necessitam de ensino com base na Palavra de Deus. Em algumas situações, por incrível que pareça, os missionários estão pedindo uma moratória nas converções. "Por misericórdia", oram a Deus, "não nos dê mais nenhum, porque não sabemos o que fazer com os milhares que já temos". Às vezes recomendo a meus amigos carismáticos, alguns dos quais estão preocupados, segundo me parece, com dons menos importantes, para que se lembrem das palavras de Paulo: "Procurai, com zelo, os melhores dons",[31] e para que considerem se estes não são os dons de ensinar. É o ensino que edifica a igreja. A maior necessidade, hoje, é de mestres.

Outra pergunta importante é levantada por este versículo (11). Nele não há menção de bispos ou diáconos (aos quais é feita referência, por exemplo, em Fp 1:1 e 1 Tm 3:1, 12), e muito menos da ordem tríplice "bispos, presbíteros e diáconos" que veio a ser desenvolvida no século II e que é reconhecida de modo generalizado na cristandade hoje. Como deveríamos explicar essa omissão aqui? Trata-se apenas de uma etapa anterior, antes da situação mais desenvolvida refletida nas epístolas pastorais? Al-

[30] Cf. Jo 21:15-17; At 20:28; 1 Pe 5:2. [31] 1 Co 12:31.

ternativamente, devemos distinguir entre um ministério *institucional* nomeado pela igreja ("bispos, presbíteros e diáconos") e um ministério *carismático* nomeado por Cristo ("apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres")? Não, nenhuma destas explicações nos é recomendável. Separar o *institucional* do *carismático*, ou a *ordem* ministerial dos *dons* ministeriais, é uma distinção falsa e desastrosa. Que há, segundo a intenção de Deus, um ministério institucional ou uma ordem ministerial (seja tríplice, seja dupla, não importa para nossos propósitos aqui) está claro nas epístolas pastorais. Timóteo deveria selecionar e ordenar presbíteros e diáconos para todas as igrejas. Mas como os selecionaria? Quais deveriam ser as qualificações deles? Deveria assegurar-se do caráter moral, da ortodoxia doutrinária, e também dos dons (por exemplo, "apto para ensinar", *didaktikos*)[32] que eles tivessem. É inconcebível que a igreja selecionasse, treinasse e ordenasse pessoas que não tivessem os dons apropriados dados por Deus. A ordenação para o ministério pastoral de qualquer igreja deve significar, no mínimo, (1) o reconhecimento público de que Deus chamou tal pessoa e que lhe deu dons, e (2) a autorização pública desta pessoa para obedecer à chamada e exercer o dom, com oração pedindo a graça capacitadora do Espírito Santo. Assim, não devemos separar o que Deus uniu. De um lado, a igreja deve reconhecer os dons que Deus deu às pessoas, e deve publicamente autorizá-los e encorajar seu exercício no ministério. Por outro lado, o Novo Testamento nunca contempla a situação grotesca em que a igreja comissiona e autoriza pessoas a exercer um ministério para o qual lhes falta tanto a chamada divina quanto o equipamento divino. Não: o dom e o ofício, a capacitação divina e o comissionamento eclesiástico caminham juntos. Parece-me que Paulo indica este fato ao contar *pastores e mestres* entre os dons de Cristo à sua igreja, visto que a obra dos presbíteros ordenados é precisamente pastorear e ensinar o rebanho de Cristo. "Estão, portanto, loucos", escreve Calvino sem poupar palavras, "aqueles que, negligenciando este meio (de edificar a igreja), esperam ser perfeitos em Cristo, como acontece com os fanáticos que pretendem ser portadores de revelações secretas do Espírito, e com os orgulhosos, que se satisfazem apenas com a leitura particular das Escrituras, e imaginam que não precisam do ministério da Igreja".[33]

c. O propósito dos dons espirituais é o serviço

No versículo 12 Paulo diz claramente por que Cristo deu estes dons à sua igreja: *Com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo.* Será notado que, de acor-

[32] 1 Tm 3:2.
[33] Citado por Hodge, pág. 230. Cf. as *Institutas* de Calvino, IV. 3, 4.

do com esta tradução, Cristo teve em mente três propósitos distintos. Creio que Armitage Robinson foi o primeiro comentarista a insistir que se trata de um erro. "A segunda destas cláusulas", escreveu, "deve ser considerada dependente da primeira, e não... coordenada com ela."[34] Noutras palavras, a primeira vírgula ("a vírgula fatal"[35]), que "não tem autoridade lingüística mas, sim, indubitável tendência eclesiológica"[36], deve ser apagada. Se for permitida a sua presença, estaremos diante de "um resultado entristecedor", pois "o versículo significará, então, que somente os ministros especiais, e não todos os santos, são chamados para fazer 'o trabalho do ministério' e para cooperar na 'edificação do corpo'." Esta interpretação "tem um sabor aristocrático, ou seja: um sabor clerical e eclesiástico, distingue entre a (massa dos) 'santos' e a (classe superior dos) oficiais da igreja".[37]

Se a vírgula for apagada, no entanto, ficaremos com dois propósitos — um que é imediato e outro que é ulterior— para os quais Cristo deu dons para a sua igreja. Seu propósito imediato era o "aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço" ou, melhor, "preparar o povo de Deus para o serviço cristão" (BLH), e o seu propósito ulterior era "a edificação do corpo de Cristo".

A primeira expressão, sobre equipar o povo de Deus, possui um significado e longo alcance para qualquer entendimento verdadeiro do ministério cristão. A palavra *serviço* ("ministério", *diakonia*) é usada aqui não para descrever a obra de pastores mas, sim, a obra do chamado laicato, ou seja, de todo o povo de Deus, sem exceção. Aqui temos evidência indiscutível de como o Novo Testamento vê o ministério: não como a prerrogativa de uma elite clerical mas, sim, como a vocação privilegiada de todo o povo de Deus. Graças a Deus que em nossa geração esta visão bíblica de um "ministério de todos os membros" está tornando-se coisa firme na igreja.

Não se quer dizer com isto que não sobra nenhum ministério pastoral para os clérigos. Pelo contrário, estabelece-se o seu caráter. O conceito neotestamentário de pastor não é o de uma pessoa que conserva a totalidade do ministério nas suas próprias mãos, tendo ciúmes dele, e que esmaga toda a iniciativa dos leigos, mas, sim, de uma pessoa que ajuda e encoraja todo o povo de Deus a descobrir, desenvolver e exercer seus dons. O ensino e o treinamento do pastor se dirigem para esta finalidade, para capacitar o povo de Deus a ser um povo que serve, ministrando ativa, porém humildemente, num mundo de alienação e de dor. Assim, ao invés

[34] Armitage Robinson, pág. 99. [35] Mackay, pág. 185. [36] *Ibid.*
[37] Markus Barth. A primeira citação foi tirada de *Broken Wall*, pág. 165, e a segunda da discussão mais longa em *Ephesians*, II: Comentário VI intitulado "A igreja sem Leigos e sem Sacerdotes" págs. 477-484.

de pessoalmente monopolizar todo o ministério, chega realmente a multiplicar os ministérios.

Que modelo de igreja, portanto, devemos ter em mente? O modelo tradicional é o da pirâmide, com o pastor empoleirado precariamente no seu pináculo, como um pequeno papa na sua própria igreja, ao passo que os leigos estão dispostos abaixo dele em fileiras ordenadas segundo sua inferioridade. É um quadro totalmente antibíblico, porque o Novo Testamento contempla, não um único pastor com um rebanho dócil, mas, sim, tanto uma direção plural quanto um ministério de todos os membros. Não muito melhor é a figura do ônibus, em que o pastor é o único que dirige, ao passo que a congregação é o grupo de passageiros dormindo em segurança pacífica atrás dele. Bem diferente da pirâmide ou do ônibus é o modelo bíblico do corpo. A igreja é o corpo de Cristo, e cada um dos seus membros tem uma função distinta. Embora a metáfora do corpo certamente possa acomodar o conceito de um pastorado distinto (em termos de um ministério — e um de grande importância — entre muitos), realmente não há lugar nele para uma hierarquia nem para aquele tipo de clericalismo mandão que concentra todo o ministério nas mãos de um só homem, e que nega ao povo de Deus seus próprios ministérios aos quais têm direito.

Vi o princípio do ministério de todos os membros bem ilustrados quando visitei a igreja St. Paul's em Darien, Connecticut, há poucos anos. É uma igreja episcopal norte-americana, que foi influenciada pelo movimento carismático. Na capa do seu bolètim dominical li o nome do pastor, o Reverendo Everett Fullam, e depois, os nomes do pastor adjunto, e do assistente do pastor. Tinha, então, esta linha: "Ministros: a congregação inteira". Era surpreendente, mas inegavelmente bíblico!

Portanto, o propósito imediato de Cristo em dar pastores e mestres à sua igreja é, através do ministério da palavra exercido por eles, equipar todo o seu povo para os variados ministérios. E o propósito final disto é edificar o seu corpo, a igreja. Pois é claro que a maneira pela qual o corpo inteiro cresce é através do uso, por todos os membros, dos dons que Deus lhes deu. Estes dons são tão benéficos para aqueles que exercem o seu ministério com fidelidade quanto para aqueles que o recebem, pois a igreja torna-se cada vez mais saudável e madura. Se o século XVI recuperou *o sacerdócio de todos os crentes* (sendo que todo cristão desfruta, por meio de Cristo, o livre acesso a Deus), talvez o século XX recupere *o ministério de todos os crentes* (cada cristão recebe de Cristo um ministério privilegiado para com os homens).

Todos os dons espirituais, portanto, são dons para o serviço. Este é o propósito deles. Não são dados para o uso egoísta mas, sim, para o uso altruísta, isto é, para servir a outras pessoas. Cada uma das listas dos *cha-*

rismata no Novo Testamento enfatiza este fato. *A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso.*[38] Segue-se que sua importância comparativa (Paulo deixa bem claro que alguns são *melhores* ou *mais elevados* do que outros)[39] deve ser aquilatada pelo grau com que edificam a igreja. É por esta razão que os dons de ensino na igreja são de suprema importância, pois nada edifica a igreja como a verdade da Palavra de Deus.

Recapitulando, vimos que é o Cristo glorificado que outorga dons à sua igreja, que os dons são muito diversos no seu caráter, que os dons de ensino são primordiais, e que o seu propósito é equipar o povo de Deus para exercer seus ministérios e, assim, edificar o corpo de Cristo.

4. A unidade cristã exige a maturidade do nosso crescimento (vs.13-16)

O apóstolo continua, desenvolvendo o seu pensamento com *a edificação do corpo de Cristo.* Evidentemente este será um processo longo, que fará chegar (com três frases repletas de sentido) *à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade,* e *à medida da estatura da plenitude de Cristo.* Este é o alvo em que, como a igreja, havemos de *chegar* um dia.

Este verbo *chegar* significa literalmente "vir ao encontro de" (*Katantaō*), e como a primeira e a terceira frases referem-se explicitamente ao Senhor Jesus ("Filho de Deus" e "Cristo"), Markus Barth interpreta a segunda ("a perfeita varonilidade") como sendo também uma referência a ele. E traduz esta frase com "o Homem Perfeito", e retrata a igreja como sendo a noiva de Cristo saindo numa procissão jubilosa para encontrar-se com o Noivo na sua vinda triunfante.[40] É uma reconstrução atraente, e certamente de acordo com o desenvolvimento da linguagem figurada da noiva e do noivo em 5:25-27. Entretanto, parece um pouco forçada, porque onde havemos de chegar, ou o que encontraremos não é simplesmente *o Filho de Deus* mas, sim, *a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus*, não simplesmente *Cristo* mas, sim, *a medida da estatura da plenitude de Cristo.* Noutras palavras, o alvo da igreja não é Cristo mas, sim, alcançar a perfeição no sentido de maturidade na unidade, e isso provém de conhecer a Cristo, de confiar nele, e de crescer para dentro dele.

Fazemos uma pausa para notar que a unidade da igreja, embora em certo sentido já tenha sido dada e já seja inviolável, conforme já vimos, ainda precisa, num outro sentido, ser tanto *mantida* (v. 3) como *atingida* (v. 13). Os dois verbos são supreendentes. Se a unidade já existe como um

[38] 1 Co 12:7. [39] 1 Co 12:31.
[40] Barth, *Ephesians*, II, Comentário VII, "Encontrando o Homem Perfeito", págs. 484-496.

dom, como pode ser atingida como um alvo? Provavelmente devamos responder que, assim como a unidade precisa ser preservada *visivelmente*, assim também precisa ser atingida *plenamente*. Há, pois, graus de unidade, assim como há graus de santidade. E a unidade à qual devemos chegar um dia é aquela unidade plena que será possibilitada por uma plena fé no Filho de Deus e um pleno conhecimento dele. Esta expressão refuta de modo eficaz o argumento de que a unidade pode crescer sem a fé ou sem o conhecimento cristãos. Pelo contrário, é exatamente na medida em que conhecemos o Filho de Deus e confiamos nele que crescemos no tipo de unidade uns com os outros como ele deseja.

Esta unidade plena também é chamada de a *perfeita varonilidade*. Alguns interpretam esta expressão individualmente para cada cristão que cresce na maturidade em Cristo, o que é certamente um conceito neotestamentário. O contexto, porém, parece exigir que a entendamos corporalmente. A igreja é retratada como sendo um único organismo, o corpo de Cristo, e deve crescer para a estatura adulta. De fato, Paulo já se referiu a ela como sendo a nova humanidade que Deus está criando, ou como sendo o *novo homem* (2:15). À unicidade e à novidade deste *homem* ele acrescenta, agora, a maturidade. O *novo homem* deve chegar à *perfeita varonilidade*, que será nada menos do que *a medida da estatura da plenitude de Cristo*, a plenitude que o próprio Cristo possui e outorga.

Embora pareça que este crescimento para a maturidade seja um conceito corporal, descrevendo a igreja como uma totalidade, mesmo assim claramente depende da maturidade dos seus membros individuais, conforme Paulo passa a dizer: *para que não mais sejamos como meninos* (v. 14). Naturalmente devemos ser semelhantes às crianças na sua humildade e inocência,[41] mas não na sua ignorância nem na sua instabilidade. As crianças instáveis são como barquinhos num mar tempestuoso, inteiramente à mercê dos ventos e das ondas. Paulo pinta um quadro gráfico, *agitados de um lado para outro* (*Klydōnizomenoi*, de *Klydōn*, "água turbulenta" ou "ressaca") que significa "jogados para cá e para lá pelas ondas" (AG) e *levados ao redor* (*peripheromenoi*), que significa "rodopiando por ventos mutáveis".[42] Parece que Platão empregou esta última palavra com referência aos piões, o que levou E. K. Simpson a rotular tais pessoas de "ventoinhas".[43] A BLH capta a imagem de crianças numa tempestade ao traduzir: "arrastados pelas ondas e empurrados por qualquer vento". Tais são os cristãos imaturos. Parece que nunca conhecem a sua própria vontade nem chegam a convicções firmes. Pelo contrário, suas opiniões parecem ser as do último pregador que ouviram ou do último livro

[41] Mt 18:3; 1 Co 14:20.
[42] Armitage Robinson, pág. 183.
[43] Simpson, pág. 97, nota, e pág. 98.

que leram, e caem facilmente como presa de cada nova moda teológica. Não podem resistir à *artimanha dos homens* (*Kybia* significa "jogo de dados" e, por decorrência, "trapaça"), nem à *astúcia com que induzem ao erro.*

Em contraste com a instabilidade doutrinária, que é uma marca da imaturidade, devemos estar *seguindo a verdade em amor* a fim de que *cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado, pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor* (vs. 15-16).

Não devemos procurar nestes versículos instrução inspirada sobre a anatomia e sobre a fisiologia humanas. A intenção do apóstolo não é ensinar como funciona o corpo humano mas, sim, como cresce o corpo de Cristo. É verdade que emprega uns termos usados por antigos escritores médicos gregos tais como Hipócrates e Galeno. "Quase podemos vê-lo voltar-se para o 'médico amado', de cuja presença nos conta em outra epístola (Cl 4:14), antes de arriscar-se a falar em linguagem técnica de 'todo ligamento do aparato inteiro' do corpo humano."[44] Mas sua ênfase recai sobre a cabeça, "naquele" em que devemos crescer (v. 15), e "de quem" o corpo cresce quando "cada parte está funcionando devidamente".Markus Barth ressalta claramente na sua tradução este ato de focalizar a atenção na iniciativa e na obra do cabeça, Cristo: "Ele está operando para encaixar o corpo inteiro. Fornece-lhe sustento através de todo contato conforme as necessidades individuais de cada parte individual. Capacita o corpo a fazer o seu próprio crescimento de modo que se edifique em amor."[45]

Agora, se deixarmos de lado a metáfora do corpo e perguntarmos como a igreja cresce para a maturidade, Paulo esta com a resposta pronta. Cresce mediante a verdade e o amor. Deixar-nos ser jogados para lá e para cá pelas lufadas ferozes do falso ensino é condenar-nos e a igreja à perpétua imaturidade (v. 14). Ao invés disso, precisamos da *verdade*, falando a verdade *em amor* (v. 15). Porque é *em amor* que a igreja cresce e se edifica (v. 16). O que Paulo pede é uma combinação equilibrada dos dois. A expressão *seguindo a verdade em amor* significa literalmente "sendo verdadeiros (*alētheuontes*) em amor", e inclui as noções de "manter", "viver" e "praticar" a verdade. Graças a Deus que há aqueles na igreja contemporânea que estão resolutos, custe o que custar, no sentido de defender e sustentar a verdade revelada por Deus. Mas às vezes revelam uma falta notável de amor. Quando farejam heresia, seu nariz começa a fazer movimentos bruscos, seus músculos começam a retesar, e o brilho da batalha surge nos seus olhos. Parece que não têm maior prazer do que o de

[44] Armitage Robinson, pág. 104. [45] Barth, *Ephesians*, II, pág. 426.

uma luta. Outros cometem o erro oposto. Estão resolutos, custe o que custar, a sustentar e demonstrar o amor fraternal, mas, a fim de fazê-lo, estão dispostos a sacrificar até mesmo as verdades centrais da revelação. Estas duas tendências são antibíblicas e desequilibradas. A verdade se torna ríspida se não for equilibrada pelo amor; o amor torna-se frouxidão se não for fortalecido pela verdade. O apóstolo nos exorta a mantermos os dois juntos, o que não deve ser difícil para crentes cheios do Espírito Santo, visto que ele mesmo é *o Espírito da verdade*, e o seu primeiro fruto é o *amor*.[46] Não há outro roteiro senão este para chegar a uma unidade cristã plenamente madura.

Conclusão

Aqui,pois, temos a visão de Paulo para a igreja. A nova sociedade de Deus deve demonstrar amor, unidade, diversidade, e uma maturidade sempre crescente. Estas são as características de uma *vida digna da vocação* a que Deus nos chamou, e que o apóstolo nos roga a vivermos (v. 1).

Quanto mais compartilharmos da perspectiva de Paulo, mais profunda será nossa insatisfação com o *status quo* eclesiástico. Alguns de nós somos por demais conservadores, por demais complacentes, por demais prontos a concordar com a situação presente e resistir a mudanças. Outros são por demais radicais, querendo desfazer totalmente a instituição. Devemos, pelo contrário, entender mais claramente o tipo de nova sociedade que Deus deseja que sua igreja seja. Então não ficaremos satisfeitos, nem com as coisas como estão, nem com soluções parciais mas, pelo contrário, oraremos e trabalharemos pela renovação total da igreja.

Alguns procuram principalmente as estruturas de unidade mas, segundo parece, não têm a mesma preocupação no sentido de que a igreja se torne uma comunidade verdadeiramente solícita, marcada pela humildade, pela mansidão, pela longanimidade, pela paciência em suportar e pelo amor. A preocupação principal de Paulo não é com estruturas; começa e termina com o amor (vs. 2, 16).

Outros dão muita ênfase à unidade da igreja como um conceito teológico claramente articulado na sua mente, mas, segundo parece, nada vêem de anormal na desunião visível que contradiz a sua teologia.

Outros se satisfazem com uma uniformidade da vida e da liturgia da igreja que é maçante, enfadonha, sem cor, monótona e morta; nunca tiveram um vislumbre da variedade que Deus quer que exista, nem da diversidade de ministérios que deve enriquecer e vivificar sua filiação no corpo de Cristo.

[46] P.ex. Jo 14:17; 15:26; 16:13; Gl 5:22.

Outros têm um conceito estático da igreja, e se darão por satisfeitos se a congregação conseguir manter seu tamanho e seu programa, sem diminuições. Não têm visão alguma do crescimento da igreja, nem pelo alcance evangelístico nem pelo amadurecimento dos seus membros.

Toda a complacência deste tipo não é digna da vocação da igreja. Em contraste com ela, o apóstolo coloca diante de nós o quadro de uma comunhão que se aprofunda, o profundo desejo de manter a unidade cristã visível e de reavê-la se for perdida, um ministério ativo de todos os membros, e um crescimento firme para a maturidade sustentando a verdade em amor. Precisamos manter este ideal bíblico claramente diante de nós. Somente então viveremos uma vida que valha a pena.

4:17-5:4
8. Uma nova roupagem

O apóstolo continua descrevendo os novos padrões que se esperam da nova sociedade de Deus, ou a vida que é digna de chamamento de Deus. Chamados para sermos *um só* povo, argumentou, devemos cultivar a unidade. Chamados para sermos um povo *santo*, argumenta agora, devemos também cultivar a pureza. A pureza é uma característica do povo de Deus tão indispensável quanto a unidade.

Assim como começou a seção anterior sobre a unidade da igreja, Paulo começa esta seção sobre a pureza da igreja afirmando a sua autoridade como apóstolo de Cristo.

v. 1 *Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor...*
v. 17 *Isto, portanto, digo, e no Senhor testifico...*

A frase *no Senhor* significa "em nome do Senhor" (GNB). É a declaração solene de Paulo de que escreve a eles com a autoridade do Senhor Jesus.

A essência da sua mensagem é clara: *não mais andeis como também andam os gentios*. Está generalizando, naturalmente. Nem todos os pagãos eram (nem são) tão dissolutos quanto aqueles que agora está a retratar. Mas, assim como há uma vida cristã típica, assim também há uma vida pagã típica. Se estas vidas forem leais ao seus próprios princípios, estarão fundamentalmente opostas uma à outra. Os leitores sabiam por experiência o que Paulo dizia; pois eles mesmos tinham sido pagãos, e ainda viviam num ambiente pagão. *Não mais*, porém, deveriam viver assim, ainda que todos em derredor continuassem a assim fazer (*como também andam os gentios*). Outrora tinham sido pagãos e, portanto, tinham vivido como pagãos; agora eram cristãos, e deveriam viver como cristãos. Tornaram-se agora pessoas diferentes; devem comportar-se de modo diferente. Sua nova posição como nova sociedade de Deus envolvia novos padrões; e sua vida nova em Cristo, um novo estilo de vida.

O modo de Paulo tratar desse tema foi começando com a base doutrinária da nova vida (4:17-24), e depois passando para sua concretização prática no comportamento em todos os dias (4:25—5:4).

1. A base doutrinária (4:17-24)

Era essencial desde o início que os leitores compreendessem o contraste entre o que tinham sido como pagãos e o que agora eram como cristãos; entre sua velha vida e sua nova vida; e, além disso, que compreendessem a base teológica sobre a qual essa mudança se alicerçava.

Isto, portanto, digo, e no Senhor testifico, que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos, [18]*obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza dos seus corações,* [19]*os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza.* [20]*Mas não foi assim que aprendestes a Cristo,* [21]*se é que de fato o tendes ouvido, e nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus,* [22]*no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano,* [23]*e vos renoveis no espírito do vosso entendimento,* [24]*e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.*

O que se nota de imediato é a ênfase dada pelo apóstolo ao fator intelectual no modo de vida de todas as pessoas. Quando descreve os pagãos, chama a atenção à *vaidade dos seus próprios pensamentos*, acrescenta que estão *obscurecidos de entendimento* e atribui sua alienação de Deus à *ignorância em que vivem*. Refere-se, portanto, às suas mentes vazias, ao seu entendimento obscurecido e à ignorância que têm, o que os tornou empedernidos, licenciosos e impuros. Mas, em contraste com eles, os crentes tinham *aprendido* a Cristo, tinham-no *ouvido*, tinham sido *instruídos* nele, tudo de acordo com a *verdade* que está em Jesus. Em contraste com as trevas e com a ignorância dos pagãos, Paulo coloca, portanto, a verdade de Cristo que os cristãos tinham aprendido. As Escrituras dão testemunho, sem vacilação, do poder da ignorância e do erro para causarem a corrupção, e do poder da verdade para libertar, enobrecer e refinar.

a. A vida pagã (vs. 17-19).

Qual é, porém, a origem das trevas nas mentes pagãs, quando o próprio Deus é luz, e está continuamente falando à humanidade através da sua criação, e tanto o céu quanto a terra declaram a sua glória? É devida à *dureza dos seus corações*, diz Paulo. A palavra que emprega é *pōrōsis*, e quanto à sua derivação e história, Armitage Robinson fornece uma longa nota adicional.[1] Pōros era "um tipo de mármore" ou, em termos médicos, um "calo" ou uma "formação óssea nas juntas". Logo, o verbo *pōroun*

[1] Armitage Robinson, págs. 264-274.

significava "petrificar", tornar-se "duro" e, portanto, "insensível", e até mesmo (quando "transferido dos órgãos do tato para os da vista") "cego". Do ponto de vista dele, no entanto, não significa "teimosia". É, pelo contrário, "a obtusidade intelectual, não o endurecimento da vontade". Ele examina as oito ocorrências da palavra no Novo Testamento, e conclui: "A obtusidade, ou o embotamento da faculdade de percepção, que é o equivalente da cegueira moral, sempre dá um sentido apropriado. Por outro lado, o contexto decididamente não corrobara para que o significado seja 'dureza', e este significado, às vezes, parece ser totalmente inadequado. Assim sendo, escolhe "cegueira" neste versículo, como sendo a tradução "menos enganosa".

A despeito de argumentar cuidadosamente em prol da sua causa, no entanto, Armitage Robinson não levou os tradutores e comentaristas a segui-lo. Certamente Marcos 3:5 (onde Jesus "olhando-os ao redor, indignado e condoído com a dureza dos seus corações...") parece subentender uma obtusidade deliberada. Voltando para o nosso texto em Efésios, a tradução poderia ser: "suas mentes se tornaram duras como pedra", e poder-se-ia até empregar a palavra "teimosos". J. H. Houlden comenta: "A imoralidade pagã é vista como deliberada e culpável..., o resultado da sua deliberada recusa à luz moral, que lhes é disponível no seu próprio pensamento e consciência."[3] É verdade que no uso bíblico, o *coração* e a *mente* não podem ser separados, visto que o coração inclui nossa capacidade para pensar e entender. Mesmo assim, há uma distinção real entre a *ignorância* e a *dureza* ou a *teimosia*.

Se juntarmos as expressões de Paulo, notando cuidadosamente suas conexões lógicas (especialmente *por causa de* e *pela*, traduções da preposição grega "*dia*"), parece que ele está retratando o terrível caminho do mal, que começa com uma rejeição obstinada da verdade de Deus já conhecida. Em primeiro lugar vem a *dureza dos seus corações*, depois, sua *ignorância*, estando *obscurecidos de entendimento*, e depois, conseqüentemente, *alheios à vida de Deus*, visto que Deus se volta contra eles, até que, finalmente, *se tornaram insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza*. Nada os refreia de satisfazer seu desejo imundo. Deste modo, a dureza de coração leva primeiramente às trevas mentais, depois à insensibilidade da alma sob o julgamento de Deus e, finalmente, à vida desenfreada. Tendo perdido toda a sensibilidade, as pessoas perdem todo o autocontrole. É exatamente a seqüência que Paulo desenvolve na parte final de Romanos 1. Uma tabela comparativa talvez ajude a demonstrar este fato:

[2] Ibid., pág. 267. [3] Houlden, pág. 317.

Romanos 1:18-32	**Efésios 4:17-19**

Etapa 1: A obstinação

18	*"Homens que detêm a verdade pela injustiça"*	18	*"Pela dureza (pōrōsis) dos seus corações"*
21	*"Tendo conhecimento de Deus não o glorificaram como Deus"*		
28	*"Por haverem desprezado o conhecimento de Deus"*		

Etapa 2: As trevas

21	*"Antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato."*	17	*"Na vaidade dos seus próprios pensamentos"*
		18a	*"Obscurecidos de entendimento"*
22	*"Tornaram-se loucos"*	18b	*"A ignorância em que vivem"*
28	"Uma disposição mental reprovável"		

Etapa 3: A morte ou o julgamento

24	*"Por isso Deus entregou tais homens"*	18	*"Alheios à vida de Deus"*
26	*"Por causa disso os entregou Deus"*		
28	*"Deus os entregou"*		

Etapa 4: A temeridade

Deus os entregou a -		19	*"Os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução (*aselgeia*, que significa a indecência pública de um tipo desenvergonhada) para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza"*
24	*"Imundícia"*		
26	*"Paixões infames"*		
27	*"Torpeza"*		
28	*"Coisas inconvenientes"*		
29-31	*"Toda injustiça..."*		

b. A vida cristã (vs. 20-24)

A ERAB não ressalta adequadamente a nitidez do contraste "mas quanto a vós" (*humeis de*) ou, como na BJ, "Vós, porém, não aprendestes assim a Cristo", no começo do versículo 20: *Mas não foi assim que aprendestes a Cristo*. Em contraste com a dureza, com as trevas e com a temeridade dos pagãos, Paulo coloca um processo inteiro de educação moral cristã. Emprega três expressões paralelas que se centralizam em três verbos, todos no tempo do aoristo, com o significado de "aprender", "ouvir" e "ser instruído", com uma referência final à "verdade conforme ela é em Jesus".

> Primeiro, "aprendestes a Cristo" (v. 20, *emathete*)
> Em segundo lugar, "o tendes ouvido" (v. 21a, *ēkousate*)
> Em terceiro lugar, "nele fostes instruídos" (v. 21b, *Tedidachthēte*)

Estas são expressões notáveis. "Trazem à mente o quadro de uma escola"[4] e referem-se à instrução catequética que Paulo toma por certo, e mesmo sabe, que receberam. Conforme a primeira expressão, o próprio Cristo é a substância do ensino cristão. Assim como os evangelistas *pregam a Cristo*,[5] assim também seus ouvintes *aprendem a Cristo*, e o *recebem*, ou seja: uma tradição a respeito dele.[6] Mas, que tipo de Cristo aprendem? Não apenas o Verbo feito carne, o Deus-homem sem igual, que morreu, que ressuscitou e que reina. Mais do que isto. A implicação do contexto é que também devemos pregar seu senhorio, o reino ou domínio da justiça que ele inaugurou, e todas as exigências morais da nova vida. O Cristo a quem os efésios tinham aprendido chamava-os para padrões e valores totalmente em desacordo com sua vida pagão anterior.

Em segundo lugar, Cristo, que é a substância do ensino ("aprendestes a Cristo") é ele mesmo o mestre ("o tendes ouvido"). Paulo toma por certo que, através da voz dos seus mestres cristãos, eles realmente tinham ouvido a voz de Cristo. Logo, quando a instrução moral bíblica sadia está sendo dada, pode-se dizer que Cristo está ensinando sobre Cristo.

Em terceiro lugar, tinham sido *instruídos nele*. Ou seja: Jesus Cristo, além de ser o ensinador e o ensino, também era o conteúdo, até mesmo o ambiente em que o ensino era dado. Quando Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, o assunto, o objeto e o ambiente da instrução moral que está sendo dada, podemos ter confiança de que é verdadeiramente cristã. Por-

[4] Barth, *Ephesians*, II, pág. 504.
[5] 2 Co 4:5. [6] Cl 2:6.

que *é a verdade em Jesus*. A mudança do título "Cristo" para o seu nome humano "Jesus" parece ser intencional. O Jesus histórico é ele mesmo a corporificação da verdade, conforme a sua própria declaração.[7]

Mas o que, exatamente, é esta verdade que está em Jesus? Se as trevas pagãs levam à impureza temerária, qual é a verdade que liberta os cristãos e os leva à justiça? Os versículos seguintes (22-24) dão a resposta. *Aprender a Cristo* é compreender a nova criação que ele tornou possível, e a vida inteiramente nova que dela resulta. É nada menos do que tirar a nossa velha humanidade como uma roupa podre, e vestir, como uma roupa nova, a nova humanidade criada na imagem de Deus.

Quando isto acontece? No original, os verbos estão no infinitivo, e não podem ser traduzidos como imperativos. Na passagem paralela em Colossenses[8] os verbos são particípios do aoristo, e indicam o que os cristãos colossenses fizeram na ocasião da sua conversão: "Uma vez que vos despistes do velho homem... e vos revestistes do novo homem." Além disso, se são imperativos em Efésios 4:22, 24, o mandamento no versículo 25, torna-se um contra-senso: *Por isso, deixando a mentira*... Decerto, este "por isso", que está edificando sobre aquilo que já foi escrito, dificilmente pode basear um mandamento sobre outro, como se dissesse: "Despojai-vos do velho homem... e revistai-vos do novo homem... Por isso, deixai a mentira". O paralelo em Colossenses, do outro lado, faz perfeito sentido, porque edifica um mandamento presente sobre um fato passado. Diz: "Despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência (*etc.*), uma vez que vos despistes do velho homem... e vos revestistes do novo homem" (3:8-10). É porque já nos despimos da nossa velha natureza, naquele ato decisivo chamado conversão, que podemos, logicamente, ser ordenados a rejeitar todas as práticas que pertencem àquela velha vida que repudiamos. Em Efésios 4, bem como em Colossenses 3, portanto, a mesma lógica pode ser achada. Os verbos "despojar-se" e "vestir-se" não são novos mandamentos que o apóstolo agora dirige aos seus leitores mas, sim, mandamentos antigos que lhes dera quando estava com eles, e dos quais agora os relembra. Realmente, estes mandamentos são a própria *verdade em Jesus* que lhes fora ensinada e que tinham aprendido. Ressaltemos que a pontuação do texto, tal como aparece na ERAB, com uma vírgula (e não ponto final) no fim do versículo 21 está correta, porque destaca bem a seqüência do pensamento: *nele fostes instruídos... no sentido de que... vos despojeis do velho homem... e vos revistais do novo*... A BJ capta bem a seqüência de pensamento: "fostes ensinados a remover o vosso modo de vida anterior... e revestir-vos..."

O que, pois, lhes tinha sido ensinado? Tinham sido ensinados que

[7] Jo 14:6. [8] Cl 3:9-10.

tornar-se cristão envolve uma mudança radical, a saber: a "conversão" (conforme o lado humano da experiência é usualmente chamado) e "nova criação" (o lado divino). Envolve o repúdio do nosso próprio eu antigo, da nossa humanidade caída, e a adoção de um novo eu, ou da humanidade criada de novo. A cada um destes dois Paulo chama (literalmente) de um "homem": o "velho homem", que é despojado, e o novo homem, de quem se reveste. Charles Hodge explica essa linguage: "Aquilo que aqui é chamado de *o velho homem* Paulo, noutros lugares, chama-se a si mesmo, como em Rm 7:14 (sou carnal) ... ou *a carne* ... como em Gl 5:16, 17... Usa o termo *homem* porque refere-se a nós mesmos."[9] Além disso, nosso próprio "eu" anterior e o nosso novo "eu" estão vividamente contrastados um com o outro: "Assim como somos conclamados a despir nossa natureza corrupta como uma roupa esfarrapada e suja, assim também requer-se de nós que nos revistamos da nossa nova natureza como uma veste de luz. E assim como a primeira era personificada como um velho homem, decrépito, deformado, e tendendo à corrupção, assim também a última é personificada como um novo homem, viçoso, belo, e vigorosoo, como Deus..." Isto é, criado à sua imagem.[10]

Os retratos que Paulo pinta dos dois "homens" equilibram-se. O velho era "corrupto", no processo de degenerar-se, no caminho para a ruína ou para a destruição; o novo tem sido *criado segundo Deus*. O velho era dominado por *concupiscências*, por paixões não controladas; o novo foi criado *em justiça e retidão*. As concupiscências do velho eram *do engano*; a justiça do novo é *da verdade*. Desta maneira, a corrupção e a criação, a paixão e a santidade, o engano e a verdade estão colocados em contraste entre si, o que indica a total incompatibilidade entre o velho e o novo, o que éramos em Adão e o que somos em Cristo.

Entre estes dois contrastantes tipos de pessoa que "despojamos" e que "nos revestimos" coloca-se o versículo 23: *e vos renoveis no espírito do vosso entendimento*. Este verbo é um presente do infinitivo, em distinção com os tempos dos versículos 22 e 24, que são aoristos. Indica que, além da rejeição decisiva do velho e a aceitação do novo, implícita na conversão, uma renovação interior, diária e até mesmo contínua do nosso ponto de vista está envolvida em ser um cristão. Se a degradação dos pagãos é devida à futilidade das suas mentes, a retidão cristã depende da constante renovação da nossa mente.

Em todo este ensino, o divino e o humano estão lindamente harmonizados. Ao mandar que troquemos a nossa velha humanidade por uma nova, Paulo não está dando a entender que podemos levar a efeito o nosso novo nascimento. Ninguém deu à luz a si mesmo. Esta idéia é ridícu-

[9] Hodge, págs. 259-260. [10] Ibid., págs. 264-265.

la. Não, a nova humanidade que assumimos é criação de Deus, não nossa. Mesmo assim, quando Deus nos cria de novo em Cristo, concordamos inteiramente com aquilo que ele fez. "Despojamos" nossa velha vida, e "nos revestimos" da nova vida que ele criou, abraçando-a e dando-lhe as boas-vindas com alegria. Numa palavra, a nova criação (aquilo que Deus faz) e o arrependimento (aquilo que nós fazemos pela graça dele) permanecem juntos e não podem ser separados.

Tudo isso tinha sido ensinado aos cristãos de Éfeso e do restante da Ásia. Tinham sido eficientemente fundamentados na natureza e nas conseqüências da nova criação e da nova vida. Fazia parte da *verdade em Jesus* que tinham aprendido. Não somente tinham sido ensinados a *despojar* o velho e a *revestir-se* do novo. Já o tinham feito. A realidade ocorreu na ocasião da conversão deles. Depois, o simbolismo pode ter-se seguido na ocasião do seu batismo, pois alguns batismos primitivos incluíam uma investidura cerimonial com uma veste branca.[11] Agora Paulo os recorda do que aprenderam e fizeram.

Olhando de volta para este versículos, podemos talvez entender mais claramente os dois sólidos fundamentos doutrinários para a santidade cristã que Paulo lançou. São como duas raízes das quais a santidade brota e cresce. Primeiro, passamos pela experiência de uma nova criação e, em segundo lugar, como conseqüência, recebemos uma nova mente que constantemente está sendo renovada. Além disso, as duas estão organicamente relacionadas entre si. É a nossa nova criação que nos deu uma nova mente; e é a nossa nova mente que entende a nossa nova criação e suas conseqüências. Visto ser ela uma nova criação conforme a santa imagem de Deus, envolveu para nós a total rejeição da nossa antiga condição de caídos, e o nosso revestimento com gratidão da nossa nova condição humana.

Por isso, Paulo continua, "deixando a mentira, fale cada um a verdade" (v. 25). Ou seja, porque realmente vos despojastes do seu velho "eu" de uma vez por todas, deveis agora lançar fora toda a conduta que pertencia à vossa velha vida. Vosso novo comportamento deve estar completamente consistente com o tipo de pessoa que vos tornastes. Conforme já notamos, a metáfora ("despojar-se" e "vestir-se") é tirada da maneira de nos vestirmos. Agora pode ser mais desenvolvida.

O tipo de roupas que usamos depende do tipo de papel que estamos desempenhando. Por exemplo, quando vamos a um casamento, usamos um certo tipo de roupa: quando vamos a um enterro, usamos outro tipo. Reconheço, naturalmente, que alguns jovens no ocidente usam "jeans" em todas as ocasiões. Mesmo assim, o costume de adaptar o nosso modo de vestir de acordo com a ocasião, ainda permanece como um princí-

[11] Cf. Gl 3:27.

pio geral. As roupas de muitas pessoas são determinadas, além disso, pelo ofício. Os soldados e os marinheiros usam uniformes diferentes. Os advogados têm roupas especiais, pelo menos quando comparecem no tribunal. Assim também alguns dos clérigos. Assim também os presos e os condenados. Quando, porém, mudamos de papel, trocamos de roupa. Quando os presos são soltos da custódia e voltam a ser homens livres (despojando-se de um papel e assumindo outro), trocam as roupas que usam (tirando o uniforme da prisão e vestindo roupas comuns). De modo semelhante, quando o soldado deixa o exército e torna-se um civil, tira o uniforme e veste-se à paisana. Exatamente assim, visto que por uma nova criação tiramos a velha humanidade e vestimos a nova, devemos também deixar de lado os velhos padrões, e adotar os novos. Nosso novo papel envolverá novas roupas, e nossa nova vida, um novo estilo ético de viver.

2. Seis exemplos concretos (4:25-5:4)

É maravilhoso ver quão facilmente Paulo pode passar de uma elevada dissertação teológica sobre as nossas duas humanidades, sobre o Cristo que aprendemos e sobre a nova criação que experimentamos, descendo para as duras realidades do comportamento cristão: falar a verdade e controlar a ira, ter honestidade no serviço e bondade no falar, amor e autocontrole sexual. Tudo muito prático. E antes de chegarmos aos seis exemplos que ele dá, precisamos notar três aspectos que todos têm em comum.

Primeiro, todos dizem respeito aos nossos relacionamentos. A santidade não é uma condição mística experimentada com relação a Deus, isolada dos seres humanos. Ninguém pode ser bom "teoricamente"; tem que sê-lo no mundo real das pessoas. Além disso, "todas as qualidades aqui recomendadas são aspectos daquela unidade na igreja que o nosso escritor tem como preocupação primária esclarecer e desenvolver. Deliberadamente ele dá prioridade a este assunto... De modo semelhante, os males a serem evitados são todos destruidores da harmonia humana.[12]

Em segundo lugar, em cada exemplo uma proibição negativa é equilibrada por um mandamento positivo correspondente. Não basta despirnos dos velhos farrapos; devemos vestir roupas novas. Não basta deixar de mentir e de furtar e de perder o nosso autocontrole, a não ser que também comecemos a falar a verdade, a trabalhar honestamente e a ser bondosos uns com os outros.

Em terceiro lugar, em cada caso uma razão para o mandamento é dada ou é subentendida: uma razão teológica, na realidade. No ensino de Jesus e dos seus apóstolos, a doutrina e a ética, a crença e o comportamento sempre estão encaixados uns nos outros.

[12] Houlden, pág. 320.

a. Não contem mentiras mas, sim, falem a verdade (v. 25)

Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros.

De acordo com o texto grego, *mentira* é mais que falsidade na forma abstrata. Significa, sim, *a mentira* (*to pseudos*). É possível, portanto, que Paulo esteja se referindo aqui como em Romanos 1:25 à "grande mentira da idolatria", e que, como seus leitores tinham renunciado aquela suprema falsidade do paganismo, o sintoma principal de uma mente fútil e obscurecida (vs. 17-18) conclama-os agora a abandonar todas as mentiras menores e falar a verdade.[13] Certamente, evitar as mentiras é de pouca utilidade sem a busca ativa da verdade. Os seguidores de Jesus (em quem está a verdade, v. 21) devem ser conhecidos na sua comunidade como pessoas honestas e fidedignas, em cuja palavra se pode confiar. A razão dada não somente é que a outra pessoa é nosso *próximo*, a quem as Escrituras ordenam que amemos, mas que, na igreja, o nosso relacionamento é ainda mais estreito, *porque somos membros uns dos outros*. Paulo nos traz de volta à sua doutrina da igreja como o corpo de Cristo (cf. vs. 12-16), e subentende que "uma mentira é uma facada nas partes vitais do corpo de Cristo".[14] A comunhão, pois, é edificada na confiança, e a confiança é edificada na verdade. Logo, a falsidade subverte a comunhão, ao passo que a verdade a fortalece.

b. Não perca a calma mas, sim, tenha certeza de que sua ira é justa (vs. 26-27)

Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira, [27]*nem deis lugar ao diabo.*

Irai-vos, e não pequeis é um eco do Salmo 4:4. Parece que esta forma de palavras é uma expressão idiomática hebraica que permite, mas que restringe, a ira, ao invés de ser realmente uma recomendação dela. "Quando estiverem irados, não pequem" (BV) seria um equivalente em nossa linguagem. Mesmo assim, o versículo reconhece que existe a ira que é cristã, e bem poucos cristãos são os que a sentem ou a expressam. Realmente, quando deixamos de assim fazer, negamos a Deus, prejudicamos a nós mesmos, e encorajamos a divulgação do mal.

As Escrituras nos ensinam claramente que há dois tipos de ira: a justa e a injusta. No versículo 31, a *ira* é uma das coisas desagradáveis que devemos colocar *longe de nós*. Decerto, a referência é à ira injusta. Mas em 5:6 somos informados sobre a ira de Deus que virá sobre os desobedientes, e sabemos que a ira de Deus é justa. Justa também foi a ira de Jesus.[15] Deve, portanto, haver uma ira boa e verdadeira que o povo de Deus pode

[13] Findlay, pág. 292. [14] Mackay, pág. 213. [15] Mc 3:5.

aprender, de Deus e do Senhor Jesus.

Vou além, e digo que há uma grande necessidade no mundo contemporâneo para mais ira cristã. Nós, os seres humanos, entramos num meio-termo com o pecado de uma maneira que Deus nunca faz. Devemos, diante do mal descarado, ficar indignados e não tolerantes, zangados e não apáticos. Se Deus odeia o pecado, seu povo deve odiá-lo também. Se o mal desperta a sua ira, também deve despertar a nossa. "De mim se apoderou a indignação, por causa dos pecadores que abandonaram a tua lei."[16] Que outra reação pode-se esperar que a maldade provoque naqueles que amam a Deus?

É especialmente digno de nota que o apóstolo introduz esta referência à ira numa carta dedicada à nova sociedade de Deus, que é de amor, e num parágrafo que se ocupa com relacionamentos harmoniosos. Ele assim faz porque a verdadeira paz não é idêntica com o aplacar de uma ira. "Num mundo tal como este", comenta E. K. Simpson, "o maior pacificador talvez tenha de assumir o papel de rompedor da paz como uma obrigação sagrada."[17]

Ao mesmo tempo, devemos lembrar-nos do nosso estado de caídos, e nossa disposição constante à intemperança e à vaidade. Em conseqüência, precisamos sempre ficar vigilantes e agir como censores da nossa própria ira. Se formos sábios, seremos *tardios para nos irar*, lembrando-nos de que "a ira do homem não produz a justiça de Deus".[18] Assim, Paulo imediatamente qualifica sua expressão permissiva *irai-vos* com três negativos. Primeiro, *não pequeis*. Devemos assegurar-nos de que a nossa ira esteja livre do orgulho magoado, do despeito, da malícia, da animosidade e do espírito de vingança. Em segundo lugar, *não se ponha o sol sobre a vossa ira*. Esta instrução ilustra bem a insensatez do literalismo excessivo ao interpretar a Bíblia. Não devemos entender Paulo "tão literalmente que possamos tomar licença para ficarmos irados até ao pôr do sol", pois "então a nossa ira poderá prolongar-se com os dias; e os homens da Groelândia, onde um dia dura mais de um quarto de ano, têm excelente desculpa para a vingança".[19] Não, a intenção do apóstolo é advertir-nos contra ficar acalentando a ira. Raras vezes é seguro deixar as brasas arderem. Certamente, se ficarmos conscientes de algum elemento pecaminoso ou egoísta nesta ira (e se a nossa *orgê*, "ira", degenerar em *parogismos*; "ressentimento", a palavra usada no fim do v. 26), então já é hora de desistirmos dela, e ou de pedirmos desculpas ou de sermos reconciliados com a respectiva pessoa. No Antigo Testamento, quem emprestasse dinheiro e

[16] Sl 119:53. [17] Simpson, pág. 108. [18] Tg 1:19-20.
[19] Citado de um comentário anterior por Armitage Robinson, pág. 112, nota.

tomasse a capa de um pobre como penhor, tinha de devolvê-la ao pôr do sol, de modo que o pobre pudesse dormir envolto nela; e um empregador que tivesse quaisquer empregados que fossem pobres e necessitados tinha de pagar-lhes o seu salário diariamente "antes do pôr do sol".[20] Há muitas situações semelhantes em que é sábio viver um dia por vez. "Nunca vá zangado para a cama" é uma boa regra, e poucas vezes mais aplicável do que no caso de um casal.

A terceira qualificação de Paulo é *nem deis lugar ao diabo* (v. 27), porque ele sabe quão fina é a linha entre a ira justa e injusta, e quão difícil os seres humanos encontram um uso responsável para a sua ira. Por isso, o diabo gosta de ficar espreitando as pessoas zangadas, esperando poder tirar proveito da situação ao provocá-las para o ódio ou à violência, ou a um rompimento da comunhão.

c. Não furte mas, sim, trabalhe e contribua (v. 28)

Aquele que furtava, não furte mais; antes trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado. "Não furtarás" foi o oitavo mandamento da lei de Moisés. Tinha, e ainda tem, uma ampla aplicação, não somente com respeito a furtar o dinheiro ou os bens de outras pessoas, mas também com respeito à sonegação de impostos e a truques com a alfândega que roubam do governo aquilo que lhe é devido; aplica-se ainda aos empregadores que oprimem os trabalhadores, e aos empregados que fazem serviço inferior ou que não trabalham todas as horas devidas.

Ao repetir o mandamento (*aquele que furtava, não furte mais*), no entanto, o apóstolo vai além da proibição e tira conclusões positivas. Não basta que o ladrão cesse de furtar. Ele deve começar a trabalhar, *fazendo com as próprias mãos o que é bom*, ganhando a própria vida. Depois, não somente poderá sustentar a si mesmo e a sua família, como também *acudir ao necessitado*. Ao invés de ser uma parasita da comunidade, que é a situação dos ladrões, começará a contribuir para ela. E ninguém, senão Cristo, pode transformar um assaltante em benfeitor!

d. Não use a boca para o mal, mas, sim, para o bem (vs. 29-30)

Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e, sim, unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça aos que ouvem. [30]*E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção.*

O apóstolo volta-se do uso das nossas mãos para o uso da nossa boca. A fala é uma maravilhosa dádiva de Deus. É uma das capacidades huma-

[20] Dt 24:13-15.

nas que refletem a nossa semelhança com o Criador. Nosso Deus, pois, fala, e como ele, nós também falamos. A fala distingue-nos da criação animal. As vacas podem mugir, os cachorros latem, os asnos zurram, os porcos grunhem, os cordeiros balem, os leões rugem, os macacos guincham e os pássaros cantam, mas somente os seres humanos sabem falar.

Por isso, *não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe*, diz Paulo. "Torpe" aqui é *sapros*, palavra que se emprega para árvores podres e frutos podres.[21] Quando é aplicada à conversa podre, podemos ter a certeza de que, de alguma maneira, prejudica os ouvintes. Pelo contrário, devemos empregar o nosso dom sem igual da fala de modo construtivo, *para edificação*, ou seja, para sermos construtivos com as pessoas e não para prejudicá-las ou destruí-las, *conforme a oportunidade*. Então nossas palavras transmitirão *graça aos que ouvem*.

Jesus ensinou a grande relevância da fala. Nossas palavras revelam o que há em nosso coração, disse ele, e teremos de prestar contas no dia do juízo de toda palavra frívola que tenhamos pronunciado.[22] Desta maneira, Tiago estava apenas repetindo o ensino do seu Mestre quando enfatizou o imenso poder da língua humana para o bem e para o mal.[23] Se somos verdadeiramente uma nova criação de Deus, desenvolveremos, indubitavelmente, novos padrões de conversação. Ao invés de ferir as pessoas com nossas palavras, desejaremos usá-las para ajudar, encorajar, animar, consolar e estimular tais pessoas. Eu, pessoalmente, muitas vezes tenho sido desafiado pela fala contrastante entre o sábio e o insensato em Provérbios 12:18: "Alguém há cuja tagarelice é como pontas de espada, mas a língua dos sábios é medicina".

Não é evidente por que Paulo agora introduz o Espírito Santo: *E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção* (v. 30). O apóstolo, porém, estava constantemente consciente de que, por trás das ações dos seres humanos, personalidades invisíveis estão presentes e ativas. Acaba de nos advertir no sentido de não darmos oportunidade ao diabo (v. 27); agora nos conclama a não entristecermos o Espírito Santo. Fica evidente aqui que o Espírito Santo é plenamente pessoal, pois *lypeō* é causar tristeza, dor, ou aflição, e somente pessoas podem sentir estas coisas. Mas o que entristece a ele? Visto que ele é o "Espírito *Santo*", sempre está entristecido pela falta de santidade, e sendo ele "um só Espírito" (2:18; 4:4), a desunião também lhe causará tristeza. Na verdade, qualquer coisa incompátivel com a pureza ou com a unidade da igreja é incompátivel com a sua própria natureza e, portanto, fere-o. Poderíamos acrescentar que, porque ele também é o "Espírito da verdade", através de quem Deus falou, ele é entristecido por todo o nosso abuso da

[21] Mt 7:17-18 e 12:33. [22] Mt 12:33-37. [23] Tg 3:1-12.

fala, que foi o tópico de Paulo no versículo anterior.

Notamos também no versículo 30 as referências ao ser *selado* com o Espírito e ao *dia da redenção*. A selagem (conforme Paulo já explicou em 1:13) ocorreu no início da nossa vida cristã; o próprio Espírito Santo, habitando em nós, é o selo com que Deus nos carimbou como sendo propriedade sua. O dia da redenção, no entanto, embora já tenhamos a redenção no sentido do perdão (v. 1:7), leva-nos a olhar para o fim futuro, quando o nosso corpo será redimido, pois somente então estará completa a nossa redenção ou libertação. Desta maneira, a "selagem" e a "redenção" referem-se, respectivamente, ao início e ao fim do processo de salvação. E entre estes dois pontos terminais devemos crescer em nossa semelhança a Cristo, e tomar cuidado para não entristecer o Espírito Santo. O Espírito Santo, pois, é um Espírito sensível. Odeia o pecado, a discórdia e a falsidade, e retrai-se para longe deles. Logo, se quisermos evitar que ele fique entristecido, devemos nos retrair para longe deles também. Todo crente cheio do Espírito deseja dar-lhe prazer, e não dor.

e. Não sejam maldosos ou amargos mas, sim, bondosos e amorosos (4:31-5:2)

Longe de vós todos a amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda a malícia. 32*Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou.*

5:1*Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados;* 2*e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave.*

Aqui há uma série inteira de seis atitudes e ações desagradáveis que devem ser lançadas *longe de nós*. A *amargura* (*pikria*) é um espírito azedo e uma conversa azeda. Pouca coisa é mais triste nas pessoas idosas do que um ponto de vista negativo e cínico sobre a vida. Citando Aristóteles, Armitage Robinson o define como "um espírito amargurado e ressentido que se recusa a reconciliar-se".[24] A *cólera* (*thymos*) e a *ira* (*orgē*) obviamente são semelhantes entre si, sendo que a primeira denota uma fúria apaixonada, e a última, uma hostilidade mais firmada e sombria. A *gritaria* (*kraugē*) descreve as pessoas que ficam excitadas, que erguem a voz numa altercação, e começam a gritar, até mesmo a berrar, umas contra as outras, ao passo que as *blasfêmias* (*blasphēmia*) referem-se a falar mal dos outros, especialmente pelas costas, chegando, assim, a difamá-los e até mesmo destruir a sua reputação. A sexta palavra é *malícia* (*kakia*), ou má vontade, desejando, e provavelmente também tramando, o mal contra as pessoas. Alternativamente, pode-se incluir os cinco vícios anterio-

[24] Armitage Robinson, pág. 194.

res, a saber: "o ressentimento silenciosamente acalentado, a explosão de indignação, a fúria que ferve, a briga pública e a zombaria caluniosa."[25] Não há lugar algum para qualquer dessas coisas horríveis na comunidade cristã; devem ser totalmente rejeitadas.

No lugar delas, devemos dar as boas-vindas às qualidades que caracterizam o comportamento de Deus e de Cristo. Devemos ser *benignos uns para com os outros*. A palavra é *chrēstos*, e por causa da óbvia assonância com o nome de Cristo (*Christos*), os cristãos desde o início a consideravam especialmente apropriada. Ocorre no Sermão da Montanha para a bondade de Deus "até para com os ingratos e maus".[26] *Compassivo* é quem tem ternura de coração, ao passo que *perdoando-vos uns aos outros* (*charizomenoi*) é literalmente "agindo com graça" uns para com os outros, assim como Deus em Cristo agiu com graça para conosco. Portanto, por causa da atitude graciosa de Deus e de suas ações generosas para conosco, devemos ser *imitadores* (*mimētai*) *de Deus, como filhos amados*. Assim como os filhos imitam os pais, assim nós também devemos imitar o nosso Pai, Deus, conforme Jesus nos mandou fazer.[27] Devemos também seguir a Cristo, *e andar em amor, como também Cristo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós*. O mesmo verbo para a entrega de si mesmo (*paradidōmai*) é empregado para os pagãos em 4:19. Entregam-se à licenciosidade; nós, como Cristo, devemos entregar-nos ao amor. Semelhante entrega de si mesmo em prol dos outros é agradável a Deus. Assim com Cristo, assim conosco, o amor que se sacrifica a si mesmo é *oferta e sacrifício a Deus em aroma suave*. É, portanto, uma verdade marcante que o amor sacrificial para os outros fica sendo um sacrifício aceitável a Deus.

É digno de nota como a ética de Paulo se centraliza em Deus. É natural para ele, ao promulgar suas instruções morais, mencionar as três pessoas da Trindade. Manda-nos "imitar a Deus", "aprender a Cristo" e não "entristecer o Espírito Santo".

f. Não façam piadas acerca do sexo mas, sim, dêem graças por ele (vs. 3-4)

Mas a impudicícia e toda sorte de impurezas, ou cobiça, nem sequer se nomeie entre vós, como convém a santos; [4]*nem conversação torpe, nem palavras vãs, ou chocarrices, coisas essas inconvenientes, antes, pelo contrário, ações de graça.*

Paulo volta-se da "abnegação... para o seu exato oposto, a autosatisfação",[28] do "amor" genuíno para aquela perversão dele que é cha-

[25] Caird, pág. 83. [26] Lc 6:35.
[27] Mt 5:45, 48. [28] Henriksen, pág. 227.

mada de "concupiscência". As palavras gregas para *impudicícia* (*porneia*) e *impurezas* (*akatharsia*) abrangem juntamente todo tipo de pecado sexual; noutras palavras, todas as relações sexuais fora do seu contexto, ordenado por Deus, de um casamento amoroso. A eles Paulo acrescenta a *cobiça*, decerto porque aqueles pecados são uma forma especialmente degradante dela, a saber: a cobiça do corpo de outra pessoa para um prazer egoísta. O décimo mandamento, especificamente, proibiu a cobiça da esposa do próximo, e anteriormente nesta carta Paulo escreveu sobre a "avidez" envolvida nas práticas impuras (4:19).[29] Deste modo, segundo escreve, toda forma de imoralidade sexual *nem sequer se nomeie entre vós*. Não somente devemos evitar a sua prática, como também evitar pensar e falar sobre ela, pois deve ser totalmente banida da comunidade cristã. Este era um padrão alto e santo para exigir, pois a imoralidade campeava na Ásia. E visto que a deusa grega Ártemis, "Diana dos Efésios", era considerada uma deusa da fertilidade, orgias sexuais eram regularmente associadas com a adoração dela.

O versículo 4 vai mais longe: da imoralidade para a vulgaridade. A *conversação torpe*, pois, significa a obscenidade, e tanto as *palavras vãs* quanto as *chocarrices* provavelmente são uma alusão às piadas grosseiras, a forma mais barata do humor. Todas as três expressões referem-se a uma mente suja expressando-se em conversa suja. Estas coisas, porém, são *inconvenientes*. *Antes, pelo contrário*, diz Paulo, que haja *ações de graça*. O contraste é notável e belo. Em si mesmo, dar graças não é um substituto para a vulgaridade, visto que esta última é essencialmente egocêntrica, ao passo que aquela se centraliza em Deus. Mas talvez seja esta a lição que Paulo está ensinando: "Ao passo que a impureza sexual e a cobiça expressam uma visão de vida egoísta, as ações de graças são exatamente opostas e, portanto, o necessário antídoto; trata-se do reconhecimento da generosidade de Deus".[30] Parece-me provável, no entanto, que Paulo esteja colocando a vulgaridade e as ações de graça ainda mais claramente em oposição uma à outra, como atitudes alternativas ao sexo: a pagã e a cristã. Sem dúvida, os cristãos têm uma má reputação por serem negativos para com o sexo. Dr. Michel Fourcault, que desde 1970 é catedrático em História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France, está, segundo parece, escrevendo uma *História da Sexualidade* em seis volumes. Explicando sua obra no jornal *Le Monde* em janeiro de 1977, falou do "legado mais intoleravelmente pesado do cristianismo, o sexo como pecado". E é verdade que alguns dos nossos antepassados da era vi-

[29] Ver também 1 Co 5:10-11; 6:9-10 e Cl 3:5 para outras passagens em que o apóstolo associa a cobiça com a imoralidade.
[30] Houlden, pág. 324.

toriana chegaram perto desta identificação. Mas a razão por que os cristãos não devem gostar da grosseria, e devem evitá-la, não é porque temos um conceito distorcido do sexo, e ou porque temos medo ou vergonha dele mas, sim, porque temos dele um conceito alto e santo, sendo, no seu lugar, certo, a boa dádiva de Deus, que não queremos ver barateada. Todas as dádivas de Deus, inclusive o sexo, são assuntos para ações de graças, e não para piadas. Fazer piadas a respeito delas forçosamente as degradará; dar graças a Deus por elas é o modo de conservar o seu valor como bênçãos de um Criador amoroso.

Conclusão

Qual é o tema que passou pela totalidade do capítulo 4 e transbordou para o capítulo 5? Estes capítulos são uma convocação emocionante para a unidade e a pureza da igreja; e são mais do que isto. Seu tema é a integração da experiência cristã (aquilo que somos), da teologia cristã (aquilo que cremos), e da ética cristã (como nos comportamos). Enfatizam que a existência, o pensamento e a ação nunca devem ser separados. Aquilo que somos, pois, dirige a forma como pensamos, e como pensamos determina como agimos. Somos a nova sociedade de Deus, um povo que se despiu da velha vida e vestiu a nova; é assim que ele fez conosco. Devemos, portanto, relembrar este fato pela renovação diária da nossa mente, lembrando como "aprendemos a Cristo... segundo é a verdade em Jesus", e pensando de modo cristão acerca de nós mesmos e da nossa nova posição. Depois, devemos ativamente cultivar uma vida cristã. A santidade não é, pois, uma condição na qual estamos flutuando à deriva. Não somos espectadores passivos de uma santificação que Deus opera em nós. Pelo contrário, devemos deliberadamente "deixar" toda a conduta que é incompátivel com a nossa nova vida em Cristo, e "revestir-nos" de um estilo de vida compatível com ela.

Duas palavras se destacam, resumindo este tema. Em 4:1 Paulo nos roga a viver uma vida *digna* da chamada de Deus, e em 5:3 nos manda evitar a imoralidade "como *convém* a santos". É muito infeliz que a palavra "santos" tenha chegado a ser usada, senão para os heróis da igreja que foram canonizados, então pelo menos para pessoas excepcionais e freqüentemente excêntricas que se destacam das demais pelo seu rosto pálido, pelo seu olhar para o céu e por sua auréola invisível. "Os santos", no entanto, são todos os que são de Deus, que foram reconciliados a ele e uns aos outros. Por isso, certos tipos de comportamento são "dignos" ou "convêm", pois são apropriados para quem somos, ao passo que certos outros são "indignos" ou "inconvenientes", sendo inapropriados.

Que ninguém diga que a doutrina não importa! A boa conduta surge da boa doutrina. É somente depois de termos entendido claramente

quem somos em Cristo, que crescerá dentro em nós o desejo de viver uma vida digna da nossa vocação e conforme convém para o nosso caráter da nova sociedade de Deus.

5:5-21
9. Mais incentivos à justiça

É um tanto arbitrário sugerir que há uma divisão entre o versículo 4 e o versículo 5 com o começo de um novo parágrafo, já que o mesmo tópico de moralidade sexual está sendo tratado nesses dois versículos. Apesar disso, parece que os versículos 3 e 4 pertencem aos exemplos práticos da conduta ética da seção anterior, cada um mantendo um equilíbrio de uma proibição e de um mandamento. Depois deles, embora o versículo 5 continue com o tema do sexo, ficamos conscientes de que a ênfase alterou-se. Paulo avança, no tratamento do comportamento cristão, de modelos para a motivação, e acrescenta quatro poderosos incentivos para o viver com justiça.

Todos os empregadores no comércio e na indústria sabem da importância vital dos incentivos. Como os trabalhadores podem ser persuadidos a trabalhar mais e melhor, e assim aumentar a produtividade ou as vendas? Todos os tipos de estímulo são oferecidos na forma de salários mais altos, condições de serviço mais atraentes, bonificações, férias, instalações para a recreação e a educação e, depois, boas perspectivas para a aposentadoria com uma pensão. Os melhores incentivos, no entanto, não são nem materiais nem egoístas. Os empregadores sábios procuram dar ao seu quadro de funcionários um interesse maior pelo emprego, mais lealdade à firma, e uma sensação de orgulho pelo que fabricam ou vendem. Tudo isso dá testemunho à natureza dos homens e das mulheres, feitos à semelhança de Deus, os quais, além de um trabalho, precisam ter razões para fazê-lo, ter ideais para inspirá-los, e ter um senso de realização criadora. Não é de admirar, no entanto, que a própria Bíblia que nos dá esta doutrina do homem ocupa-se não somente com a obrigação mas também com a motivação. As pessoas sabem o que devem fazer; como podem ser motivadas a fazê-lo? Aqui temos um aspecto da doutrina da santificação (ou seja, do processo de tornar-se como Cristo) que é muito enfatizado na Bíblia e muito negligenciado na igreja contemporânea.

O apóstolo estava argumentando que, porque somos a nova sociedade de Deus, devemos adotar padrões novos, e porque decisivamente *nos despojamos* da velha vida e *nos revestimos* da nova vida, devemos usar roupas apropriadas. Agora, acrescenta mais argumentos em prol da san-

tidade. O primeiro diz respeito à certeza solene do julgamento (vs. 5-7); o segundo, àquilo que chama de "o fruto da luz" (vs. 8-14), isto é, as implicações de serem pessoas que pertencem à luz; o terceiro, à natureza da sabedoria (vs. 15-17); e o quarto, à plenitude do Espírito Santo (vs. 18-21).

1. A certeza do julgamento (vs. 5-7)

Sabei, pois, isto: nenhum incontinente, ou impuro, ou avarento, que é idólatra, tem herança na reino de Cristo e de Deus. [6]*Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.* [7]*Portanto, não sejais participantes com eles.*

Muitas razões são dadas no Novo Testamento por que os cristãos devem abster-se da imoralidade. Há, por exemplo, a teologia trinitariana do corpo humano criado por Deus, pertencendo a Cristo e habitado pelo Espírito, que Paulo desenvolve em 1 Coríntios 6:12-20. Além disso, há o fato de ser claramente inadequada a existência de práticas impuras no povo santo de Deus; noutras palavras, a licenciosidade sexual simplesmente *não convém a santos* (vs. 3-4). E, agora, há o temor do julgamento. A maioria das pessoas imorais consegue praticar impunemente imoralidade na terra, mas não escapará da detecção, da convicção e da condenação para sempre. *Sabei, pois, isto*, Paulo adverte, visto não haver dúvida alguma quanto a isto, *nenhum incontinente, ou impuro... tem herança no reino de Cristo e de Deus.* Notamos de passagem a equiparação notável entre Cristo e Deus nesta expressão. Visto que o artigo definido não é repetido, este único reino pertence àquele que é tanto *Cristo* quanto *Deus*. E este reino divino é um reino de justiça, de onde será excluída toda a injustiça.[1]

Devemos ser cautelosos, no entanto, em nossa aplicação desta pesada declaração. Não deve ser ela entendida no sentido de que até mesmo um só pensamento, palavra ou ação imoral seja suficiente para nos desqualificar do céu; doutra forma, quem dentre nós qualificar-se-ia para lá chegar? Não; para aqueles que caem em tais pecados por motivo de fraqueza, mas depois se arrependem com vergonha e com humildade, para esses há perdão. A pessoa impura ou imoral que está sendo considerada aqui é alguém que se entregou sem vergonha e sem arrependimento a este modo de vida, *o avarento* no sentido já definido, ou seja, guloso pelo sexo (4:19; 5:3), *que é idólatra*, acrescenta Paulo, entre parênteses. Tais pessoas, cuja concupiscência se tornou em obsessão idólatra, não terão participarão no reino perfeito de Deus.

Ninguém vos engane, o apóstolo continua. Ele mesmo os conclamara

[1] Cf. 1 Co 6:9, 10; Gl 5:21.

a reconhecer a verdade do julgamento divino (*Sabei, pois, isto*); agora os adverte contra as *palavras vãs* dos falsos mestres, que gostariam de persuadi-los de modo diferente. Nos seus dias os gnósticos argumentavam que pecados no corpo podiam ser cometidos sem dano para a alma, e com impunidade. Em nossos dias, há muitos enganadores no mundo, e até mesmo dentro da igreja. Ensinam que Deus é por demais bondoso para condenar todos, e que todos acabarão chegando ao céu, independentemente do seu comportamento na terra. As palavras dessas pessoas, no entanto, são vãs, e seu ensino, enganoso. O universalismo (isto é, a salvação final universal) é uma mentira. A verdade é que *por estas coisas* (estas práticas más, impuras, avarentas, idólatras) *vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.* Esta última expressão é um hebraísmo, já presente em 2:2; significa, simplesmente, "os desobedientes", aqueles que conhecem a lei de Deus e deliberadamente a desobedecem. A ira de Deus recai sobre tais pessoas, a partir de agora, culminando no dia do julgamento.[2]

Portanto, Paulo conclui, porque o reino de Deus é justo e a ira de Deus sobrevirá aos injustos, *não sejais participantes com eles.* Paulo não está proibindo a existência de contatos ou de associação com tais pessoas. Senão, não poderíamos levar-lhes as boas novas nem procurar refrear tais pessoas dos seus maus caminhos. E teríamos de sair totalmente do mundo, o que Cristo proibiu.[3] A palavra grega *summetochoi* refere-se à participação, não apenas à associação, com eles, e a proibição significa "não vos torneis, pois co-participantes das suas ações" (BJ). Se participarmos das suas práticas, pois, conforme Ló foi advertido em Sodoma, correremos o risco de participar da sua condenação.

Seria fácil para os cristãos lerem apressadamente um parágrafo como este, sem parar para uma reflexão, supondo que se aplica aos descrentes, e não a nós. Não é fato que Paulo nos assegurou na parte anterior da carta que temos uma herança celestial, e que o Espírito Santo dentro de nós é a garantia de Deus, e até mesmo o antegozo e primeira sensação dela, "até ao resgate da sua propriedade",[4] e que ele orou que os nossos olhos sejam abertos para verem "a riqueza da glória da sua herança" que um dia será nossa?[5] Sim, decerto falou assim. Ao mesmo tempo, ele também nos dirige esta advertência sobre perdermos o nosso direito ao reino de Deus. Como podemos conciliar estas coisas? Apenas relembrando que a certeza da salvação não é sinônimo da presunção, nem uma desculpa para ela. E se caíssemos numa vida de imoralidade e de cobiça, não estaríamos dando uma clara evidência de que somos, afinal de contas, idólatras, e não adoradores de Deus, pessoas desobedientes ao invés de obedientes

[2] Cf. Rm 1:18ss.; Ef 4:17-19.
[3] Jo 17:15; 1 Co 5:9-10. [4] 1:13-14. [5] 1:18.

e, portanto, herdeiros, não do céu, mas do inferno? O apóstolo nos dá uma advertência solene. Faríamos bem em prestar atenção a ela.

2. O fruto da luz (vs. 8-14)

Pois outrora éreis trevas, porém agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz [9]*(porque o fruto da luz consiste em toda a bondade, e justiça, e verdade),* [10]*provando sempre o que é agradável ao Senhor.* [11]*E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as.* [12]*Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha.* [13]*Mas todas as coisas, quando reprovadas pela luz, se tornam manifestas; porque tudo que se manifesta é luz.* [14]*Pelo que diz:*

"Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará."

Paulo passa a dar uma razão adicional para não se envolver na má conduta de pessoas imorais. Baseia-a, agora, não no futuro (no julgamento divino vindouro) mas, sim, no passado e no presente (a diferença entre o que seus leitores eram e o que são agora).

O parágrafo todo faz uso do rico simbolismo das trevas e da luz, sendo que *trevas* representam a ignorância, o erro e o mal, ao passo que *luz* representa a verdade e a justiça. Em 4:17-18 retratou o obscurecido entendimento dos pagãos. Anteriormente, seus leitores eram iguais: *Pois outrora éreis trevas, porém agora sois luz no Senhor.* Note-se que ele não diz que antes eles estavam *nas* trevas, e que agora estavam *na* luz. Isto teria sido verdade, conforme dizem os escritores no Novo Testamento.[6] Mas o que Paulo escreve aqui é ainda mais notável: eles mesmos agora realmente *eram* luz. "Suas vidas e não apenas o ambiente em que viviam"[7] tinham sido transformadas de trevas em luz. E esta transformação radical tinha acontecido *no Senhor*, pela união com aquele que declarava ser a luz do mundo.[8] Assim, pois, porque se tornaram *luz no Senhor*, deviam andar *como filhos da luz* (BJ). Seu comportamento devia conformar-se à sua nova identidade. Deviam irradiar a luz que eram, e viver "como gente que pertence à luz" (BLH).

O que significa isso na prática? Significa uma vida irradiando *toda a bondade, e justiça, e verdade*, pois estas coisas são *o fruto da luz* (alguns manuscritos têm "o fruto do Espírito", mas trata-se provavelmente de uma assimilação de Gl 5:22; "o fruto da luz" é um texto melhor). É possível que Paulo esteja seguindo a metáfora e comparando a bondade

[6] Por ex. Jo 8:12; 1 Pe 2:9; 1 Jo 1:5-7; 2-9.
[7] Bruce, pág. 145. [8] Jo 8:12; cf. Mt 5:14.

e a verdade que crescem na luz de Cristo com uma colheita amadurecendo ao sol. Certamente, se é que vão viver consistentemente como *filhos da luz, provarão* (*dokimazō* é testar, discernir e aprovar) *o que é agradável ao Senhor.* A metáfora da luz fala vividamente que o cristão está aberto e transparente, que vive alegremente na presença de Cristo, nada tendo a ocultar ou a temer.

Infelizmente, no entanto, não é possível viver na luz e desfrutar dela, sem também adotar alguma atitude para com aqueles que ainda vivem nas trevas, e para com o estilo de vida dessas pessoas. Que atitude será esta? No sentido negativo, a exortação é *não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas.* Ao passo que a luz produz o fruto da bondade e da verdade, as obras das trevas são infrutíferas, improdutivas, estéreis; não têm resultados benéficos. Assim, não devemos participar delas; *antes, porém,* no sentido positivo, *reprovai-as,* ou seja desmacarando o que elas são, trazendo-as para a luz (BLH). Talvez não queiramos fazer tal coisa, mas não podemos evitá-lo, pois é isto que a luz invariavelmente faz. Além disso, as más ações merecem ser desmascaradas, reveladas e repreendidas, *porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha.*

O versículo 13 desenvolve um duplo aspecto existente no desmascaramento do mal pelos cristãos. Primeiro, *todas as coisas, quando reprovadas pela luz, se tornam manifestas.* Isto é sempre bom. As trevas ocultam as feias realidades do mal; a luz torna-as visíveis. Então o mal é visto como ele é, sem qualquer possibilidade de encobrimento ou subterfúgio. Em segundo lugar, *tudo que se manifesta é luz.* A economia de palavras que Paulo faz dificulta a perfeita compreensão do que ele quer dizer com esta declaração. Mas parece descrever uma segunda coisa que a luz também faz: ela ainda transforma em luz aquilo que ilumina. Talvez Paulo queira dizer que os cristãos que têm uma vida reta refreiam e reformam os malfeitores desta maneira, e até mesmo os convertem. À medida em que sua luz brilha, pois, aquilo que ela ilumina repentinamente *é luz,* assim como os próprios efésios *são luz* (v. 8). CIN parafraseia: "É mesmo possível (aliás já sucedeu convosco!) que a luz transforme em luz aquilo que ilumina." Se é assim, então Paulo trouxe o seu argumento acerca da luz e das trevas a um clímax excelente. O desmascaramento parece negativo, mostrando as pessoas como realmente são; ele julga e condena. E realmente faz isso. Mas a luz que desmascara tem poder evangelístico positivo também, "a luz de uma alma transformando outra em luz".[9] Ela pode, pois, levar as pessoas, à medida em que vêem quão feio é o mal, à convicção do seu pecado e, assim, a arrepender-se e ter fé em Jesus. Este, pois, seria o duplo efeito que a luz do cristão tem sobre as trevas: torna

[9] Foulkes, pág. 148.

visível e transforma em luz.

O versículo 14 é uma conclusão natural. Paulo confirma o seu argumento com uma citação apropriada, que ou resume o ensino de um versículo do Antigo Testamento, tal qual Isaías 61:1 (visto que *legei, diz*, normalmente introduz uma citação das Escrituras) ou, conforme sugerem muitos comentaristas modernos, é um trecho de um hino da Páscoa ou do batismo: *Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.* Aqui, a nossa condição anterior em Adão é vividamente descrita em termos de sono, de morte e de trevas, sendo que Cristo nos liberta de tudo isso. A conversão é nada menos do que despertarmonos do sono, ressuscitarmos dentre os mortos, e sermos trazidos das trevas para a luz de Cristo. Não admira que somos conclamados a viver uma nova vida como conseqüência!

3. A natureza da sabedoria (vs. 15-17)

Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e, sim, como sábios, [16]*remindo o tempo, porque os dias são maus.* [17]*Por esta razão não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor.*

O pequeno parágrafo de Paulo que aqui pela ordem é baseado em duas pressuposições: a primeira, que os cristãos são *sophoi*, — pessoas sábias, não néscias — e a segunda, que a sabedoria cristã é sabedoria prática, pois nos ensina como devemos comportar-nos. Sua palavra para "comportar-se" no decorrer de toda a carta tem sido um conceito hebraico, "andar". Nosso andar ou comportamento cristão, Paulo já disse, não mais deve ser conforme o mundo, a carne e o diabo (2:1-3), ou como os pagãos (4:17). Pelo contrário, deve ser *digno* da vocação que recebemos de Deus, *em amor*, e *como filhos da luz* (4:1; 5:1; 5:8). Agora ele acrescenta uma exortação mais geral para nos comportarmos como as pessoas sábias que ele nos dá o crédito de sermos: *Vede prudentemente como andais*, escreveu. Tudo quanto vale a pena fazer requer cuidado. Todos nós tomamos cuidado com as coisas que nos parecem importantes: com o nosso emprego, com a nossa educação, com o nosso lar e com a nossa família, com os nossos passatempos, com nosso modo de vestir e com a nossa aparência. Assim, como cristãos, devemos ter cuidado com a nossa vida cristã. Devemos tratá-la como a coisa séria que é. "Portanto, vejam bem como vivem" (BLH), "não como tolos, mas como sábios" (BJ). Como são, então, as pessoas sábias que tomam cuidado com o seu discipulado cristão?

Primeiramente, *as pessoas sábias tiram o maior proveito do seu tempo.* O verbo *exagorazō* pode significar "remir" ou "comprar de volta", e se for este o seu significado aqui, o apelo é "remir o tempo da sua escra-

vidão ao mal".[10] Mas provavelmente o significado seja "comprar totalmente" e, neste caso, *tirando o maior proveito do tempo* seria a melhor tradução, sendo que "tempo" (*Kairos*) se refere a cada oportunidade que passa.

Certamente as pessoas sábias têm consciência de que o tempo é um bem precioso. Todos nós temos a mesma quantidade de tempo à nossa disposição, com sessenta minutos por hora e vinte e quatro horas por dia. Nenhum de nós pode esticar o tempo. As pessoas sábias, porém, o empregam com o maior proveito possível. Sabem que o tempo está passando, e também que *os dias são maus*. Deste modo, agarram cada oportunidade fugaz enquanto ainda podem. Uma vez tendo passado, até as pessoas mais sábias não podem reavê-la. Alguém colocou um anúncio, certa vez, da seguinte forma: "PERDIDAS, ontem, nalgum lugar entre o nascer e o pôr do sol, duas horas de ouro, cada uma cravejada com sessenta minutos de diamante. Nenhuma recompensa é oferecida, pois foram-se para sempre."[11] Por contraste, Jonathan Edwards, o filósofo-teólogo que veio a ser o instrumento de Deus no "Grande Despertamento" nos Estados Unidos em 1734-5, escreveu na septuagésima das suas famosas *Resoluções* pouco antes do seu vigésimo aniversário: "Resolvido: nunca perder um só momento de tempo mas, sim, tirar proveito dele da maneira mais proveitosa que eu puder". (Texto integral no jornal "Palavra da Fé" n.º 5). Era um homem sábio, pois o primeiro sinal de sabedoria que Paulo dá aqui é o uso disciplinado do tempo.

Em segundo lugar, *pessoas sábias discernem a vontade de Deus*. Têm a certeza de que, ao passo que a vontade própria é insensatez, a sabedoria pode ser achada na vontade de Deus e em nenhum outro lugar. *Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor* (v. 17). O próprio Jesus orou: "Não se faça a minha vontade, e, sim, a tua" (Lc 22:42), e nos ensinou a orar: "Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu". Nada é mais importante na vida do que descobrir e praticar a vontade de Deus. Além disso, ao procurar descobri-la, é essencial distinguir entre a sua vontade *geral* e a sua vontade *particular*. A primeira é assim chamada porque diz respeito ao seu povo em geral, e é a mesma para todos, ou seja, tornar-nos como Cristo. A sua vontade particular, no entanto, que se estende às particularidades da nossa vida, é diferente para cada um de nós, por exemplo, quanto à carreira que devemos seguir, se devemos nos casar, e, se sim, com quem. Somente depois desta distinção ter sido feita é que podemos considerar como pode-

[10] Armitage Robinson, pág. 201.

[11] Horace Mann, citado por Ted W. Engstrom e Alex Mackenzie em *Administração do Tempo* (Editora Vida), pág. 65.

remos descobrir *qual a vontade do Senhor.* A sua vontade *geral* é achada nas Escrituras; a vontade de Deus para o povo de Deus já foi revelada na Palavra de Deus. Mas não acharemos a sua vontade *particular* nas Escrituras. Sem dúvida alguma, acharemos princípios gerais nas Escrituras para guiar-nos, mas decisões detalhadas só devem ser feitas depois de uma cuidadosa reflexão com oração, depois de procurar conselhos de crentes maduros e experimentados.

4. A plenitude do Espírito Santo (vs.18-21)

E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, [19]*falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais,* [20]*dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo,* [21]*sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.*

Paulo já disse aos seus leitores que eles foram *selados* com o Espírito Santo, e que não devem *entristecer* o Espírito Santo (1:13; 4:30). Agora lhes ordena: *Enchei-vos do Espírito.* Não há maior segredo para a santidade do que ser repleto daquele cuja própria natureza e nome são santos.

Gramaticalmente falando, este parágrafo consiste em dois imperativos (os mandamentos no sentido de não ficar bêbado, e de ficar cheio do Espírito), seguidos por quatro particípios presentes (falando, cantando, dando graças, e sujeitando-se). Teologicamente falando, apresentanos, primeiramente, o nosso dever cristão (evitar a bebedeira, mas procurar a plenitude do Espírito) e depois descreve quatro conseqüências desta condição espiritual, em termos de nossos relacionamentos. "Estar cheio do Espírito" é um tópico muito discutido e debatido hoje; é importante para nós estudar cuidadosamente o ensino de Paulo.

O apóstolo começa fazendo uma certa comparação entre a embriaguez e a plenitude do Espírito Santo: *Não vos embriagueis com vinho,* diz, *...mas enchei-vos do Espírito.* E, de fato, há uma semelhança superficial entre as duas condições. Uma pessoa que está bêbada, dizemos, está sob a influência do álcool; e certamente um cristão cheio do Espírito está sob a influência e sob o poder do Espírito Santo. Mas aí termina a comparação e começa o contraste. Naturalmente, no culto pagão a Dionísio, a embriaguez era considerada um meio para se obter a inspiração. Mas é um sério erro supor que estar cheio do Espírito de Jesus Cristo seja um tipo de embriaguez espiritual em que perdemos o controle de nós mesmos. Pelo contrário, o autocontrole (*enkrateia*) é a qualidade final mencionada como sendo *o fruto do Espírito* em Gálatas 5:22-23. Sob a influência do Espírito Santo não perdemos o controle; nós o ganhamos. É verdade que no dia do Pentecoste alguns disseram que os discípulos cheios do Espíri-

to estavam bêbados; "estão cheios de mosto" (ERC). Estes eram uma minoria, no entanto, descritos por Lucas como sendo *outros*. A maioria não pensava assim, mas ficou atônita a ouvir as poderosas obras de Deus sendo anunciadas em suas próprias línguas. Parece que a minoria nem sequer estava sendo sincera em atribuir a embriaguez aos cristãos cheios do Espírito. Lucas diz que estavam zombando deles, de modo que a obra do Espírito estava sendo "erroneamente interpretada com escárnio".[12]

O primeiro capítulo da exposição do Dr. Martyn Lloyd-Jones de Efésios 5:18 - 6:9, *Life in the Spirit in Marriage, Home and Work*, é chamado de "O Estímulo do Espírito". Escrevendo como médico e como pastor, ele faz uma comparação e um útil contraste entre os dois estados de embriaguez. Diz: "O vinho — o álcool —... farmacologicamente falando não é um estimulante, é um depressivo. Tome qualquer livro de Farmacologia e procure a referência de 'álcool', e verá que está sempre classificado entre os depressivos. Não é um estimulante".[13] Além disso, "deprime primeira e principalmente os centros mais altos de todos no cérebro... Controlam tudo quanto dá ao homem autocontrole, sabedoria, entendimento, discriminação, julgamento, equilíbrio, e poder para aquilatar tudo; noutras palavras, tudo quanto leva o homem a comportar-se da melhor e mais nobre maneira possível".[14] O que o Espírito Santo faz, porém, é exatamente o oposto. "Se fosse possível colocar o Espírito Santo num manual de Farmacologia, eu o classificaria entre os estimulantes, porque é a esta categoria que ele pertence. Realmente ele estimula mesmo... estimula todas as faculdades... a mente e o intelecto... o coração... e a vontade..."[15]

Considere agora como Paulo pinta o contraste. O resultado da embriaguez, escreve ele, é a dissolução (*asōtia*). As pessoas que estão bêbadas entregam-se a ações desenfreadas, dissolutas e descontroladas. Comportam-se como animais, até mesmo de maneira pior que os animais. Os resultados de estar cheio do Espírito Santo são totalmente diferentes. Se um excesso de álcool desumaniza, e transforma um ser humano em fera, a plenitude do Espírito Santo nos torna mais humanos, pois nos torna como Cristo.

O apóstolo agora alista os quatro resultados benéficos de estar cheio do Espírito.

a. Comunhão: falando entre vós com salmos... com hinos e cânticos espirituais (v. 19a).

A referência diz respeito à comunhão cristã, e a menção de "salmos, hi-

[12] Bruce, pág. 110.
[13] Lloyd-Jones, *Life in the Spirit*, pág. 19.

nos e cânticos espirituais" (que não se distinguem facilmente entre si, embora a primeira palavra subentenda um acompanhamento musical) indica que o contexto é o culto público. Sempre que os cristãos se reunem, gostam muito de cantar tanto a Deus quanto uns aos outros. Às vezes cantamos em antifonia, conforme os judeus faziam no templo e na sinagoga, e como também faziam os cristãos, reunindo-se antes do romper da aurora, "para recitar um hino em antifonia a Cristo como um deus".[16] Além disso, alguns dos salmos que cantamos são, na realidade, não a adoração a Deus mas, sim, a mútua exortação. Um bom exemplo é o Salmo 95, o *Venite* que, quando cantamos devemos voltar-nos uns aos outros: "Vinde, cantemos ao Senhor, com júbilo, celebremos o Rochedo da nossa salvação". Esta é a comunhão na adoração, um convite recíproco ao louvor.

b. Adoração: entoando e louvando (talvez os verbos combinassem música vocal e instrumental) *de coração ao Senhor* (v. 19)

Aqui o cântico não é "entre vós" mas, sim, "ao Senhor". "De coração", como em Colossenses 3:16, refere-se ou à sinceridade ou à interioridade do louvou cristão autêntico, ou a ambos. Talvez CIN tenha captado bem a lição, registrando: "Fazendo música no coração, destinada aos ouvidos de Deus!", instrução da qual pessoas afônicas que não conseguem cantar em harmonia têm sempre encontrado muito consolo. Neste caso, pode ser adoração silenciosa embora, ao mesmo tempo, seja alegre e melodiosa no íntimo. Sem dúvida, os cristãos cheios do Espírito têm um cântico de alegria no coração, e o culto público cheio do Espírito é uma celebração jubilosa dos atos poderosos de Deus, embora Armitage Robinson sugira que Paulo "contrasta a alegria ruidosa do vinho com a alegria sóbria da salmodia sacra."[17]

c. Gratidão: dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo (v. 20)

A chamada às ações de graças não é incomum nas cartas de Paulo.[18] O espírito de murmúrio era um dos pecados dominantes no povo de Israel; sempre murmuravam contra o Senhor e contra Moisés. O crente cheio do Espírito, no entanto, está cheio, não de queixas mas, sim, de ações de graças.

Embora o texto diga que devemos dar graças *sempre por tudo*, não devemos aplicar as palavras por demais literalmente. Não podemos, pois,

[16] Extrato da carta famosa dirigida ao Imperador Trajano, c. de 112 d. C., por Plínio, o Jovem, procurador da Bitínia.

[17] Armitage Robinson, pág. 116.

[18] Cf. as três referências a ela em Cl 3:15-17; também 1 Ts 5:18.

dar graças a Deus por "tudo" mesmo, inclusive pelo mal óbvio. Uma noção estranha está conquistando popularidade em alguns círculos cristãos de que o grande segredo da liberdade e da vitória cristãs é o louvor incondicional; que o marido deve louvar a Deus pelo adultério da sua esposa e a esposa, pela embriaguez do marido, e que até mesmo as calamidades mais pavorosas da vida devam ser motivos para ações de graça e de louvor. Semelhante sugestão é, na melhor das hipóteses, uma meia-verdade e, na pior, uma insensatez e até mesmo uma blasfêmia. Naturalmente, os filhos de Deus aprendem a não discutir com Deus nos momentos de sofrimento mas, sim, a confiar nele e, na verdade, dar-lhe graças pela sua amorosa providência mediante a qual ele pode fazer até mesmo o mal servir aos seus bons propósitos (cf. Rm 8:28). Mas isto é louvar a Deus por ser Deus; não é louvá-lo pelo mal. Fazer assim seria reagir de modo insensível à dor das pessoas (ao passo que as Escrituras nos mandam chorar com o que choram) e desculpar e até mesmo encorajar o mal (ao passo que as Escrituras nos mandam odiá-lo e resistir o diabo). O mal é uma abominação para o Senhor, e não podemos louvá-lo ou dar-lhe graças por aquilo que ele abomina.

Logo, o "tudo" pelo qual devemos dar graças a Deus deve ser qualificado pelo seu contexto, a saber: *a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.* Nossas ações de graças devem ser por tudo que é consistente com a amorosa paternidade de Deus e com a revelação de si mesmo que nos deu em Jesus Cristo. Mais uma vez, a doutrina da trindade informa e dirige a nossa devoção. Quando estamos cheios do Espírito Santo, damos graças a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

d. Submissão: sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo (v. 21)

Aqui temos mais um particípio presente (*hypotassomenoi*: *sujeitando-se*), que decorre do mandamento: *enchei-vos do Espírito*, como os três anteriores. Às vezes, uma pessoa que alega ter recebido a plenitude do Espírito Santo torna-se agressiva, arrogante e impudente. O Espírito Santo, porém, é um Espírito de humildade, e aqueles que recebem a sua plenitude sempre revelam a meiguice e a mansidão de Cristo. Uma das suas características mais evidentes é que se submetem uns aos outros.

Além disso, submentem-se a Cristo, porque sua submissão mútua é *no temor de Cristo.* Aqueles que estão verdadeiramente sujeitos a Jesus Cristo não acham dificuldade em submeter-se uns aos outros também. Aliás, esta expressão *no temor de Cristo* é um testemunho notável, conquanto indireto, à crença de Paulo na divindade de Jesus, visto que a exigência regular no Antigo Testamento era viver *no temor de Deus.* Há vá-

rias outras "cristianizações" do pensamento do Antigo Testamento neste capítulo. Por exemplo, o reino de Deus é o de Cristo (v. 5). Devemos agradar a Cristo e procurar a sua vontade, assim como, antes de Cristo, as pessoas procuravam a vontade e o beneplácito de Deus (vs. 10, 17), e adorar a Deus fica sendo adorar a Cristo (v. 19), já que nos três últimos versículos mencionados *o Senhor* é um título para Jesus.

Estes são os resultados sadios da plenitude do Espírito Santo. Todos eles dizem respeito aos nossos relacionamentos. Se estivermos cheios do Espírito, teremos um relacionamento harmonioso com Deus (adorando-o com alegria e com ações de graças) e uns com os outros (falando uns com os outros e nos submetendo uns aos outros). Em resumo, os crentes cheios do Espírito amam a Deus e amam uns aos outros, o que dificilmente causa surpresa, visto que o primeiro fruto do Espírito é o amor.

Devemos voltar-nos agora para o imperativo do qual dependem estes quatro particípios, ou seja, ao dever e privilégio cristãos dos quais resultam estas quatro atitudes cristãs. É o mandamento: *Enchei-vos do Espírito.* A forma exata do verbo *plērousthe* é sugestiva.

Em primeiro lugar, está no *modo imperativo.* "Enchei-vos" não é uma proposta alternativa mas, sim, um mandamento autoritário. Não podemos mais evitar esta responsabilidade, tal como se dá com muitas outras que a cercam em Efésios. Ser cheio do Espírito é obrigatório, não é opcional.

Em segundo lugar, está *na forma do plural.* Noutras palavras, é endereçado à totalidade da comunidade cristã. Ninguém dentre nós deve ficar bêbado; todos nós devemos encher-nos do Espírito. A plenitude do Espírito não é um privilégio elitista mas, sim, uma possibilidade para todo o povo de Deus.

Em terceiro lugar, está na *voz passiva.* O sentido é "deixai o Espírito Santo encher-vos". Não há nenhuma técnica para aprender e nenhuma fórmula para recitar. O que é essencial é evitar com arrependimento tudo quanto entristeça o Espírito Santo, e ter uma tal receptividade a ele pela fé que nada o impeça de encher-nos. É significante que a passagem paralela em Colossenses diz, ao invés de *enchei-vos do Espírito*, "habite ricamente em vós a palavra de Cristo" (3:16). Nunca devemos separar o Espírito da Palavra. Obedecer à Palavra e entregar-se ao Espírito são virtualmente dois procedimentos idênticos.

Em quarto lugar, está no *tempo presente.* No grego há dois tipos de imperativo, um aoristo que descreve uma ação única, e um presente quando a ação é contínua. Assim, quando Jesus disse durante as bodas em Caná: "Enchei dágua as talhas" (Jo 2:7), o imperativo é aoristo, visto que as talhas deviam ser enchidas uma só vez. Quando, porém, Paulo nos diz:

Enchei-vos do Espírito, emprega um imperativo no aoristo, o que subentende que devemos continuar ficando cheios. A plenitude do Espírito, pois, não é uma experiência de uma vez para sempre, que nunca podemos perder mas, sim, um privilégio que deve ser continuamente renovado pelo continuado crer e pela continuada apropriação obediente. Fomos *selados* com o Espírito de uma vez por todas; temos necessidade de encher-nos do Espírito e continuar ficando cheios todos os dias e todos os momentos do dia.

Aqui, pois, temos uma mensagem tanto para os derrotados quanto para os vitoriosos, ou seja, para os cristãos nos extremos opostos da vida espiritual. Aos derrotados, Paulo diria: "Enchei-vos do Espírito, e ele vos dará uma renovação de amor, de alegria, de paz, de longanimidade, de benignidade, de bondade, de fidelidade, de mansidão e de domínio próprio." Aos vitoriosos, Paulo diria: "Continuai enchendo-vos do Espírito. Dai graças a Deus por aquilo que vos deu até agora. Mas não digais que já chegastes ao alvo. Pois há mais, muito mais, ainda para vir."

IV. Novos relacionamentos
Efésios 5:21-6:24

5:21-33
10. Maridos e Esposas

Paulo estava delineando os novos padrões que Deus espera da sua nova sociedade, a igreja, especialmente em termos de unidade e de pureza. Estas duas qualidades são indispensáveis para uma vida que é tanto digna da vocação quanto apropriada para a posição do povo de Deus. Agora ele passa para os novos relacionamentos em que o novo povo de Deus inevitavelmente se encontra e, ao fazer isso, concentra-se, no restante da carta, em mais duas dimensões do viver cristão.

A primeira diz respeito aos relacionamentos práticos e rotineiros do lar, já que família divina deixa de ser um conceito aceitável se ela mesma não se subdividir em famílias humanas que revelem o amor de Deus. Qual é o valor de haver paz na igreja se não há paz no lar? A segunda dimensão diz respeito ao inimigo que enfrentamos e, portanto, ao equipamento que precisamos para a nossa guerra espiritual sem tréguas.

Estas duas responsabilidades (o lar e o trabalho de um lado, e o combate espiritual do outro) são bem diferentes entre si. O marido e a esposa, os pais e os filhos, os senhores e os servos são seres humanos visíveis e tangíveis, ao passo que os *principados e potestades* dispostos a batalhar contra nós são seres demoníacos, invisíveis e intangíveis. Mesmo assim, se é que a nossa fé deve ter algum valor prático, ela deve estar à altura das duas situações. Deve ensinar-nos como comportar cristãmente no lar e no serviço, e deve capacitar-nos a lutar contra o mal de tal maneira que fiquemos em pé e não caiamos. Assim sendo, a harmonia no lar e a estabilidade na luta são os dois tópicos finais que o apóstolo aborda.

Os maridos e as esposas, os pais e os filhos, os senhores e os servos, todos podiam ser achados nas congregações cristãs mais antigas. Além disso, estes três pares de relacionamentos são básicos para a totalidade da existência humana. Markus Barth expressa bem este fato ao sugerir que,

no primeiro, vemos o ser humano como "um ser *sexual* (antes de Dr. Freud ou Dr. Kinsey terem abordado este fato)"; no segundo, como "um ser *temporal* (vinculado à geração à qual pertence)"; e no terceiro, como "um ser *material* e parte de uma estrutura econômica", sendo que assim Paulo antecipou-se a Marx. "Este, pois, é o homem: um ser sexual, temporal e material que, sem exceção, está enredado e, conforme parece, firmemente envolvido nas estruturas destas três dimensões."[1] Uma instrução detalhada e prática sobre a vida cristã na família e sobre a responsabilidade cristã no que hoje em dia chamamos de "emprego" parece ter sido dada pelos apóstolos desde o início. Há vários exemplos nas cartas de Paulo e nas de Pedro.[2] Há uma necessidade urgente em nossos dias de um plano semelhante de educação moral. Uma grande parcela do assim chamado "ensino da santidade" enfatiza um relacionamento pessoal com Jesus Cristo sem qualquer tentativa no sentido de indicar suas conseqüências em termos de relacionamento com as pessoas com as quais convivemos e trabalhamos. Em contraste com tal santidade etérea, que engrandece as experiências e reduz a ética ao mínimo, o apóstolo definiu o dever cristão nas situações concretas da vida e do trabalho de todos os dias.

Lutero, no seu *Catecismo*, parece ter sido a primeira pessoa a referir-se a estas listas como sendo *Haustafeln*, que significa literalmente "tabelas do lar", mas que é freqüentemente traduzido como "relação dos deveres do lar" (cf. "Moral doméstica" — BJ). Em anos recentes os estudiosos as têm comparado com preceitos semelhantes tanto na *halakah* judaica (sua coletânea de leis e tradições) quanto na literatura gentia, especialmente a dos estóicos. Que os judeus, os estóicos e os cristãos todos se preocupassem com o comportamento moral no lar não deve nos surpreender. Mas a semelhança entre suas *Haustafeln* às vezes tem sido exagerada.[3] Se os apóstolos de Jesus tinham consciência de adaptarem qualquer matéria de origens documentárias judaicas ou gentias, cristianizaram totalmente o que tomaram emprestado. Não há melhor exemplo disso do que o discurso de Paulo aos maridos e às esposas em Efésios, que é baseado na doutrina de Cristo e sua igreja.

1. Autoridade e submissão

A BJ talvez tenha razão em começar o novo parágrafo com o versículo 21: "Submetei-vos uns aos outros no temor de Cristo." Já vimos que o verbo grego é na verdade um particípio ("sujeitando-vos") como bem traduz a

[1] Barth, *Broken Wall*, págs. 205-207. Cf. também seu *Ephesians*, II, pág. 755.
[2] Por ex. Ef 5:22 - 6:9; Cl 3:18 - 4:1; Tt 2:1-10 e 1 Pe 2:18 - 3:7.
[3] John Howard Yoder dá uma lista de oito "diferenças muito significativas" entre as *Haustafeln* estóicas e cristãs em *The Politics of Jesus*, págs. 170-183.

ERAB; é o mesmo tempo usado nas expressões "falando entre vós", "entoando e louvando" (v. 19) e "dando graças" (v. 20); vimos também que estes quatro particípios dependem do mandamento "enchei-vos do Espírito" (v. 18) e descrevem as conseqüências da plenitude do Espírito Santo. Mesmo assim, o particípio grego, às vezes, era usado como imperativo e, sem dúvida, a exigência da submissão mútua leva à submissão exigida das esposas, dos filhos, e dos escravos. Além disso, no original não há verbo algum no versículo 22, porque a chamada à submissão no versículo 21 é para ser extendida no 22. Assim sendo, o versículo 21 é realmente um versículo de transição, e forma uma ponte entre as duas seções deste capítulo.

O que está fora de dúvida é que os três parágrafos que se seguem são dados como exemplos da submissão cristã, e que a ênfase, do começo ao fim, recai sobre a submissão. Deste modo, as mulheres são mencionadas antes dos maridos, para serem instruídas a serem *submissas* a eles (v. 22); os filhos são mencionados antes dos pais, e instruídos a lhes *obedecer* (6:1); e os escravos são chamados antes dos seus senhores, e instruídos a *obedecer* a eles (6:5).

Ora, até mesmo a noção de submissão à autoridade está fora de moda hoje. Está totalmente em desacordo com as atitudes contemporâneas de permissividade e liberdade. Poucas questões despertam protestos tão irados do que falar em "sujeição". Nossa era é uma era de liberdade (não menos para mulheres, crianças e trabalhadores), e qualquer coisa que tem algum sabor de disciplina é profundamente ressentida e fortemente resistida. Como os cristãos devem reagir a este estado de ânimo moderno?

Nossa reação inicial a estes movimentos de libertação, não hesito em dizer (embora venha a qualificá-la mais tarde), deve ser de boas-vindas. Devemos concordar que é verdade que as mulheres em muitas culturas têm sido exploradas, sendo tratadas como empregadas no seu próprio lar; que os filhos têm sido freqüentemente reprimidos e silenciados; e que trabalhadores muitas vezes têm sido tratados com injustiça, recebendo salários inadequados e condições impróprias para o trabalho, e uma participação insuficiente na tomada de decisões, sem mencionar as pavorosas injustiças e barbaridades da escravidão e do tráfico de escravos.

Nós que nos chamamos com o nome de Cristo devemos reconhecer com vergonha que freqüentemente temos consentido com o *status quo* e assim ajudado a perpetuar algumas formas de opressão humana, ao invés de estarmos na vanguarda dos que procuram a transformação social. Nada nos parágrafos que vamos estudar é inconsistente com a verdadeira libertação de toda humilhação, exploração ou opressão. Pelo contrário, a quem as mulheres, as crianças e os trabalhadores devem a sua libertação? Não é a Jesus Cristo? É Jesus Cristo que tratava as mulheres com

cortesia e honra numa era em que eram desprezadas. É Jesus Cristo que disse: "Deixai vir a mim os pequeninos" num período da história em que nenês não desejados eram abandonados no depósito de lixo local (como hoje estão consignados ao incinerador do hospital), ou abandonados no foro para qualquer pessoa pegar e criar para a escravidão ou para a prostituição. E é Jesus Cristo que ensinou a dignidade do trabalho manual quando ele mesmo trabalhou como carpinteiro, quando lavou os pés dos discípulos e disse: "Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve" (Lc 22:27).

Não devemos, então, interpretar o que Paulo escreve, na sua "moral doméstica", às mulheres, aos filhos e aos servos, a respeito da submissão, de maneira a contradizer estas atitudes fundamentais de Jesus. Nem devemos fazer Paulo contradizer a si mesmo, conforme fazem alguns escritores, pois agir assim na exegese bíblica é uma ação de desespero. Não! Devemos colocar a "moral doméstica" solidamente dentro do arcabouço da carta aos Efésios, em que Paulo estava descrevendo a nova humanidade que Deus está criando por meio de Cristo. Estava enfatizando a completa unidade, em Cristo, de pessoas de todas as culturas, especialmente de judeus e gentios, ao passo que na sua carta paralela aos colossenses acrescentou o escravo e o livre (3:11) e, numa carta anterior, o homem e a mulher (Gl 3:28). Podemos ter certeza absoluta de que na sua "moral doméstica" não passa agora a destruir a sua própria tese ao levantar novas barreiras de sexo, de idade e de posição social na nova sociedade de Deus em que elas foram abolidas. Devemos dar ao apóstolo o crédito por ter um pouco de consistência de pensamento, e deixá-lo explicar por si mesmo.

À luz do ensino de Jesus e dos seus apóstolos, podemos afirmar confiantemente e repetir pelo menos três verdades relevantes: primeiro, a *dignidade* da condição da mulher, da criança e do servo; em segundo lugar, a *igualdade* diante de Deus de todos os seres humanos, independemente de raça, de posição, de classe, de cultura, de sexo ou de idade, porque todos são feitos à sua imagem; e a *unidade* ainda mais profunda de todos os crentes cristãos, como membros em comum da família de Deus e do corpo de Cristo. É somente quando estas verdades estão firmemente conservadas em primeiro plano na nossa mente que estamos prontos para considerar o ensino de *Haustafeln* ("moral doméstica").

Não devemos pensar que a submissão que Paulo recomenda às esposas, às crianças e aos servos seja outra palavra para inferioridade. Pelo contrário, é importante compreender a diferença que Lutero e seus seguidores fazem corretamente entre pessoas, de um lado, e seus papéis, do outro lado. Eis aqui uma das exposições que Lutero fez do tema: "Freqüentemente tenho dito que devemos fazer uma nítida distinção entre duas

coisas: o ofício e a pessoal. O homem que se chama João ou Martinho é um homem bem diferente daquele que é chamado de eleitor, ou médico, ou pregador. Aqui temos duas pessoas diferentes em um só homem. Uma delas é aquela em que fomos criados e nascemos, de acordo com a qual somos todos iguais — homem, mulher ou criança, jovem ou velho. Mas, uma vez que nascemos, Deus nos adorna e nos veste como uma outra pessoa. Faz com que um seja filho, e outro pai; com que um seja senhor, e outro, servo; um, príncipe, e outro, cidadão."[4]

Uma vez que percebemos esta distinção, então aqueles que ocupam uma posição — sejam governantes, magistrados, esposos, pais ou empregadores — têm uma certa autoridade, dada por Deus, que esperam que outras pessoas reconheçam. Os maridos e as esposas, os pais e os filhos, os senhores e os servos têm dignidade igual como seres semelhantes a Deus, mas papéis diferentes destinados por Deus. Conforme J. H. Yoder expressa de forma sucinta: "A igualdade do *valor* não é a identidade do *papel*".[5] O marido, o pai e o senhor foram investidos de uma autoridade à qual outras pessoas devem submeter-se.

Duas perguntas surgem imediatamente a respeito desta autoridade: De onde ela vem? E como deve ser exercida?

À primeira pergunta, respondemos que vem de Deus. O Deus da Bíblia é um Deus da ordem, e no seu ordenar da vida humana (por exemplo: no estado e na família) estabeleceu certos papéis de liderança ou autoridade. E visto que tal autoridade, embora seja exercida por seres humanos, lhes é delegada por Deus, outras pessoas são ordenadas a submeter-se a ela de modo consciencioso. As palavras gregas subentendem este fato, pois no âmago de *hypotassomai* ("submeter-se") há *taxis* ("ordem"). A submissão é o reconhecimento humilde da ordem divina da sociedade. É claramente ensinada na "moral doméstica" de Paulo. Manda as esposas serem submissas aos respectivos maridos *como ao Senhor* (v. 22), os filhos serem obedientes aos seus pais *no Senhor* (6:1), e os escravos serem obedientes aos seus senhores terrestres *como a Cristo* (6:5). Ou seja, por trás do marido, do pai e do senhor devem discernir o próprio Senhor que lhes deu a autoridade que têm. Então, se quiserem submeter-se a Cristo, submeter-se-ão a eles, visto que é a autoridade de Cristo que exercem. O mesmo é verdade no que diz respeito à mútua submissão que se espera de todo o povo cristão. É *no temor de Cristo* que devemos sujeitar-nos uns aos outros; é este mesmo Cristo que tanto exerce a autoridade como Senhor quanto se humilhou como servo.

[4] Da sua exposição de "Bem-aventurados os mansos" (Mt 5:5), em *The Sermon on the Mount, Luther's Works*, vol. 21 (Concordia, 1956), pág. 21.
[5] Yoder, pág. 177 nota 23.

Devemos tomar muito cuidado para não exagerar este ensino bíblico acerca da autoridade. Não quer dizer que a autoridade dos maridos, dos pais e dos senhores é ilimitada, ou que as esposas, os filhos e os trabalhadores são obrigados a prestar obediência incondicional. Não! A submissão exigida é à autoridade de Deus delegada aos seres humanos. Se, portanto, eles abusam da autoridade que Deus lhes deu (por exemplo, ao ordenar o que Deus proibe ou ao proibir o que Deus ordena), então o nosso dever já não é mais submeter-nos conscientemente mas, sim, conscientemente recusarmo-nos a fazê-lo. Submetermo-nos em tais circunstâncias, pois, seria desobedecer a Deus. O princípio é claro: devemos nos submeter até ao ponto em que a obediência à autoridade humana envolva a desobediência a Deus; naquele ponto, a "desobediência civil" fica sendo o nosso dever cristão. A fim de nos submeter a Deus, devemos recusar-nos à submissão aos seres humanos. Conforme a expressão de Pedro diante do sinédrio: "Antes importa obedecer a Deus do que aos homens."[6] Esta é a exceção, porém. A regra geral na qual o Novo Testamento insiste é a humilde submissão à autoridade estabelecida por Deus.

À segunda pergunta, a respeito do uso da autoridade divinamente delegada, respondemos que nunca deve ser usada de modo egoísta mas, sim, sempre em prol dos outros para cujo benefício foi outorgada. Talvez o aspecto mais notável da "moral doméstica" é que em cada par de relacionamentos definem-se deveres recíprocos. É verdade que as esposas devem ser submissas aos maridos, os filhos aos pais e os escravos aos seus senhores, e que esta exigência de submissão (*hypotagia*) pressupõe uma autoridade (*exousia*) nos maridos, nos pais e nos senhores. Apesar disso, a palavra *exousia* não é usada uma só vez na passagem. Quando Paulo descreve os deveres dos maridos, dos pais e dos senhores, em nenhum caso é a autoridade que os manda exercer. Pelo contrário, explícita ou implicitamente, adverte-os contra o uso impróprio da autoridade, proibe-os de explorar a sua posição, e os conclama, ao invés disso, a lembrar-se das suas responsabilidades e dos direitos da outra parte. Assim sendo, os maridos devem amar as esposas e cuidar delas, os pais não devem provocar os seus filhos à ira, mas criá-los de modo justo, e os senhores não devem ameaçar os seus servos, mas tratá-los com justiça.

Tem parecido necessário, antes de chegar ao texto propriamente dito que chamemos de "moral doméstica", abrir de modo geral o tópico da submissão à autoridade. Resumindo: *autoridade* no uso bíblico não é um sinônimo de *tirania*. Todos aqueles que ocupam posições de autoridade na sociedade são responsáveis tanto diante de Deus, que as confiou a eles, quanto à pessoa ou às pessoas por cujo benefício a receberam.

[6] At 5:29.

As primeiras responsabilidades que Paulo desenvolve são as dos maridos e das esposas. A essência do seu ensino é clara. As esposas devem ser *submissas*, e os maridos devem *amar*.

As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos como ao Senhor;
[23]porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo salvador do corpo. *[24]Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos.* *[25]Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela,* *[26]para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra,*
[27]para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. *[28]Assim também os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama.* *[29]Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja;* *[30]porque somos membros do seu corpo.* *[31]Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne.* *[32]Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja.* *[33]Não obstante, vós, cada um de per si, também ame a sua própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite a seu marido.*

2. O dever das esposas (vs. 22-24)

Duas razões são dadas, ou pelo menos subentendidas, para a submissão da esposa ao marido. A primeira é deduzida da criação, e diz respeito à "chefia" ou "posição de cabeça" do marido sobre a sua esposa, ao passo que a segunda é deduzida da redenção, e diz respeito à "posição de cabeça" de Cristo sobre a igreja.

As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher... (vs. 22-23a). A liderança do marido não só é declarada como fato como também usada como base da submissão da sua esposa. Para uma compreensão mais integral do argumento de Paulo, precisamos voltar-nos para outros trechos, especialmente 1 Coríntios 11:3-12 e 1 Timóteo 2:11-13. Nestas duas passagens, ele volta à narrativa de Gênesis 2 e ressalta que a mulher foi feita depois do homem, da parte do homem e para o homem. Acrescenta que o homem também é nascido da mulher, de modo que o homem e a mulher dependem um do outro. Mesmo assim, sua ênfase recai sobre a ordem, sobre o modo e sobre o propósito da criação de Eva. E visto que é principalmente nestes fatos da criação que Paulo baseia o seu argumento para

a liderança do marido, o seu argumento tem validez permanente e universal, e não deve ser desconsiderado como culturalmente limitado. Os elementos culturais do seu ensino devem ser achados nas aplicações do princípio, na exigência do "véu" certamente, e penso também na exigência do "silêncio". Mas a "liderança" do homem (e especialmente do marido) não é uma aplicação cultural de um princípio; é o próprio princípio fundamental. Não é chauvinismo, é criacionismo. A nova criação em Cristo nos liberta da distorção dos relacionamentos entre os sexos causada pela queda (por ex. Gn 3:16), mas estabelece a intenção original da criação. Foi para este "princípio" que o próprio Jesus remontou (por ex. Mt 19:4-6). Confirmou o ensino de Gênesis 1 e 2. Nós também devemos fazê-lo. Aquilo que a criação estabeleceu, nenhuma cultura poderá destruir.

É por esta razão também que devemos rejeitar o argumento fácil de que, já que a escravidão foi abolida, a submissão da esposa deve ser, por analogia, abolida também. Se este fosse o caso, por que não completar o trio e abolir a obediência da criança também? Não! Os paralelos são inexatos! A escravidão é uma instituição desumanizante, sem qualquer justificativa bíblica. A liderança do marido, no entanto, está arraigada na criação.

Voltando-se da reveleção bíblica para a experiência contemporânea, os cristãos concordarão que a nossa sexualidade humana é parte integrante da nossa humanidade. A masculinidade e a feminilidade representam uma distinção profunda que é psicológica e também fisiológica. Naturalmente, os sexos são iguais diante de Deus, mas isto não significa que sejam idênticos. O próprio Deus criou o homem à sua semelhança, masculino e feminino. Desta maneira, ambos levam igualmente a sua imagem,[7] mas cada um também complementa o outro.[8] A perspectiva bíblica é sustentar simultaneamente a igualdade e o complemento dos sexos. "Parceria" é uma boa palavra também, posto que se lembra que a contribuição de cada um não é idêntica mas, sim, distintiva. Logo, o homem acha-se a si mesmo por ser homem, e a mulher acha-se a si mesma ao ser mulher. A genuína autodescoberta e auto-realização não advém de esforçar-se para ser outra pessoa e de imitar o sexo oposto.

Quais, pois, são as distintições que se complementam nos dois sexos? O ensino bíblico é que Deus deu ao homem (e especialmente ao homem no relacionamento do casamento) uma certa liderança, e que sua esposa se achará a si mesma e a seu verdadeiro papel dado por Deus, não em rebelião ao seu marido, ou contra a liderança dele, mas, sim, numa submissão voluntária e alegre.

O modo moderno de entender a diferenciação sexual tende a confir-

[7] Gn 1:26-27. [8] Gn 2:18-24.

mar este ensino bíblico. Esta, pelo menos, é a tese do sociólogo norte-americano, Professor Steven Goldberg, no seu livro *The Inevitability of Patriarchy*.[9] Embora seja uma resposta consciente ao movimento feminista, declara que a sua abordagem é científica e não ideológica, pois baseia o seu argumento na evidência empírica. Nem se deve rejeitar o seu ponto de vista como sendo masculino, pois a renomada antropóloga norte-americana Dra. Margaret Mead é citada na capa do livro, apoiando a sua tese: "Todas as alegações tão levianamente feitas acerca de sociedades regidas por mulheres são contra-senso. Não temos motivo algum para acreditar que já tenham existido."

A primeira parte do livro dele é um estudo antropológico cuja conclusão é expressa da seguinte maneira: "Em toda sociedade que já existiu encontramos o patriarcado (os homens preenchem a porcentagem esmagadora das posições superiores nas hierarquias políticas e todas as demais), a realização masculina (os homens chegam às posições de alto *status*, sejam quais forem elas em qualquer sociedade) e o domínio masculino (tanto os homens quanto as mulheres sentem que o domínio nos encontros e relacionamentos entre homens e mulheres reside no homem, e as expectativas sociais e sistemas de autoridade refletem este fato).[10] Esforça-se para indicar que não está fazendo qualquer julgamento de valores, nem medindo as realizações, nem pronunciando qualquer sexo "superior" ou "inferior" ao outro; seu propósito é simplesmente demonstrar que o "patriarcado", o "domínio masculino" e a "realização masculina" — no sentido técnico em que emprega estes termos — são "três realidades universais",[11] visto que "em nenhuma sociedade, em qualquer lugar ou em qualquer tempo, estas realidades têm estado ausentes".[12]

Para o desenvolvimento da sua segunda tese, o Dr. Goldberg passa da antropologia para a fisiologia. Argumenta que a evidência antropológica para o domínio masculino que reuniu tem uma causa fisiológica. As "três realidades universais" são a manifestação na sociedade de um impulso masculino básico (freqüentemente chamado *agressão*, embora o Dr. Goldberg prefira a "tendência ao domínio") que, em si mesma, tem origem "neuro-endocrinológica". "Naquilo que tem de mais básico, a hipótese no âmago da teoria aqui apresentada simplesmente declara que há diferenças neuro-endocrinológicas entre os homens e as mulheres que fornecem respostas masculinas e femininas diferentes diante do meio-ambiente e, portanto, um diferente comportamento masculino e feminino".[13] Não está negando que o nosso código genético seja influenciado pelo nosso meio ambiente e pela nossa educação, nem que há exceções in-

[9] Publicado nos Estados Unidos em 1973 e na Grã-Bretanha por Maurice Temple Smith em 1977.
[10] *Op. cit.* pág. 63. [11] *Op. cit.* pág. 60. [12] *Op. cit. pág. 62.* [13] *Op. cit. pág. 121.*

dividuais à sua generalização, nem que muitas mulheres são frustradas porque lhes falta oportunidades para usar os seus dons. Ao invés disso, assevera que há diferenças básicas entre a masculinidade e a feminilidade, que a masculinidade importa no impulso para o domínio e que a "tendência para o domínio é primariamente um resultado do desenvolvimento hormonal e não da anatomia, da identidade do gênero nem da socialização que reflete a anatomia e a identidade do gênero".[14]

Ao cristão que lê a tese do Professor Goldberg, compete-lhe posicioná-la teologicamente em termos de criação. Deus criou o homem e a mulher diferentes, e continua a fazê-los assim, e uma das diferenças básicas acha-se na *liderança* que deu ao homem. É bem possível que isto tenha uma base genética. Sendo assim, o "impulso" natural do homem precisa ser controlado para que sua supremacia seja construtiva. É que "pratiarcado" soa paternalista, e "domínio masculino", opressivo. Até mesmo a palavra bíblica *submissão* é freqüentemente exposta como se fosse um sinônimo de "sujeição", de "subordinação" e até mesmo de "subjugação". Todas estas palavras têm associações emotivas. *Submissão* não é exceção. Devemos procurar desinfetar a palavra destas associações e penetrar no seu significado essencialmente bíblico. Não descobriremos, nas suas associações modernas, nem sequer na sua etimologia, mas na forma como é apresentado no seu contexto em Efésios 5.

Há pouca dúvida quanto ao que *submissão* significava no mundo antigo, quando o desdém para com as mulheres era quase universal. William Barclay faz um resumo da situação: "Os judeus tinham um baixo conceito das mulheres. Na forma judaica das orações matinais havia uma frase em que todo homem judeu, todas as manhãs, dava graças a Deus por não ter feito dele "um gentio, um escravo ou uma mulher"... Na lei judaica, a mulher não era uma pessoa, mas um objeto. Não tinha qualquer direito legal; estava totalmente à mercê do marido, para ele fazer dela o que quisesse... A posição era pior no mundo grego... O modo de vida grego tornava o companheirismo entre o marido e a mulher quase impossível. O grego esperava que sua esposa cuidasse do seu lar e criasse os filhos legítimos, mas achava seus prazeres e seu companheirismo noutros lugares... Na Grécia, o lar e a vida da família estavam perto da extinção, e a fidelidade estava completamente aniquilada... Em Roma, nos dias de Paulo, a situação era pior ainda... A degeneração de Roma era trágica... Não é demais dizer que toda a atmosfera do mundo inteiro era adúltera... O vínculo conjugal estava a caminho de um colapso total."[15] Charles Seltman confirma este fato. "No império romano", ele escreve, "a jovem era completamente sujeita ao pai; a esposa, completamente sujeita ao mari-

[14] *Op. cit.* pág. 81. [15] Barclay, págs. 199-203.

do. Era escrava dele... Tinha incapacidade legal idêntica à da escravidão, sendo sua posição descrita como sendo 'imbecilitas', de onde se deriva a palavra que temos."[16] É verdade que este não era o quadro completo. Markus Barth procura equilibrar a situação: "Havia, também, um movimento contrário que promovia direitos iguais para as mulheres", e "períodos diferentes e áreas geográficas diferentes produziam pontos de vista diferentes." Quanto a Éfeso e seus arredores, "O culto à grande mãe e o templo de Ártemis marcavam esta cidade, mais do que a outras, como bastão e baluarte dos direitos femininos."[17] Mesmo assim, a opressão das mulheres prevalecia no mundo antigo, e sua emancipação quase nem sequer começara. É contra este escuro contexto que o ensino de Paulo brilha com uma luz tão intensa. Mesmo assim, ainda temos de perguntar precisamente qual o sentido correto de "ser o cabeça" e de "submissão".

Para começar, estas palavras por si mesmas não estabelecem formas fixas de comportamento masculino e feminino. Culturas diferentes atribuem tarefas diferentes aos homens e às mulheres, aos maridos e às esposas. No ocidente, por exemplo, é bem aceito que a esposa possa fazer as compras, cozinhar e cuidar da limpeza, assim como cuida das crianças, alimentando-as, dando banho nelas e até mesmo trocando as fraldas. Em muitas partes da África e da Ásia as mulheres também trabalham nos campos e carregam cargas pesadas nas suas cabeças. Hoje em dia, no entanto, e com razão, estes hábitos são reconhecidos como sendo culturais e, portanto, estão sendo questionados e, em alguns casos, têm sido alterados. Muitos casais estão aprendendo a partilhar entre si os trabalhos domésticos.

A fim de entender a natureza da supremacia do marido como "cabeça" na nova sociedade que Deus inaugurou, devemos olhar para Jesus Cristo. Ele, pois, é o contexto em que Paulo emprega e desenvolve as palavras "cabeça" e "submissão". Embora Paulo fundamente na criação o fato da liderança do homem, define-o com relação à supremacia de Cristo, o redentor: *porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo salvador do corpo* (v. 23). Ora, a posição de Cristo como cabeça da sua igreja já foi descrita em 4:15-16. É de Cristo como cabeça que o corpo deriva a sua saúde e cresce para a maturidade. Sua supremacia expressa cuidado mais do que controle, responsabilidade mais do que domínio. Esta verdade é endossada pelo acréscimo surpreendente das palavras: *sendo este mesmo salvador do corpo.* O cabeça do corpo é o salvador do corpo; a característica da sua condição de cabeça não é tanto a de Senhor quanto a de Salvador.

[16] *Women in Antiquity* (Pan, 1956), págs. 136, 138.
[17] Barth, *Ephesians*, II, págs. 655-662.

Se a posição que o marido tem como cabeça da esposa assemelha-se à supremacia de Cristo sobre sua igreja, então a submissão da esposa se assemelhará àquela da igreja: *Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos* (v. 24). Nada há de aviltante nisto, pois sua submissão não deve ser uma obediência impensada ao domínio dele, mas, sim, uma grata aceitação do seu cuidado. Citando Markus Barth mais uma vez: "A submissão ao marido e o respeito por ele, que são especificamente exigidos por parte da esposa... não é de modo algum a submissão de um gato de colo ou de um cachorro agachado... Paulo... está pensando no companheirismo voluntário, livre, alegre e bem-pensado, como demonstra o relacionamento entre a igreja e Cristo."[18] Se a liderança do marido reflete a de Cristo, então a submissão da esposa à proteção e provisão do seu amor, longe de depreciar a sua condição de mulher, positivamente a enriquecerá.

3. O dever dos maridos (vs. 25-33)

Se a palavra que caracteriza o dever da esposa é *submissão*, a palavra que caracteriza o do marido é *amor*. Poderíamos pensar que a própria natureza ensinaria aos maridos esta obrigação prioritária, mas muitas culturas, antigas e modernas, comprovam o contrário. Naturalmente, um certo elo de afeição e desejo liga cada casal, e os contemporâneos estóicos de Paulo ensinavam que os maridos deviam amar. O verbo que empregavam, no entanto, era a fraca palavra *phileō*. Foi o ensino cristão que introduziu o amor forte, sacrificial, do tipo *agapē*, no casamento. Paulo emprega duas analogias para ilustrar que o amor do marido pela mulher deve envolver um terno cuidado.

A primeira é que o marido deve amar a esposa assim como Cristo tem amado a igreja. Já no Antigo Testamento a aliança graciosa que Deus fez com o seu povo de Israel foi muitas vezes referida como sendo um contrato de casamento.[19] Jesus adotou este ensino, e se chamava de noivo, de modo marcante.[20] Paulo desenvolve esta figura de linguagem aqui e em 2 Corintios 11:1-3, ao passo que no Apocalipse temos oportunidades de vislumbrar a igreja glorificada "ataviada como noiva adornada para o seu esposo" e as futuras "bodas do Cordeiro".[21]

O que se destaca no modo de Paulo desenvolver o tema é a firmeza sacrificial que o noivo tem pela sua noiva. É este amor que os maridos devem imitar': *Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse.*

[18] Barth, *Broken Wall*, pág. 223.
[19] Por ex. Is 54:5-8; Jr 2:1-3; 31:31-32; Ez 23; Os 1-3.
[20] Mc 2:18-20; cf. Jo 3:29. [21] Ap 19:6-9; 21:2, 9.

Pode-se ver que Paulo emprega cinco verbos para indicar as etapas que se desdobram da dedicação de Cristo à sua noiva, a igreja: *amou-a, a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse*, tendo-a *purificado, para a apresentar a si mesmo.* Esta declaração é tão completa e compreensiva que alguns estudiosos pensam que talvez seja a citação de alguma confissão, liturgia ou hino cristão primitivo. Parece seguir o cuidado de Cristo para com sua igreja de uma eternidade passada para uma eternidade futura. Certamente as palavras *Cristo amou a igreja*, que antecedem o sacrifício de si mesmo em prol dela, parecem relembrar a sua eterna preexistência em que amou o seu povo e resolveu vir salvá-lo. Desse modo, tendo amado a igreja, *a si mesmo se entregou por ela.* A referência, é lógico, diz respeito inicialmente à cruz.

Mas por que Jesus Cristo assim agiu? Qual foi o propósito do seu sacrifício? Foi *para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra.* Talvez haja uma alusão deliberada ao banho que a noiva tomava imediatamente antes dos casamentos judaicos e gregos. Os tempos dos verbos sugerem que a purificação da igreja antecede a sua consagração ou santificação. Na verdade, a purificação parece referir-se à purificação ou limpeza inicial do pecado e da culpa que recebemos quando nos arrependemos e cremos em Jesus. É acompanhada pela *lavagem de água pela palavra.* A "lavagem de água" é uma referência ao batismo, sem ambiguidade, ao passo que a referência adicional à *palavra* indica que o batismo não é nenhuma cerimônia mágica ou mecânica, mas que precisa de uma palavra explicatória para definir o seu significado, para expressar as promessas da purificação e da nova vida no Espírito que ele simboliza, e despertar a nossa fé. É verdade que alguns pensam que a *palavra* refere-se à confissão de fé[23] ou ao apelo para uma consciência limpa,[24] da parte do candito, ao invés da pregação do evangelho por parte do ministro ou da fórmula de administração. Parece, no entanto, mais natural tomar *água* e *palavra* como sendo administradas juntas *para* o candidato. Quando, portanto, Calvino chegou a este versículo na sua série expositória, inculcou cuidado "para que não separemos os sacramentos da Palavra em qualquer tempo", pois "ter o sinal sem a promessa a ele acrescentada não passa de algo frustrador e sem proveito".[25] Markus Barth argumenta, de modo encantador, que no contexto a palavra da promessa não pode ser outra senão "Eu te amo". Continua: "O Messias, como o noivo, ... diz esta 'palavra' decisiva à sua noiva e, assim, em particular e em público, de modo decente e legal, une-se a ela, e ela a ele."[26] É uma palavra solene do amor segundo a aliança.

[22] Cf. At 22:16. [23] Rm 10:8-10, 13. [24] 1 Pe 3:21.
[25] Calvino, págs. 583-584. [26] Barth, *Ephesians*, II, pág. 691.

Tendo purificado sua noiva com a água e a palavra, o plano do noivo celestial é *santificá-la* e finalmente *apresentá-la* a si mesmo. A *santificação* parece referir-se ao processo presente de torná-la santa no caráter e na conduta pelo poder do Espírito que nela habita, ao passo que a *apresentação* é escatológica, e ocorrerá quando Cristo voltar para tomá-la para si mesmo. Ele a apresentará a si mesmo *gloriosa* (*endoxon*). A palavra pode ser uma alusão ao belo vestido da noiva, visto que é usada para roupas.[27] Significa, porém, mais do que isso. "Glória" (*doxa*) é o irradiar de Deus, o brilho e a manifestação do seu ser, que doutra forma ficaria oculto. Assim, também, a natureza verdadeira da igreja se tornará aparente. Na terra, freqüentemente está em trapos e farrapos, manchada e feia, desprezada e perseguida. Um dia, porém, será vista pelo que ela é, nada menos do que a noiva de Cristo, "sem mácula, sem ruga, sem qualquer deformação" (CIN), *santa e sem defeito,* bela e gloriosa. É com este fim construtivo que Cristo tem trabalhado e continua trabalhando. A noiva não se torna apresentável; é o noivo que trabalha para embelezá-la a fim de apresentá-la a si mesmo. Seu amor e seu auto-sacrifício por ela, a purificação e santificação dela, tudo isso visa libertá-la e aperfeiçoá-la, quando finalmente ele a apresentar a si mesmo na plenitude da sua glória. O Dr. Lloyd-Jones escreve: "Poderei expressar o fato assim? O especialista em beleza terá colocado o seu toque final na igreja, a massagem terá sido tão perfeita que não sobrará uma única ruga. Ela parecerá jovem, e na flor da juventude, com cor nas faces, e a pele perfeita, sem quaisquer manchas ou rugas. E permanecerá assim para todo o sempre."[28]

Esta, pois, é a exposição feita por Paulo acerca das implicações da primazia de Cristo. O cabeça da igreja é o noivo da igreja. Ele não oprime a igreja. Pelo contrário, sacrificou-se a fim de servi-la, para que ela se torne tudo quanto ele anseia que ela seja, ou seja: ela mesma na plenitude da sua glória. Assim também o marido nunca deve usar da sua liderança para esmagar ou sufocar a esposa, ou para frustrá-la de ser ela mesma. Seu amor por ela o levará pelo caminho exatamente oposto. Dar-se-á por ela, a fim de que ela desenvolva seu pleno potencial debaixo de Deus e assim fique sendo mais completamente ela mesma.

Depois de subir com Paulo para estas alturas sublimes do amor romântico,muitos leitores sentem um anti-clímax no versículo 28: *Assim também os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos.* Na sua instrução aos maridos no sentido de amarem suas esposas, pois, parece que desce do padrão altaneiro do amor de Cristo para o padrão pouco elevado do amor-próprio. Este senso de anomalia tem leva-

[27] Lc 7:25.
[28] Lloyd-Jones, *Life in the Spirit*, págs. 175-176.

do alguns comentaristas a procurar traduzir a frase de modo diferente, mas suas tentativas não têm tido êxito porque a frase seguinte recusa-se de modo teimoso a transmitir qualquer significado senão aquele que é óbvio: *Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama.* A explicação provável para a descida de Paulo para o nível mais prosaico do amor-próprio é que ele é sempre um realista. Não podemos captar plenamente a grandeza do amor de Cristo; "excede todo entendimento", conforme escreveu anteriormente.[29] Além disso, os maridos não acham fácil aplicar este padrão para as realidades da vida da família. Todos nós, porém, sabemos da experiência da vida de todos os dias como amamos a nós mesmos. Daí a utilidade prática da "regra áurea" que Jesus enunciou, de que devemos tratar os outros conforme nós mesmos desejamos ser tratados.[30] Todos nós, pois, sabemos isto instintivamente. É, afinal de contas, nossa maneira de tratar-nos a nós mesmos. *Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida* (v. 29a). Ou seja, dá-lhe comida e roupas e cuida dela, quaisquer que sejam as circunstâncias.

Esta exortação ao marido no sentido de *alimentar e cuidar* da sua própria esposa como faz com o seu próprio corpo é mais do que um guia útil para o comportamento diário, no entanto. Também tem um aspecto intimamente apropriado, visto que ele e sua esposa se tornaram *uma só carne.* Deus, porém, pretende que as relações sexuais não somente sejam uma união de corpos, como também uma união de personalidades. É quando o marido e a esposa ficam assim profundamente unidos entre si que, verdadeiramente, *quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama.*

Isto leva o apóstolo a voltar no seu pensamento para Cristo e, assim, chegar ao clímax do argumento. Por enquanto, empregou duas analogias para o amor que o marido tem pela esposa, a saber, o amoroso sacrifício que Cristo fez por sua noiva, a igreja, e o cuidado amoroso que o esposo tem para com o seu próprio corpo. Agora, junte-se as duas. A noiva de Cristo e o corpo de Cristo são os mesmos (ver v. 23), *porque somos membros* do seu corpo (v. 30). Ele nos incorporou nele mesmo, nos fez parte dele mesmo numa união profunda, indissolúvel. Este fato leva Paulo a citar Gênesis 2:24: *Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá a sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne* (v. 31) e a declarar que *grande é este mistério* (v. 32).[31] Não parece haver razão para se duvidar que, em primeira instância, Paulo esteja se referindo a profundidades misteriosas e sagradas da relação sexual em si. Mas depois continua imediatamente para o seu simbolismo ainda mais profundo: *mas eu me refiro a Cristo e à igreja.* Ao fazer assim, não somente emprega o *egō* da sua autoridade apostólica, mas até mesmo emprega a própria expressão *egō de*

[29] 3:19. [30] Mt 7:12.

legō ("eu, porém, vos digo") que o próprio Jesus usou nas seis antíteses do sermão da montanha.[32] É apropriado para Paulo assim proceder porque um *mistério é uma verdade revelada, e o profundo mistério* aqui, a saber: a união da igreja com Cristo, é muito semelhante à união entre judeus e gentios no corpo de Cristo, que lhe tinha sido revelada, e da qual escreveu em 3:1-6. Paulo vê, portanto, o relacionamento do casamento como sendo uma bela figura da união da igreja em Cristo e com Cristo. Quando é aplicada a Cristo e à sua igreja, aquela *uma só carne* é idêntica com aquele *novo homem* de 2:15. Realmente, os três quadros da igreja que Paulo desenvolve em Efésios — o corpo, o edifício e a noiva — enfatizam, todos eles, a realidade da sua unidade por causa da sua união com Cristo.

O versículo 33 é um resumo sucinto do ensino mais completo que Paulo estava dando aos maridos e às esposas: *Vós, cada um de per si, também ame a sua própria esposa como a si mesmo*, pois ele e ela se tornaram um só, *e a esposa respeite a seu marido.* É verdade que "respeitar" é a tradução de *phobētai*, que significa literalmente "temer", mas este verbo "pode expressar a emoção do temor em todas as suas modificações e em todos os seus graus, desde o simples respeito, passando pela reverência, e chegando até à adoração, de acordo com o seu objeto".[33] O apóstolo começou com um par, *amor* e *submissão.* Termina com outro, *amor* e *respeito.* Já vimos que o amor que tem em mente para o marido desenvolver é sacrificial e serve ao propósito de capacitar a esposa a tornar-se o que Deus pretende que ela seja. Deste modo, a *submissão* e o *respeito* que pede da esposa expressa a resposta dela ao seu amor, e o desejo dela que ele, também, fique sendo aquilo que Deus pretende que seja, na sua liderança.

4.Resumo

Tratando em primeiro lugar do marido, o que Paulo ressalta não é a autoridade do marido sobre a esposa, mas o seu amor por ela. Na realidade, a autoridade dele é definida em termos de responsabilidade amorosa. Para a nossa mente, a palavra "autoridade" tem um sentido de poder, de domínio e até mesmo de opressão. Retratamos o marido "autoritário" como sendo uma figura dominante que toma todas as decisões sozinho,

[31] A tradução latina de Jerônimo na Vulgata é *sacramentum hoc magnum est*. Empregava *sacramentum* no seu sentido mais antigo de "mistério" que continha alguma verdade escondida ou algum simbolismo sagrado, como em 1 Tm 3:16. Não deu a entender, nem o texto grego ensina, que o casamento é um "sacramento" no sentido que a teologia católica romana posteriormente lhe atribuiu. É "sacramental" somente no sentido que Paulo pretende aqui, que a união entre o marido e a esposa simboliza a união entre Cristo e a igreja.

[32] Ver Mt 5:22, 28, 32, 34, 39, 44. [33] Hodge, pág. 353.

[34] Lloyd-Jones, *Life in the Spirit*, pág. 148.

que emite ordens e que espera a obediência, que inibe e aniquila a esposa, e que assim evita que ela cresça até ser uma pessoa madura ou realizada. Mas este não é, de modo algum, o tipo de liderança, como cabeça do casal, que o apóstolo está descrevendo, cujo modelo é Jesus Cristo. Certamente, a "liderança" subentende certo grau de mando e de iniciativa, como quando Cristo veio cortejar e conquistar a sua noiva. Mas, mais especificamente, subentende o sacrifício, dar-se a si mesmo por amor à amada, como quando Jesus se sacrificou pela sua noiva. Se a "liderança" significa "poder" em qualquer sentido, então é poder para cuidar e não para oprimir, poder para servir, não para dominar, poder para facilitar a autorealização, não para frustrá-la ou destruí-la. E em tudo isso, o padrão do amor do marido deve ser a cruz de Cristo, na qual o Senhor se sacrificou até à morte em amor abnegado pela sua noiva. O Dr. Lloyd-Jones tem uma maneira notável de inculcar esta verdade. "Quantos de nós", pergunta, "reconhecemos que sempre devemos pensar no estado conjugal em termos da doutrina da expiação? É este nosso modo costumeiro de pensar sobre o casamento? ... Onde descobrimos o que os livros têm para dizer sobre o casamento? Em que seção? Na da Ética. Mas não é aí o lugar certo. Devemos considerar o casamento em termos da doutrina da expiação."[34]

Quanto ao dever da esposa no relacionamento do casamento, fico surpreso ao ver quão impopular esta passagem é entre muitas mulheres. Quando é lida num casamento, e provoca um protesto feminino, fico perguntando a mim mesmo quão cuidadosamente foi lida e, em especial, se foi lida no seu contexto total. Deixem-me extender em detalhes cinco lições que, segundo espero, demonstrarão não se tratar de um projeto de opressão como muitas pessoas pensam mas, sim, ser um atestado de genuína liberdade.

a. A exigência de submissão é um exemplo específico do dever cristão geral

Isto é, a injunção "as mulheres sejam submissas" (v. 22) é precedida pela exigência de que nos "sujeitemos uns aos outros" (v. 21). Se, portanto, é o dever da esposa, como esposa, submeter-se ao marido, também é o dever do marido, como membro da nova sociedade de Deus, submeter-se à esposa. A submissão mútua é uma obrigação cristã universal. Em todas as áreas da igreja cristã, inclusive em todo lar cristão, a submissão deve ser mútua. E o próprio Jesus Cristo é o supremo exemplo de humildade. Ele esvaziou-se da sua posição e dos seus direitos, e humilhou-se para servir. Desta maneira, na nova ordem que fundou, chamou todos os seus seguidores a andarem nos seus passos. "Outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade".[35] Não deve a esposa até mesmo

[34] Lloyd-Jones, *Life in the Spirit*, pág. 148.

[35] 1 Pe 5:5. [36] Yoder, pág. 174.

alegrar-se porque tem o privilégio de demonstrar especialmente em sua atitude para com o marido a beleza da humildade que deve caracterizar todos os membros da nova sociedade de Deus?

Assim acontece especialmente quando se vê que a sua humildade não é forçada, mas espontânea. Deve ter sido muito óbvio no mundo antigo. A esposa não tinha *status* algum, e tinha poucos direitos, conforme já vimos. Mesmo assim, o apóstolo dirige-se a ela como um agente moral livre e a conclama não a consentir num destino que não pode escapar, mas, sim, a fazer uma decisão responsável diante de Deus. É isso que "começa a inovação revolucionária no estilo cristão primitivo do pensamento ético."[36] A submissão cristã voluntária ainda é muito relevante hoje. "Jesus Cristo demonstra possuir, e não perder, a sua dignidade quando se subordina ao Pai. Quando uma pessoa é voluntariamente submissa a uma outra, cede a ela, e coloca-se ao seu serviço, demonstra maior dignidade e liberdade do que quem não pode suportar ser um assistente ou sócio de pessoa alguma, senão de si mesmo. Efésios 5 apóia tudo menos a obediência cega ou a destruição da vontade da esposa. Pelo cantrário, este capítulo demonstra que no império do Servo-Messias crucificado, os súditos respeitam uma ordem de liberdade e de igualdade em que uma pessoa ajuda a outra, aparentemente renunciando aos direitos possuídos mas, na realidade exercendo o direito de imitar o próprio Messias... Uma descrição mais grandiosa, mais sábia e mais positiva do casamento ainda não foi achada na literatura cristã.[37]

b. A submissão da esposa deve ser ao marido que a ama, não a um "bicho-papão"

A instrução do apóstolo não é "esposas, submetam-se; maridos, sejam mandões"; mas é "esposas, submentam-se; maridos, amem". Naturalmente tem havido exemplos em cada era e cultura de maridos cruéis e tiranos, e tem havido ocasiões em que, a fim de manter a integridade da consciência, a esposa tem sido obrigada a resistir à autoridade do marido. Paulo, porém, está descrevendo o ideal cristão, e não seus horripilantes desvios. Este fato sempre foi óbvio aos comenteristas. Já no século XVI, Calvino pregava: "Os maridos... não devem ser cruéis para com as esposas, nem pensar que tudo quanto queiram seja permissível ou lícito, porque a autoridade deles deve ser mais um companheirismo do que um senhorio." Três vezes o apóstolo repete sua exortação principal: *Maridos, amai vossas mulheres* (v. 25); *assim também os maridos devem amar as suas esposas* (v. 28); *vós, cada um de per si, também ame a sua própria esposa* (v. 33). Se, pois, a liderança do marido é expressa em amor responsável

[37] Barth, *Ephesians*, II, págs. 714-715.

pela esposa, por que ela deve ficar relutante em submeter-se a ele? E se o marido deseja que ela assim faça, saberá que é somente por meio do amor que ele conseguirá.

c. O marido deve amar como Cristo amou

A exigência de *submissão* parece difícil à esposa? Acho que o que é exigido do marido é mais difícil ainda. Não se trata de ele "amar" com a paixão romântica, sentimental e até mesmo agressiva que hoje freqüentemente passa por amor genuíno. Ao invés disso, deve amá-la com o amor de Cristo. Se a obrigação do marido é repetida três vezes, assim também é a exigência no sentido de ele modelar a sua atitude e o seu comportamento conforme os de Cristo. O marido é o cabeça da esposa *como também Cristo é o cabeça da igreja* (v. 23); deve amar a esposa *como também Cristo amou a igreja* (v. 25); e deve alimentá-la e cuidar dela *como também Cristo o faz com a igreja* (v. 29). Desta maneira, sua liderança, seu amor e sua solicitude devem assemelhar-se aos de Cristo. O pináculo mais alto da exigência é atingido no versículo 25, onde é exortado a amar a esposa *como Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela.* Esta é a totalidade da abnegação. Deve amá-la com o que às vezes é chamado de "amor do Calvário". Não se pode conceber nenhum padrão mais alto. O marido cristão que, até mesmo parcialmente, cumpre este ideal prega o evangelho sem sequer abrir a boca, porque as pessoas podem ver nele aquela qualidade de amor que levou Jesus Cristo à cruz.

d. O amor do marido, como o de Cristo, sacrifica-se a fim de servir

Consideramos anteriormente os cinco verbos dos versículos 25 e 26. Cristo *amou* a igreja e *se entregou* por ela, a fim de *purificá-la, santificá-la,* e finalmente *apresentá-la* a si mesmo com todo o seu esplendor e sem qualquer defeito. Noutras palavras, seu amor e seu sacrifício pessoal não foram uma demonstração fútil, mas tinham um propósito. E seu propósito não era impor uma identidade estranha sobre a igreja, mas libertá-la das manchas e rugas que estragam a sua beleza e demonstrá-la na sua verdadeira glória. O marido cristão deve mostrar uma solicitude semelhante. Sua liderança nunca deve ser usada para oprimir a esposa. Anseia por vê-la libertada de tudo quanto estraga sua identidade feminina verdadeira, e crescendo em direção à "glória", à perfeição da personalidade realizada que será o destino final de todas as pessoas que Cristo redime. Com este propósito, Cristo entregou-se a si mesmo. Com este propósito, também, o marido entrega-se em amor.

e. A submissão da esposa é mais um aspecto do amor

Já vimos que a essência da instrução de Paulo é "esposas, sejam submis-

sas; maridos, amai", e que estas palavras são diferentes entre si, visto que reconhecem a condição de cabeça que Deus deu ao marido. Quando, porém, procuramos definir os dois verbos, não é fácil distinguir entre eles. O que significa *ser submisso*? É entregar-se a alguém. O que significa *amar*? É entregar-se por alguém, assim como Cristo *a si mesmo se entregou* pela igreja. Desta maneira, *submissão* e *amor* são dois aspectos da mesmíssima coisa, ou seja, daquela entrega altruísta de si mesmo que é o fundamento de um casamento duradouro que cresce.

Não se quer dizer que dar-se a si mesmo é fácil em qualquer tempo. Receio ter pintado um quadro da vida conjugal que é mais romântico do que realista. A verdade é que toda a abnegação, embora seja o caminho do serviço e o meio para a auto-realização, também é dolorosa. De fato, parece que o amor e a dor são inseparáveis, especialmente em pecadores como nós somos, visto que nossa condição de caídos não foi totalmente apagada por nossa nova criação em Cristo. No casamento, há a dor do ajustamento, à medida em que o velho *eu* independente cede lugar para o novo *nós* interdependente. Há, também, a dor da vulnerabilidade à medida em que a aproximação entre os dois leva ao auto-desmascaramento, o auto-desmascaramento levando ao conhecimento mútuo, e o conhecimento levando ao risco da rejeição. Por isso, os maridos e as esposas não devem esperar a descoberta da harmonia sem conflito. Devem esforçar-se para edificar um relacionamento de amor, de respeito e de verdade.

Entregar-se a alguém é o reconhecimento do valor da outra pessoa. Se, pois, eu me entrego, pode ser somente porque dou tanto valor à outra pessoa que quero sacrificar-me por causa dela pessoalmente, a fim de que ela possa desenvolver a sua personalidade de forma mais positiva. Ora, perder-se para que o outro possa achar-se a si mesmo, esta é a essência do evangelho de Cristo. É, também, a essência do relacionamento no casamento, porque à medida em que o marido ama a esposa, e a esposa se submete ao marido, cada um está procurando capacitar o outro a tornar-se ele mesmo, dentro do complemento harmonioso dos sexos.

6:1-9
11. Pais, filhos, senhores e servos

Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. [2]*Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa),* [3]*para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra.* [4]*E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor.*

Paulo passa agora, nas suas *Haustafeln*, dos deveres recíprocos dos maridos com as esposas para os dos pais com os filhos. Assim fazendo, é digno de nota que ele pensa na congregação local como sendo uma "família-igreja", composta pelos dois sexos, com pessoas de todas as idades. Dirigindo-se aos filhos neste parágrafo, bem como os pais deles, evidentemente esperava que famílias inteiras se reunissem para o culto público, não somente para louvar a Deus mas também para ouvir a Palavra de Deus. As Escrituras do Antigo Testamento e as cartas do apóstolo seriam lidas em voz alta e expostas; e quando as *Haustafeln* apostólicas fossem lidas, ficariam sabendo de seus próprios deveres e dos demais membros da família. O fato de os filhos terem sido incluídos nas instruções, recebendo uma seção dedicada a eles, é um indício da aceitação já universal na igreja daquele que dissera: "Deixai vir a mim os pequeninos, não os embareceis, porque dos tais é o reino de Deus;"[1] e, outra vez, "E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe."[2] Era uma mudança da crueldade empedernida que prevalecia no império romano, em que as crianças não desejadas eram abandonadas, as fracas e deformadas eram sacrificadas, e até mesmo as saudáveis eram consideradas por muitos como um empecilho parcial, porque inibiam a promiscuidade sexual e complicavam o divórcio fácil.

1. O dever dos filhos (vs. 1-3)

Filhos, obedecei a vossos pais... Aqui temos um outro exemplo da submissão geral que, conforme 5:21, se espera de todos os membros da nova sociedade de Deus. Desta vez, porém, a exigência é mais forte, a saber, a obediência, já que as esposas não foram ordenadas a obedecer. A meu ver,

[1] Mc 10:14. [2] Mc 18:5.

a litania do casamento do Livro de Orações de 1662 errou ao incluir este verbo entre os votos da noiva. O conceito de um marido que dá ordens e uma esposa que lhe presta obediência simplesmente não é achado no Novo Testamento. O que mais se aproxima é a citação de Sara, "que obedeceu a Abraão, chamando-lhe senhor". Mas mesmo nessa passagem a instrução que o apóstolo Pedro deu às esposas é a mesma que Paulo deu: "Sede submissas a vossos próprios maridos".[3] E, conforme vimos no capítulo anterior, a submissão da esposa é algo bem diferente da obediência. É uma entrega voluntária de si mesma àquele que a ama, cuja responsabilidade é definida em termos de cuidado construtivo; a responsabilidade do amor é amar.

Os filhos, no entanto, devem obedecer aos pais. Embora Paulo passe a restringir a autoridade dos pais e a guiá-la no canal da educação cristã, ainda assim fica claro que a autoridade dos pais sobre os filhos é distinta da liderança do marido sobre a esposa, e mais forte do que ela. Mesmo assim, Paulo não a toma por certa. Como no caso da submissão da esposa, assim também com a obediência dos filhos, ele edifica a sua instrução sobre um alicerce cuidadosamente lançado. Dá três motivos para a obediência dos filhos num lar cristão: a natureza, a lei e o evangelho.

Primeiramente, a natureza: *filhos, obedecei a vossos pais... pois isto é justo* (*dikaios*). A obediência dos filhos pertence ao âmbito que veio a ser chamado na teologia medieval de "justiça natural". Não depende da revelação especial. Faz parte da lei natural que Deus escreveu em todos os corações humanos.[4] Não é confinada à ética cristã. É o comportamento-padrão em toda sociedade. Os moralistas pagãos, tanto os gregos quanto os romanos, a ensinavam. Os filósofos estóicos viam a obediência do filho como coisa axiomática, claramente exigida pela razão e fazendo parte da "natureza das coisas". Muito antes disso, e na cultura oriental, uma das ênfases maiores de Confúcio foi dada ao respeito filial, de modo que até mesmo hoje, depois de muitos séculos, os costumes chineses, coreanos e japoneses continuam a refletir essa influência. De fato, virtualmente todas as civilizações têm considerado o reconhecimento da autoridade dos pais como sendo indispensável a uma sociedade estável. Não nos surpreendemos nem um pouco, no entanto, quando Paulo inclui "desobedientes aos pais" como uma marca tanto da sociedade decadente que foi entregue à sua própria impiedade por Deus, como daquela dos *últimos dias*, que começaram com a vinda de Cristo.[5]

Se a obediência dos filhos faz parte da lei natural que Deus escreveu nos corações humanos, ela pertence também à lei revelada que Moisés recebeu de Deus, escrita em tábuas de pedra. Por isso Paulo continua: *Honra*

[3] 1 Pe 3:1-6. [4] Rm 2:14-15. [5] Rm 1:28-30; 2 Tm 3:1-2.

a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra (vs. 2-3). Nesta citação, Paulo livremente funde o texto grego de Êxodo 20:12 ("Honra a teu pai e a tua mãe, para que sejam longos os teus dias...") e Deuteronômio 5:16 ("para que te vá bem"). Sendo este o quinto dos dez mandamentos, e já que parece à primeira vista que diz respeito ao nosso dever para com o nosso próximo, muitos cristãos dividiram o Decálogo em duas metades desiguais, os quatro primeiros mandamentos especificando o nosso dever diante de Deus, e os outros seis, o nosso dever ao nosso próximo. Os judeus, no entanto, ensinavam regularmente que cada uma das duas tábuas da lei contém cinco mandamentos. A relevância deste arranjo é que coloca a honra aos nossos pais no âmbito do nosso dever para com Deus. E isto seguramente é correto. É que durante a nossa infância, pelo menos, os pais representam Deus diante de nós e são como que intermediários tanto da autoridade quanto do amor de Deus. Devemos *honrá-los*, ou seja, reconhecer a sua autoridade, dada por Deus e, assim, prestar-lhes não somente a nossa obediência, como também o nosso amor e o nosso respeito. É porque a autoridade dos pais é autoridade divinamente delegada que a obediência respeitosa aos pais era investida com tão grande importância na vida do povo da aliança de Deus. Moisés foi ordenado a dizer a Israel: "santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo. Cada um respeitará a sua mãe e a seu pai... Eu sou o SENHOR vosso Deus."[6] A reverência para com os pais ficou sendo, portanto, parte integrante da reverência para com o Senhor como o Deus deles, abrangendo ainda o relacionamento especial com Deus na qualidade de povo de Deus. Daí a penalidade extremamente severa (a pena capital, de fato) que devia ser aplicada a qualquer pessoa que amaldiçoasse seus pais e ao "filho contumaz e rebelde" que se recusasse a obedecer-lhes, que desafiasse a disciplina de advertência dos pais, e que revelasse ser incorrigível.[7]

O apóstolo Paulo, no entanto, prefere reforçar o mandamento de Deus com uma promessa e não com uma ameaça. Lembra a seus leitores que o mandamento no sentido de honrar aos pais *é o primeiro mandamento com promessa*, e passa a citar a promessa da prosperidade e da vida longa. Esta declaração que parece ser tão simples contém vários problemas. Alguns comentaristas discordam de Paulo, e declaram que o quinto mandamento não é, na realidade, o primeiro que tem uma promessa ligada a ele, visto que o segundo mandamento também tem uma promessa, a de "misericórdia até mil gerações" dos que amam e obedecem a Deus. Uma resposta suficiente é que estas últimas palavras "são uma declaração do

[6] Lv 19:1-3. [7] Lv 20:9; Dt 21:18-21.

caráter de Deus mais do que uma promessa".[8] Outros expressam a opinião de que, neste caso, não é o primeiro, mas o único mandamento com promessa, pois nenhum outro mandamento a tem. A isto, F. F. Bruce responde de modo claro que Paulo está pensando "não somente no decálogo mas também no todo da legislação do pentateuco que é introduzida pelo decálogo".[9] Isto não satisfaz a todos, no entanto. Assim, alguns interpretam "primeiro" como sendo uma referência à primazia e não à ordem (como quando o escriba perguntou "Qual é o principal de todos os mandamentos?"),[10] e sugerem que significa "um mandamento da máxima relevância, com uma promessa ligada a ele"[11] ou "o primeiro em importância dentre aqueles que dizem respeito aos nossos deveres sociais"[12] ou que "este, para as crianças, é um mandamento primário, acompanhado de uma promessa".[13]

A respectiva promessa era a prosperidade material (*para que te vá bem*) e a longevidade (*e sejas de longa vida sobre a terra*). Durante o tempo da teocracia, quando Israel era tanto uma nação quanto uma igreja sobre as quais Deus reinava, as bênçãos de Deus segundo a aliança eram estreitamente ligadas à terra prometida, à segurança, à saúde e às boas colheitas dentro daquela terra. Agora, porém, os tempos mudaram, e os modos de como Deus trata o seu povo também mudaram. Parece que Paulo quer subentender isso com a alteração da promessa original "na terra que o Senhor vosso Deus vos dá" que ele transforma em *sobre a terra*. A terra prometida desaparece da vista. O povo de Deus segundo a aliança agora é uma comunidade internacional, e suas bênçãos são principalmente espirituais em Cristo. Ao mesmo tempo, lado a lado com suas bênçãos *nas regiões celestiais* (1:3), aqui há uma bênção prometida na terra. Provavelmente devamos interpretá-la de modo geral ao invés de em termos individuais. Depois, o que é prometido não é tanto uma vida longa para cada filho que obedece aos pais, ou estabilidade social para qualquer comunidade em que os filhos honrem aos pais. Certamente, uma sociedade saudável é inconcebível sem uma sólida vida familiar.

Duas perguntas práticas surgem da exigência de os filhos obedecerem aos pais. O mandamento é incondicional? E para quem é dirigido?

Muitos jovens cristãos, que estão ansiosos por conformarem suas vidas com o ensino das Escrituras, ficam perplexos com a exigência da obediência. Devem fazer absolutamente tudo quanto os pais mandem que façam? O que acontece se eles conhecem a Cristo, ao passo que os pais, pelo que sabem, permanecem incrédulos? Se os pais os proibem de seguir a Cristo ou de filiar-se à comunidade cristã, estão obrigados a obedecer?

[8] Bruce, pág. 121. [9] Bruce, pág. 121. [10] Mc 12:28.
[11] Hendriksen, pág. 258. [12] Hodge, pág. 358. [13] Hunter, pág. 24.

Em resposta a tais perguntas, que freqüentemente são feitas com grande dor e ansiedade, acho que preciso dizer que durante a minoridade (e tenho mais para dizer acerca disso mais tarde) a obediência aos pais deve ser a norma, e a desobediência a rara exceção.

Por exemplo, suponhamos que você seja um jovem que, tendo sido criado num lar não-cristão, tendo recentemente chegado a Cristo, deseja agora ser batizado, mas seus pais o proibem. Pessoalmente, eu não aconselharia você a agir em desafio aos desejos expressos dos seus pais. Até mesmo o batismo, embora Jesus o tenha ordenado, pode esperar até que você tenha mais idade, e a lei do seu país lhe dê certa medida de independência. Se, por outro lado, seus pais lhe proibirem de adorar e seguir a Cristo no seu coração, a isto você não deve obedecer. Pode ter sido exatamente uma situação tal como esta que Jesus teve em mente quando advertiu sobre conflitos de família em que pais e filhos ficariam opostos uns aos outros, e nossos inimigos estariam em nosso próprio lar. Em tais circunstâncias, por mais dolorosas ou perigosas que sejam, a nossa lealdade a Cristo deve vir em primeiro lugar. Se amamos até mesmo nossos pais mais do que a Cristo, ele disse, não somos dignos dele.[14] Não é, naturalmente, que devamos, em qualquer ocasião, procurar conflitos na família ou fomentá-los. Pelo contrário, todos os seguidores de Jesus são chamados para ser pacificadores e, no que depender de nós, para viver em paz com todos.[15] Mesmo assim, às vezes as tensões e as rixas não podem ser evitadas.

É bem verdade que, na passagem paralela de Colossenses, os filhos são ordenados a obedecer, aos pais *em tudo*.[16] Em Efésios, porém, estas palavras são equilibradas pelo mandamento no sentido de obedecer-lhes *no Senhor* (6:1). Esta última instrução decerto altera a primeira. Os filhos não devem obedecer aos pais em absolutamente tudo sem exceção mas, sim, em tudo que é compatível com a sua lealdade fundamental, ou seja, ao Senhor Jesus Cristo.

E assim chegamos à segunda perguta prática: quem são estes *filhos* que devem obedecer aos pais? E quando cessam de ter esta condição? Paulo está se dirigindo a crianças bem pequenas, e a meninos e meninas? Ou inclui todos os jovens que ainda não se casaram e continuam no lar paterno, embora agora sejam adultos que há muito tempo deixaram a infância e a adolescência? Nenhuma resposta individual pode ser dada a esta pergunta, porque respostas diferentes teriam de ser dadas em culturas diferentes. Na maioria dos países ocidentais a idade em que os jovens chegam à maioria tem sido reduzida de vinte e um para dezoito anos. Agora, com aquela idade, já não são menores: recebem o direito ao voto, e estão

[14] Mt 10:34-39. [15] Mt 5:9; Rm 12:18. [16] Cl 3:20.

livres para casar-se sem o consentimento dos pais. No extremo oposto, no império dos dias de Paulo, "o poder do pai romano estendia-se sobre a totalidade da vida do filho, enquanto o pai vivesse. Um filho romano nunca atingia a maioridade."[17] Em alguns países do terceiro mundo, hoje, um costume semelhante prevalece. Tudo quanto se pode dizer com referência a tais situações é que ou a lei ou o costume em toda sociedade reconhece pelo menos alguma medida de independência para jovens, ou quando se atinge a condição de homem ou mulher, ou quando atingem certa idade, ou quando deixam a casa paterna ou se casam. Os cristãos não devem desafiar a convenção aceita por sua própria cultura nesta questão. Enquanto são considerados como crianças ou menores na sua própria cultura, devem continuar a obedecer aos pais.

Mais uma consideração importante. Até mesmo depois de termos atingido a maioridade, estando considerados em nossa cultura como não mais sujeitos à autoridade dos nossos pais e, portanto, já não sendo obrigados a lhes "obedecer", ainda devemos continuar a honrá-los. Nossos pais ocupam uma posição sem igual em nossa vida. Se os honrarmos como devemos, nunca os negligenciaremos nem nos esqueceremos deles. Muitas culturas do terceiro mundo, mesmo não cristãs, zelam pelos pais idosos de maneira muito mais conscienciosa e cuidadosa do que a maioria de nós, que vivemos no chamado ocidente cristão. Embora em algumas circunstâncias seja inevitável, e em outras até mesmo desejável, é uma reflexão triste sobre a tradição ocidental egoísta da família da era nuclear que, ao invés de pessoalmente cuidarmos de nossos parentes idosos, enviamo-los a um asilo de velhos. Isolar de tal maneira, e até mesmo simbolicamente rejeitar nossos próprios pais, raras vezes pode ser reconciliado com o mandamento no sentido de honrá-los.

Até aqui, temos seguido Paulo fundamentar a obediência do filho aos pais tanto na natureza quanto nas Escrituras, isto é, na lei natural e na lei revelada. Ou seja, insiste nela primeiramente porque é correta e em segundo lugar porque está escrito. Seu terceiro argumento introduz o evangelho e o novo dia que raiou com Jesus Cristo. É subentendido na injunção para os filhos obedecerem aos pais *no Senhor*, a saber, no Senhor Jesus. Já vimos que estas palavras modificam o mandamento paralelo em Colossenses, no sentido de obedecer aos pais *em tudo*. Mas o significado das palavras não se esgota ali. Trazem a obediência dos filhos para o âmbito do dever especificamente cristão, e colocam sobre os filhos a responsabilidade de obedecer aos pais por causa do seu próprio relacionamento com o Senhor Jesus Cristo. É ele que, como Criador, primeiro estabeleceu a ordem na família e na sociedade, e na nova sociedade que agora

[17] Barclay, pág. 208.

está edificando não a subverte. Há uma continuidade essencial entre a velha e a nova ordem, entre a criação original e a nova criação em Cristo. As famílias não foram abolidas. Os homens e as mulheres ainda se casam e têm filhos. *No Senhor* ainda há maridos e esposas, pais e filhos. O que foi alterado tem relação com a devastação da queda. Porque a vida em família que Deus criou no início e que pronunciou como sendo *boa* foi estragada pela rebeldia e pelo egoísmo humanos. Os relacionamentos se desfizeram. A sociedade foi fracionada. O amor foi pervertido em concupiscência, e a autoridade em opressão. Mas agora, *no Senhor*, mediante a sua obra reconciliadora, a nova sociedade de Deus começou, continuando a velha no âmbito da vida familiar, mas descontínua na sua qualidade. Agora, pois, todos os nossos relacionamentos são transformados exatamente porque estão *no Senhor*. São purificados do egocentrismo ruinoso, e cheios, ao invés disso, do amor e da paz de Cristo. Até mesmo a obediência aos pais é transformada. Já não é uma concordância de mal grado à autoridade dos pais. Os filhos cristãos aprendem a obedecer com alegria, "pois fazê-lo é grato diante do Senhor".[18] Lembram-se da submissão amorosa que o próprio Jesus, quando menino, dedicava aos seus pais.[19] Agora, este mesmo Jesus é Senhor e Salvador deles, e o criador da nova ordem, de modo que estão ansiosos por fazer o que lhe agrada.

2. O dever dos pais (v. 4)

A instrução aos filhos no sentido de obedecerem aos pais pressupõe, conforme já vimos, o fato de os pais terem autoridade. Apesar disso, quando Paulo delineia como os pais devem comportar-se para com os filhos, não os conclama a desenvolver sua autoridade, mas sim a contê-la.

O quadro em que pinta os pais como educadores dos filhos, com autocontrole, mansidão e paciência, está em marcante contraste com a norma dos seus próprios dias. "Na chefia da família romana... havia o *pater familias*, que exercia uma autoridade soberana sobre todos os membros da família... O caráter autocrático da *patria potestas* manifestava-se não somente no direito do pai em castigar, mas também no seu *iuo vitae necisque*"[20] (matar os recém-nascidos; o abandono dos filhinhos)... O *pater familias* tinha pleno direito de dispor dos filhos, como também dos escravos e objetos..."[21] William Barclay acrescenta: "O pai romano tinha autoridade total sobre a sua família. Poderia vendê-la como escrava, ou fazer os membros trabalhar em seus campos, poderia tomar a lei nas suas próprias mãos, pois a lei assim lhe facultava, e podia castigar como que-

[18] Cl 3:20. [19] Lc 2:51.

[20] Isto é, "o direito da vida e da morte".

[21] Do artigo *Patria Potestas* no *Oxford Classical Dictionary* (ed. de 1949), pág. 653.

ria, até mesmo aplicando a pena de morte ao seu filho, se quisesse."[22]

O pai cristão era completamente diferente, especialmente se se lembrasse daquilo que Paulo escrevera anteriormente, a saber, que sua paternidade era derivada de "um só Deus e Pai de todos" (3:14-15; 4:6). O tema que percorre a carta aos Efésios é que, mediante a obra reconciliadora de Cristo, agora há uma só família multiracial e multicultural, a de Deus. Desta forma os pais humanos devem cuidar da sua família assim como Deus Pai cuida da família dele. E, aliás, as mães decerto estão incluídas também. Embora a palavra no versículo seja, na realidade, "pais" (*pateres*), mesmo assim poderia ser usada como "pais e mães", da mesma maneira que "irmãos" (*adelphoi*) significava "irmãos e irmãs". Certamente são os pais no sentido de "pais e mães" que são referidos nos versículos 1-3, de modo que é inteiramente legítimo interpretar o versículo 4 assim.

Uma exortação negativa Paulo também dá: *Não provoqueis vossos filhos à ira* (v. 4), ou "Não vivam repreendendo e irritando seus filhos, deixando-os irados e rancorosos" (BV). Paulo reconhece quão delicada é a personalidade de uma criança. Alguns autores especularam que na infância Paulo teria sido até certo ponto, privado de amor, e que nesta instrução aos pais há uma lembrança repentina de alguma situação do começo da sua infância. Não sabemos. O que sabemos mesmo é que os pais podem facilmente abusar da autoridade, ou por fazerem exigências irritantes ou absurdas que não levam em conta a inexperiência, ou por severidade e crueldade num extremo, ou por favoritismo e agrados exagerados no outro, ou por humilhar e oprimir os filhos, ou por fazer uso de duas armas vingativas: a ironia e a ridicularização. Estas são algumas das atitudes dos pais que provocam ressentimento e ira nos filhos. Quantos jovens irados, hostis à sociedade em geral, aprenderam a hostilidade como crianças num lar que não lhes foi simpático? Há um lugar para a disciplina, como Paulo continua dizendo, mas nunca deve ser arbitrária (porque as crianças têm um senso de justiça embutido), nem rude. Doutra forma, "ficarão desanimados".[23] Inversamente, quase nada leva a personalidade da criança a florescer, e seus dons a se desenvolverem, como o encorajamento positivo de pais amorosos e compreensivos. Realmente, assim como o amor do marido pela esposa expressa-se em ajudá-la a desenvolver o pleno potencial dela, assim também o amor dos pais para com seus filhos se expressa em ajudá-los a desenvolver o deles.

Por detrás deste refrear da autoridade dos pais há o claro reconhecimento de que, embora os filhos devam obedecer aos seus pais no Senhor, não deixam de ter uma vida e personalidade só deles. São gente pequena no seu próprio direito. Como tais, devem ser respeitados e, de modo al-

[22] Barclay, pág. 208. [23] Cl 3:21.

gum, explorados, manipulados ou esmagados. "O pai dominante das novelas vitorianas", escreve Sir Frederick Catherwood, "que exercia sua própria autoridade para seus próprios fins não tem o direito de reivindicar a autoridade cristã, assim como o filho rebelde. Um está abusando da autoridade, o outro está zombando dela. Ambos estão errado."[24]

Não é apenas nas novelas da Inglaterra da era vitoriana que a paternidade opressora pode ser vista, no entanto. Outro exemplo vem de tempos mais recentes nos Estados Unidos. A novela *Giant*, de Edna Ferber, conta a história de um texano, Jordan Benedict. Dono de um rancho de gado, com dois milhões e meio de alqueires, fica furioso porque o seu filhinho Jordy, com três anos de idade, não se dá com cavalos. Quando o menino é montado num deles, vestido com o uniforme completo de "cowboy", chora para descer. Seu pai fica irado. "Eu montava cavalo antes de saber andar", diz ele. "Muito bem", responde sua esposa, Leslie, "era muito bonitinho, mas trata-se de você. Aqui temos outra pessoa, que talvez não goste de cavalos..." "Ele é um Benedict," o pai retruca, "e vou fazer dele um cavaleiro mesmo se tiver de *amarrá-lo* para conseguir". "Você tem agido como se fosse Deus por tanto tempo que pensa que dirige o mundo". "Dirijo a parte dele que é minha". "Jordy não é só seu. É seu e meu. E nem sequer só nosso. Ele é de si mesmo..."[25]

Cada criança deve ter licença para ser ela mesma. Os pais sábios reconhecem que nem todas as respostas de inconformismo da infância merecem ser chamadas de *rebeldia*. Pelo contrário, é mediante a experimentação que as crianças descobrem tantos os limites da sua liberdade quanto a qualidade do amor dos seus pais. Além disso, a fim de se tornarem adultas, devem desenvolver a independência, não porque resistam à autoridade dos pais mas, sim, porque precisam exercitar a sua própria autoridade.

Paulo não fica satisfeito com a sua instrução negativa aos pais no sentido de não provocarem seus filhos à ira. Complementa-a com uma exortação positiva: *Criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor*. O verbo (*ektrephō*) significa literalmente "nutrir" ou "alimentar" e foi usado em 5:29 acerca dos cuidados que damos ao nosso próprio corpo. Mas também é usado para a criação de filhos. A tradução de Calvino é: "Sejam acalentados com afeição..., tratai deles com brandura",[26] e a de William Hendriksen: "Criai-os com ternura".[27] Aqui temos uma compreensão, séculos antes de a psicologia moderna ter enfatizado a importância vital dos primeiros anos da vida, de que as crianças são criaturas

[24] *A Better Way* (Inter-Varsity Press, 1975), pág. 59.
[25] (Victor Gollancz, 1952), págs 285-286.
[26] Calvino, pág. 622. [27] Hendriksen, pág. 262.

frágeis que precisam da ternura e da segurança do amor.

As conseqüências desta insistência na maneira de os pais criarem os filhos são muitas. Uma é que os pais cristãos devem zelosamente guardar sua responsabilidade, delegando parte dela, de fato, para a igreja e a escola, mas nunca abrindo mão completamente dela. É sua tarefa, que Deus lhes deu; ninguém pode substituí-los de modo adequado ou completo. Outra conseqüência é que os pais devem dedicar tempo e cuidados aos seus filhos. Deixar de fazê-lo causa muitos problemas mais tarde. Conforme o Dr. Lloyd-Jones observa de modo pertinente: "Se os pais dedicassem tanta atenção à criação dos seus filhos quanto dedicam à criação de cachorros e flores, a situação seria muito diferente".[28]

Como, pois, os pais devem criar os filhos? Resposta: *na disciplina e na admoestação do Senhor*. A segunda palavra (*nouthesia*), quer seja traduzida por "instrução" ou por "advertência", parece referir-se primariamente à educação verbal, ao passo que a primeira palavra (*paideia*) significa treinamento por disciplina, até mesmo com castigo. "*Paideia* (*disciplina*) é treinamento em que a ênfase recai na correção dos jovens."[29] É a palavra usada em Hebreus 12, tanto com respeito aos pais terrestres quanto ao nosso Pai celestial que "nos disciplina para aproveitamento".[30]

Sobre a necessidade da disciplina e do castigo o Antigo Testamento é claro. "O que retém a vara odeia a seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina". Outra vez: "A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara da disciplina a afastará dela."[31] Sem dúvida, nossos ancestrais vitorianos empregavam estes versículos de Provérbios para justificar sua disciplina excessivamente severa. Em nossa geração, por outro lado, temos testemunhado uma reação que levou à permissividade excessiva do tipo *laissez-faire*. Para um extremo precisamos dizer: "o oposto da disciplina errada não é a ausência de disciplina mas, sim, a disciplina certa, a disciplina verdadeira".[32] Ao outro extremo precisamos dizer: "o oposto de nenhuma disciplina não é a crueldade mas, sim, a disciplina equilibrada, a disciplina controlada".[33] Acima de tudo, os pais devem ter clareza quanto aos seus motivos. É sempre perigoso para eles disciplinar os filhos quando estão zangados, quando seu orgulho foi ferido, ou quando perderem o controle. Permitam-me citar o Dr. Martin Lloyd-Jones mais uma vez, pois sua exposição destes versículos está repleta de sabedoria prática: "Ao disciplinar uma criança, você deve ter primeiramente controlado a si mes-

[28] Lloyd-Jones, *Life in the Spirit*, pág. 290.
[29] Houlden, pág. 336. [30] Hb 12:5-11.
[31] Pv 13:24; 22:15. Ver também Pv 23:13-14 e 29:15.
[32] Lloyd-Jones, *Life in the Spirit*, pág. 268.
[33] *Ibid.*, pág. 283.

mo... Que direito tem você de dizer ao seu filho que ele precisa de disciplina quando você obviamente está precisando dela também? O autocontrole, o controle do seu próprio gênio, é uma condição prévia essencial no controle dos outros."[34]

Até este ponto, temos pensado principalmente na disciplina das crianças. A criação cristã das crianças, no entanto, é mental bem como moral. Inclui a instrução também. Certa moda contemporânea popular é conclamar os pais a ser totalmente "isentos de orientação" e deixar os filhos acharem o seu próprio caminho. Paulo tem um conceito diferente. Certamente, alguns pais dão orientação em demasia, dominam demasiadamente, e assim inibem seus filhos de tomarem suas próprias decisões e crescerem para a maturidade. Temos de distinguir entre a educação verdadeira e a falsa. A falsa educação é a doutrinação em que os pais e os mestres impõem a sua vontade sobre a criança. A educação verdadeira, do outro lado, é o estímulo, em que pais e mestres agem como catalizadores e encorajam a criança a ter suas próprias respostas. Não podem fazer assim se deixam a criança avançar aos tropeços; devem ensinar os valores cristãos da verdade e da bondade, defendê-los, e recomendar a sua aceitação, mas ao mesmo tempo abster-se de qualquer pressão, e muito mais de qualquer coerção.

A disciplina e a instrução nas quais os pais devem criar filhos, segundo Paulo escreve, são *do Senhor*. Alguns têm entendido que isto significa simplesmente instrução e disciplina cristãs (BLH), e que Paulo está especificando a educação cristã em contraste com uma educação secular. Mas penso que signifique mais do que isso, ou seja, que por detrás dos pais que ensinam e disciplinam seus filhos há o próprio Senhor. É ele que é o Mestre supremo e o administrador da disciplina. Certamente a preocupação predominante dos pais não é apenas que seus filhos se submetam à sua autoridade mas, sim, que através disso cheguem a conhecer o Senhor e a obedecer-lhe. Há muito regozijo e ações de graças sempre que o ensino e a disciplina de um lar cristão levam, não artificialmente, mas, sim, naturalmente, à aceitação pela criança do ensino e da disciplina do próprio Senhor Jesus.

3. O dever dos servos (vs. 5-8)

Quanto a vós outros, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, 6*não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus;* 7*servindo de boa vonta-*

[34] *Ibid.*, pág. 279. Sua exposição destes quatro versículos é feita em cinco capítulos, e abrange as págs. 237-302.

de, como ao Senhor, e não como a homens, 8certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isto outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre.

A escravidão parece ter sido universal no mundo antigo. Uma alta porcentagem da população consistia em escravos. "Foi computado que no Império Romano havia 60.000.000 de escravos."[35] Eles constituíam a força de trabalho, e incluíam não somente os empregados domésticos e os trabalhadores manuais, mas também pessoas cultas, tais como médicos, professores e administradores. Os escravos podiam ser herdados ou comprados, ou adquiridos para saldar uma dívida, e os prisioneiros de guerra geralmente tornavam-se escravos. Ninguém questionava ou desafiava este estado de coisas. "A instituição da escravidão era um fato da vida econômica mediterrânea tão completamente aceita como parte da estrutura trabalhista daquele tempo que não se pode corretamente falar *de problema* da escravidão na antigüidade. Esta aceitação do sistema da escravidão sem questioná-la explica por que Platão, no seu plano da vida virtuosa retratado em *República*, não precisava mencionar a classe dos escravos. Estava simplesmente implícito."[36]

Para nós que vivemos em países em que a escravidão tem sido abolida por lei há mais de um século e meio, é difícil conceber como a possessão de um ser humano por outro pode ter sido tolerada dessa maneira. É até mais difícil compreender como os escravos podem ter sido considerados mais como objetos do que como pessoas. Apesar de todo o seu intelecto e cultura, Aristóteles não podia contemplar qualquer amizade entre o escravo e seu senhor, porque, disse ele: "Um escravo é uma ferramenta viva, assim como uma ferramenta é um escravo inanimado", embora pudesse pelo menos reconhecer que "um escravo é uma espécie de propriedade que tem alma."[37]

Esta desumanização dos escravos na mente pública era espelhada na legislação romana antiga. "Legalmente eram apenas bens móveis sem direitos, aos quais o seu senhor podia tratar virtualmente como quisesse."[38] "O estado romano deixava o problema da disciplina dos escravos na mão dos seus donos... O *pater familias* tinha controle total dos escravos que pertenciam à sua família, o poder de castigar com açoites e com o confinamento no *ergastulum*, e o direito da execução da pena da morte."[39] Co-

[35] Barclay, pág. 212. [36] Westermann, pág. 215.
[37] *Ética de Nicômaco*, viii 11.6. e *Política* 1.2.4.
[38] Salmon, pág. 70.
[39] *The Slave Systems of Greek and Roman Antiquity*, de W. L. Westermann (The American Philosophical Society, 1955), págs. 75-76. O *pater familias* era o chefe do lar, e o *ergastulum* era uma casa de trabalhos forçados ou prisão para os escravos transgressores.

mo conseqüência, relatos de atrocidades terríveis sobreviveram, especialmente da era pré-cristã. Os escravos eram às vezes açoitados, mutilados e aprisionados em cadeias, seus dentes eram arrancados com pancadas, seus olhos eram vazados, até mesmo eram lançados às feras ou crucificados, e tudo isso às vezes pelos delitos mais triviais. O fato de que alguns escravos fugiam (arriscando, ao serem presos, serem ferreteados, açoitados, e até mesmo sumariamente executados), e que outros se suicidavam, é evidência suficiente de que a crueldade para com eles era generalizada.

Ao mesmo tempo, seria um erro grave supor que este tipo de tratamento bárbaro fosse habitual ou universal, ou que permanecesse sem diminuição no século I de nossa era. Embora a lei primeiramente não promulgasse penalidade alguma para os donos de escravos que os maltratassem, estes donos, muito freqüentemente, eram refreados por outros fatores: por seu próprio senso de responsabilidade, pela opinião pública, ou pelos seus próprios interesses. Quanto à opinião pública, o contemporâneo estóico de Paulo, Sêneca, ensinava a fraternidade entre os homens e instava na bondade aos escravos. Quanto aos seus próprios interesses, os donos sabiam que seus escravos representavam um alto investimento de capital. Era-lhes, portanto, vantajoso tratar com bastante cuidado os escravos, assim como faziam com seus animais domésticos e com seus móveis.

É notável que Paulo, nas suas *Haustafeln*, tenha até mesmo se dirigido aos escravos. O simples fato de assim ter feito indica que eram membros aceitos da comunidade cristã e que os considerava como pessoas responsáveis para os quais, bem como aos seus senhores envia um apelo moral. Se os filhos devem obedecer aos pais, os escravos devem obedecer a seus *senhores segundo a carne* (v. 5). E pela mesma razão, a saber, que por detrás deles devem aprender a discernir a figura do seu *Senhor... nos céus* (v. 9), que é o Senhor Jesus Cristo. Em cada um dos quatro versículos, Jesus Cristo é mencionado. Devem ser obedientes *como a Cristo* (v. 5), comportar-se *como servos de Cristo* (v. 6), prestar serviço *como ao Senhor*, e não como a homens (v. 7), sabendo que receberão o bem que fazem outra vez *do Senhor* (v. 8). A cristocentricidade desta instrução é muito marcante. A perspectiva do escravo alterou-se. Seus horizontes se alargaram. Foi liberto da escravidão de *agradar aos homens* para a liberdade de servir a Cristo. Suas tarefas deste mundo foram absorvidas numa preocupação mais alta, a saber, *a vontade de Deus* (v. 6) e o beneplácito de Cristo.

Exatamente o mesmo princípio pode ser aplicado por cristãos contemporâneos ao seu trabalho e emprego. Nossa grande necessidade é a clareza de visão para ver Jesus Cristo e colocá-lo diante de nós. É possível para uma dona de casa cozinhar uma refeição como se Jesus Cristo fosse comê-la, ou fazer a limpeza geral da casa como se Jesus Cristo viesse

a ser o hóspede de honra. É possível para professores educar crianças, para médicos tratar de pacientes, e para enfermeiras cuidar deles, para advogados ajudar clientes, para balconistas atender fregueses, para contadores fazer a auditoria dos livros, e para as secretárias datilografar cartas, como se em cada caso servissem a Jesus Cristo. Pode o mesmo ser dito com relação às massas de trabalhadores industriais em rotinas fatigantes de operar as máquinas, e aos mineiros que têm de trabalhar debaixo da terra? Decerto que sim. A presença de Cristo na mina ou na fábrica certamente não é desculpa para más condições. Pelo contrário, deve ser um incentivo para melhorá-las. Ao mesmo tempo, sua situação está longe de ser tão ruim como a escravidão no Império Romano, de modo que, se o trabalho dos escravos cristãos podia ser transformado por meio de fazê-lo *como ao Senhor*, o mesmo deve ser o caso dos mineiros, operários, lixeiros, varredores das ruas, e atendentes dos sanitários públicos, que são cristãos.

Uma vez que os escravos cristãos entendessem claramente que a sua responsabilidade primária era servir ao Senhor Jesus Cristo, o seu serviço aos seus senhores terrestres se tornaria exemplar. Primeiramente, seriam respeitosos, obedecendo-lhes *com temor e tremor* (v. 5), que dá a entender, não uma servilidade agachada diante de um senhor humano mas, sim, um reconhecimento reverente do Senhor Jesus Cristo cuja autoridade é representada pelo dono. Este fato fica claro não somente nos contextos usuais da expressão "temor e tremor" como também pelo fato de que na passagem equivalente em Colossenses é substituída por "temendo ao Senhor".[40] Depois, obedeceriam *na singeleza do vosso coração* (5), com integridade e sinceridade, sem hipocrisia nem segundas intenções. Em terceiro lugar, seriam conscienciosos, *não servindo à vista, como para agradar a homens*, trabalhando apenas quando o chefe está olhando, a fim de procurar lisonjeá-lo, *mas como servos de Cristo*, que de qualquer maneira está olhando o tempo todo, e nunca se satisfaz com trabalho mal feito. Em quarto lugar, seu trabalho se tornaria disposto e *de boa vontade* ao invés de relutante ou de má vontade. Porque estariam conscientemente *fazendo a vontade de Deus*, a fariam *de coração* (v. 6) e *de boa vontade* (v. 7). Como poderíamos dizer, seu coração e alma estariam no serviço. E tudo isto porque sabem que o seu Senhor é também o seu juiz, e que nenhuma boa obra, seja quem a pratique (*quer seja servo, quer livre*), é deixada em qualquer tempo sem galardão da parte dele (v. 8).

4. O dever dos senhores (v. 9)

E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as amea-

[40] Cl 3:22; cf. Ef 5:21.

ças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus, e que para com ele não há acepção de pessoas.

Embora os deveres dos escravos estejam detalhados com pormenores, os donos cristãos de escravos recebem apenas três princípios, mas todos eles têm implicações de longo alcance na situação histórica do século I de nossa era. Primeiro: *de igual modo procedei para com eles.* Ou seja: se você espera recebe respeito, demonstre respeito; se espera receber serviço, preste serviço. É uma aplicação da regra áurea. Seja como for que os senhores esperam que seus escravos se comportem para com eles, devem se comportar para com os seus escravos da mesma maneira. Paulo não admite nenhuma superioridade privilegiada nos senhores, como se eles mesmos pudessem deixar de mostrar a própria cortesia que desejam receber.

Em segundo lugar: *deixando as ameaças.* Como os pais não devem provocar seus filhos, assim também os senhores não devem ameaçar os seus servos. Quer dizer que não devem abusar da sua posição de autoridade, fazendo ameaças de castigo. O castigo era aceito no Império como a única maneira de conservar os escravos sob controle, e o cristianismo não nega que, em algumas circunstâncias, o castigo é legítimo, e até mesmo necessário. As ameaças, porém, são uma arma que os poderosos empunham contra os indefesos. E um relacionamento baseado em ameaças não é um relacionamento humano, de modo algum. Por isso, Paulo proibiu tal coisa.

Em terceiro lugar, a razão para estas exigências é que sabem que Jesus Cristo é Senhor tanto do escravo como do senhor, *e que para com ele não há acepção de pessoas.* Os senhores dos escravos estavam acostumados a serem lisonjeados e bajulados, mas não deviam esperar (pois não receberiam) semelhante favoritismo discriminatório da parte do Senhor Cristo. Assim sendo, os três princípios visavam reduzir a lacuna cultural e social entre o escravo e seu dono. Ao invés de considerar o relacionamento com os seus escravos como sendo o de um proprietário para com os seus bens móveis, ou de um superior para com seus inferiores, o cristão devia desenvolver um relacionamento em que lhes dava *igual* tratamento ao que esperava receber, devia renunciar à arma injusta das ameaças, e relembrar que ele e eles tinham em comum o mesmo senhor celestial e justo juiz.

5. A abolição da escravidão

O novo relacionamento que Jesus Cristo possibilitou entre o escravo e seu senhor era algo novo e belo. É compreensível, no entanto, que muitos críticos tenham achado ser esta resposta cristã a esse mal, sem resolver a questão, inadequada. O evangelho não oferecia nenhuma solução mais radical da escravidão senão um ajustamento de relacionamentos pessoais. Ain-

da que Paulo se refreasse em incitar os escravos a levantar-se em rebelião contra seus senhores e tomar a liberdade (conforme algumas pessoas irascíveis desejam que ele tivesse feito), por que pelo menos não ordenou que os donos dos escravos os emancipassem? Por que os escritores do Novo Testamento são tão fracos e dissimulados, ao invés de condenarem abertamente a escravidão por ser assim tão desumana e horrível?

Seja qual for a maneira de nós, os cristãos, procurarmos defender a nós mesmos e a nossa fé contra tais críticas, nunca deve ser por meio de desculpar a escravidão. Se, pois, o Novo Testamento não condena explicitamente a escravidão, tampouco a desculpa. Embora tenha havido graus variáveis de degradação na escravidão em diferentes períodos e lugares, e embora a escravidão afro-americana tenha sido pior do que a romana, a romana do que a grega, e a hebraica, mesmo assim, a consciência cristã deve condenar a escravidão em todas as suas formas. Seu mal não se acha nem na servidão que envolve (porque Jesus voluntariamente se fez um escravo dos outros,[41] e assim também o apóstolo Paulo),[42] nem mesmo no elemento de compulsão, mas reside em um ser humano ser proprietário de um outro, degradando-o num bem subumano a ser usado, explorado e negociado, e na crueldade que freqüentemente acompanha esta possessão. Sendo este o caso, mais uma vez perguntamos: por que o Novo Testamento não exigiu a sua abolição?

A primeira resposta é pragmática: é que os cristãos primeiramente eram um grupo insignificante no Império. Sua religião ainda era ilícita, e politicamente não tinham poder algum. Além disso, a escravidão era naquele tempo uma parte indispensável do sistema da sociedade romana. Na maioria das cidades havia muito mais escravos do que livres. Teria sido, no entanto, impossível abolir a escravidão de um só golpe sem a completa desintegração da sociedade. Mesmo se os cristãos tivessem libertado seus escravos, teriam condenado a maioria deles ao desemprego a à penúria. Conforme expressa G. B. Caird: "A sociedade antiga estava economicamente tão dependente da escravidão quanto a sociedade de hoje depende das máquinas, e se alguém propusesse a sua abolição seria considerado um fanático semeando sedição".[43] A escravidão tinha de ser tolerada por mais um pouco de tempo (embora, sem dúvida, este "pouco" fosse muito tempo!) como um sintoma do que os cristãos chamavam de *este presente século maligno.*

Há uma segunda razão por que não achamos no Novo Testamento expressões mais fortes de condenação a este sistema. "A ausência na antigüidade de qualquer aversão profunda à escravidão como um mal social e econômico pode ser explicada parcialmente", escreve W. L. Wester-

[41] Por ex. Fp 2:7; Jo 13:14-16. [42] Por ex. 1 Co 9:19; 2 Co 4:5. [43] Caird, pág. 216.

mann, porque "a mudança legal de situação para a liberdade por meio da alforria era... constante e fácil..."[44] "A atitude dos apóstolos é melhor explicada pela maneira sem igual de os romanos do século I d. C. tratarem seus escravos, que libertavam em grande número."[45] Conforme os resultados da pesquisa de Tenney Frank, entre 81 e 49 a.C. 500.000 escravos romanos foram libertados. Desta maneira, "o escravo romano, longe de viver na servidão perpétua, podia antever um dia de oportunidade. Ficou sendo a prática comum dos romanos libertar seus escravos e depois estabelecê-los num comércio ou profissão. Muitas vezes o ex-escravo ficava mais rico do que o seu patrocinador".[46] Esta evidência ajuda a explicar tanto o conselho de Paulo aos escravos em Corinto no sentido de que, se pudessem ganhar a liberdade, que aproveitassem com firmeza a oportunidade, como também a sua forte insinuação a Filemom para que libertasse Onésimo.[47]

Uma terceira consideração na suavidade da posição do Novo Testamento é que, já naqueles tempos, a posição legal dos escravos estava começando a ser aliviada, e demonstrava promissores sinais de mais melhorias a serem alcançadas. "Mudanças humanitárias de grande alcance tinham sido introduzidas no mundo romano até o século I d.C., que propiciaram um tratamento bem melhor dos escravos."[48] Paulatinamente lhes eram concedidos muitos dos direitos legais desfrutados pelas pessoas livres, inclusive o direito de casar-se e ter a sua própria família, e o direito de possuir propriedades. "No ano 20 d.C. um ato do Senado decretou que criminosos que fossem escravos deveriam ser julgados da mesma maneira que os livres."[49] Vários imperadores introduziram medidas liberalizantes. "Cláudio, cerca do ano 50, decretou que os escravos doentes abandonados por seus senhores deveriam ser libertos se sarassem. No reinado de Vespasiano, cerca do ano 75, uma escrava, em certas circunstâncias, poderia obter a liberdade se fosse submetida à prostituição pelo seu senhor. Domiciano, cerca do ano 90, proibiu a mutilação de escravos. Adriano, no começo do século II, recusou-se a tolerar a venda de escravos para propósitos imorais ou de gladiação, e talvez tenha proibido a execução de escravos pelos seus senhores."[50]

Deste modo, uma legislação mais humanitária já estava sendo introduzida no Império quando o evangelho chegou para acelerar e estender este processo. Mesmo assim, nós, cristãos, não podemos deixar de ter um sentimento de vergonha porque a escravidão e o comércio escravista fo-

[44] Westermann, pág. 215.
[45] Do artigo "Slave, Slavery" de A. Rupprecht em *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, ed. Merrill C. Tenney (Zondervan, 1975), vol. V, pág. 458.
[46] *Ibid.*, pág. 459. [47] 1 Co 7:21; Fm 16.
[48] A. Rupprecht, op. cit., pág. 458. [49] *Ibid.*, pág. 459. [50] Salmon, pág. 72.

ram tolerados por tanto tempo, especialmente nas colônias européias. Sua abolição devia ter sido feita muitos séculos antes. E as melhores mentes cristãs reconheceram este fato. Calvino, por exemplo, em meados do século XVI, atribuiu a escravidão ao pecado original. Deduziu que era "uma coisa totalmente contra toda a ordem da natureza" que seres humanos "feitos à imagem de Deus" pudessem em qualquer tempo ser "submetidos a semelhante opróbrio".[51]

Embora não possamos defender a indolência ou a covardia de mais dois séculos cristãos que percebiam o mal social mas que deixavam de erradicá-lo, podemos, ao mesmo tempo, regozijar-nos porque o evangelho começou imediatamente, até mesmo no século I, a debilitar essa instituição. O evangelho acendeu um pavio que, depois de muito tempo, levou à explosão que a destruiu. E assim voltamos para a carta aos Efésios e ao relacionamento transformado entre escravo e senhor que Paulo descreveu. Três aspectos desse relacionamento transformado podem ser mencionados.

O primeiro é a igualdade. Naturalmente, ninguém imaginaria que, na cultura ou diante da lei, os senhores e os escravos fossem iguais. Certamente que não eram. Mesmo assim, eram iguais diante de Deus, porque tinham o mesmo Senhor e juiz, que não demonstrava parcialidade alguma entre eles (v. 9). A lei romana ainda era discriminatória em certos aspectos; a justiça celestial não era assim. Paulo relembrou tanto os escravos quanto os senhores deste fato. Este, pois, era o alicerce teológico no qual edificou a sua doutrina de igualdade. Os escravos deviam dar aos seus senhores terrestres bom serviço com uma boa vontade, como se fosse para o seu Senhor celestial, *certos de que ele* os recompensaria e os honraria. Os senhores não deviam ameaçar, antes deviam respeitar seus escravos, *certos de que* tinham o mesmo Senhor no céu. Logo, era o conhecimento que tinham do senhorio e do julgamento de Jesus Cristo que os tornou iguais. Se se lembrassem de que Jesus era igualmente Senhor deles agora, e de que um dia viria a ser juiz tanto dos senhores como dos escravos, sua atitude uns para com os outros seria totalmente transformada.

A segunda qualidade do seu relacionamento devia ser a justiça. O que está implícito aqui na instrução geral aos senhores: *de igual modo procedei para com eles* (v. 9) está explícito em Colossenses 4:1: "Senhores, tratai aos servos com justiça e com eqüidade, certos de que também vós tendes Senhor no céu." Esta injunção deve ter soado de forma profundamente estranha aos ouvidos dos primeiros que a ouviram. Porque embora, como já vimos, a lei romana estivesse se tornando paulatinamente mais

[51] Calvino, pág. 634.

humanitária, os escravos ainda eram popularmente considerados como propriedade dos seus senhores, que tinham poder total sobre eles. E, naturalmente, onde se considera que não há direitos, não pode haver justiça. Assim sendo, a justiça para os escravos era um conceito novo e revolucionário. Essencialmente, foi o evangelho que insistiu que os escravos tinham direitos. Este fato fica claro na natureza recíproca do relacionamento entre escravo e senhor. Se, pois, os escravos tinham deveres diante dos seus senhores, os senhores tinham deveres diante dos seus escravos. Então, os deveres do senhor ficaram sendo os direitos do escravo, assim como os deveres do escravo eram os direitos do senhor.

Nos relacionamentos trabalhistas hoje o mesmo princípio básico aplica-se à justiça baseada nos direitos recíprocos. Os empregadores e os empregados igualmente têm deveres — o empregado deve fazer um bom trabalho e o empregador deve pagar-lhe um salário justo. Então, o dever de uma pessoa fica sendo o direito da outra pessoa. Se é dever do empregado fazer um bom trabalho, é direito do empregador exigi-lo. Se é dever do empregador pagar um salário justo, é direito do empregado recebê-lo. O problema humano principal nas disputas entre os empresários e os trabalhadores é que cada lado concentra-se em obter seus próprios direitos, e em induzir o outro lado a fazer seus deveres. Paulo, no entanto, inverte a ênfase. Insta com cada lado no sentido de concentrar-se nas suas responsabilidades, não nos seus direitos. Certamente, se nas disputas industriais modernas a preocupação fosse para cada lado cumprir seus próprios deveres e garantir os direitos do outro lado, as relações trabalhistas seriam imediatamente adocicadas.

O terceiro aspecto, e o mais alto, do relacionamento transformado entre escravo e senhor é a fraternidade. Aparece com destacada clareza na carta a Filemon, em que Paulo apela para ele no sentido de aceitar de volta o seu escravo fugitivo, agora convertido, Onésimo, e dar-lhe as boas-vindas "não já como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo".[52] As palavras teriam soado incríveis a quaisquer ouvidos não cristãos. Sêneca ensinava a fraternidade universal da humanidade, mas não consigo descobrir se aplicava sua doutrina aos escravos. Chamava-os de "colegas", e até mesmo de "amigos", mas não de "irmãos". O conceito de fraternidade era inovação de Paulo, e um dos temas principais de Efésios. Porque a nova sociedade de Deus é a casa ou a família de Deus, e todos os seus membros têm parentesco entre si em Cristo como irmãos e irmãs. Até mesmo na primeira carta que escreveu, pôde afirmar com confiança que todos os que estão em Cristo são filhos e filhas de Deus, e que "não pode haver... escravo nem liberto,... porque todos vós sois um em

[52] Fm 16.

Cristo Jesus".[53] Repetiu, então, este sentimento na carta paralela a Efésios: "... onde não pode haver... escravo, livre; porém Cristo é tudo e em todos".[54] Uma mensagem que unia assim o senhor e o escravo como irmãos lançava, por isso mesmo, um desafio radical a uma instituição que os separava como proprietário e propriedade. Depois disso, trata-se apenas de uma questão de tempo. "A escravidão seria abolida a partir *de dentro*".[55]

[53] Gl 3:26, 28. [54] Cl 3:11. [55] Hendriksen, pág. 263. Ver também o capítulo "O Apóstolo Paulo e a Lei Romana da Escravidão" de P. R. Coleman-Norton em *Studies in Roman Economic and Social History* (Princeton University Press, 1951), págs. 155-177.

6:10-20
12. Principados e potestades

Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder.
[11]*Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo;* [12]*porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.* [13]*Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, depois de terdes vencido tudo, pemanecer inabaláveis.* [14]*Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade, e vestindo-vos da couraça da justiça.* [15]*Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz;* [16]*embraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno.* [17]*Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus;* [18]*com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto com toda perseverança e súplica por todos os santos,* [19]*e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para com intrepidez fazer conhecido o mistério do evangelho,* [20]*pelo qual sou embaixador em cadeias, para que em Cristo eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo.*

Já por várias vezes em nosso estudo desta carta pudemos maravilhar-nos com a amplitude da compreensão de Paulo. Ele começou desdobrando o propósito de Deus, concedido numa eternidade antes da fundação do mundo, para criar uma única nova raça humana através da morte e da ressurreição de Cristo e, finalmente, unir a igreja inteira e toda a criação sob a supremacia de Cristo como cabeça. Enfatizou que uma forma distintiva foi dada a este plano divino pela inclusão na nova sociedade de Deus, em completa igualdade, de judeus e gentios. Os dias antigos da divisão e da discriminação acabaram. Uma unidade completamente nova emergiu, onde, mediante a união com Cristo, os judeus e os gentios são membros iguais do mesmo corpo e co-participantes iguais da mesma promessa. Desta maneira, agora um só Pai tem uma só família, um só Messias-Salvador tem um só povo, e um só Espírito tem um só corpo. Estes são os fatos seguros do que Deus fez através de Cristo, e pelo Espírito formam

a base sobre a qual Paulo passou a fazer seu eloqüente apelo. Seus leitores devem viver uma vida que é *digna* do seu chamamento e *própria* para sua posição de sociedade nova e reconciliada de Deus. Devem demonstrar sua unidade na comunhão cristã, ao mesmo tempo em que se regozijam na diversidade dos seus dons e, também, dos seus ministérios. Devem despojar-se de toda a impureza do seu comportamento anterior à conversão e viver uma vida de "justiça e de retidão procedentes da verdade". E devem aprender a submeter-se uns aos outros em todos os tipos de relacionamentos domésticos e assim promover a harmonia nos seus lares. A unidade, a diversidade, a pureza e a harmonia — estas o apóstolo ressaltou como características principais da nova vida e da nova sociedade em Cristo. Seria um belo ideal, um alvo obviamente desejável, e não tão difícil de ser atingido.

Agora, porém, Paulo nos traz de volta para a terra e, assim, para realidades mais duras do que os sonhos. Recorda-nos da oposição. Por baixo das aparências na superfície, está sendo travada furiosamente uma batalha espiritual invisível. Ele apresenta-nos o diabo, (já mencionado em 2:2 e 4:27) e certos *principados e potestades* sob seu comando. Não nos fornece nenhuma biografia do diabo, e nenhuma explicação da origem das forças das trevas. Admite a existência delas como um terreno comum entre ele e seus leitores. De qualquer maneira, seu propósito não é satifazer a nossa curiosidade mas, sim, advertir-nos quanto à hostilidade dessas forças e ensinar-nos a vencê-las. O plano de Deus é criar uma nova sociedade? Elas, então, farão de tudo para destruí-la. Deus, mediante Jesus Cristo, quebrou as paredes que dividem os seres humanos de raças diferentes e de culturas diferentes, uns dos outros? Então, o diabo, através dos seus emissários, se esforçará para reedificá-las. Deus pretende que o seu povo reconciliado e redimido viva junto em harmonia e em pureza? Então os poderes do inferno espalharão entre eles as sementes da discórdia e do pecado. É contra estes poderes que somos ordenados a guerrear, ou —para ser mais exato— *lutar* (v. 12). Esta metáfora não é necessariamente incompatível com a do soldado armado que Paulo passa a desenvolver, como se tivesse "trocado o cenário do campo de batalha para o ginásio".[1] Simplesmente quer enfatizar a realidade do nosso confronto com os poderes do mal, e a terrível realidade do combate corpo a corpo.

A transição abrupta dos "lares pacíficos e dias de saúde" dos parágrafos anteriores para a malícia hedionda das tramas diabólicas deste parágrafo nos dá um susto doloroso que é, aliás, essencial. Todos nós gostaríamos de passar a nossa vida em tranqüilidade impertubável, com os nossos entes queridos em casa e na comunhão do povo de Deus. O cami-

[1] Hendriksen, pág. 273.

nho do escapista, porém, foi eficazmente bloqueado. Os cristãos têm de enfrentar a perspectiva de um conflito com o inimigo de Deus, que também lhes defronta como inimigo. Precisamos aceitar as implicações desta passagem final da carta de Paulo. "É uma chamada emocionante para a batalha... Não escutas o clarim e a trombeta?... Estamos sendo despertados, estamos sendo estimulados, estamos sendo colocados em nossos pés; somos ordenados a ser homens. O tom inteiro é marcial, é varonil, é forte".[2] Além disso, não haverá qualquer cessação de hostilidades, nem sequer uma trégua ou cessar-fogo temporário, até o fim da vida, ou da História, quando a paz do céu será alcançada. Parece claro que Paulo subentende isto ao dizer: *Quanto ao mais...* Os melhores manuscritos têm uma expressão que deve ser traduzida não como introdução à conclusão mas, sim, "a partir de agora" no sentido de "durante o tempo que resta".[3] Se isto for correto, o apóstolo está indicando que todo o período interino entre as duas vindas do Senhor será caracterizado por conflitos. A paz que Deus fez através da cruz de Cristo deve ser experimentada somente em meio a uma luta sem tréguas contra o mal. E, para ela, a força do Senhor e a armadura de Deus são indispensáveis.

1. O inimigo que enfrentamos (vs. 10-12)

O conhecimento total do inimigo e um respeito sadio pelas suas proezas fazem um preliminar necessário para a vitória na batalha. Semelhantemente, se subestimarmos nosso inimigo espiritual, não veremos necessidade para a armadura de Deus, sairemos despreparados para a batalha, sem armadura alguma senão o nosso frágil esforço, e seremos rapidamente derrotados de modo vergonhoso.

Deste modo, entre a chamada para buscarmos a força do Senhor e revestirmo-nos da armadura de Deus, de um lado (vs. 10-11), e sua lista detalhada de nossas armas, do outro lado (vs. 13-20), Paulo nos dá uma descrição completa e assustadora das forças organizadas contra nós (v. 12). *Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne*, escreve, *e, sim, contra os principados e potestades.* Noutras palavras, nossa luta não é contra seres humanos[4], mas contra inteligências cósmicas; nossos inimigos não são humanos, mas demoníacos. Os leitores asiáticos de Paulo estavam bem familiarizados com este fato. Sem dúvida se lembravam — ou deviam ter ouvido contar o caso — do incidente dos exorcistas judeus em Éfeso que foram suficientemente atrevidos para procurarem expulsar es-

[2] Lloyd-Jones, *Warfare*, págs. 16, 22.

[3] Barth, *Ephesians*, II, págs. 759-60.

[4] Que "carne e sangue" significa "seres humanos" na sua presente natureza humana mortal fica claro em Mt 16:17; 1 Co 15:50; Gl 1:16 e Hb 2:14.

píritos malignos em nome de Jesus sem eles mesmos conhecerem o Jesus cujo nome invocavam. Ao invés de conseguirem o que tentavam, foram dominados pelo endemoninhado e fugiram em pânico, *desnudos e feridos*.[5] Este tipo de acontecimento pode ter sido comum. É possível, pois, que os convertidos de Paulo tenham sido anteriormente diletantes nas ciências ocultas, e depois tenham feito um fogaréu público dos seus valiosos livros de magia. Um desafio tão direto às forças do mal não deve ter passado sem resposta.[6]

As forças em ordem de batalha contra nós têm três características principais. Em primeiro lugar, são poderosas. Não sabemos se *principados* e *potestades* se referem a diferentes categorias na hierarquia do inferno, mas os dois títulos chamam a atenção ao poder e à autoridade que exercem. Também são chamados de *os dominadores deste mundo tenebroso.* A palavra *kosmokratores* era usada na astrologia para os planetas que, segundo se pensava, controlavam o destino da humanidade; os hinos órficos para Zeus; nos escritos rabínicos para Nabucodonosor e outros monarcas pagãos; e em várias inscrições antigas, para o imperador romano. Todos estes usos exemplificam a noção de um domínio de alcance mundial. Quando é aplicada aos poderes do mal, relembra a alegação do diabo de que podia dar a Jesus "todos os reinos do mundo", relembra o título de "príncipe deste mundo" que Jesus lhe atribuiu, e ainda a declaração de João de que "o mundo inteiro jaz no maligno".[7] Estes textos não negam a conquista decisiva por nosso Senhor dos principados e potestades mas, sim, indica que como usurpadores que são, não admitiram a derrota nem foram destruídos. Deste modo, continuam a exercer poder considerável.

Em segundo lugar, são malignos. O poder propriamente dito é neutro; pode ser bem usado ou não. Nossos inimigos espirituais, porém, empregam seu poder destrutivamente ao invés de construtivamente, para o mal e não para o bem. São os dominadores *deste mundo tenebroso.* Odeiam a luz, e se retraem diante dela. As trevas são sua habitação natural; as trevas da falsidade e do pecado. Também são descritos como sendo *as forças espirituais do mal*, que operam *nas regiões celestes*, ou seja, na esfera da realidade invisível. São "os agentes secretos do mal" (CIN). Assim, portanto, as *trevas* e o *mal* caracterizam sua ações, e "o aparecimento de Cristo na terra foi o sinal para uma explosão sem precedentes da atividade do poder do domínio das trevas controlado por estes dominadores mundiais".[8] Se esperamos vencê-los, temos que ter em mente que

[5] At 19:13-17. [6] At 19:18-20.
[7] Mt 4:8-9; Jo 12:31; 16:11; 1 Jo 5:19. Cf. também Ef 2:2.
[8] Bruce, pag. 128.

não possuem qualquer princípio moral, nem código de honra, nem sentimentos mais nobres. Não reconhecem nenhuma Convenção de Genebra para restringir ou parcialmente civilizar as armas de sua guerra. São totalmente inescrepulosos, e implacáveis na procura de seus desígnos maldosos.

Em terceiro lugar, são astutos. Paulo escreve aqui das *ciladas do diabo* (v. 11), tendo declarado numa carta anterior que "bem sabemos o que está procurando fazer"(BV) ou "conhecemos bem os planos dele" (BLH).[9] G. B. Caird acha que *ciladas* "menospreza um pouco" como se Paulo "não levasse o diabo a sério", e "não muito em harmonia com a metáfora militar de que aqui ele se vale". Sugere, em substituição, que "*estratagemas* daria a necessária combinação de sagacidade tática com engano engenhoso".[10] Quando o diabo se tranforma em anjo de luz, geralmente somos apanhados sem nada suspeitar. Isto porque raramente ele ataca desta forma, preferindo sempre as trevas à luz. É um lobo perigoso, mas também entra no rebanho de Cristo disfarçado de ovelha. Por vezes ruge como leão, mas muito freqüentemente é sutil como a serpente.[12] Não devemos imaginar, portanto, que a perseguição aberta e a tentação declarada para pecarmos são as suas únicas armas, ou mesmo as mais comuns que ele tem. Ele prefere seduzir-nos para entrarmos num meio-termo, e assim lograrnos para nos levar ao erro. É significante que esta mesma palavra *ciladas* é traduzida pela ERAB em 4:14 como *astúcia* no caso dos falsos mestres com suas artimanhas. "Como na *Guerra Santa* de Bunyan", escreve E. K. Simpson, o diabo desenvolve "um dupla política infernal". Ou seja, "a tática de intimidação alterna-se com a da insinuação no plano de campanha de Satanás. Ele faz o papel do valentão bem como o do trapaceiro. A força e a fraude constituem a sua ofensiva principal contra o arraial dos santos; ele reveza os dois métodos."[13]

As *ciladas do diabo* tomam muitas formas, mas o seu maior êxito em astúcia é quando ele consegue persuadir as pessoas de que ele não existe. Negar a sua existência é expor-nos ainda às suas sutilezas. O Dr. Lloyd-Jones expressa seu ponto de vista sobre esta questão nos seguintes termos: "Estou certo de que uma das principais causas das más condições da igreja de hoje é o fato de que o diabo está sendo esquecido. Tudo é atribuído a nós mesmos; todos nós temos chegado a ser por demais psicológicos em nossas atitudes e em nossos pensamentos. Ignoramos este grande fato objetivo, a existência do diabo, o adversário, o acusador, com seus *dardos inflamados*."[14]

[9] 2 Co 2:11. [10] Caird, pág. 92. [11] 2 Co 11:14.
[12] 1 Pe 5:8; Gn 3:1. [13] Simpson, págs. 144-145.
[14] Lloyd-Jones, *Warfare*, pág. 292.

Na caracterização que Paulo faz dos poderes das trevas, no entanto, estes são poderosos, malignos e astutos. Como poderemos resistir aos assaltos de tais inimigos? É impossível. Somos demasiadamente fracos e ingênuos. Muitos, porém — senão a grande maioria — dos nossos fracassos e das nossas derrotas são devidos à nossa insensata auto-confiança quando descremos ou nos esquecemos quão formidáveis são os nossos inimigos espirituais.

Apenas o poder de Deus pode defender-nos e livrar-nos da força, da maldade e da astúcia do diabo. É verdade que os principados e as potestades são fortes, mas o poder de Deus é mais forte ainda. Foi o seu poder que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos e o entronizou nas regiões celestes, e que nos ressuscitou da morte no pecado e nos entronizou com Cristo. É verdade que é naqueles mesmos lugares celestes, naquele mesmo mundo invisível, que os principados e as potestades estão operando (v. 12). Foram, no entanto, derrotados na cruz e agora estão debaixo dos pés de Cristo e dos nossos. Assim sendo, o mundo invisível em que eles nos atacam e nós nos defendemos é o próprio mundo em que Cristo reina sobre eles e nós reinamos com Cristo. Quando Paulo nos conclama a fazer uso do poder, da força e da fortaleza do Senhor Jesus (v. 10), usa exatamente o mesmo trio de palavras que usou em 1:19 (*dynamis*, *kratos* e *ischus*) com relação à obra de Deus em ressuscitar Jesus dentre os mortos.

Duas exortações ficam lado a lado. A primeira é geral: *Sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder* (v. 10). A segunda é mais específica: *Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderes ficar firmes contra as ciladas do diabo* (v. 11). Os dois mandamentos são exemplos destacados do ensino equilibrado das Escrituras. Alguns cristãos são tão autoconfiantes que imaginam que podem defender-se sozinhos sem a força e a armadura do Senhor. Outros estão tão desconfiados de si mesmo que imaginam que nada têm para contribuir para a vitória na guerra espiritual. Ambos os tipos estão enganados. Paulo expressa uma combinação apropriada de capacitação divina e cooperação humana. O poder realmente é do Senhor, e sem a *força do seu poder* falharemos e cairemos mas, mesmo assim, precisamos *ser fortalecidos* nele e na sua força. O verbo, pois, é um presente passivo que pode também ser traduzido "fortaleceivos no Senhor" (BJ e ERC).

É a mesma construção de 2 Timóteo onde Paulo exorta Timóteo: "fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus". Semelhantemente, a armadura é de Deus e, sem ela, ficaremos fatalmente desprotegidos e expostos, mas de nossa parte há a necessidade de lançar mão dela e vesti-la. E realmente, devemos assim fazer, peça por peça, conforme o apóstolo passa a explicar nos versículos 13 a 17.

2. Os principados e as potestades

Até esta altura, tenho tomado por certo que Paulo, com "principados e potestades" referiu-se a inteligências demoníacas. Há uma teoria que está cada vez mais em moda entre teólogos recentes e contemporâneos, no entanto, de que Paulo estaria aludindo-se mais a estruturas de pensamento (à tradição, à convenção, à lei, à autoridade, e até mesmo à religião), especialmente conforme estão incorporadas no Estado e nas instituições. Conquanto um certo número de teólogos alemães tenham debatido esta possibilidade na década de 1930, no mundo da língua inglesa tem sido uma discussão de após a guerra. Tornou-se tão popular que penso que é necessário primeiramente seguir a origem do seu desenvolvimento, e depois sujeitá-la a uma crítica.

Em 1952 foi lançado o livro de Gordon Rupp, *Principalities and Powers*,[15] com o subitítulo "Studies in the Christian Conflict in History". Escrevendo sob o impacto da Segunda Guerra Mundial, Rupp contrastou a "falta de coragem" do homem moderno com a "confiança exultante" e "valentia" dos cristãos primitivos ao enfrentarem o mal,[16] e atribuiu esta última atitude à certeza deles acerca da vitória de Jesus sobre os principados e potestades. Paulo, com esta expressão, emprestada do pensamento apocalíptico judaico posterior, quis dizer "forças cósmicas sobrenaturais, uma vasta hierarquia de seres angelicais e demoníacos que habitavam as estrelas e... eram os árbitros do destino humano", escravizando os homens "debaixo de um totalitarismo cósmico".[17] O Dr. Rupp, porém, passou a aplicar o conceito "à gente pequena" que em todas as eras "se sentiram nada mais do que joguetes de grandes forças históricas",[18] ora na Idade Média, ora na revolução industrial, e agora no século vinte em que se sentem vítimas de "grandes pressões econômicas e sociológicas".[19] Concluiu: "No decorrer dos séculos, os principados e as potências têm assumido muitos disfarces. Aterrorizantes e mortíferos são eles, às vezes se espalhando pela terra em algum despotismo gigantesco, às vezes estreitados a um único impulso na mente de um só indivíduo. A luta prossegue, no entanto. Para os crentes, há a certeza de um conflito até o fim. Há, porém, também a garantia da vitória."[20] O Dr. Rupp escreve mais como um historiador do que como um teólogo. Sem qualquer argumento exegético, simplesmente transfere a expressão "principados e potestades" a forças econômicas, sociais e políticas.

No ano seguinte foi publicado o original em Holandês do monógrafo de Hendrik Berkhof, *Christ and the Powers*, depois de uma preleção feita na Alemanha, em 1950.Sua tradução para o inglês por John Howard

[15] Publicado por Epworth. [16] *Op. cit.*, pág. 9. [17] *Ibid.*, pág. 10.
[18] *Ibid.*, pág. 11. [19] *Ibid.*, pág. 83. [20] *Ibid.*, pág. 2.

Yoder apareceu nos Estados Unidos em 1962.[21] A tese do Professor Berkhof é que, embora Paulo tenha tomado emprestado o vocabulário "potestades" da literatura apocalíptica judaica, sua maneira de compreendê-lo era diferente: "Em comparação com os apocalipticistas, uma certa 'demitologização' ocorreu no pensamento de Paulo. Resumindo: os apocalipses pensam primariamente nos principados e nas potestades como sendo anjos celestiais; Paulo os vê como estruturas de existência terrestre."[22] Reconhece que Paulo *pode* ter "concebido as potestades como sendo seres pessoais", porém "este aspecto é tão secundário que faz pouca diferença se assim pensava ou não".[23] Desta maneira conclui que "devemos deixar de lado o pensamento de que as 'potestades' de Paulo sejam anjos".[24] A seguir identifica-as com as *stoicheia tou kosmou* ("espíritos elementares do universo") de Gálatas 4:3, 9, e Colossenses 2:8, 20, traduz a expressão por "potências mundiais" e sugere que estas podem ser vistas nas tradições humanas e nas regras religiosas e éticas.[25]

O Dr. Berkhof passa a desenvolver o seu modo de entender o ensino de Paulo sobre as potestades com relação à criação, à queda, à redenção, e com relação ao papel da igreja. As potestades (a tradição, a moralidade, a justiça e a ordem) foram criadas por Deus, mas se tornaram tirânicas e ojetos de adoração. Assim tanto preservam quanto corrompem a sociedade. "O Estado, a política, a luta social, o interesse nacional, a opinião pública, a moralidade aceita, as idéias da decência, da humanidade, da democracia" — todas estas coisas unificam os homens, ao passo que os separam do Deus verdadeiro.[26] Mesmo assim, Cristo as venceu, porque mediante a cruz e a ressurreição foram "desmascaradas como deuses falsos", e "o poder para iludir" foi arrancado das suas mãos.[27] Em conseqüência, os cristãos "desmascaram o engano das potestades" e questionam a sua legitimidade,[28] ao passo que outros, encorajados pela igreja, não se deixam escravizar ou intimidar. Deste modo, as potestades são "cristianizadas" (isto é, limitadas ao papel modesto e instrumental que Deus pretendeu) ou "neutralizadas".[29] Mais especialmente, "o Espírito Santo reduz as potestades diante do olho da fé",[30] de modo que o crente com discernimento as vê em suas verdadeiras proporções como criaturas (seja o nacionalismo, o estado, o dinheiro, a convenção ou o militarismo) e evita que o mundo seja deificado. Mais positivamente, a igreja tanto anuncia às potestades mediante a qualidade e a unidade da sua vida "que o seu domínio ininterrupto chegou ao fim"[31] quanto trava uma guerra de-

[21] (Herald Press, 2a. edição, 1977). [22] *Op. cit.*, pág. 23.
[23] *Ibid.*, pág. 24. [24] *Ibid.*, págs. 25-26. [25] *Ibid.*, págs. 20-22.
[26] *Ibid.*, pág. 32. [27] *Ibid.*, págs. 38-39. [28] *Ibid.*, pág. 44.
[29] *Ibid.*, pág. 58. [30] *Ibid.*, pág. 49. [31] *Ibid.*, págs. 50-51.

fensiva contra elas a fim de "manter... sua sedução e sua escravização a uma boa distância".[32] Esta declaração é a explicação de Efésios 3:10 e da guerra defensiva de 6:10-17 dada por Dr. Berkhof.

Uma terceira apresentação deste conceito das Potestades foi feita em 1954 por G. B. Caird numa série de preleções no Canadá, que foram publicadas em 1950 com o título *Principalities and Powers, A Study in Pauline Theology.*[33] É um estudo bíblico mais cuidadoso do que qualquer um dos livros até agora citados, embora pessoalmente eu não possa abordar com qualquer grau de confiança uma obra que não só se refere a "lógica falha e à exegese igualmente falha" de Paulo, como também menciona "a insuficiência dos argumentos espúrios de Paulo".[34] Afirmando na sua introdução que "a idéia de potestades mundiais sinistras e sua subjugação por Cristo é embutida no próprio sistema do pensamento de Paulo",[35] o Dr. Caird passa a isolar três "potestades" principais. A primeira é "a religião pagã e a potência pagã", inclusive o Estado, e interpreta Efésios 3:10 no sentido de que o ensino ali contido é que estas já começaram a ser redimidas através da ação social cristã.[36] A segunda potestade é a lei, que é boa em si mesma, porque é de Deus, mas quando é "exaltada em um sistema independente de religião, torna-se demoníaca".[37] A terceira potestade diz respeito àqueles elementos recalcitrantes na natureza que resistem ao domínio de Deus, inclusive as feras, as enfermidades, as tempestades e a escravidão da natureza inteira à corrupção. Desta maneira, "o conceito de Paulo quanto ao dilema do homem" é o seguinte: "Ele vive sob autoridades nomeadas por Deus — os poderes do estado, os poderes da religião legalista, os poderes da natureza — que através do pecado se tornaram em agências demoníacas. Esperar que o mal seja derrotado por qualquer um destes poderes, pela ação do Estado, pela autodisciplina da consciência, ou pelos processos da natureza, é pedir que Satanás expulse Satanás. As potestades podem ser despojadas da sua influência tirânica e levadas à sua correta sujeição a Deus somente na cruz."[38]

No comentário sobre Efésios publicado vinte anos depois de *Principalities and Powers*, o Dr. Caird parece mais disposto a conceder que Paulo estivesse se referindo a "seres espirituais que presidem sobre todas as formas e estruturas de poder operantes na vida corpórea dos homens".[39] Na realidade, "os inimigos verdadeiros são as forças espirituais que ficam por detrás de todas as instituições de governo, e que controlam as vidas dos homens e das nações."[40]

O único autor que mencionarei pelo nome é o Dr. Markus Barth, cujo

[32] *Ibid.*, pág. 52. [33] Oxford University Press. [34] *Op. cit.*, págs. 20-21.
[35] *Ibid.*, pág. viii. [36] *Ibid.*, págs. 27-30. [37] *Ibid.*, pág. 41.
[38] *Ibid.*, pág. 101. [39] Caird, pág. 46. [40] *Ibid.*, pág. 91.

livro *The Broken Wall (A Study of the Epistle to the Ephesians)* foi publicado em 1959, e cujos dois volumes monumentais na série *Anchor Bible* surgiram em 1974. No primeiro livro, ele identifica os principados e potestades "com referência a quatro aspectos do pensamento e da terminologia de Paulo", a saber, o Estado (autoridades políticas, judiciais, eclesiáticas), a morte, a moral e a lei ritual, e as estruturas econômicas, inclusive a escravidão. "Concluimos que com principados e potestades Paulo refere-se ao mundo de axiomas e princípios da política e da religião, das ciências econômicas e da sociedade, da moral e da biologia, da história e da cultura", e, portanto, "é da essência do evangelho incluir declarações concernentes às situações, dogmas e problemas políticos, sociais, econômicos, culturais e psicológicos".[41]

Na sua obra posterior em dois volumes, no entanto, fico com a nítida impressão de que o Dr. Barth está disposto a conceder a Paulo uma continuada crença "mitológica" ou "supersticiosa" (segundo o modo de Barth encarar o assunto) nos poderes sobrenaturais. Parece estar procurando algum tipo de meio-termo inquieto entre as duas interpretações. Por isto ele diz: "Paulo denota os seres angelicais ou demoníacos que residem nos céus", embora haja uma "associação direta entre estes principados e potestades celestes com as estruturas e as instituições da vida na terra".[42] Além disso, "os 'principados e potestades' são, ao mesmo tempo, entidades espirituais intangíveis e estruturas ou instituições concretas, históricas, sociais ou psíquicas".[43]

Minha primeira reação a esta tentativa de reconstrução, da qual dei quatro exemplos, é de admiração por sua engenhosidade. Os citados estudiosos empregaram muita perícia em sua determinação de fazer essas não muito claras referências de Paulo às potestades celestiais referirem-se de modo relevante às nossas presentes situações deste mundo. Daí o atrativo desta teoria, que certo número de autores de formação evangélica também começaram a adotar. Mas daí, também, seu caráter suspeito. Alguns, pois, estão reconhecendo com grande simplicidade os dois embaraços que os levaram a abraçá-la. Em primeiro lugar, dizem, a interpretação tradicional refletia uma cosmovisão arcaica, com anjos e demônios, não muito longe de fantasmas e espíritos das sessões mediúnicas. Em segundo lugar, não podia achar no Novo Testamento alusão alguma a estruturas sociais, sendo que estas se tornaram uma preocupação moderna de relevância. Então, de repente, uma nova teoria é proposta, teoria que soluciona os dois problemas simultaneamente. Perdemos os demônios e ganhamos

[41] Barth, *Broken Wall*, págs. 82-83.
[42] Barth, *Ephesians*, I, pág. 154.
[43] *Ibid.*, pág. 800.

as estruturas, pois os principados e as potestades são estruturas disfarçadas!

Seria errado, no entanto, rejeitar a nova teoria porque talvez suspeitemos das pressuposições que levaram as pessoas a propô-la ou aceitá-la. O que é necessário em ambos os lados é um trabalho exegético mais sério, pois a nova teoria "não está comprovada" e deixou, segundo julgo, de convencer a maioria dos exegetas. Tudo quanto posso ensaiar aqui é uma crítica introdutória. É verdade que o vocabulário "principados e potestades" (*archai* e *exousiai*) às vezes é usado no Novo Testamento para autoridades políticas. Por exemplo, os sacerdotes judaicos procuravam algum meio de entregar Jesus "à jurisdição e autoridade (*archē* e *exousia*) do governador".[44] Naquele versículo, as palavras estão no singular. Jesus também advertiu seus seguidores de que seriam levados perante "os governadores e as autoridades", ao passo que Paulo mandou que seus leitores fossem sujeitos "aos que governam, às autoridades" ou "às autoridades superiores",[45] sendo que em todas estas passagens as palavras *exousiai* e *archai* ou *archontes* ocorrem juntas e no plural. Além disso, e cada caso o contexto deixa claro, sem ambigüidade, que autoridades humanas estão em consideração.

Nos outros contextos, no entanto, em que as mesmas palavras são normalmente traduzidas por "principados e potestades", não fica claro, de modo algum, que a referência diz respeito às estruturas políticas ou à autoridades judaicas. Pelo contrário, a suposição *a priori* de gerações de intérpretes é que se referem a seres sobrenaturais. Não devemos nos surpreender pelo fato de terem recebido os mesmos nomes e títulos dos governantes humanos, visto que "pensava-se que tinham uma organização política"[46] e que são "governantes e funcionários do mundo dos espíritos".[47] Confesso achar as reconstruções dos novos teóricos não somente engenhosas, como também artificiais ao ponto de terem sido inventadas.

Tomemos como exemplos as três referências principais aos principados e potestades em Efésios. A interpretação natural de 1:20-21 não é que Deus exaltou Jesus acima de todos os governantes e instituições terrestres, tornando-o "Rei dos reis e Senhor dos Senhores" (embora também isso seja verdade e este pensamento possa ser incluído), visto que o âmbito em que foi supremamente exaltado é, conforme foi expressamente dito, "nos lugares celestiais" à direita de Deus. Depois, para mim é extremamente forçado sugerir que em 3:10 Paulo realmente esteja dizendo que é para estruturas de poder na terra que a multiforme sabedoria de Deus é tornada conhecida pela igreja. Para os que o interpretam assim, a alusão aos

[44] Lc 20:20. [45] Lc 12:11; Tt 3:1; Rm 13:1-3.
[46] AG sobre *archē*. [47] AG sobre *exousia*.

"lugares celestiais" é, mais uma vez, um acréscimo que não se encaixa bem. E em terceiro lugar, declara-se especificamente que a guerra espiritual do cristão "não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades", o que significa: "não contra forças humanas, mas, sim, contra forças demoníacas". As alusões aos "dominadores deste mundo tenebroso" e às "forças espirituais do mal", juntamente com a armadura e as armas necessárias para resistir-lhes, são muito mais apropriadas para poderes sobrenaturais, especialmente num contexto que duas vezes menciona o diabo (vs. 11 e 16), enquanto que, além disso, há o acréscimo de "nas regiões celestes", que dificilmente se ajeita na teoria deles. Na realidade, não achei nenhum novo teórico que leve em conta adequadamente o fato de que as três referências aos principados e potestades em Efésios também contêm uma referência às regiões celestes, ou seja, o mundo invisível da realidade. É uma teimosia, como se Paulo fosse deliberadamente explicar quem são os principados e as potestades, e onde operam. De fato, as seis etapas no drama dos principados e potestades — sua criação original, sua queda subseqüente, sua conquista decisiva por Cristo, o que aprenderem através da igreja, sua continuada hostilidade, e sua destruição final[48] — todas parecem aplicar-se mais logicamente a seres sobrenaturais do que a estruturas, a instituições e a tradições.

Voltando-se agora das considerações exegéticas para as teológicas, ninguém pode dizer que o Jesus retratado nos evangelhos não acreditava nos demônios e nos anjos. Isso poderia ter ocorrido, pois os saduceus não acreditavam. O exorcismo, no entanto, foi para Cristo parte integrante do seu ministério de compaixão, e um dos sinais principais do reino. É registrado, também, que ele falava sem inibições acerca dos anjos.[49] Se, pois, Jesus Cristo nosso Senhor acreditava neles e falava deles, por que ficaremos nós envergonhados de neles crer? Os apóstolos receberam de Jesus esta crença. Bem à parte das referências aos principados e às potestades, há numerosas outras alusões aos anjos, feitas por Paulo, por Pedro e pelo autor de Hebreus.[50] Ora, os comentaristas têm toda a liberdade, se a teologia deles assim lhes permite de discordar de Jesus e dos apóstolos, e de repudiar as crenças acerca dos seres sobrenaturais como sendo "mitológicas" ou "supersticiosas", e de procurar "desmitologizar" o ensino deles. Isto, porém, é algo bem diferente de tentar argumentar que o nosso Senhor e os apóstolos não tenham ensinado aquilo que, durante

[48] Para a criação deles, ver Cl 1:16; sua queda é subentendida porque Cristo precisou conquistá-los; para a conquista deles ver Ef 1:20-22; Cl 2:15; Rm 8:38 e 1 Pe 3:22; para aprendizagem deles, Ef 3:10; para sua hostilidade, Ef 6:12 e para sua destruição final, 1 Co 15:24.
[49] Por ex.Mt 26:53; Mc 12:25; Lc 15:10; 16:22.
[50] Por ex. Rm 8:38; 1 Co 4:9; 1 Tm 5:21; 1 Pe 1:12; 3:22; Hb 1:4 - 2:9; 12:18-24.

séculos, a grande maioria dos comentaristas sempre aceitaram como verdadeiro ensino de Jesus. Razões exegéticas muito fortes, e não apenas um forte apelo , seriam necessárias para derrubar este ponto de vista quase universal de entender a Bíblia.

Finalmente, ao reafirmar que os principados e potestades são seres sobrenaturais, pessoais, não estou dizendo, de modo algum, que os mesmos não possam usar estruturas, tradições, instituições, etc., para o bem ou para o mal. Estou apenas desejando evitar a confusão que advém de identificá-las com esses seres. Que as estruturas sociais, políticas, judiciais e econômicas possam tornar-se demoníacas, isso é evidente para quem tenha considerado que o Estado, que em Romanos 13 é ministro de Deus, tornou-se, em Apocalipse 13, aliado do diabo. De modo semelhante, a lei moral que Deus deu para o bem do homem levou-o à escravidão humana e foi explorada pelos "espíritos elementais do universo".[51] Toda boa dádiva de Deus pode ser pervertida para usos malignos. Se, porém, identificarmos "as potestades" com estruturas humanas de um tipo ou de outro, em decorrência haverá sérias conseqüências. Primeiro, falta-nos uma explicação adequada de por que as estruturas tão regularmente, mas nem sempre, se tornam tirânicas. Em segundo lugar, restringimos de modo injustificável o nosso entendimento da atividade malévola do diabo, ao passo que ele é por demais versátil para limitar-se àquilo que é estrutural. Em terceiro lugar, tornamo-nos por demais negativos para com a sociedade e suas estruturas. As potestades, pois, são malignas, destronizadas, e deve-se lutar contra elas. Se, pois, potestades são estruturas, esta fica sendo a nossa atitude para com as estruturas. Achamos difícil acreditar ou dizer qualquer coisa boa acerca delas, pois parecem ser tão corruptas. Os defensores da nova teoria nos advertem contra a deificação das estruturas; eu quero adverti-los contra a demonização delas. São dois extremos a serem evitados. Sem dúvida alguma, a igreja, como a nova sociedade de Deus, deve questionar os padrões e os valores da sociedade contemporânea, desafiá-los, e demonstrar uma alternativa viável. Se, porém, Deus abençoar o testemunho dela, talvez algumas estruturas possam ser transformadas para o bem e o que acontecerá, então, à nova teologia das potestades?

3. A armadura de Deus (vs. 13-20)

O propósito de vos revestirdes de toda a armadura de Deus é *para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo* (v. 11), *para que possais resistir no dia mau, e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis.*

[51] Gl 3:19 - 4:11.

Estai, pois, firmes... Esta quádrupla ênfase dada à necessidade de "ficar firme" ou "resistir" demonstra que o apóstolo se preocupa com a estabilidade cristã. Cristãos instáveis que não têm os pés firmes em Cristo são uma presa fácil para o diabo. E cristãos que tremem como taquaras e canas não podem resistir ao vento quando os principados e as potestades começam a soprar. Paulo deseja ver os cristãos tão fortes e estáveis que fiquem firmes até mesmo contra as ciladas do diabo (v. 11) e até mesmo *no dia mau*, ou seja: num tempo de pressão especial. Para tal estabilidade, tanto de caráter como na crise, a armadura de Deus é essencial.

A expressão *toda a armadura de Deus* traduz a palavra grega *panoplia*, que é "a armadura completa de um soldado pesadamente armado" (AG) embora "os aspecto divino, mais do que o caráter completo do equipamento, é que é enfatizado".[52] A lição é que este equipamento é "feito e fornecido" por Deus.[53] No Antigo Testamento, é o próprio Deus que é retratado como um guerreiro lutando para vindicar o seu povo: "Vestiu-se de justiça, como de uma couraça, e pôs o capacete da salvação na cabeça."[54] Até hoje as armas e a armadura continuam sendo dele, mas agora as compartilha conosco. Temos de vestir a armadura, pegar em armas, e ir à guerra contra as potestades do mal.

Paulo alista em detalhes as seis peças principais do equipamento do soldado — o cinto, a couraça, as botas, o escudo, o capacete, e a espada — e emprega-as como ilustrações da verdade, da justiça, do evangelho da paz, da fé, da salvação e da Palavra de Deus, que nos equipam em nossa luta contra as potestades. Paulo estava bem familiarizado com os soldados romanos. Encontrava-se com muitos deles em suas viagens, e quando ditava Efésios, estava acorrentado a um deles, pelo pulso. Paulo refere-se à sua cadeia no versículo 20. E embora fosse improvável que semelhante guarda usasse a plena armadura de um soldado da infantaria no campo da batalha, mesmo assim, vê-lo de perto pode muito bem ter-lhe despertado a imaginação.

Em 1655, o ministro puritano William Gurnall "pastor da igreja de Cristo em Lavenham, Suffolk" (conforme se identificava a si mesmo), publicou o tratado *The Christian in Complete Armour*. Seu subtítulo é tão minucioso, que para lê-lo é necessário respitar fundo: *A guerra dos santos contra o Diabo, em que é feito o desmascaramento daquele grande inimigo de Deus e do seu povo, nas suas políticas, no seu poder, na sede do seu império, na sua maldade, e no desígnio principal que tem contra os santos; em que é aberto um arsenal de onde o cristão é suprido com armas espirituais para a batalha, ajudado a vestir uma armadura; juntamente*

[52] Armitage Robinson, pág. 132.
[53] Hendriksen, pág. 272. [54] Is 59:17.

com o resultado feliz da guerra inteira. Na dedicatória do livro aos seus paroquianos, refere-se a si próprio modestamente como ministro "pobre" e "indigno" deles, e ao seu tratado como sendo apenas uma "migalha" e um "pequeno presente" para eles. Apesar disso, a oitava edição, de 1821, ocupa três tomos, 261 capítulos e 1.472 páginas, embora seja uma exposição de apenas onze versículos.

Deixem-me fazê-los apreciar um pouco da espiritualidade de Gurnall. A respeito da armadura de Deus, ele escreve: "No céu, compareceremos não com armadura, mas vestindo roupas de glória; aqui, porém, elas (ou seja, as peças de armadura especificadas) devem ser usadas noite e dia. Devemos andar, trabalhar e dormir vestidos com elas, senão, não somos verdadeiros soldados de Cristo."[55] Com esta armadura devemos ficar em pé e vigiar, e nunca relaxar a nossa vigilância, pois "o tempo em que os santos dormem é o tempo em que Satanás vai tentar; qualquer mosca ousa aventurar-se a andar num leão adormecido"[56] Continua, citando como exemplos Sansão (cujos cabelos foram cortados por Dalila enquanto ele dormia), o rei Saul (cuja lança foi furtada por Davi enquanto ele dormia), Noé (que, enquanto estava num sono ébrio, foi de alguma maneira maltratado pelo seu filho) e Êutico (que dormia enquanto Paulo pregava).

O Dr. Martyn Lloyd-Jones, já em nossos dias, escreveu uma excelente e ampla exposição dos mesmos onze versículos em dois volumes, chamada *The Christian Warfare* e *The Christian Soldier*,[57] com um total de 736 páginas. Há vinte e um capítulos no primeiro volume sobre "as ciladas do diabo", que descrevem alguns dos ataques mais sutis do diabo ao povo de Deus (em três âmbitos: da mente, da experiência, e da prática ou conduta) e que destacam como precisamos ficar de sobreaviso. Estas páginas estão cheias de conselhos sábios de um pastor experimentado.

A primeira peça com que devemos nos equipar, que Paulo menciona, é o cinto da verdade: *cingindo-vos com a verdade* (v. 14). Usualmente feito de couro, o cinto do soldado pertencia mais à sua roupa de baixo do que à armadura. Mesmo assim, era essencial. Prendia a túnica, e também segurava a espada. Garantia que não sofreria impedimento algum ao marchar. Ao afivelar o cinto, o soldado recebia uma sensação de força e de confiança escondidas. Isso ainda hoje é verdade. "Apertar o cinto" pode significar não somente um tempo de austeridade durante uma carestia de alimentos, como também preparar-se para a ação, o que os antigos teriam chamado de "cingir os lombos".

[55] Gurnall, I, pág. 67. [56] *Ibid.*, pág. 330.

[57] *The Christian Soldier, An Exposition of Eph. 6:10-20* (Banner of Truth, 1977).

Ora, o cinto do soldado cristão é a "verdade". Muitos comentaristas, especialmente nos primeiros séculos, entendiam que isto significava "*a* verdade", a revelação de Deus em Cristo e nas Escrituras. Afinal, somente a verdade pode dissipar as mentiras do diabo e nos libertar,[58] e Paulo já se referiu várias vezes nesta carta à importância e ao poder da verdade.[59] Outros comentaristas, no entanto, especialmente porque o artigo definido está ausente na frase grega, preferem entender que Paulo esteja se referindo à *verdade* no sentido de *sinceridade ou integridade*. Certamente Deus requer "a verdade no íntimo", e o cristão deve ser honesto e verdadeiro a todo custo.[60] Ser enganador, cair na hipocrisia, apelar para intrigas e complôs, seria fazer o jogo do diabo, e não poderemos vencê-lo seguindo suas próprias regras. O que o diabo abomina é a verdade transparente. Ele ama as trevas. A luz o põe em fuga. Tanto para a saúde espiritual como mental, a honestidade sobre si mesmo é indispensável.

Talvez não precisemos ficar com uma só dessas duas alternativas. O judicioso Gurnall escreve: "Uns querem dizer, com *verdade*, *uma verdade de doutrina*; outros querem que seja a verdade do coração, a *sinceridade*; penso que é melhor juntar as duas... uma não bastará sem a outra."[61]

O segundo item do equipamento do cristão é a *couraça da justiça* (v. 14). Alguns expositores têm sustentado que na armadura de Deus, embora haja uma couraça, nenhuma proteção é fornecida para as costas. Passam, então, a argumentar que devemos enfrentar o nosso inimigo com coragem e não fugir dele, expondo as nossas costas desprotegidas. John Bunyan ensinou esta lição em *O Peregrino*. Quando Cristão entrou no Vale da Humilhação, "saiu-lhe ao encontro um abominável demônio, chamado Apolião. Cristão teve medo, e começou a refletir se seria melhor fugir ou conservar-se firme no seu posto. Mas lembrou-se de que a armadura não lhe protegia as costas, e que, portanto, voltá-las ao inimigo seria dar-lhe grande vantagem, porque poderia feri-lo com as suas setas. Decidiu-se, então, a enfrentar e a manter-se firme."[62] É um bom conselho espiritual, mas permanece sendo um exemplo duvidoso de exegese bíblica, porque a couraça do soldado freqüentemente cobria as costas bem como a frente, e era sua peça principal de armadura, protegendo quase todas as suas partes vitais.

Numa carta anterior, Paulo escreveu "revestindo-nos da couraça da fé e amor",[63] mas aqui, como em Isaías 59:17, a couraça consiste na *justiça*. Ora, "justiça (*dikaiosynē*) nas cartas de Paulo significa, freqüente-

[58] Cf. Jo 8:31-36, 43-45. [59] Por ex. 4:21; 5:6, 9.
[60] Sl 51:6; Ef 4:15, 25. [61] Gurnall, 1, pág. 337.
[62] *O Peregrino* (1678: Imprensa Metodista, 1963), pág. 81. [63] 1 Ts 5:8.

mente, *justificação*, ou seja, a iniciativa graciosa de Deus em fazer com que os pecadores fiquem de bem consigo através de Cristo. É esta, então, a couraça do cristão? Certamente nenhuma proteção espiritual é maior do que um relacionamento justo com Deus. Ter sido justificado pela sua graça mediante a simples fé em Cristo crucificado, ser vestido numa justiça que não é sua própria, mas a de Cristo, ficar em pé diante de Deus, não condenado, mas sim aceito, esta é uma defesa essencial contra uma consciência acusadora e contra os ataques caluniadores do maligno, cujo nome hebraico ("Satanás") significa *adversário* e cujo título em Grego (*diabolos*, "diabo") significa *caluniador*. "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus... Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós."[64] Esta é a certeza cristã da *justiça*, ou seja, de um relacionamento correto com Deus mediante Cristo. É uma forte couraça para nos proteger contra as acusações satânicas.

Do outro lado, o apóstolo escreveu em 2 Coríntios 6:7 acerca das "armas da justiça, à direita e à esquerda" (ERC), aparentemente no sentido de justiça moral, e empregou a mesma palavra com o mesmo sentido em Efésios 4:24 e 5:9. Desta forma, a couraça do cristão pode ser a *justiça de caráter e de conduta*, a retidão. Pois assim como cultivar a *verdade* é a maneira de derrubar os enganos do diabo, assim também cultivar a *justiça*, neste sentido, é a maneira de resistir às suas tentações.

Alternativamente, tal como acontece com os dois possíveis significados de *verdade*, assim também ocorre com os dois possíveis significados de *justiça*. Bem pode ser correto combiná-los, visto que, conforme o evangelho de Paulo, um deles invariavelmente leva ao outro. Como G. G. Findlay expressa: "A qualidade completa do perdão para delitos passados e a integridade de caráter que pertencem à vida justificada estão tecidas juntas numa malha impenetrável."[65]

As botas do evangelho vêm em seguida na lista. Conforme Markus Barth, há concordância entre os comentaristas de que Paulo "tem em mente a *caliga* (a "meia-bota") do legionário romano, que era feita de couro, deixava os dedos do pé livres, tinha solas pesadamente cravejadas, e era fixa nos calcanhares e nas canelas com tiras de couro mais ou menos ornamentais. Estas "equipavam-no para marchas longas e para tomar posição firmemente... Embora não impedissem a sua mobilidade, evitavam que o pé deslizasse."[66]

[64] Rm 8:1, 33-34. [65] Findlay, pág. 415. [66] Barth, *Ephesians* II, pág. 798.

Ora, as botas do soldado cristão são *a preparação do evangelho da paz* (v. 15). "Preparação" é a tradução de *hetoimasia*, que significa "prontidão", "preparo" ou "firmeza". Não sabemos, porém, se o genitivo que se segue é subjetivo ou objetivo. No primeiro caso, a referência diz respeito a uma certa firmeza ou qualidade inabalável que o evangelho dá àqueles que nele crêem, como a firmeza que as botas fortes dão para aqueles que as usam. A BV entende assim e parafraseia: "Calcem sapatos que possam fazê-los andar depressa ao pregarem a Boa Nova da paz com Deus." E, certamente, se recebemos as boas novas, e estamos desfrutando da paz com Deus e de uns com os outros, paz que as boas novas nos trazem, temos o apoio mais firme possível para nossos pés, com o qual podemos lutar contra o mal.

O genitivo, no entanto, pode ser objetivo, e neste caso os sapatos do soldado cristão são "o entusiasmo para anunciar as Boas-Notícias de paz" (BLH). Não pode haver dúvida de que sempre devemos estar prontos para dar testemunho de Jesus Cristo como pacificador da parte de Deus (2:14-15) e também — conforme Paulo escreve numa passagem paralela em Colossenses[67] — dar respostas graciosas, "temperadas com sal" a perguntas que os de fora nos fazem. Semelhante prontidão "nas pontas dos pés" tem uma influência muito estabilizadora sobre a nossa própria vida, além de apresentar a outras pessoas o evangelho que liberta. Quanto a mim, inclino-me levemente para esta explicação, em parte por causa do paralelo em Colossenses, e em parte por causa dos leves ecos de 2:17 ("e, vindo, evangelizou paz a vós outros") e de Isaías 52:7 ("Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz"). Conforme Johannes Blauw escreveu, "a obra missionária é como um par de sandálias que foi dado à igreja a fim de que ela se coloque no caminho e *continue andando* para tornar conhecido o mistério do evangelho".[68]

De qualquer maneira, o diabo odeia o evangelho por ser o poder de Deus para salvar as pessoas da sua tirania satânica,salvando tanto nós que recebemos esse evangelho quanto aqueles com que o participamos. Por isto, precisamos conservar atadas as nossas botas do evangelho.

Nossa quarta peça da armadura é *o escudo da fé* (v. 16), que devemos embraçar não tanto "sobretudo" (ERC) como se fosse a mais importante dentre todas as armas mas, sim, *sempre*, (ERAB) como algo indispensável. A palavra que Paulo emprega denota, não o pequeno escudo redondo que deixava a maior parte do corpo desprotegida mas, sim, o longo escudo retangular, medindo 1,2 metros por 0,75, que cobria a pessoa

[67] Cl 4:5, 6.

[68] *The Missionary Nature of the Church*, de Johannes Blauw (1962: Eerdmans, 1974), pág. 125.

inteira. Seu nome em Latim era *scutum*. "Consistia em... duas camadas de madeira coladas juntas, e cobertas primeiramente com linho e depois com couro: era fixado com ferro em cima e em baixo."[69] Era especialmente projetado para apagar os perigosos mísseis incendiários que eram empregados, especialmente as flechas mergulhadas em paz, que eram acendidas e atiradas.

Quais, pois, são *todos os dardos inflamados do maligno*, e com que escudo os cristãos podem proteger-se? Os dardos do diabo sem dúvida incluem suas acusações maliciosas que inflamam a nossa consciência com aquilo que (se estamos abrigados em Cristo) somente pode ser chamada de falsa culpa. Outros dardos são indesejados pensamentos de dúvida e de desobediência, de rebeldia, de concupiscência, de malícia ou de medo. Há, porém, um escudo com o qual *podemos apagar* ou extinguir todos estes dardos com pontas de fogo. É *o escudo da fé*. O próprio Deus é "escudo para os que nele confiam",[70] e é pela fé que fugimos para ele, procurando refúgio. A fé, pois, toma posse das promessas de Deus em tempos de dúvida e de depressão, e a fé toma posse do poder de Deus em tempos de tentação. Apolião zombou de Cristão com a ameaça: "Vou arrancar-te a alma." "E, ao mesmo tempo," Bunyan continua, "expeliu com grande força um dardo de fogo contra o peito de Cristão. Este, que tinha o escudo no braço, aparou com ele o golpe e escapou do perigo."[71]

O capacete do soldado romano, que é a peça da armadura que aparece em seguida na lista, usualmente era feito de um metal resistente, tal como o bronze ou o ferro. "Um forro interno de feltro ou de esponja tornava o peso tolerável. Nada, senão um machado ou um martelo, poderia furar um capacete pesado, e em alguns casos um visor móvel dava uma melhor proteção frontal."[72] Os capacetes eram decorativos e protetores, e alguns tinham plumas ou cristas magníficas.

Segundo uma declaração anterior de Paulo, o capacete do soldado cristão é "a esperança da salvação",[73] ou seja, a nossa certeza da salvação futura e definitiva. Aqui, em Efésios, é simplesmente *o capacete da salvação* (v. 17) que devemos tomar e usar. Mas se a proteção para a nossa cabeça é a medida de salvação que já recebemos (o perdão, a libertação da escravidão a Satanás, e a adoção na família de Deus) ou a expectativa confiante da plena salvação no último dia (inclusive a glória da ressurreição e a semelhança a Cristo no céu), não há dúvida de que o poder salvífico de Deus é a nossa única defesa contra o inimigo das nossas almas. Charles Hodge escreveu: "o que adorna e protege o cristão, que o capacita a levantar a cabeça com confiança e alegria, é o fato de ser sal-

[69] Armitage Robinson, pág. 251. [70] Pv 30:5. [71] *O Peregrino*, pág. 83.
[72] Barth, *Ephesians*, II, pág. 775. [73] 1 Ts 5:8.

vo"[74] e, poderíamos acrescentar, de saber que a sua salvação será aperfeiçoada no fim.

A sexta e última arma a ser especificada é a *espada* (v. 17). De todas as seis peças da armadura ou arsenal alistadas, a espada é a única que pode claramente ser usada tanto para defesa quanto para o ataque. Além disso, o tipo de ataque em mira envolverá um encontro pessoal bem de perto, pois a palavra empregada é *machaira*, a espada curta. É *a espada do Espírito* que passa imediatamente a ser identificada como sendo *a palavra de Deus*, embora no Apocalipse seja vista procedendo da boca de Cristo.[75] Pode muito bem incluir as palavras de defesa e de testemunho que, como Jesus prometeu, o Espírito Santo colocará nos lábios dos seus seguidores quando forem arrastados diante dos magistrados.[76] Mas a expressão "a palavra de Deus" tem uma referência muito mais ampla do que aquela, a saber, às Escrituras, à palavra de Deus escrita, cuja origem é repetidas vezes atribuída à inspiração do Espírito Santo. Ainda hoje é a espada divina porque o Espírito ainda a emprega para cortar as defesas das pessoas, ferir suas consciências e despertá-las espiritualmente com sua ação penetrante. Mesmo assim, o Senhor também coloca a sua espada em nossas mãos, de modo que a possamos usar não somente para resistir à tentação (conforme fez Jesus, citando as Escrituras para repelir o diabo no deserto da Judéia) mas também na evangelização. Todo evangelista cristão, seja ele um pregador ou uma testemunha pessoal, sabe que a palavra de Deus tem poder para cortar, sendo "mais cortante do que qualquer espada de dois gumes".[77] Nunca, portanto, devemos ter vergonha de usá-la, ou de reconhecer a nossa confiança de que a Bíblia é a espada do Espírito. Conforme escreveu E. K. Simpson, esta frase expõe "o poder cortante das Escrituras... Mas uma Bíblia mutilada é o que Moody denominou de "uma espada quebrada".[78]

Aqui, pois, estão as seis peças que, em conjunto, perfazem toda a armadura de Deus: o cinto da verdade e a couraça da justiça, as botas do evangelho e o escudo da fé, o capacete da salvação e a espada do Espírito. São a armadura de Deus, pois é ele quem a fornece. Mesmo assim, é nossa a responsabilidade de tomá-la, vesti-la, e empregá-la com confiança contra os poderes do mal. Além disso, devemos ter a certeza de que faremos uso de todos os equipamentos da armadura, e que não deixaremos de lado nenhum deles. "Nossos inimigos estão de todos os lados, e assim deve ser a nossa armadura, à direita e à esquerda."[79]

[74] Hodge, págs. 387-388.
[75] Ap 1:16; 2:12; 19:15; cf. Is 11:4; Os 6:5.
[76] Mt 10:17-20. [77] Hb 4:12.
[78] Simpson, pág. 151. [79] Gurnall, pág. 60.

Finalmente, Paulo acrescenta uma oração (vs. 18-20), não (provalvelmente) porque pensa na oração como sendo outra arma, não mencionada na lista mas, sim, porque ela deve permear toda a nossa guerra espiritual. Equipar-nos com a armadura de Deus não é uma operação mecânica. É em si mesma uma expressão da nossa dependência a Deus. Noutras palavras: denota a necessidade da oração. Além disso, é oração *no Espírito*, induzida e guiada por ele, assim como a palavra de Deus é "a espada do Espírito" que ele mesmo emprega. Deste modo as Escrituras e a oração permanecem juntas como as duas armas principais que o Espírito coloca em nossas mãos.

A oração cristã que prevalece é admiravelmente compreensível. Tem quatro universais, indicados pelo uso quádruplo da palavra "todo". Devemos orar *em todo tempo* (tanto regular quanto constantemente), com *toda oração e súplica* (porque são necessárias muitas formas variadas), *com toda a perseverança* (porque precisamos, como bons soldados, ficar *vigiando*, nunca esmorecendo nem adormecendo), fazendo *súplica por todos os santos* (já que a unidade da nova sociedade de Deus, que tem sido a preocupação constante nesta carta, deve ser refletida em nossas orações). A maioria dos cristãos ora alguma vez, e com algum grau de peseverança, por alguns dentre o povo de Deus. Mas substituir *alguns* por *todos* em cada uma destas expressões seria introduzir-nos em uma nova dimensão de oração. Foi quando Cristão percebeu "a boca do inferno, junto da estrada" no Vale da Sombra da Morte, e viu sair chamas e fumo, e ouviu rugidos infernais, e "reconhecendo que a espada para nada lhe serviria, resolveu embainhá-la e lançar mão de outra arma, isto é, da arma da *oração*, e assim exclamou: 'Livra, Senhor, a minha alma'."[80]

Talvez mais importante seja o mandamento no sentido de manter-se vigilante e, portanto, alerta (v. 18). Remonta até ao ensino do próprio Jesus, que enfatizava a necessidade da vigilância tendo em vista que não somente a sua volta[81] como também o ataque da tentação[82] seriam repentinos. Parece que sempre repetia a mesma advertência: "Digo-vos: Vigiai!" Os apóstolos ecoavam e estendiam essa mesma admoestação. "Vigiai!" era sua conclamação geral à vigilância cristã,[83] em parte porque o diabo sempre estava à espreita como um leão faminto, e os falsos mestres, como lobos ferozes,[84] e, em parte, para que a volta do Senhor não nos apanhe de surpresa,[85] mas especialmente por causa da nossa tendência de dormir quando deveríamos estar orando.[86] "Vigiai e orai", Jesus insistiu.

[80] *O Peregrino*, pág. 88. [81] Por ex. Mc 13:33ss.; Lc 12:37ss.
[82] Mc 14:34-38. [83] 1 Co 16:13; cf. Ap 3:2-3.
[84] 1 Pe 5:8; At 20:31. [85] 1 Ts 5:1-8; Ap 16:15.
[86] V. 18; Cl 4:2.

Foi a falta de obediência a esta ordem que levou os apóstolos à sua deslealdade desastrosa. Um fracasso semelhante leva a uma deslealdade semelhante hoje. É mediante a oração que esperamos no Senhor e renovamos as nossas forças. Sem a oração somos muito débeis e lassos para ficar firmes contra as forças do mal.

Orai *também por mim*, Paulo rogou (v. 19). Ele era suficientemente sábio para saber da sua própria necessidade de força para ficar firme contra o inimigo, e era também suficientemente humilde para pedir que seus amigos orassem com ele e por ele. As forças das quais precisava não eram apenas para a sua confrontação pessoal com o diabo mas, sim, para o seu ministério evangelístico pelo qual procurava libertar as pessoas do domínio do diabo. Esta tinha sido parte da sua comissão original quando o Senhor Jesus ressurreto o mandou converter as pessoas "das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus".[87] Daí o conflito espiritual do qual tinha consciência. Além disso, não deixaria o campo de batalha, agora que estava sob prisão domiciliar, e impossibilitado de continuar aquelas expedições militares. Não! Havia aqueles soldados aos quais, um por um, e cada um por algumas horas alternadamente ele ficava acorrentado; e havia ainda suas visitas constantes! Ainda podia testemunhar a elas, e assim fazia. Deve ter havido outros indivíduos, além do escravo foragido Onésimo, a quem levou a Cristo. Lucas conta acerca de líderes judeus que vinham até ele no seu alojamento, e que o ouviram fazer uma exposição "desde a manhã até a tarde" acerca do reino e acerca de Jesus. "Houve alguns que ficaram persuadidos", acrescentou Lucas.[88] Deste modo, as labutas evangelísticas de Paulo continuavam. Durante "dois anos... recebia a todos que o procuravam, pregando o reino de Deus, e... o Senhor Jesus Cristo". E o fez "com toda a intrepidez, sem impedimento algum".[89]

São essas últimas palavras que devemos notar especialmente. Porque "com toda a intrepidez" traduz a frase grega "com toda a *parrēsia*". A palavra originalmente denotava a liberdade democrática de expressão desfrutada pelos cidadãos gregos. Depois veio a significar "a sinceridade, a franqueza, a clareza da fala, que nada esconde e não passa por cima de nada", juntamente com "a coragem, a confiança, a ousadia, o destemor, especialmente na presença de pessoas de alta posição" (AG). E é precisamente isto que Paulo solicita aos efésios que orem pedindo que isso lhe seja concedido. É pela liberdade que anseia — não pela liberdade do confinamento mas, sim, pela liberdade para pregar o evangelho. Por isso, emprega a palavra *parrēsia* duas vezes (primeiro como substantivo, depois, como verbo) nas expressões *no abrir da minha boca... com intrepidez* (v. 19) na pregação do evangelho, e *para que em Cristo eu seja ousado para*

[87] At 26:18. [88] At 28:17, 23-24. [89] At 28:30-31.

falar, como me cumpre fazê-lo (v. 20). Às boas novas que anuncia ele ainda as chama de *mistério*, porque se tornou conhecido apenas pela revelação, e se centraliza na unidade entre judeus e gentios em Cristo; e as duas qualidades principais que ele deseja que caracterizem sua pregação deste mistério são *palavra* (v. 19) e *intrepidez* (vs. 19-20).

A primeira destas duas palavras parece referir-se à clareza da sua comunicação, e a segunda, à sua coragem. Ele anseia por não obscurecer coisa alguma com palavras imprecisas, e por não ocultar nada com um meio-termo covarde. A clareza e a coragem permanecem sendo duas das características mais cruciais da pregação cristã autêntica. É porque relacionam o conteúdo da mensagem pregada com o estilo da apresentação. Alguns pregadores têm o dom do ensino lúcido, mas falta-lhes nos sermões conteúdo sólido. A substância é diluída pelo medo. Outros são ousados como leões. Não temem a ninguém, e não omitem nada. Mas o que dizem é só confusão e acabam não esclarecendo nada. A clareza sem coragem é como a luz do sol no deserto: bastante luz, mas nada que valha a pena olhar. A coragem sem clareza é como uma bela paisagem à noite: muitas coisas para ver, mas nenhuma luz para desfrutar essa visão. O que é necessário nos púlpitos do mundo hoje é uma combinação de clareza e coragem, ou *palavra* e *intrepidez*. Paulo pediu que os efésios orassem para que estas duas coisas lhe fossem dadas, pois as reconhecia como dádivas de Deus. Devemos juntar-nos a eles em oração em prol dos pastores e pregadores da igreja contemporânea.

Isso tudo era em prol do evangelho pelo qual ele se tornara *embaixador em cadeias* (v. 20). Anteriormente na carta Paulo se designara tanto "prisioneiro... por amor de vós, gentios" quanto "prisioneiro no Senhor" (3:1; 4:1). Conseqüentemente, ele está dizendo que o evangelho, o Senhor e os gentios são três razões para a sua prisão. Mesmo assim, estas três são uma só. As boas novas que pregava eram a inclusão dos gentios na nova sociedade, e fôra o Senhor quem lhe confiara a mensagem. Assim sendo, ao comunicá-la na sua plenitude, estava sendo simultaneamente fiel ao próprio evangelho, ao Senhor que o revelara e aos gentios que recebiam as bênçãos desse evangelho. Sua fidelidade a estes três lhes custara a liberdade. Era, então um prisioneiro por causa desses três fatores. Talvez agora às vezes fosse tentado a aceitar um meio-termo para garantir a sua soltura. Isso porque "ser preso traz consigo a tentação no sentido de curvar-se diante do temor ao homem".[90] Mas se assim foi, Paulo recebeu graça para resistir. "Paulo pensa em si mesmo como sendo o embaixador de Jesus Cristo, devidamente acreditado para representar o seu Senhor na corte imperial em Roma."[91] Como poderia ter vergonha do seu

[90] Foulkes, pág. 180. [91] Bruce, pág. 134.

Rei, ou ter medo de falar no nome dele? Pelo contrário, orgulhava-se de ser o embaixador de Cristo, ainda que estivesse passando pela anomalia de ser "embaixador em cadeias". É possível que até deliberadamente tenha feito um jogo de palavras com este paradoxo. Markus Barth escreve: "O termo *cadeia* (*alusis*) significa, entre outras coisas, os adornos (de ouro) usados ao redor do pescoço e nos pulsos por damas ricas ou por homens de alta posição. Nas ocasiões festivas, os embaixadores usavam tais correntes a fim de revelarem riqueza, poder e dignidade do governo que representavam. E Paulo, servindo a Cristo crucificado, consideraria as cadeias dolorosas de ferro que o prendiam como as insígnias mais apropriadas para a representação do seu Senhor."[92] O que mais preocupava Paulo não era, no entanto, que os seus pulsos fossem libertos das cadeias mas, sim, que a sua boca fosse aberta em testemunho. Não que ele fosse libertado, mas, sim, que o evangelho viesse a ser difundido livremente e sem impedimento. É por isto, pois, que ele orou, e que pediu que os efésios orassem também. Contra esta oração, os principados e as potestades não teriam qualquer poder.

[92] Barth, *Ephesians*, II, pág. 782.

6:21-24
Conclusão

E para que saibais também a meu respeito, e o que faço, de tudo vos informará Tíquico, o irmão amado, e fiel ministro do Senhor. 22*Foi para isso que eu vo-lo enviei, para que saibais a nosso respeito e ele console os vossos corações.*

23*Paz seja com os irmãos e amor com fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.* 24*A graça seja com todos os que amam sinceramente a nosso Senhor Jesus Cristo.*

Paulo chega ao fim da carta que estava ditando. Talvez, a esta altura, tome a pena da mão do escriba, e escreva umas frases autenticadoras com a sua própria letra. Certamente fez isso na conclusão das cartas aos Gálatas,[1] aos Tessalonicenses,[2] aos Coríntios[3] e aos Colossenses.[4]

A quem, pois, estava ditando? Provavelmente a *Tíquico*, que menciona agora afetuosamente pelo nome. Tíquico era um nativo da Ásia. Lucas não somente diz que é proveniente "da Ásia",[5] como também o associa com Trófimo, a quem mais tarde chama de "o efésio".[6] Por isso, talvez Tíquico fosse proveniente de Éfeso, também. Paulo certamente o enviou para lá durante a sua segunda prisão em Roma,[7] e lendo entre as linhas das cartas aos Efésios e aos Colossenses, parece que Paulo toma por certo que seus leitores já o conhecessem.

O que fica claro, tenha sido Tíquico escriba de Paulo, ou não, é que Paulo confia a carta a ele para ser entregue, juntamente com a carta aos Colossenses.[8] É evidente, então, que o apóstolo tem completa confiança no seu colega mais jovem. Chama-o de *irmão amado*, como também *fiel ministro no Senhor* (v. 21). Sua confiança nele é não somente para entregar as cartas com segurança, como também para suplementar sua mensagem com algumas notícias pessoais. Diz que o está enviando, *para que saibais também a meu respeito, e o que faço; de tudo vos informará* (v. 21). Na realidade: *Foi para isso que eu vo-lo enviei, para que saibais a nosso respeito* (v. 22). Assim, Paulo reitera três vezes a sua intenção de que Tí-

[1] Gl 6:11. [2] 2 Ts 3:17. [3] 1 Co 16:21. [4] Cl 4:18.
[5] At 20:4. [6] At 21:29. [7] 2 Tm 4:12. [8] Cl 4:7-8.

quico coloque os leitores a par das notícias sobre ele mesmo. Este fato explica, sem dúvida, a ausência incomum no fim da carta de mensagens e de saudações pessoais. Tíquico as levaria verbalmente.

Há, então, outra razão para a visita de Tíquico a Éfeso e cidades circunvizinhas. Entregaria a carta, diria aos membros das igrejas como Paulo estava passando e, além disso, Paulo o estaria enviando para que *ele console os vossos corações* (v. 22). É tocante ver o desejo do apóstolo no sentido de forjar elos pessoais mais fortes entre si mesmo e estes cristãos da Ásia. Sua exposição da nova sociedade de Deus não é mera teoria teológica; porque ele e eles também são membros dela. Assim sendo, deviam aprofundar a comunhão uns com os outros, ao orarem uns pelos outros (registrou duas das suas orações em prol deles, nos capítulo 1 e 3, antes de pedir as orações deles para si nos versículos 19 e 20), por meio da sua carta a eles, e através de Tíquico que não somente lhes traria informações acerca de Paulo como também procuraria encorajá-los. A oração, a correspondência, e as visitas ainda são três principais meios pelos quais os cristãos e as igrejas podem enriquecer-se mutuamente e assim contribuir à edificação do corpo de Cristo.

Era costume no mundo antigo que correspondentes terminassem suas cartas com um voto — usualmente um voto secular, ainda que os deuses fossem invocados — pela saúde ou felicidade do leitor. Paulo não viu razão para abandonar o costume como questão de princípio. Mas assim como cristianizou a saudação de abertura, também agora cristianiza o desejo final. Realmente, o que escreve é metade desejo, metade oração. As bênçãos que deseja para os leitores viriam *da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.* Que bênçãos seriam estas?

O primeiro desejo-oração de Paulo é este: *Paz seja com os irmãos, e amor com fé* (v. 23). *Paz* é uma palavra característica desta carta. Na seção doutrinária no começo ele explicou que Jesus Cristo "é a nossa paz", já que derrubou a parede da separação e criou uma única nova humanidade, "fazendo a paz", e que, "vindo, evangelizou a paz".[9] Em conseqüência, na seção ética que se seguiu, Paulo os exortou a "preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz", "suportando-vos uns aos outros em amor" (4:2-3), e até mesmo: "andai em amor, como também Cristo vos amou" (5:2). A paz e o amor permanecem juntos, pois a paz é a reconciliação e o amor é a sua fonte e a sua efusão. Paulo pinta um belo quadro da comunhão da igreja e do lar cristão permeados com o amor e a paz, embora não seja possível em qualquer tempo negociar um tratado de paz com os principados e as potestades do mal. Quando acrescenta a *amor* as palavras *com fé*, provavelmente estivesse pensando na fé como uma ca-

[9] 2:14-17.

racterística que já possuissem, ao invés de alguma outra que desejasse que lhes fosse dada. Afinal, "a fé, já a tinham; a oração de Paulo foi para que o amor fosse vinculado com ela".[10]

O segundo desejo-oração de Paulo é este: *A graça seja com todos os que amam sinceramente a nosso Senhor Jesus Cristo.* Com esta expressão, caracterizou os seus leitores cristãos em termos do seu amor por Cristo. As palavras aqui traduzidas por *sinceramente* são literalmente "sem corrupção" (*en aphtharsiā*). A maioria dos comentaristas as entende como uma qualificação do amor que as pessoas têm por Cristo e, assim, como uma restrição sobre a graça de Deus. Neste caso, a oração é que a graça de Deus acompanhe aqueles que amam a Cristo "com amor perene" (BJ), ou "com amor eterno" (BLH). Outros comentaristas não entendem que semelhante limitação seja coerente com a conclusão de Paulo. Sugerem, então, que a frase seja ligada à graça de Deus ao invés de ao amor dos cristãos. Neste caso, a oração é que todos que amam nosso Senhor Jesus Cristo experimentem a graça de Deus *na imortalidade* ou *para sempre.* Se isto for correto, então "a epístola que abriu com uma olhada corajosa para o passado eterno encerra-se com a previsão de uma esperança eterna.[11]

Das quatro palavras "paz", "amor", "fé", e "graça", que são incluídas na saudação final do apóstolo, as duas que se destacam como sendo especialmente apropriadas são "graça" e "paz". O apóstolo começou a carta, desejando aos seus leitores "graça... e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (1:2); agora termina-a com uma referência semelhante à graça e à paz. Nenhuma dupla de palavras poderia resumir de modo mais sucinto a mensagem da carta. A *paz,* portanto, no sentido de reconciliação com Deus e uns com os outros, é a grande realização de Jesus Cristo; e a *graça* é a razão por que assim fez, e a maneira de fazê-lo. Além disso, as duas são indispensáveis a todos os membros da nova sociedade de Deus. Daí Paulo desejou paz aos *irmãos* (v. 23), que deviam se considerar uns aos outros como irmãos e irmãs na família de Deus, e graça para *todos* que amavam a Jesus Cristo, sem discriminação, seja qual fosse a raça, a posição, a idade ou o sexo. É um desejo, uma oração, no sentido de os membros da nova sociedade de Deus viverem em harmonia como irmãos e irmãs na família de Deus, em paz e em harmonia com ele e uns com os outros, juntamente com o reconhecimento de que somente mediante a graça de Deus é que este sonho pode realizar-se.

Tomo a liberdade, portanto, ao terminar o nosso estudo desta carta aos Efésios, de fazer minhas as palavras de Paulo, e dirigi-las a meus leitores: "Paz seja com os irmãos e irmãs" e "a graça seja com todos".

[10] Hendriksen, pág. 396. [11] Armitage Robinson, pág. 138.